This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

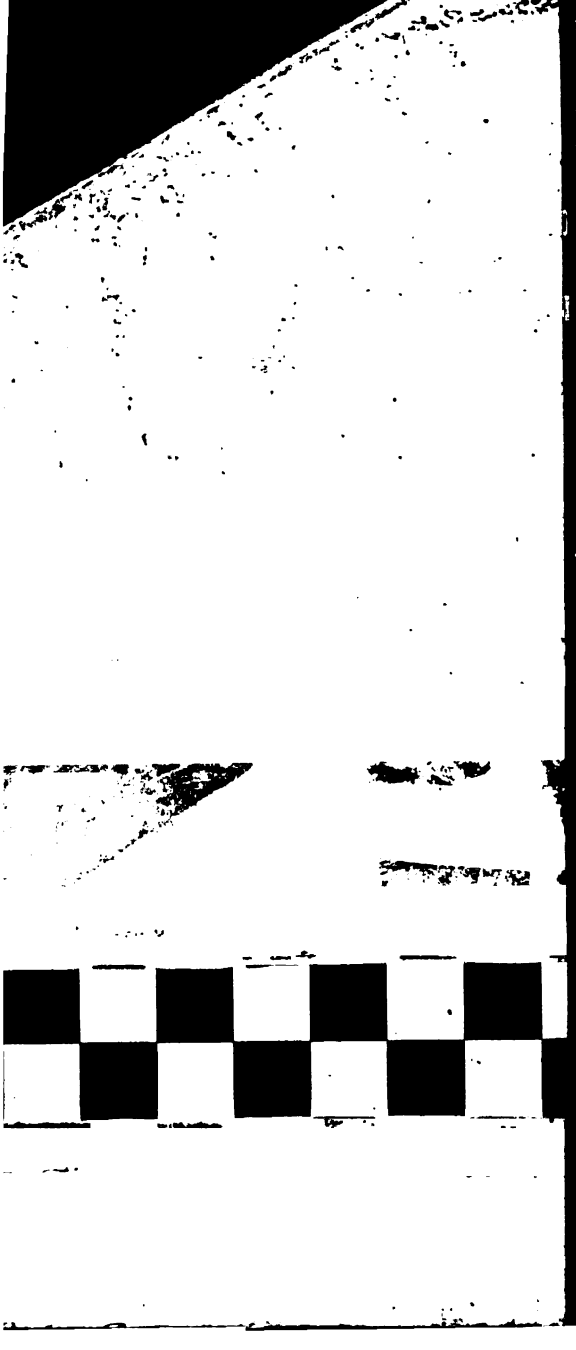
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port 6050.7

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY



605
7

Port
6050
7

COLLECÇÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

TOMO III.

1274
43
211

O MONASTICON.

EM DUAS PARTES:

EURICO O PRESBYTERO

E

O MONGE DE CISTÉR.

POR

A. HERCULANO.

TOMO PRIMEIRO.

LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.
1867.

Harvard College Library
Feb. 18, 1901.
From the Bequest of
HENRY C. WARREN.

Port 6050.7

Para as almas, não sei se diga demasiadamente positivas, se demasiadamente grosseiras, o celibato do sacerdocio não passa de uma condição, de uma formula social applicada a certa classe d'individuos, cuja existencia ella modifica vantajosamente por um lado, e desfavoravelmente por outro. A philosophia do celibato para os espiritos vulgares acaba aqui. Aos olhos dos que avaliam as cousas e os homens só pela sua utilidade social, essa especie d'insulação domestica do sacerdote, essa indirecta abjuração dos affectos mais puros e sanctos, os da familia, é condemnada por uns como contraria ao interesse das nações, como damnosa em moral e em politica, e defendida por outros como util e moral. Deus me livre de discutir materia tantas vezes disputada, tantas vezes exhaurida pelos que sabem a sciencia do mundo, e pelos que sabem a sciencia do céu! Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato á luz do sentimento, e sob a influencia da impressão singular, que desde verdes annos fez em mim a idéa da irremediavel solidão d'alma, a que a igreja condemnou os seus ministros, especie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existencia na terra. Supponde todos os contentamentos, todas as con-

solações, que as imagens celestiaes e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não supprem o triste vacuo da soledade do coração. Dae ás paixões todo o ardor que poderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia, e convertei o mundo em paraizo, mas tirae delle a mulher, e o mundo será um ermo melancholico; os deleites apenas o preludio do tedio. Muitas vezes, na verdade, ella desce, arrastada por nós, ao charco immundo da extrema depravação moral; muitissimas mais, porém, nos salva de nós mesmos, e pelo affecto e enthusiasmo nos impelle a quanto ha bom e generoso. Quem, ao menos uma vez, não creu na existencia dos anjos, revelada nos profundos vestigios dessa existencia impressos n'um coração de mulher? E porque não seria ella na escala da creação um anel da cadêa dos entes, presa de um lado á humanidade pela fraqueza e pela morte, e do outro aos espiritos puros pelo amor e pelo mysterio? Porque não seria a mulher o intermedio entre o céu e a terra?

Mas, se isto assim é, ao sacerdote não foi dado comprehendê-lo; não lhe foi dado julgá-lo pelos mil factos que no-lo tem dicto, a nós os que não jurámos juncto do altar repellir metade da nossa alma, quando a providencia no-la fizesse encontrar na vida. Ao sacerdote cumpre acceitar esta por verdadeiro desterro: para elle o mundo deve passar desconsolado e triste como se nos apresenta ao despovoarmo-lo daquellas por quem e para quem vivemos.

A historia das agonias íntimas, geradas pela lucta desta situação excepcional do clero com as tendencias naturaes do homem, sería bem dolorosa e variada, se as phases do coração tivessem os seus annaes como os tem as gerações e os povos. A obra da logica potente da imaginação que cria o romance, seria bem grosseira e fria comparada com a

terrivel realidade historica de uma alma devorada pela solidão do sacerdocio.

Essa chronica de amarguras procurei-a já pelos mosteiros, quando elles desabavam no meio das nossas transformações politicas. Era um buscar insensato. Nem nos codices illuminados da idade média, nem nos pallidos pergaminhos dos archivos monasticos estava ella. Debaixo das lageas, que cubriam os sepulchros claustraes, havia por certo muitos que a sabiam; mas as sepulturas dos monges achei-as mudas. Alguns fragmentos avulsos, que nas minhas indagações encontrei, eram apenas phrases soltas e obscuras da historia que eu buscava debalde; debalde, porque á pobre victima, quer voluntaria, quer forçada ao sacrificio, não era lícito o gemer, nem dizer aos vindouros: — «sabei quanto eu padeci!»

É por isso mesmo que sobre ella pesava o mysterio, a imaginação vinha ahi para a supprir. Da idéa do celibato religioso, das suas consequencias forçosas, e dos raros vestigios que destas achei nas tradições monasticas nasceu o presente livro.

Desde o palacio até a taberna e o prostibulo; desde o mais esplendido viver até o vegetar do vulgacho mais rude, todos os logares e todas as condições tem tido o seu romancista. Deixae que o mais obscuro de todos seja o do clero. Pouco perdereis com isso.

O *Monasticon* é uma intuição quasi prophetica do passado, ás vezes intuição mais difficultosa que a do futuro.

Sabeis qual seja o valor da palavra monge na sua origem remota, na sua fórma primitiva? É o de — *só e triste.*

Por isso na minha concepção complexa, cujos limites não sei de antemão assignalar, dei cabida á chronica-poema,

lenda, ou o que quer que seja, do Presbytero godo: dei-lh'a tambem, porque o pensamento della foi despertado pela narrativa de certo manuscripto gothico, affumado, e gasto do roçar dos seculos, que outr'ora pertenceu a um antigo mosteiro do Minho.

O *Monge de Cistér*, que se segue a *Eurico*, teve proximamente a mesma origem.

Ajuda, Novembro de 1843.

INDICE.

EURICO O PRESBYTERO.

Pag.

Introducção V
I. Os Wisigodos 3
II. O Presbytero 6
III. O poeta 10
IV. Recordações 16
V. A meditação 22
VI. Saudade 26
VII. A visão 31
VIII. O desembarque 35
IX. Juncto ao Chryssus 48
X. Traição 57
XI. Dies irae 65
XII. O mosteiro 74
XIII. Covadonga 83
XIV. A noite do amir 107
XV. Ao luar 121
XVI. O castro romano 132
XVII. A aurora da redempção 145
XVIII. Impossivel 154
XIX. Conclusão 166
Notas 171

O MONGE DE CISTÉR.

Introducção 183
I. O collegio de S. Paulo 189
II. Tudo desventura 198
III. A caçada 213
IV. A festa da Maia 225
V. O truão 238
VI. O punhal 242
VII. O abbade de Alcobaça 255
VIII. O pospasto 257
IX. O conciliabulo 262

EURICO O PRESBYTERO.

I.

OS WISIGODOS.

> A um tempo toda a raça goda, soltas as redeas do governo, começou a inclinar o animo para a lascivia e suberba.
>
> MONGE DE SILOS: *Chronicon*. c. 2.

A raça dos wisigodos, conquistadora das Hespanhas, subjugára toda a Peninsula havia mais de um seculo. Nenhuma das tribus germanicas, que, dividindo entre si as provincias do imperio dos cesares, tinham tentado vestir sua barbara nudez com os trajos despedaçados mas esplendidos da civilisação romana, soubera como os godos ajunctar esses fragmentos de purpura e ouro, para se compôr a exemplo de povo civilisado. Leuwighild expulsára da Hespanha os derradeiros soldados dos imperadores gregos, reprimíra a audacia dos frankos, que em suas correrias assolavam as provincias wisigothicas d'além dos Pyreneus, acabára com a especie de monarchia que os suevos tinham instituido na Gallecia, e expirára em Toletum, depois de ter estabelecido leis politicas e civís, e a paz e ordem publicas nos seus vastos dominios, que se estendiam de mar a mar, e ainda, transpondo as montanhas da Vasconia, abrangiam uma grande porção da antiga Gallia narbonense.

Desde essa epocha a distincção das duas raças, a conquistadora ou goda e a romana ou conquistada, quasi desapparecêra, e os homens do norte se haviam confundido com os do meio-dia em uma só nação, para cuja grandeza contribuíra aquella com as virtudes asperas da Germania, esta com as tradições da cultura e policia romanas. As leis dos cesares, pelas quaes se regiam os vencidos, mis-

turaram-se com as singelas e rudes instituições wisigothicas; e já um codigo unico, escripto na lingua latina, regulava os direitos e deveres communs, quando o arianismo, que os godos tinham abraçado abraçando o evangelho, se declarou vencido pelo catholicismo, a que pertencia a raça romana. Esta conversão dos vencedores á crença dos subjugados foi o complemento da fusão social dos dous povos. A civilisação, porém, que suavisou a rudeza dos barbaros, era uma civilisação velha e corrupta. Por alguns bens que produziu para aquelles homens primitivos, trouxe-lhes o peior dos males, a perversão moral. A monarchia wisigothica procurou imitar o luxo do imperio que morrêra, e que ella substituíra. Toletum quiz ser a imagem de Roma. Esta causa principal, ajudada por muitas outras, nascidas em grande parte da mesma origem, gerou a dissolução politica por via da dissolução moral.

Debalde muitos homens de genio revestidos da auctoridade suprema tentaram evitar a ruina que viam no futuro: debalde o clero hespanhol, incomparavelmente o mais alumiado da Europa naquellas eras tenebrosas, e cuja influencia nos negocios publicos era maior que a de todas as outras classes junctas, procurou nas severas leis dos concilios, que eram verdadeiros parlamentos politicos, reter a nação que se despenhava. A podridão tinha chegado ao amago da arvore, e ella devia seccar: o proprio clero se corrompeu por fim. O vicio e a degeneração corriam soltamente, rota a ultima barreira.

Foi então que o celebre Ruderico se apossou da corôa. Os filhos do seu predecessor Witiza, os mancebos Sisebuto e Ebbas, lh'a disputaram largo tempo; mas, segundo parece dos escaços monumentos historicos dessa escura epocha, cederam por fim, não á usurpação, porque o throno gothico não era legalmente hereditario, mas á fortuna e ousadia do ambicioso soldado, que os deixou viver em paz na propria côrte, e os revestiu de dignidades militares. D'ahi, se dermos credito a antigos historiadores, lhe veiu a ultima ruina na batalha do rio Chryssus ou Guadalete, em que o imperio gothico foi anniquilado.

No meio, porém, da decadencia dos godos algumas almas conservavam ainda a tempera robusta dos antigos homens

da Germania. Da civilisação romana ellas não haviam acceitado senão a cultura intellectual, e as sublimes theorias moraes do christianismo. As virtudes civís, e sobre tudo o amor da patria tinham nascido para os godos, logo que, fixando o seu domicilio nas Hespanhas, possuiram de paes a filhos o campo agricultado, o lar domestico, o templo da oração, e o cemiterio do repouso e da saudade. Nestes corações, onde reinavam affectos ao mesmo tempo ardentes e profundos, porque nelles a indole meridional se misturava com o caracter tenaz dos povos do norte, a moral evangelica revestia esses affectos d'uma poesia divina, e a civilisação os ornava de uma expressão suave, que lhes realçava a poesia. Mas no fim do seculo septimo eram já bem raros aquelles em quem as tradições da cultura romana não haviam subjugado os instinctos generosos da barbaria germanica, e a quem o christianismo fazia ainda escutar o seu verbo intimo, esquecido no meio do luxo profano do clero, e da pompa insensata do culto exterior. Uma longa paz com as outras nações tinha convertido a antiga energia dos godos em alimento das dissenções intestinas, e a guerra civil, gastando essa energia, havia posto em logar della o habito das traições covardes, das vinganças mesquinhas, dos enredos infames e das abjecções ambiciosas. O povo, esmagado debaixo do peso dos tributos, dilacerado pelas luctas dos bandos civis, prostituido ás paixões dos poderosos, esquecêra completamente as virtudes guerreiras de seus avós. As leis de Wamba, e as expressões de Erwig no duodecimo concilio de Toletum revelam quão fundo ía nesta parte o cancro da degeneração moral das Hespanhas. No meio de tantos e tão duros vexames e padecimentos, o mais custoso e aborrecido de todos elles para os afeminados descendentes dos soldados de Theoderik, de Thorsmund, de Theudes e de Leuwighild era o vestir as armas em defensão daquella mesma patria, que os heroes visigodos tinham conquistado para a legarem a seus filhos, e a maioria do povo preferia a infamia, que a lei impunha aos que recusavam defender a terra natal, aos riscos gloriosos dos combates e á vida fadigosa da guerra.

Tal era, em resumo, o estado politico e moral da Hespanha na epocha em que aconteceram os successos que vamos narrar.

II.

O PRESBYTERO.

> Sublimado ao grau de presbytero . . . . quanta brandura, qual caridade fosse a sua, o amor de todos lh'o demonstrava.
>
> ALVARO DE CORDOVA: *Vida de S. Eulogio* c. 1.

No reconcavo da bahia que se encurva ao oeste do Calpe, Carteia, a filha dos phenicios, mira ao longe as correntes rapidas do estreito, que divide a Europa da Africa. Opulenta outr'ora, os seus estaleiros tinham sido famosos antes da conquista romana, mas apenas restam vestigios delles; as suas muralhas haviam sido extensas e solidas, mas jazem desmoronadas; os seus edificios foram magnificentes, mas cahiram em ruinas; a sua povoação era numerosa e activa, mas rareou e tornou-se indolente. Passaram por lá as revoluções, as conquistas, todas as vicissitudes da Iberia durante doze seculos, e cada vicissitude dessas deixou ahi uma pégada de decadencia. Os curtos annos d'esplendor da monarchia wisigothica tinham sido para ella como um dia formoso d'inverno, em que os raios do sol resvalam pela face da terra sem a aquecerem, para depois vir a noite, humida e fria como as que a precederam. Debaixo do governo de Witiza e de Ruderico a antiga Carteia é uma povoação decrepita e mesquinha, á roda da qual estão espalhados os fragmentos da pasada opulencia, e que, talvez, na sua miseria, apenas nas recordações, que lhe suggerem esses farrapos de louçainhas juvenís, acha algum refrigerio ás amarguras de malfadada velhice.

Não! — Resta-lhe ainda outro: a religião do Christo.

O presbyterio, situado no meio da povoação, era um edificio humilde, como todos os que ainda subsistem alevantados pelos godos sobre o sólo da Hespanha. Construido de cantos enormes, e cuberto de um tecto achatado, tecido de grossas traves de carvalho e de castanheiro, o seu portal, profundo e estreito, de certo modo presagia a mysteriosa portada da cathedral da idade-média: as suas janellas, por onde a claridade passando para o interior se transforma em tristonho crepusculo, são como um typo indeciso e rude das frestas que alumiam templos edificados no decimo quarto seculo, através das quaes, coada por vidros de mil côres, a luz vae bater melancholica nos alvos pannos dos muros gigantes, e estampar nelles as sombras das columnas e arcos enredados das naves. Mas se o presbyterio wisigothico, no escaço da claridade, se approxima ao typo christão d'architectura, no resto revela que ainda as idéas grosseiras do culto de Odin não se teim apagado de todo nos filhos e netos dos barbaros, convertidos ha tres ou quatro seculos á crença do Crucificado.

O presbytero Eurico era o pastor da pobre parochia de Carteia. Descendente de uma antiga familia barbara, gardingo na côrte de Witiza, tiuphado ou millenario do exercito wisigothico, vivêra os ligeiros dias da mocidade no meio dos deleites da opulenta Toletum. Rico, poderoso, gentil, o amor viera, apesar disso, partir a cadeia brilhante da sua felicidade. Namorado d'Hermengarda, filha de Favila duque de Cantabria, e irman do valoroso e depois tão celebre Pelagio, o seu amor fôra bem infeliz. O orgulhoso Favila não consentíra que o menos nobre gardingo pusesse tão alto a mira de seus desejos. Depois de mil provas de um affecto immenso, de uma paixão ardente, o moço guerreiro víra submergir todas as suas esperanças. Eurico era uma destas almas ricas de sublime poesia, a que o mundo deu o nome d'imaginações desregradas, porque não é para o mundo entendê-las. Desventurado, o seu coração de fogo queimou-lhe o viço da existencia ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado. A ingratidão d'Hermengarda, que parecêra ceder sem resistencia á vontade de seu pae, e o orgulho insultuoso do velho procer deram em terra com

aquelle animo, que o aspecto da morte não seria capaz de abater. A melancholia que o devorava, consummindo-lhe as forças o fez cahir em longa e perigosa enfermidade, e quando a energia de uma constituição vigorosa o arrancou das bordas do tumulo, semelhante ao anjo rebelde, os toques bellos e puros de seu gesto formoso e varonil transpareciam-lhe a custo através do véu de muda tristeza que lhe entenebrecia a fronte. O cedro pendia fulminado pelo fogo do céu.

Uma destas revoluções moraes, que as grandes crises produzem no espirito humano, se operou então no moço Eurico. Educado na crença viva daquelles tempos; naturalmente religioso porque poeta, foi procurar abrigo e consolações aos pés d'Aquelle, cujos braços estão sempre abertos para receber o desgraçado que nelles vae buscar o derradeiro refugio. Ao cabo das grandezas cortesans o pobre gardingo encontrára a morte do espirito, o desengano do mundo. Ao cabo da estreita senda da cruz acharia elle, porventura, a vida e o repouso intimos? Era este problema, no qual se resumia todo o seu futuro, que tentava resolver o pastor do pobre presbyterio da velha cidade do Calpe.

Depois de passar pelos differentes gráus do sacerdocio, Eurico recebêra ainda de Siseberto, o predecessor de Oppas na sé de Hispalis, o encargo de pastorear esse diminuto rebanho da povoação phenicia. O moço presbytero, legando á cathedral uma porção dos dominios que herdára junctamente com a espada conquistadora de seus avós, havia reservado apenas uma parte das proprias riquezas. Era esta a herança dos miseraveis, que elle sabia não escacearem na quasi solitaria e meia arruinada Carteia.

A nova existencia d'Eurico tinha modificado, porém não destruido o seu brilhante caracter. A maior das humanas desventuras, a viuvez do espirito, abrandára pela melancholia as impetuosas paixões do mancebo, e apagára nos seus labios o riso do contentamento; mas não podéra desvanecer no coração do sacerdote os generosos affectos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O templo havia sanctificado aquelles moldando-os pelo evangelho, e tornado estas mais solemnes alimentando-as com as imagens e sentimentos su-

blimes estampados nas paginas sacrosanctas da Biblia. O enthusiasmo e o amor tinham resurgido naquelle coração, que parecêra morto; mas transformados, o enthusiasmo em enthusiasmo pela virtude; o amor em amor dos homens. E a esperança? Oh, a esperança, essa é que não renascêra!

III.

O POETA.

> **Nenhum de vós ouse reprovar os hymnos compostos em louvor de Deus.**
>
> *Concilio de Toledo IV. can.* 13.

Muitas vezes, pela tarde, quando o sol, transpondo a bahia de Carteia, descia affogueado para a banda de Mellaria, dourando com os ultimos resplendores os cimos da montanha pyramidal do Calpe, via-se ao longo da praia, vestido com a fluctuante stringe, o presbytero Eurico encaminhando-se para os alcantis aprumados á beira-mar. Os pastores, que o encontravam voltando ao povoado, diziam que, ao passarem por elle e ao saudarem-no, nem sequer os escutava, e que dos seus labios semi-abertos e tremulos rompia um sussurro de palavras inarticuladas, semelhante ao ciciar da aragem pelas ramas da selva. Os que lhe espreitavam os passos nestes largos passeios da tarde viam-nó chegar ás raizes do Calpe, trepar aos precipicios, sumir-se entre os rochedos e apparecer por fim lá ao longe, immovel sobre algum pincaro requeimado pelos soes do estio e poido pelas tempestades do inverno. Ao lusco-fusco, as amplas pregas na stringe d'Eurico, branquejando movediças á mercê do vento, eram o signal de que elle estava lá; e quando a lua subia ás alturas do céu, esse alvejar de roupas tremulas durava, quasi sempre, até que o planeta da saudade se atufava nas aguas do Estreito. D'ahi a poucas horas os habitantes de Carteia, que se erguiam para os seus trabalhos ruraes antes do alvorecer, olhando para o presbyterio viam através

dos vidros corados da solitaria morada de Eurico a luz da lampada nocturna que esmorecia desvanecendo-se na claridade matutina. Cada qual tecia então sua novella ajudado pelas crenças da superstição popular: artes criminosas, tracto com o espirito mau, penitencia de uma abominavel vida passada, e até a loucura, tudo serviu successivamente para explicar o proceder mysterioso do presbytero. O povo rude de Carteia não podia entender esta vida d'excepção, porque não comprehendia que a intelligencia do poeta precisa de viver n'um mundo mais amplo do que esse a que a sociedade traçou tão mesquinhos limites.

Mas Eurico era como um anjo tutelar dos amargurados. Nunca a sua mão benefica deixou de estender-se para o logar em que a afflicção se assentava; nunca os seus olhos recusaram lagrymas que se misturassem com lagrymas d'alheias desventuras. Servo ou homem livre, liberto ou patrono, para elle todos eram filhos. Todas as condições se livelavam onde elle apparecia; porque, pae commum daquelles que a providencia lhe confiára, todos para elle eram irmãos. Sacerdote do Christo, ensinado pelas largas horas de intima agonia, esmagado o seu coração pela suberba dos homens, Eurico percebêra emfim claramente que o christianismo se resume em uma palavra — fraternidade. Sabia que o evangelho é um protesto, escripto por Deus e para os seculos, contra as vans distincções, que a força e o orgulho radicaram neste mundo de lodo, d'oppressão, e de sangue; sabia que a unica nobreza é a dos corações e dos entendimentos que buscam erguer-se para as alturas do céu, mas que essa superioridade real é exteriormente humilde e singella.

Poucu a pouco a severidade dos costumes do pastor de Carteia, e a sua beneficencia tão meiga, taõ despida das insolencias que costumam acompanhar e encher d'amargor para os miseraveis a piedade hypocrita dos felizes da terra; essa beneficencia, que a religião chamou caridade, porque a linguagem dos homens não tinha palavra que exprimisse rigorosamente um affecto revelado á terra pela victima do Calvario; essa beneficencia, que a gratidão geral recompensava com amor sincero, tinha desvanecido gradualmente as suspeitas odiosas, que o proceder extraordinario do presbytero suscitára a principio. Emfim, certo domingo, em que, tendo aberto as portas

do templo, e havendo já o psalmista entoado os canticos matutinos, o ostiario buscava cuidadoso o sacerdote, que parecia ter-se esquecido da hora em que devia sacrificar a hostia do cordeiro e abençoar o povo, foi encontrá-lo adormecido juncto á sua lampada ainda accesa, e com o braço firmado sobre um pergaminho cuberto de linhas desiguaes. Antes de despertar Eurico, o ostiario correu com os olhos a parte da escriptura que o braço do presbytero não encobria. Era um novo hymno no genero daquelles que Isidoro, o celebre bispo de Hispalis, introduzira nas solemnidades da igreja goda. Então o ostiario entendeu o mysterio da vida errante do pastor de Carteia, e as suas vigilias nocturnas. Não tardou em espalhar-se na povoação e nos logares circumvizinhos, que Eurico era o auctor de varios canticos religiosos, alguns dos quaes brevemente foram admittidos na propria cathedral d'Hispalis. O caracter de poeta tornou-o ainda mais respeitado. A poesia, dedicada quasi exclusivamente entre os wisigodos ás solemnidades da igreja, sanctificava a arte, e augmentava a veneração publica para quem a exercitava. O nome do presbytero começou a soar por toda a Hespanha como o de um successor de Draconio, de Merobaude e de Orencio.

Desde então ninguem mais lhe seguiu os passos. Assentado nos alcantis do Calpe, vagabundo pelas campinas vizinhas, ou embrenhado pelas selvas sertanejas, deixaram-no tranquillo embalar-se nos seus pensamentos. Na conta de inspirado por Deus, quasi na de propheta, o tinham as multidões. Não gastava elle as horas, que lhe sobejavam do exercicio de seu laborioso ministerio, n'uma obra do Senhor? Não deviam esses hymnos da soledade e da noite derramar-se como um perfume ao pé dos altares? Não completava Eurico a sua missão sacerdotal revestindo a oração das harmonias do céu, estudadas e colhidas por elle no silencio e na meditação? Mancebo, o numeroso clero das parochias vizinhas considerava-o como o mais veneravel entre os seus irmãos no sacerdocio, e os velhos procuravam na sua fronte, quasi sempre carregada e triste, e nas suas breves mas eloquentes palavras o segredo das inspirações e o ensino da sabedoria.

Mas, se os que o acatavam como um predestinado soubessem

quão negra era a predestinação do poeta, por ventura que essa especie de culto de que o cercavam se converteria em compaixão, ou antes em terror. Os hymnos tão suaves, tão cheios d'uncção, tão intimos, que os psalmistas das cathedraes de Hespanha repetiam com enthusiasmo, eram como o respirar tranquillo do somno da madrugada que vem depois de arquejar e gemer de pesadello nocturno. Rapido e raro passava o sorrir nas faces de Eurico; profundas e indeleveis eram as rugas da sua fronte. No sorriso reverberava o hymno pio, harmonioso, sancto dessa alma, quando alevantando-se da terra se entranhava nos sonhos de um mundo melhor. Ás rugas, porém, da fronte do presbytero, semelhantes ás vagas varridas pelo noroeste, respondia um canto lugubre de colera ou desalento, que rebramia lá dentro, quando a sua imaginação, cahindo como a aguia ferida das alturas do espaço, se rojava pela morada dos homens. Era este canto doloroso e tetrico, o qual lhe transudava do coração em noites não dormidas, na montanha ou na selva, na campina ou no estreito aposento, que elle derramava em torrentes de amargura ou de fel sobre pergaminhos, que nem o ostiario nem ninguem tinha visto. Estes poemas, em que palpitava a indignação e a dor de um animo generoso, eram o Gethsemani do poeta. Todavia os virtuosos nem sequer o imaginavam, porque não perceberiam como, tranquilla a consciencia e repoussada a vida, um coração póde devorar-se a si proprio, e os máus não criam que o sacerdote embebido unicamente em suas esperanças credulas, em suas cogitações d'além do tumulo, curasse dos males e crimes que roíam o imperio moribundo dos wisigodos; não criam que tivesse um verbo de colera para amaldiçoar os homens aquelle que ensinava o perdão e o amor. Era por isto que o poeta escondia as suas terriveis inspirações. Monstruosas para uns, objecto de ludibrio para outros, n'uma sociedade corrupta, em que a virtude era egoista, e o vicio incredulo, ninguem o escutára, ou antes ninguem o entenderia.

Levado á existencia tranquilla do sacerdocio pela desesperança, Eurico sentira a principio uma suave melancholia refrigerar-lhe a alma requeimada ao fogo da desdita. A especie de torpor moral, em que uma rapida transição de habitos e pensamentos o lançára, pareceu-lhe paz e repouso.

A ferida affizera-se ao ferro que estava dentro della, e Eurico suppunha-a sarada. Quando um novo affecto veio espremê-la, é que sentiu que não se havia cerrado, e que o sangue manava ainda porventura com mais força. Um amor de mulher mal correspondido a tinha aberto: o amor da patria, despertado pelos acontecimentos que rápidamente succediam uns aos outros na Hespanha despedaçada pelos bandos civis, foi a mão que de novo abriu essa chaga. As dores recentes avivando as antigas começaram a converter pouco a pouco os severos principios do christianismo em flagello e martyrio daquella alma, que a um tempo o mundo repellia e chamava, e que nos seus transes d'angustia sentia escripta na consciencia com a pena do destino esta sentença cruel: — nem a todos dá o tumulo a bonança das tempestades do espirito.

As scenas de dissolução social, que naquelle tempo se representavam na Peninsula, eram capazes de despertar a indignação mais vehemente em todos os animos que ainda conservavam um diminuto vestigio do antigo caracter godo. Desde que Eurico trocára o gardingato pelo sacerdocio, os odios civis, as ambições, a ousadia dos bandos, e a corrupção dos costumes haviam feito incriveis progressos. Nas solidões do Calpe tinha reboado a desastrada morte de Witiza, a enthronisação violenta de Ruderico, e as conspirações que ameaçavam rebentar por toda a parte, e que a muito custo o novo monarcha ía affogando em sangue. Ebbas e Sisebuto, filhos de Witiza, Oppas, seu tio, successor de Siseberto na sé de Hispalis, e Juliano, conde dos dominios hespanhoes nas costas d'Africa do outro lado do Estreito, eram os cabeças dos conspiradores. Unicamente o povo conservava ainda alguma virtude, a qual, semelhante ao liquido transvasado por cendal delgado e gasto, escoára inteiramente atravez das classes superiores. Opprimido, todavia, por muitos generos de violencias, esmagado debaixo dos pés dos grandes que luctavam, descrêra por fim da patria, tornando-se indifferente e covarde, prestes a sacrificar a sua existencia collectiva á paz individual e domestica. A força moral da nação tinha, portanto, desapparecido, e a força material era apenas um phantasma, porque debaixo das lorigas dos cavalleiros, e dos saios dos peões das hostes não havia

senão animos gelados que não podiam aquecer-se ao fogo do sancto amor da terra natal.

Com a profunda intelligencia de poeta o Presbytero contemplava este horrivel espectaculo de uma nação-cadaver, e longe do bafo empestado das paixões mesquinhas e torpes daquella geração degenerada, ou derramava sobre o pergaminho em torrentes de fel, d'ironia e de colera a amargura que lhe trasbordava do coração, ou recordando-se dos tempos em que era feliz porque tinha esperança, escrevia com lagrymas os hymnos de amor e de saudade. Das elegias tremendas do Presbytero alguns fragmentos, que duraram até hoje, diziam assim:

IV.

RECORDAÇÕES.

> Onde é que se escondeu enfraquecida a antiga fortaleza?
>
> S. Eulogio: *Memorial dos Sanct. lir.* 3.

Presbyterio de Carteia. A' meia noite dos Idos de Dezembro da era 748.

1.

Era por uma destas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tetrica.

Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas; em que pelos cemiterios o orvalho se pendura do topo das cruzes, e sósinho goteja das bordas das campas; em que só elle chora os mortos. As larvas da imaginação, o gear nocturno affastam do campo sancto a saudade da viuva e do orphão, a desesperação da amante, o coração despedaçado do amigo. Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquillos em seus leitos macios!... em quanto os vérmes íam roendo esses cadaveres, amarrados pelos grilhões da morte. Hypocritas dos affectos humanos, o somno enxugou-lhes as lagrymas!

E depois, as lousas eram já tão frias! Nos seios de um torrão humido o sudario do cadaver tinha apodrecido com elle.

Haverá paz no tumulo? Deus sabe o destino de cada homem. Para o que ahi repousa sei eu que ha na terra o esquecimento!

Os mares pareciam naquella hora recordar-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueava-se, rolava, e espreguiçando-se pela praia, reflectia a espaços nas golfadas de escuma a luz indecisa dos céus.

E o animal que ri e chora, o rei da creação, a imagem da divindade, onde é que se escondêra?

Tremia de frio em aposento cerrado, e sentia confrangido a brisa fresca do norte, que passavan as trévas, e sibilava contente nas sarças rasteiras dos maninhos desertos.

Sem dúvida o homem é forte, e a mais excellente obra da creação. Gloria ao rei da natureza, que tiritando geme!

Orgulho humano, qual és tu mais? — feroz, estupido ou ridiculo?

2.

Não eram assim os godos de oeste, quando, ora arrastando por terra as aguias romanas, ora segurando com o seu braço de ferro o imperio que desabava, imperavam na Italia, nas Gallias e nas Hespanhas, moderadores e arbitros entre o Septemtrião e o Meio-dia:

Não era assim quando o velho Theoderik, semelhante ao lobo cerval da montanha, combatia nos campos catalaunicos rodeado de tres filhos contra o terrivel Attila, e ganhava no seu ultimo dia a sua ultima victoria:

Quando a larga e curta espada de dous gumes se convertêra em fouce da morte nas mãos dos godos, e diante della retrocedia a cavallaria dos gépidas, e os esquadrões dos hunos vacillavam dando roucos gritos d'espanto e terror.

Quando as trévas eram mais cerradas e profundas, viam-se á claridade das estrellas relampaguear as armas dos hunos volteando em roda de seus carros, que lhes serviam de vallos. Como o caçador espreita o leão tomado no fojo, os wisigodos os vigiavam esperando o romper da alvorada.

Lá, o sopro gelado da noite não fazia confranger nossos avós debaixo das armaduras. Lá, a neve era um leito como outro qualquer, e o rugir do bosque, debatendo-se nas azas da tempestade, era uma cantilena de repouso.

O velho Theoderik cahíra atravessado por uma frecha despedida pelo ostrogodo Handags, que com os da sua tribu combatia pelos hunos.

Os wisigodos viram-no, passaram ávante e vingaram-no. Ao pôr do sol, gépidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados uns com outros, tinham mordido a terra catalaunica, e os restos da innumeravel hoste d'Attila, encerrados no seu acampamento fortificado, preparavam-se para morrer; porque Theoderik jazia para sempre, e o frankisk dos wisigodos era vingador e inexoravel.

O romano Aecio teve, porém, piedade d'Attila, e disse aos filhos de Theoderik: — ide-vos, porque o imperio está salvo.

E Thorsmund, o mais velho, perguntou a seus dous irmãos Theoderik e Friederik: — está acaso vingado o sangue de nosso pae?

De sobejo o estava elle! Ao apparecer do dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se viam senão cadaveres.

E os wisigodos deixaram entregues a si os romanos, que desde então não souberam senão fugir diante d'Attila.

Quem contará, porém, as victorias de nossos avós durante tres seculos de gloria? Quem poderá celebrar o esforço d'Eurik, de Theudes, de Leuwighild; quem saberá todas as virtudes de Rekkared e de Wamba?

Mas em qual coração resta hoje virtude e esforço no vasto imperio d'Hespanha?

3.

Era, pois, n'uma destas noites como a que desceu do céu depois do desbarato dos hunos; era n'uma destas noites em que a terra, involta no seu manto d'escuridade, se povôa de terrores incertos; em que o sussurro do pinhal é como um côro de finados, o despenho da torrente como um ameaçar d'assassino, o grito da ave nocturna como uma blasphemia do que não crê em Deus.

Nessa noite fria e humida, arrastado por agonia intima, vagava eu ás horas mortas pelos alcantis escalvados das ribas do mar, e enxergava ao longe o vulto negro das aguas balouçando-se no abysmo que o Senhor lhes deu para perpetua morada.

Por cima da minha cabeça passava o norte agudo. Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar.

Porque o vento e o oceano são as duas unicas expressões sublimes do verbo de Deus, escriptas na face da terra quando ainda ella se chamava o cahos.

Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurchecer.

E o vento e o mar viram nascer o genero humano, crescer a selva, florescer a primavera; — e passaram, e sorriram-se.

E depois viram a gerações reclinadas nos campos do sepulchro; as arvores derribadas no fundo dos valles sêccas e carcomidas; as flôres pendidas e murchas pelos raios do sol do estio: — e passaram, e sorriram-se.

Que tinham elles, de feito, com esses existencias, mais passageiras e incertas que as correntezas de um e que as ondas buliçosas do outro?

4.

O mundo actual nunca poderá entender plenamente o affecto, que, vibrando-me dolorosamente as fibras do coração, me arrastava para as solidões marinhas do promontorio, quando os outros homens nos povoados se apinhavam á roda do lar acceso, e falavam das suas mágoas infantís, e dos seus contentamentos de um instante.

E que m'importa a mim isso? Virão um dia a esta nobre terra d'Hespanha gerações que comprehendam as palavras do Presbytero.

Arrastava-me para o ermo um sentimento intimo, o sentimento de haver acordado, vivo ainda, deste sonho febril chamado vida, e de que hoje ninguem acorda, senão depois de morrer.

Sabeis o que é este despertar de poeta?

É o ter entrado na existencia com um coração que trasborda d'amor sincero e puro por tudo quanto o rodeia; e ajunctarem-se os homens, e lançarem-lhe dentro do seu vaso d'innocencia lodo, fel e peçonha, e depois rirem-se d'elle:

É o ter dado ás palavras — virtude, amor patrio, e gloria — uma significação profunda; e depois de haver buscado

por annos a realidade dellas neste mundo, só encontrar ahi hypocrisia, egoismo, e infamia:

É o perceber á custa de amarguras que o existir é padecer, o pensar descrêr, o experimentar desenganar-se, e a esperança nas cousas da terra uma cruel mentira de nossos desejos, um fumo tenue, que ondeia em horisonte áquem do qual está assentada a sepultura.

Este é o acordar do poeta. Depois disso, nos abysmos da sua alma só ha para mandar aos labios um sorriso de desprezo em resposta ás palavras mentidas dos que o cercam, ou uma voz de maldicção desabridamente sincera para julgar as acções dos homens.

É então que para elle ha unicamente uma vida real — a intima; unicamente uma linguagem intelligivel — a do bramido do mar e do rugido dos ventos; unicamente uma convivencia não travada de perfidia — a da solidão.

5.

Tal era eu quando me assentei sobre as fragas; e a minha alma via passar diante de si esta geração vaidosa e má, que se crê grande e forte, porque sem horror derrama em luctas civís o sangue de seus irmãos.

E o meu espirito atirava-se para as trévas do passado.

E o sôpro rijo do norte affagava-me a fronte requeimada pela amargura, e a memoria consolava-me das dissoluções presentes com a aspiração suave do formoso e energico viver d'outr'ora.

E o meu meditar era profundo como o céu que se arqueia immovel sobre nossas cabeças; como o oceano, que, firmando-se em pé no seu leito insondavel, braceja pelas bahias e enseadas, tentando esmigalhar e desfazer os continentes.

E eu pude, emfim, chorar.

6.

Que fôra a vida se nella não houvera lagrymas?

O Senhor estende o seu braço pesado de maldicções sobre um povo criminoso: o pae que perdoára mil vezes

converte-se em juiz terrivel; mas ainda assim a Piedade não deixa de orar juncto aos degráus do seu throno.

Porque sua irman é a Esperança, e a esperança nunca morre nos céus. De lá ella desce ao seio dos máus antes que sejam precítos:

E os desgraçados na sua miseria conservam sempre olhos que saibam chorar.

A dôr mais tremenda do espirito quebrantam-na e entorpecem-na as lagrymas.

O Sempiterno as creou quando nossa primeira mãe nos converteu em réprobos: ellas servem, porventura, ainda de algum refrigerio lá nas trévas exteriores, onde ha o ranger dos dentes.

Meu Deus, meu Deus! — Bemdicto seja o teu nome, porque nos déste o chorar.

V.

A MEDITAÇÃO.

> Então os godos cahirão na guerra;
> Então fero inimigo ha-de opprimi-los
> Com ruinas sem conto, e o susto e a fome.
>
> *Hymno de* S. Isidoro *em* Lucas de Tui.
> *Chronicon liv.* 3.

No templo — Ao romper d'alva — Dia de Natal da era de 748.

1.

Mas de sete seculos são passados depois que tu, oh Christo, vieste visitar a terra.

E as tuas palavras foram escutadas pelos indomaveis filhos da Gothia, e elles ajoelharam aos pés da cruz.

Era que nessas palavras divinas havia uma poesia celeste, a qual as almas rudes mas virgens do septemtrião sentiam casar-se com as suas primitivas virtudes.

Tu evangelisavas a liberdade e condemnavas todo o genero de tyrannia: tu restituias ao valor a sua generosidade, á generosidade a sua modestia; tu revelavas inauditos mysterios no esforço do morrer: a constancia dos teus martyres escurecia a dos nossos guerreiros quando, debaixo do punhal de inimigo victorioso, recusavam confessar-se vencidos.

Tu convertias o amor, este sentimento delicioso, até então limitado ao goso material da mulher, em um grande e sublime affecto: alargavas o ambito do coração por toda a terra, por tudo quanto nella vive e respira, e davas-lhe para conquistar todas as existencias dos céus.

A generosidade, o esforço, e o amor, ensinaste-os tu em toda a sua sublimidade: só nas almas dos barbaros estavam elles em germen. Não para os romanos corrompidos, mas para nós os selvagens septemtrionaes era o christianismo. Para estes o evangelho assemelhava-se ao sol que rompe d'além das serras, e que illumina, aquece, e alegra; para os escravos abjectos dos cesares assemelhava-se ao sol mergulhando-se no mar, que só deixa nos campos escuridão, frialdade e tristeza.

Por isso, em quanto elles voltavam as costas á tua cruz, ou a lançavam d'involta com os idolos nos seus mesquinhos lararios, nós quebravamos no fundo das selvas ou no topo das montanhas as imagens d'Odin e de Freda, e corriamos a abraçarmo-nos com ella.

Tem compaixão de nós, oh Christo: lembra-te de que os ossos dos que assim o fizeram ainda não são inteiramente cinzas debaixo das lousas; porque só quatro seculos tem passado por cima delles.

2.

Quem é hoje christão e godo nesta nossa terra d'Hespanha?

Uma geração degenerada pisa os restos d'heroes: homens sem crença, blasphemos ou hypocritas, succederam aos que criam na grandeza moral do genero humano e na providencia de Deus.

D'antes os principes do povo eram os capitães das hostes: a espada dos reis a primeira que se tingia no sangue dos inimigos da patria.

D'antes o sacerdote era o anjo da terra: os que passavam curvavam-se para beijar a fimbria da sua stringe; porque a paz e a esperança entravam em todas as moradas sobre que desciam as bençãos delle.

D'antes o juiz era o pae do opprimido, o tribunal o abrigo do innocente, a justiça o nervo do imperio gothico.

D'antes nos conselhos dos prelados, dos nobres, dos homens livres, as leis íam buscar a sancção da sabedoria, e afferir-se pela utilidade commum. Lá o rei sabía que o poder

lhe vinha de Deus e da vontade dos godos, que o sceptro era cajado de pastor, não cutello d'algoz, e a corôa uma carga pesada, não uma aureola de vangloria.

Hoje nos paços de Toletum só retumba o ruido das festas, os frankos e os vasconios talam as provincias do norte, e a espada dos guerreiros só reluz nas luctas civís.

Hoje os principes na embriaguez dos banquetes esqueceram-se das tradições d'avós; esqueceram-se de que era aos capitães das hostes da Germania, que os romanos imbelles deram o nome de reis.

Hoje a prostituição entrou no templo do Crucificado: os claustros das cathedraes velam com o seu manto de pedra as abominações da torpeza, e as mãos do sacerdote deixam muitas vezes humedecida a tela, que veste os altares, com vestigios do sangue derramado covarde e vilmente.

Hoje a cubiça assentou-se no logar da equidade: o juiz vende a consciencia no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babylonia vendiam a pudicicia nas praças publicas aos que passavam, diante da luz do dia.

Hoje a espada substituiu o conselho dos prelados, dos nobres e dos homens livres: a corôa é uma conquista, a lei uma vontade do deshonrado vencedor de pelejas domesticas, a liberdade uma palavra mentida.

Imperio d'Hespanha, imperio d'Hespanha! porque foram os teus dias contados?

3.

O sol oriental, que ora bate ridente no pavimento da igreja, afflige a minha alma, porque me parece que, allumiando esta terra condemnada, se assemelha a homem cruel que viesse dar uma risada juncto ao leito do moribundo.

Porque te havia eu de amar, oh sol, se tu és o inimigo dos sonhos do imaginar; se tu nos chamas á realidade, e a realidade é tão triste?

Pela escuridão da noite, nos logares ermos, e ás horas mortas do alto silencio a phantasia do homem é mais ardente e robusta.

É então que elle dá movimento e vida aos penhascos,

voz e entendimento ás selvas, que se meneam e gemem á mercê da brisa nocturna.

É então que elle collige as suas recordações; une, parte, transmuda as imagens das existencias que viu passar ante si, e estampa nas sombras que o rodeiam um universo transitorio, mas para elle real.

E é bello esse mundo de phantasmas aereos, por entre cujos labios descorados não transpiram nem perjurio nem dobrez, e a cujos olhos sem brilho não assoma o reflexo de animos pervertidos.

Ahi ha o repouso, a paz e a esperança, que desappareceram da terra; porque o mundo das visões cria-o a mente pura do poeta: ella dá corpo e vulto ao que já só é ideal, e o passado, deixando cahir o seu immenso sudario, ergue-se em pé, e pondo-se diante do que medita, diz-lhe: — aqui estou eu!

E este o compara com o presente, e recúa d'involuntario terror:

Porque o cadaver que se alevanta do pó é formoso e sancto, e o presente que vive e passa e sorri é horrendo e maldicto.

E o poeta atira-se chorando ao seio do cadaver, e responde-lhe: — esconde-me tu!

É lá que esta alma, árida como a urze, sente, quando ahi se abriga, refrescá-la um como orvalho do céu.

VI.

SAUDADE.

Christo! — da-me o perdão; da-me remedio;
Que entre tão vario mal fraqueia a mente!

EUGENIO TOLEDANO: *Opusculos — XI.*

Na Ilha-verde. Ao pôr do sol das Kalendas de abril da era de 749.

1.

O mar estava tranquillo, e o ar puro e diaphano. As costas d'Africa fronteiras, lá na extremidade do horisonte, pareciam uma orla escura bordada no manto azul do firmamento.

A aragem do norte encrespava suavemente a superficie das aguas: as ondas vinhàm espraiar-se preguiçosas no areal da bahia.

O barqueiro Ranimiro dormia na sua barca amarrada na foz do Palmonio. Uma saudade indizivel attrahia-me para o mar.

Saltei na barca; o ruido que fiz despertou Ranimiro. — «Ao largo!» — disse-lhe eu. Empunhou os remos, e partimos.

«Para onde, Presbytero?» — perguntou o barqueiro, depois de vogar alguns momentos em silencio.

«Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada: — repliquei eu. — Leva-me para onde te approuver.»

— «Se vos parece — tornou Ranimiro — rodearemos a Ilha Verde, entraremos no canal, e saltareis na margem. Pelo tempo que vae, ella estará agora esmaltada de verdura e boninas.»

Calei-me: o barqueiro tomou por approvação o meu silencio, e voltando a prôa para poente corremos ao largo de ilha, e rodeando a sua margem occidental, abicámos em terra pelo lado da enseada que a separa da continente.

Ranimiro não se enganára: como uma tapeçaria riquissima lançada ao som das aguas, a superficie da ilha agitava-se trémula com a aragem da terra, que curvava brandamente as flores e as folhinhas lanceoladas da relva.

Assentado á sombra de uma rocha, que formava um promontoriosinho do lado do sul, lancei os olhos em volta, até onde se descubria o horisonte. Lá, no extremo do Estreito para a banda do mar interior, viam-se na ponta da Africa os cimos das torres de Septum fronteiras aos cerros escalvados do Calpe. De Septum para o occidente as costas africanas contrastavam nas suas ondulações suaves com a penedia aspera das ribas hispanicas, e confrangido entre os dous continentes, o mar balouçava-se resplandecente com os raios já inclinados do sol.

De roda de mim a atmosphera estava impregnada de um halito perfumado: era a natureza que sorria affagada pela primavera. As aves aquaticas redemoinhavam nos ares ou pousavam sobre as aguas, e pareciam nos seus vôos incertos, ora vagarosos, ora rapidos, folgarem com os primeiros dias da estação dos amores.

Uma melancholia suave se me erguia lentamente no coração, debaixo daquelle céu puro, n'aquella atmosphera balsamica, ante aquelles horisontes saudosos. As lagrymas rebentaram-me involuntariamente dos olhos.

Era neste momento feliz, porque repousava d'amarguras. Olhei para a barca: Ranimiro adormecêra de novo á prôa. Repousavam bem perto um do outro a materia e o espiritu.

Bemaventurado, pensei eu comigo, aquelle em quem os affagos de uma tarde serena de primavera no silencio da solidão produzem o torpor dos membros; porque nessa alma dormem profundamente as dores no meio do ruido da vida!

E este pensamento trouxe-me pouco e pouco á memoria as tempestades do passado. Ai de mim! Logo se me enchugaram as lagrymas, porque eram de consolação, e essa lembrança as estancou!

2.

Porque não adormeço eu como o rude barqueiro ao murmurio das vagas somnolentas, ao sussurro da brisa do norte?

Porque mulher barbara não entendeu o que valia o amor d'Eurico; porque velho orgulhoso e avaro sabía mais um nome de avós do que eu, e porque nos seus cofres havia mais alguns punhados d'ouro do que nos meus.

As mãos imbelles de uma donzella e de um velho esmagaram e despedaçaram o coração de um homem, como os caçadores covardes assassinam no fojo o leão indomavel e generoso.

E todavia este coração sentia a voz da consciencia pregoar-lhe largos destinos! Porque não emmudeceu essa voz quando do portico do templo lancei ao mundo a maldicção da despedida?

Porque me lembra com saudade, aqui, a estas horas, o tempo das minhas esperanças?

É porque o viver é o éculeo de espirito: a alma estorce-se como agonisante no meio dos mais incomportaveis tormentos sem nunca poder expirar, e os seus affectos profundos são como ella; não lhes é dado o morrer.

Paz e esquecimento, oh meu Deus!

3.

Os raios derradeiros do sol desappareceram: o clarão avermelhado da tarde vae quasi vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, o Hermengarda, semelhante á apparição do anjo da esperança nas trevas do condemnado.

E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a frente a corôa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amiculo alvissimo da innocencia, fluctuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhes as fórmas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos bellas que a realidade.

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepusculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifravel; um consolo e ao mesmo tempo um martyrio.

Não eras tu emanação e reflexo do céu? Porque não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abysmo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é immenso como o ideal, que elle comprehende, eterno como o seu nome, que nunca perece.

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no sanctuario do meu coração, emquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor: Qual era o melhor dos dous templos?

Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre.

Porque vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a cruz ensanguentada do Calvario; quando a mão inexoravel do sacerdocio soldou a cadeia da minha vida ás lageas frias da igreja; quando o primeiro passo alem do limiar desta será a perdição eterna?

Mas, ai de mim! essa imagem, que parece sorrir-me das solidões do espaço, está estampada unicamente em minha alma, e reflecte-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lagrymas.

Tu, Hermengarda, recordares-te?! Mentira!... Crês que morri, ou, porventura, nem isso crês; porque para creres era preciso lembrares-te, e nem uma só vez te lembrarás de mim!

Lá, no tumulto dos cortezãos, onde o amor é calculo ou sentimento grosseiro, terás achado quem te chame sua, quem te aperte entre os braços, quem tivesse para dar a teu pae o preço do teu corpo, e te comprasse como alfaia preciosa para serviço domestico. O velho estará contente, porque trocou sua filha por ouro.

A isto chama prudencia o mundo estupido e ambicioso; a isto, que não é mais do que uma prostituição abençoada sacrilegamente perante as aras sacrosantas.

Oh, quantas vezes esse pensamento repugnante me tem

feito vaguear louco pelas montanhas, uivando como o lobo cerval, e tentando despedaçar os rochedos com as mãos d'onde me goteja o sangue!

E tu folgas e ris! Oxalá nunca saibas quão intenso e atroz é o meu tormento, que devo velar diante dos homens debaixo de aspecto tranquillo, como se em vez de martyrio elle fosse um abominavel crime.

4.

E quem te disse, Presbytero, que o teu amor não era crime?

Tens razão, consciencia! Quando aos pés do veneravel Siseberto o gardingo Eurico jurou que abandonava o mundo devia despir as paixões que do mundo trouxera.

A luz brilhante d'affeições e esperanças a que vivia, e que me povoava o coração de felicidade, devia apagar-se então como a lampada do templo ao amanhecer; porque eu voltava-me para o céu, buscando a luz do Senhor.

Mas o sol, apenas nasceu para mim, logo desappareceu no occaso, e os que me creem allumiado mal pensam que vivo em trevas!

As minhas paixões não podiam morrer, porque eram immensas, e o que é immenso é eterno.

E assim, nem ouso pedir a paz do sepulchro; porque para mim não haveria paz senão no anniquilamento.

O anniquilamento! Que mal te fiz eu, oh meu Deus, para me não deixares cá dentro mais que uma idéa risonha, mais que um desejo capaz de encher o abysmo da minha desventura? Que mal te fiz eu para que esse desejo, essa idéa seja a que unicamente resta ao precito, que se revolve em perpetuas angustias?

Mas para mim, como para elle, tal pensamento é vão e mentido! Eternidade, eternidade, a alma do homem está encerrada e captiva nos limites do teu imperio!

VII.

A VISÃO.

> No espelho da visão está a segurança da verdade.
>
> *Codigo wisigothico — I — 1 — 2.*

Presbyterio. Antemanhan. Oito dos idos d'abril da era de 749.

1.

O somno, ou a vigilia, que me importa esta ou aquelle? As horas da minha vida são quasi todas dolorosas, porque a imaginação do homem não póde dormir.

Para o povo ignorante e impiamente credulo a noite é cheia de terrores; em cada folha que range na selva elle ouve um gemido de alma que vaguea na terra; em cada sombra de arvore solitaria que se balouça com a aragem sente o mover de um phantasma; as exhalações dos bréjos são para elle luz de demonios, allumiando folgares de feiticeiras.

Mas quando jaz no leito de repouso, o seu dormir é tranquillo. Ao cruzar os umbraes domesticos esses terrores sumiram-se com os objectos que os geraram. A sua alma parece despir-se da phantasia grosseira, como o corpo se despe da stringe aspera que lhe resguarda os membros.

Não assim eu. Quando as palpebras cerrando-se m'escondem o mundo das realidades, os olhos do espirito volvem-se para o mundo das existencias ideaes. Ás vezes a felicidade e a esperança vem consolar-me então; muitas mais, porém, os sonhos máus me perseguem; e por bem alto preço me

saem os instantes de ventura transitoria, trazidos por visões consoladoras.

Esta foi para mim uma noite cruel. Ainda o suor frio que me corria da fronte se não seccou; ainda o coração parece mal caber no peito, e o pulso bate desordenado e violento.

Terribilissimos foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas, porventura, mais terrivel é a sua significação.

Diz-me voz intima que esse doloroso espectaculo, a que assistiu a minha alma, é, oh Hespanha, o mysterio dos teus destinos.

E esta foi a visão:

2.

Eram as horas das trevas profundas. Sem saber como, achava-me no viso mais alto do Calpe: traspassava-me a medúla dos ossos o vento frio da noite, e parecia-me que os membros hirtos se me haviam pregado no topo da penedia.

Olhava fito ante mim, e os meus olhos rompiam a escuridão do hórisonte, como se a luz do sol o illuminasse.

O espectaculo maravilhoso que se passava nesse espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos, que o norte me açoutava com o sopro gelado.

Eis o que eu vi nessa hora de agonia, depois de estar alli alguns não sei se instantes ou seculos.

O mar cessou de agitar-se e rugir, semelhante ao metal fervente, destinado para a feitura d'estatua colossal, que resfriasse de subito em vasta caldeira.

E era horribilissimo ver convertido em cadaver, de todo immovel e mudo, o oceano; aquelle oceano que ha mais de quarenta seculos nem um só dia deixou de revolver-se e bramir em torno dos continentes, como o tigre ao redor da rez que jaz morta.

O sibillar das rajadas tambem cessou completamente. Parado sobre a face da terra, o ar era semelhante ao lençol do finado, a quem recalcaram a gleba que o cobre, frio, humido, pesado, sem ranger, sem movimento, cosido sobre

o peito onde acabou o bater do coração e o jogar compassado dos pulmões.

Então, muito ao longe, uma vermelhidão tenuissima foi avultando pouco a pouco, derramando-se pelo horisonte, e repintando a abobada immensa dos céus.

Depois esse clarão sinistro reverberou na terra: as cimas agudas, dentadas, tortuosas, alvacentas das fragas marinhas tinham-se abatido e livelado, como os cerros informes de neve amontoada, que, derretidos nos primeiros dias do estio, vão, despenhando-se, formar um lago chão e morto na caldeira mais funda da valle fechado.

Tudo a meus pés era um plano uniforme, ermo, affogueado, como a atmosphera que pesava em cima delle: e além jazia o cadaver do mar.

Eu, o Silencio, e a Solidão era quem estava ahi.

3.

Subitamente naquelle vasto horisonte, até então puro na sua luz horrenda, dous castellos de nuvens cerradas e negras começaram a alevantar-se, um da banda da Europa, outro do lado d'Africa.

Os bulcões conglobados corriam um para o outro, e multiplicavam-se vomitando novos castellos de nuvens, que se diffundiam fluctuando ennoveladas com fórmas incertas.

E aquellas montanhas vaporosas e negras rasgaram-se d'alto a baixo em fendas semelhantes a algares profundos, e os seus fragmentos informes e cambiantes vacillavam tremulos em ascensão diagonal para as alturas do céu.

Ao approximarem-se os dous exercitos de nuvens prolongaram-se um em frente do outro, e toparam em cheio. Era uma verdadeira batalha.

Como duas vagas encontradas, no meio de grande procella, que, tombando uma sobre a outra, se quebram em cachões que espadanam lençoes de escuma para ambos os lados, antes que a menos violenta se incorpore na mais possante, assim aquellas nuvens tenebrosas se despedaçavam derramando-se pela immensidão da abobada affogueada.

Então pareceu-me ouvir muito ao longe um choro sentido, misturado com gritos agudos como os do que morre

violentamente, e um tinir de fêrro como o de milhares d'espadas batendo nas cimeiras de milhares de elmos.

Mas este ruido foi-se alongando e cessou: os bulcões alevantados da banda d'Africa tinham embebido em si os que subiam da Europa, e desciam rapidamente para o lado dos campos gothicos.

Depois sentí lá embaixo, na raiz da montanha, um rir diabolico. Olhei: o Calpe esboroava-se ao redor de mim, e os rochedos sobre que eu estava assentado vacillavam nos seus fundamentos.

Despertei. Tinha os cabellos hirtos, e o suor frio manava-me da fronte, aquecida por febre ardente.

Senhor, Senhor! foste tu que déste a ler á minha alma a ultima pagina do livro eterno, em que a providencia escreveu a historia do imperio godo?

Contam-se cousas incriveis desses povos que assolam a Africa, chamados os arabes, e que em nome de uma nova crença pretendem apagar na terra os vestigios da cruz. Quem sabe se aos arabes foi confiado o castigo desta nação corrupta?

Já as nossas praias foram visitadas por elles; e para os repellir foi necessario que desembainhasse a espada o illustre Theodemiro, o ultimo guerreiro, talvez, que mereça o nome de neto dos godos.

Terra em que nasci, se o teu dia de morrer é chegado, eu morrerei comtigo. Na procella, que se alevanta d'Africa, deixarei submergir o meu debil esquife, sem que a esses gemidos que ouvi se vão ajunctar os meus. Que m'importa a vida ou a morte, se o padecer é eterno?

VIII.

O DESEMBARQUE.

> E eu estava em um angulo observando com temor.
>
> PAULO DIÁCONO: *Vidas dos PP. Emeritenses.*

DO PRESBYTERO DE CARTEIA AO DUQUE DE CORDUBA.

Ao Duque Theodemiro, saude!

Quando Witiza reinava, na côrte esplendida de Toletum havia dous tiuphados, que a todos serviam d'exemplo d'intima e sincera amizade. Opiniões e intentos, alegrias e tristezas eram communs para ambos. Chamava-se Theodemiro o mais velho; Eurico o mais moço. Nas suas esperanças de mancebos, as Hespanhas foram-lhes muitas vezes limitado theatro para illusões de ambição. A gloria era o seu perpetuo sonho, e as recordações das façanhas dos antigos godos embriagavam-lhes os animos ao lembrarem-se de que as armas dos seus avós da Germania tinham brilhado, victoriosas sempre, sobre os membros despedaçados do imperio romano. Quando o grito da revolta soou na Cantabria, as tiuphadias dos dous mais irmãos que amigos acompanhavam Witiza na expedição contra os montanheses rebeldes e contra os frankos seus alliados. Então, n'essa guerra d'exterminio, os dous mancebos viram saciada sua sede de renome. Como as moles de neve que se despenham das montanhas escarpadas da Vasconia, as duas tiuphadias de Theodemiro e de Eurico appareciam ás vezes subitamente nos visos das serras, e apenas os primeiros raios do sol faziam reluzir as armas,

semelhantes no brilho tremulo ao alvejar da geada, ei-las que pareciam rolar-se pela encosta, e dentro de pouco os acampamentos dos frankos e cantabros ficavam esmagados debaixo do impeto irresistivel dessas pinhas de soldados, que eram arremessados sobre os inimigos por duas vontades emulas de gloria. Expulsos os estrangeiros, e submettidos os rebellados, a hoste real entrou victoriosa em Tárraco. O duque Favila recebeu em triumpho os pacificadores da Cantabria; e Theodemiro e Eurico obtiveram a recompensa do que combateu pela patria, a gratidão dos seus naturaes.

Foi ahi que o destino preparou a separação dos dous guerreiros, que parecia só a morte poder dividir. Favila tinha dous filhos, Hermengarda e Pelagio. Pelagio saía apenas da infancia, mas para Hermengarda despontavam já então os risonhos dias da juventude. A sua formosura era celestial: Eurico viu-a e amou-a. Quando as tiuphadias foram chamadas a Toletum, Eurico voltou triste á terra da sua infancia. Dir-se-hia que eram os contentamentos da patria que elle trocava pelas tristezas do desterro. Debalde buscou Theodemiro apagar aquella paixão violenta no coração do seu amigo, lançando-se com elle nas festas ruidosas de uma côrte dissoluta. A embriaguez dos banquetes era para Eurico tristonha; as caricias feminís, facilmente compradas, e profundamente mentidas, atrás das quaes corrêra loucamente outr'ora, tinham-se-lhe tornado odiosas, porque o amor com toda a sua virgindade sublime lhe convertêra em podridão asquerosa os deleites grosseiros que o mundo offerece á sensualidade do homem. Theodemiro acreditára na efficacia da bruteza para matar o mais formoso dos affectos humanos; mas o amor devorou na mente de Eurico todos os outros sentimentos, como a lava candente devora tudo o que encontra, quando o vulcão a vomita alagando a superficie da terra.

Favila veio á côrte: Hermengarda acompanhava-o. Theodemiro recordar-se-ha ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico, que ousou dizer ao velho procer: «Dá-me por mulher tua filha.» A amizade de Theodemiro salvou então o desprezado gardingo da morte do corpo, mas não pôde salva-lo da morte da alma. Razões, rogos, lagrymas; quanto a eloquencia de affeição mais que fraterna tem de vehemencia; quantas cordas do coração sabe fazer vibrar a mão

de um amigo, tudo elle tentou debalde! Não ha palavras que possam erguer um espirito que deu em terra; mão nenhuma tira sons de cordas que estalaram. Eurico, ou antes a sua sombra, fugiu do lado de Theodemiro, e da porta do sanctuario disse-lhe um adeus eterno, como ao resto do mundo.

Mal sabia o desgraçado que n'esse adeus a sua consciencia mentia a si propria! Theodemiro, tu hoje és duque de Corduba: entre os povos sujeitos ao teu imperio; entre os que abençoam a tua justiça e bondade, n'um angulo da vasta provincia da Betica, em Carteia, vive um pobre presbytero, que para ti pede ao Senhor tanto renome e poderio, quanto para si deseja a obscuridade e o esquecimento. Este presbytero é quem te escreve; quem limitou a bem poucos annos a eternidade do adeus que te dissera; é aquelle que se chamava no mundo o gardingo Eurico, aquelle de quem foste amigo, e que foi teu rival de gloria.

Duque de Corduba, não creias que o meu espirito se volte hoje para as miserias da terra, impellido por uma tardia saudade. Não! De que me serviriam o ouro, o poder e a grandeza? Para tomar um punhado desse lodo não se curvaria o Presbytero. O unico affecto terreno que talvez resta a este coração depurado pelo fogo ardente da desdita, o amor da patria, sentimento confuso e indefinido, mas indelevel, é quem obriga Eurico a dizer-te o logar em que veio coar gota a gota as horas aborridas da sua tormentosa existencia.

Theodemiro! Theodemiro! Um dia tremendo se approxima em que a Hespanha deve ser o tumulo da raça goda. Em sonhos antevi esse dia, e após os sonhos a medonha realidade ahi se alevanta diante de meus olhos. Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas. Apenas eu ouso demorar-me nas immediações do Calpe; porque sei, passo a passo, todas as veredas que guiam ao topo dos desfiladeiros, tendo-as regado muitas vezes com lagrymas, tendo-lhes muitas mais confiado a historia das minhas agonias. As cidades despovoam-se, e como ellas, os campos convertem-se em ermos. Embora ainda sorriam no vecejar das searas, no florescer dos pomares, no murmurio das fontes: semelhante sorrir consterna, porque o homem desappareceu do meio desta scena formosa, e o ruido da vida converteu-se em

silencio de morte. — Os arabes! — eis o unico grito que o interrompe; e esta palavra maldicta é como a peste quando passa: seguem-na o susto e o desaccordo. A vileza do coração humano surge após ella em toda a hediondez do seu aspecto. O terror acabou com os mais sanctos affectos, e até com o amor filial e paterno. Cada qual busca salvar-se a si proprio. Os netos dos nobres godos converteram-se n'um bando desprezivel de covardes e egoistas.

Ha tres dias ao romper da manhan um grande numero de vélas branquejava sobre as aguas do Estreito; vinham do lado de Septum. Corremos á praia. Dentro de poucas horas entraram na bahia de Carteia, e algumas entestaram com a Ilha-Verde. Via-se distinctamente o reluzir das armas; e varios soldados, que tinham ajudado a repellir os primeiros saltos dos africanos nas costas d'Hespanha, reconheceram logo os trajos e armas dos arabes. Entre estes, porém, divisavam-se muitos godos pelas armaduras pesadas, pelos largos ferros dos frankisks e pelas stringes mais curtas que as amplas vestiduras dos filhos do Oriente. D'ahi a pouco toda a frota velejou para o lado do Calpe; e quando anoiteceu, as faldas da montanha appareceram allumiadas por muitos fachos. Os arabes tinham desembarcado.

A anciedade era indizivel. Demudadas as faces, olhavamos uns para os outros. Elles tremiam por si: eu pela sorte da Hespanha. Mas porque entre esses que pareciam inimigos se achava tão avultado numero de godos? Esta pergunta significava a nossa derradeira esperança.

Ao entenebrecer, alguns barqueiros saíram ao largo, e vogando surdamente, foram espiar a frota. Tomando os atalhos mais curtos, eu encaminhei-me sósinho para o Calpe, cujo vulto gigante, rodeado de fachos ao sopé, negrejava no topo sobre o fundo alvacento do céu limpo de nuvens, onde a lua passava tranquilla embargando com o seu clarão pallido o scintillar das estrellas.

Era alta noite quando cheguei á montanha. Subindo pelas quebradas, salvando precipicios, cozendo-me com as fragas tortuosas, descendo pelos leitos das torrentes, cheguei a um rochedo contiguo á planicie, que das raizes da serrania vae morrer no rolo do mar, na costa oriental da bahia. Era ahi que os arabes, desamparando a frota, se haviam

acampado. Comprimindo o alento, approximei-me insensivelmente de uma tenda mais vasta alevantada juncto do penhasco, a que eu chegára sem ser percebido. Por uma fenda, que deixavam as telas mas unidas do pavilhão, descortinei o que se passava no interior á luz das tochas que tinham nas mãos dous ethiopes, cujos rostos negros contrastavam com a brancura das suas roupas. Assentado no chão, com os braços cruzados, um arabe mancebo parecia escutar attentamente um guerreiro godo, que, em pé no meio de outros dous, tinha as costas voltadas para mim. Com espanto e ao mesmo tempo com alegria percebi que se exprimia em romano rustico, o qual, d'ahi a pouco vi que o moço arabe falava como se fosse a propria linguagem. Comecei então a escutar attentamente.

«Tarik — dizia o godo — ámanhan ao romper d'alva importa que todos estes penhascos empinados sobre nossas cabeças se coroem de teus soldados, e que não tardes em fortificar essa estreita passagem que une o promontorio do Calpe com o resto do continente. É aqui, nestas serras inaccessiveis, que deves esperar o resto dos libertadores da Hespanha: é d'aqui que tu deves sair com os teus irmãos do deserto para quebrar o sceptro do tyranno Ruderico. Se a sorte das armas nos fôr contraria, esperaremos neste logar novos soccorrros d'Africa. Septum nos fica fronteiro, e Septum entreguei-t'o eu . . . »

Tarik não o deixou continuar. Como o leão pulando subitamente dos juncaes da Mauritania, o moço arabe pôs-se em pé com o gesto colerico, e exclamou:

«Wali dos christãos! quem te fez crer que Tarik podia ser vencido? Vi em sonhos o propheta de Deus que me disse: — a Hespanha curvar-se-ha ao koran: — e Mohammed não mente! Ainda sem ti eu me teria arrojado sobre o imperio godo, e a minha lança o faria cair a meus pés moribundo, quando Sebta me tivesse fechado as portas; quando todos vós os godos estivesseis unidos contra mim. Deus é grande, e Mohammed o seu propheta!»

As palavras violentas do arabe revelaram-me quem era o guerreiro godo. Juliano capitaneava como nós uma tiuphadia na guerra cantabrica, e era valente soldado. Sabia que elle fôra elevado á dignidade de conde de Septum, e que

ahi se cubríra de gloria repellindo os inimigos do imperio, que já tinham tentado conquistar aquella provincia. Como e porque atraiçoou a terra natal? Odios civis o levaram a tanta infamia, segundo entendi de suas palavras. Parricida e fratricida a um tempo, busca vingar-se talvez de bem poucos de seus irmãos esmagando-os debaixo das ruinas da patria. A memoria deste malaventurado será maldicta e réproba das gerações remotas!

Juliano parecia querer responder ao mancebo, quando um soldado entrou com um rolo de pergaminho na mão, e entregando-o a Tarik proferiu algumas palavras em arabe. Tarik olhou então para Juliano com um sorriso, e estendendo-lhe a dextra, disse-lhe em voz mais baixa:

«Wali de Sebta! perdoa-me este impeto, como me tens perdoado tantos outros. Bem sei que não podes comprehender o que é a fé viva de um mosselemano na protecção de Deus: mas eu seria réu do inferno, se duvidasse um instante das promessas do Propheta. O judeu Zabulon acaba de chegar com essa carta do que vós chamaes bispo de Hispalis. Lê-a, e dize-me que novas ha de Ruderico.»

Juliano desdeu o nó da carta, e leu. Batia-me o coração de furor, mas procurei tranquillisar-me. Importava-me muito conhecer o que ella continha para que não houvesse de prestar toda a attenção possivel ás palavras do conde Juliano.

«Ruderico — disse este, acabando de correr com os olhos o rolo de pergaminho — entregue aos banquetes e festas, não acredita que o dia da vingança amanhecesse para a Hespanha: todavia, logo que a noticia indubitavel da nossa vinda retumbar sob os tectos dourados dos paços de Toletum, elle convocará os seus numerosos soldados, as suas tiuphadias veteranas, e arremessar-se-ha contra nós, porque Ruderico é dissoluto e perverso, mas nunca foi covarde. O prudente Oppas pensa como eu que importa fortificar-nos no Calpe. Aconselha-o a sciencia da guerra; e se como crente confias no teu propheta para contar com a victoria, como capitão deves seguir os conselhos da prudencia humana. Tambem eu espero no Deus das batalhas — proseguiu o Conde com um tom de mofa, e batendo no punho da espada; — tambem eu tenho a minha providencia; mas a aguia quando se arroja sobre a prêa tem já construido o seu ninho no

penhasco da montanha, e as penedias do Calpe devem ser o ninho das aguias que pairam sobre o throno de Ruderico.»

Tarik ficou por alguns momentos calado e pensativo:

«Seja como te aprouver: — disse por fim. — Busca no exercito os melhores artifices arabes, e com elles e com os teus godos alevanta esses vallos, em que põe sua confiança o teu coração descrido.»

«Houve um tempo em que não o foi: — replicou Juliano com o accento da colera misturada de indignação, e tristeza: — mas Witiza dorme debaixo d'uma lousa o somno da eternidade, e o seu assassino chama-se o rei dos godos. Elle folga e ri assentado no throno que lhe deu a traição e o perjurio. Tarik, o teu propheta inspira-te em sonhos; mas a vingança é mais segura inspiração, porque é o sonho perenne do homem desperto quando vê assim falhar a justiça do céu, se é que nelle ha justiça.»

Proferindo estas palavras blasphemas, Juliano saíu da tenda. Tarik bateu as palmas, e um guerreiro ethiope, cujos olhos lhe reluziam sanguineos na pretidão do rosto, entrou com os braços cruzados e ficou immovel e curvado diante de Tarik. Pareceu-me que este lhe ordenava o que quer que fosse; mas falava na sua linguagem barbara, e não o pude entender.

Sabia assás qual era a situação e quaes os accidentes do solo por todos os desvios do Calpe para perceber que a minha demora naquelles sitios podia tornar-me impossivel a saída. A defensa do promontorio consistia unicamente em cortar com vallos e cavas o isthmo que o liga ao continente. Juliano começaria talvez a alevantar as tranqueiras nessa mesma noite; era, portanto, necessario partir.

Quando atravessei a serra pelos trilhos mais curtos e escusos, conheci que o meu receio fôra bem fundado. Parando no topo de uma penedia, d'onde se divisava ao redor quasi toda a montanha, vi centenares de fachos que vacillavam correndo tortuosamente pelas ladeiras, sumindo-se, tornando a apparecer, retrocedendo. O todo daquella iluminação terrivel estendia-se em volta da montanha, formando uma extensa meia lua, cujas pontas cresciam para o isthmo, ao passo que se approximavam uma da outra estreitando o cume da serrania. Era visivel que alguem practico nas aper-

tadas gargantas, nas sendas intrincadas do promontorio, guiava os barbaros. Convinha fugir, não porque m'importasse o morrer, mas porque talvez a Providencia me guiára á tenda de Tarik para que as Hespanhas fossem salvas, se é que ella não escreveu irrevogavelmente a sua condemnação no livro dos eternos destinos.

Theodemiro, vê que a traição, semelhante ao veneno recentemente bebido, que gyra nas veias e ainda não apparece no aspecto, está por toda a parte, e até penetra no sanctuario. É necessario esforço e vigilancia, já que as dissensões civís quizeram que os golpes do frankisk godo hajam de se vibrar sobre a fronte de godos que combatem ao lado do estrangeiro infiel; já que a perfidia póde abrir as portas das nossas cidades aos africanos, sem que estes tenham de passar por cima dos cadaveres de seus irmãos, para se assenhorearem dellas. Cumpre que avises Ruderico. Em Hispalis está Oppas, e Oppas tem comsigo numerosos clientes, que, porventura, entregarão aos invasores a mais formosa e opulenta entre as povoações da Betica. Não tardará que os arabes desçam do Calpe e se derramem pelas provincias da Hespanha. Ha dous dias, em que vagueio quasi só nas immediações de Carteia, não se passa uma hora sem que os navios d'Africa venham vomitar na bahia novos esquadrões de soldados. Semelhante aos éstos do mar, é rapido o seu ir e voltar. Dentro d'oito dias bem custoso seria resistir a Tarik com todo o poder do imperio, quanto mais divididos os godos em dous bandos, um dos quaes pelejará ao lado dos inimigos.

Dir-to-hei, Duque de Corduba: tambem eu não amo Ruderico; porque a memoria de Witiza nunca morrerá no coração do seu antigo gardingo. Sei por quaes meios Ruderico subiu ao throno, que não obteria pela eleição dos godos. Mas não é a sua corôa que os filhos das Hespanhas tem hoje que defender: é a liberdade da patria; é a nossa crença; é o cemiterio em que jazem os ossos dos nossos paes; é o templo e a cruz, o lar domestico, os filhos e as mulheres, os campos que nos sustentam e as arvores que nós plantámos. Para mim, de todos estes incentivos apenas restam dous; o amor da terra natal, e a crença do evangelho. No dia do combate Eurico despirá a stringe innocente do sacer-

docio e vestirá as armas para defender estes objectos queridos dos seus derradeiros affectos. Que tambem esses que ainda se enlaçam ás illusões e esperanças, como a hera ás ruinas, se ergam para pelejarem batalhas tremendas, porque o serão por certo as que nos aguardam; e oxalá que os meus tristes sonhos sejam desmentidos pelo esforço dos guerreiros godos; oxalá que não esteja para bater a derradeira hora do dominio da cruz nesta terra do occidente, regada pela sangue de tantos martyres!

De Mellaria, aonde me acolhi com grande numero dos moradores de Carteia e dos seus arredores, continuarei as minhas correrias nocturnas para as bandas do Calpe com os homens mais ousados que quizerem acompanhar-me, até que os arabes desçam da sua guarida, e seja inutil o vigiá-los; até que chegue o dia em que os desgraçados como eu achem na morte honrada das pelejas o repouso das amarguras da vida, se é que além do morrer ha o repouso do espirito.

DO DUQUE DE CORDUBA AO PRESBYTERO.

Ao Gardingo Eurico, saude!

Vives ainda Eurico! Perto de Corduba, onde existia o seu antigo irmão d'armas, o heroe da guerra cantabrica nunca teve um momento em que rompesse o mysterio do seu retiro, em que enviasse uma palavra de consolação para a saudade fraterna. Accusas de egoismo e fereza os filhos da Hespanha, e cahiste na mesma culpa: foste egoista e cruel. Não podias crer por certo que eu me houvesse esquecido de ti: larga experiencia te ensinou que as minhas affeições são duradouras e profundas. Mas aquelle que te amou tanto; aquelle que poria a vida para salvar a tua; que nunca teve contentamento ou magoa, que fosse para ti segredo, tractaste-o com o mesmo desprezo, com que, no teu nobre orgulho de desgraçado, tractaste o resto do mundo; e do limiar do templo disseste-lhe, talvez, o mesmo adeus de odio e despeito, que disseste ao resto do genero humano.

É nos dias em que se abre para a patria uma longa carreira de desventuras, que tu surges, gardingo, como a

lembrança querida dos formosos dias da nossa mocidade; é na vespera de uma lucta, em que se vae resolver se ha-de ser livre ou serva a terra dos godos; em que mil cogitações tristemente solemnes me assaltam o espirito, e me obrigam a não me affastar de Corduba, onde incessantemente trabalho por ajunctar os valentes companheiros de nossas glorias de outr'ora; é quando a voz do dever me tem como captivo, que d'um angulo da Betica me dizes — eu vivo! — Embora! Já que não me é dado o buscar-te, serás tu que virás lançar-te nos braços do teu amigo.

Sim, gardingo! — Hoje, que o imperio é abalado nos seus fundamentos; que os pagãos d'Africa ameaçam derribar a cruz erguida no cimo das nossas cathedraes; hoje, tu despirás a stringe sacerdotal e cingirás de novo a deposta e esquecida espada. Em Corduba, onde se ajunctam já as tiuphadias da Betica, Eurico achará bom numero dos seus antigos guerreiros; e os mais ousados mancebos, que ora encetam a vida dos combates em defesa da patria e da fé, acceitarão com jubilo para seu capitão o homem, que deixou um nome que não morrerá em quanto durar a memoria do desbarato dos vasconios e frankos. Na ebriedade da gloria que te espera, porventura achará o teu pobre coração, despedaçado pelas paixões que ahi passaram, o allivio e conforto, que vejo teres buscado debalde nos braços de uma piedade austera, de uma vida d'humildade e abnegação. Esta gloria será tanto maior, quanto é certo que nunca o imperio godo se viu tão perto da sua ultima ruina, e que nunca foram postas a tão dura prova o esforço e a lealdade dos seus filhos.

As novas que me dás da traição do bispo d'Hispalis são assás graves; mas é necessario circumspecção e prudencia. Os teus ouvidos podem ter-te enganado. Se essa trama horrivel existisse, estender-se-hiá por toda a Hespanha. Sabes que Oppas é tio dos moços Sisebuto e Ebbas, cujas pretensões á corôa são conhecidas, pretensões que os beneficios de Ruderico ainda por certo lhes não fizeram esquecer. Diz-se que o rei dos godos lhes confiará o mando de uma das alas do exercito com que se encaminha á Betica. Este procedimento generoso obstaria a que rebentasse a conjuração. Não se tracta agora de satisfacer odios de parcialidades civis:

tracta-se de salvar o imperio. Fôra mais que infamia, não tem nome, o immolar a Hespanha no altar de ambiciosa vingança. Não! Embora estejamos corruptos: o exemplo do conde de Septum não será entre nós seguido.

Vem, Eurico, para que reverdeçam os louros da tua gloria. Ouves a voz da patria? É ella que te brada: — Vem combater por salvar-me, tu o mais valente dos meus filhos!

DO PRESBYTERO AO DUQUE DE CORDUBA.

Eurico a Theodemiro, saude!

Não comprehendeste, duque de Corduba, quão fundo é o abysmo cavado neste coração pela desventura. Não me queixo de ti; porque nem a ti, nem a ninguem é dado comprehendê-lo. Medes o meu espirito pelos affectos humanos; mas é porque não sabes como elle saíu depurado do crisol de padecer infernal.

Gloria! Que m'importa a mim a gloria? Que posso fazer dessa riqueza, inutil como as outras riquezas?

Examina bem a consciencia, e dize-me qual é para os corações puros e nobres o motivo immenso, irresistivel das ambições do poder, de abastança, de renome? É um só — a mulher: é esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as nossas esperanças, de todos os nossos desejos. Para o que encontrou na terra aquella que deve amar para sempre, aquella que é a realidade do typo ideal, que desde o berço trouxe estampado na alma, a mira das mais exaltadas paixões é a aureola celestial que cinge a fronte da virgem, idolo das suas adorações. Para o que anda por assim dizer perdido nas solidões do mundo, porque ainda não descubriu a estrella polar da sua existencia, o astro que ha-de illuminar-lhe a noite do coração, como o sol com os seus primeiros raios illumina as trevas de um templo; para esse, a mulher é uma idéa vaga e confusa, mas formosa e querida. Não a conhece, não sabe onde esteja a imagem visivel da filha da sua imaginação, e todavia é para lhe pôr aos pés gloria, poderio, riqueza, que elle cubiça tudo isso. Tirae do mundo a mulher, e a ambição desapparecerá de todas as almas

generosas. Realidade, ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da actividade interior; é a causa, o fim, e o resumo de todos os affectos humanos.

Theodemiro, eu amei como ninguem talvez ainda amára. Este amor foi desprezado, ludibriado e comprimido pelo desprezo e pelo ludibrio no fundo do coração do teu pobre amigo. Sabes o que faz um amor immenso assim recalcado? — Devora e consome o futuro, e entenebrece para sempre o horisonte da vida. Nada ha depois disso que possa restaurar o que elle tragou; nada que possa rasgar as trevas que elle estendeu. No mesmo sepulchro não ha porvir d'esperança, nem porventura luz de consolação; porque ao passamento do corpo precedeu a morte do espirito.

Não, eu não quero a gloria, inutil e inintelligivel hoje para mim. Não, eu não quero o mando e o poderio, porque já não sei para o que elles prestam. Como o febricitante em dia ardente do estio, que aspira a brisa da tarde, a qual não póde sará-lo, mas que lhe refrigera por momentos o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo affagar pela idéa de me atirar ao maior fervor das batalhas pelejadas em nome da patria: esse delirio dos perigos, essa loucura que o cheiro de sangue produz é um respiradouro por onde resfolgará a indignação e a colera enthesourada por annos neste coração. Tiuphado, seria constrangido a vigiar as acções dos outros, a usar do valor tranquillo que affronta immovel a morte; mas que é tal valor para aquelle a quem a vida serve só de martyrio? Uma hypocrisia mais; mais um meio de enganar o mundo. E que tenho eu com o mundo para curar d'enganá-lo?

Homem de paz — dir-me-has tu — pela profissão do sacerdocio; tendo buscado o repouso á sombra eterna da cruz, como é que desejas só o que nos combates ha mais brutal, ignobil e obscuro, o furor da matança, e recusas o que nelles ha mais nobre e puro, a intelligencia com que um unico individuo move milhares delles, e lhes multiplica a força com a rapidez das idéas, com a sublimidade das concepções, com a robustez de uma vontade immutavel? Homem de paz, cingindo a espada do guerreiro, que outro mister deverá ser o teu?

Busquei, é verdade, o repouso e a paz no sanctuario de Deus! — Dias e dias passei-os orando com a fronte unida

ás lageas do pavimento sagrado, esperando que da morada dos mortos surgisse para mim descanço e esquecimento; mas o sepulchro foi esteril. Noites e noites vagueei pelas solidões, e assentei-me ao luar sobre os penhascos dos promontorios, com os olhos cravados no céu, ou errantes pela vastidão das aguas, e onde todos acham lagrymas de consolo e d'esperança eu não achei uma só, porque as minhas morriam apenas brotavam. O Senhor não me escutou as preces; não me acceitou a resignação. Este espirito, que tentava erguer-se nas asas da philosophia do Christo para as alturas, despenhava-se de novo para o pelago medonho das recordações amargas. Ainda os homens abençoavam o Presbytero, e já a consciencia lhe bradava a todos os momentos: — condemnação para a tua alma!

Quando o céu é um deserto para a esperança, onde a acharei na terra? Que póde hoje embriagar-me, senão uma festa de sangue?

Eu já me teria assentado a esse phrenetico banquete nas guerras civís, se ainda não vivesse em mim o sentimento moral, ultimo que se desvanece naquelle, que por largos annos viveu vida pura de crimes. Mas sem crime se póde assentar a elle um desgraçado como eu, ao chamar por nós todos, no meio de um grande perigo, a terra de que somos filhos.

Theodemiro, breve virá talvez o dia em que vejas que o braço do gardingo não enfraqueceu debaixo das roupas do presbytero; em que elle te prove que a mortiça côr de uma negra armadura póde ser tão bella ao sol das batalhas como as couraças e elmos resplandecentes de nobres guerreiros; que o frankisk grosseiro de um obscurô soldado póde contribuir para a victoria como a pericia militar de capitão famoso. Oxalá que entretanto seja verdade o que dizes! — Oxalá que eu me enganasse, e que a traição não tenha tornado inuteis a intelligencia e o braço do homem para salvar as Hespanhas!

IX.

JUNCTO AO CHRYSSUS.

> Congregados todos os godos, oppôs-se á entrada dos arabes, e valorosamente foi ao encontro da invasão.
>
> RODRIGO DE TOLEDO: *Das Cousas d'Hesp. L.* 3.º

Poucos dias haviam passado depois que o duque de Corduba recebêra a ultima carta do infeliz Eurico. Á frente das suas tiuphadias elle se encaminhára para Hispalis, seguindo as margens do Betis. Ao chegar á antiga Romula, o bispo Oppas recebeu-o com demonstrações de alegria taes, que as suspeitas de Theodemiro, suscitadas máu grado seu pelas revelações do Presbytero, quasi se desvaneceram. Na linguagem do sacerdote parecia reverberar-se uma indignação profunda contra o conde de Septum, e contra os demais godos que tentavam, unidos com os barbaros, assolar a terra natal. O metropolita, segundo os costumes daquella epocha, tinha deposto o baculo de pastor para cingir a espada do guerreiro, e aos paços episcopaes de Hispalis viam-se chegar todos os dias os parentes de Oppas, e por isso de Witiza, cujo irmão este era. Os nobres que tinham seguido o bando dos mancebos Sisebuto e Ebbas, e que pela maior parte viviam longe da côrte, ajunctavam os seus servos e clientes á hoste do bispo guerreiro, que promettia acompanhar o rei godo com um esquadrão mais lustroso que os de seus sobrinhos, a quem Ruderico dera de feito o mando supremo de uma das alas de exercito, que congregára em Toletum.

Em Hispalis, como por todos os angulos da Hespanha, os martellos dos fundidores e armeiros retumbavam nas bi-

gornas com ruido incessante: açacalavam-se as armas, puliam-se e provavam-se as armaduras; e os corceis rapidos e robustos da Betica e da Lusitania, impacientes nas tendas alevantadas em roda dos muros da cidade, mordiam os freios brilhantes, e pareciam adivinhar que estava proximo um dia de combate. Os servos e os libertos, em competencia com os homens livres e nobres, corriam a rodear os pendões da independencia da patria, e o sangue generoso dos godos como que se despertava mais ardente e cheio de vigor ao grito da guerra sancta, depois de uma somnolencia de seculos, em que a sua antiga ousadia só dera signaes de vida nas luctas sem gloria das dissensões intestinas.

E toda esta energia, todo este recordar-se da rica herança d'esforço legado pelos conquistadores septemtrionaes a seus netos da Iberia, dir-se-hia que eram suscitados pela providencia para salvar a monarchia gothica, porque de tudo isso ella carecia para resistir aos invasores. Desde que o exercito destes, semelhante a serpe monstruosa, tinha cingido estreitamente a montanha do Calpe, não se passára um unico dia em que não se fortalecesse e engrossasse. As encostas do Abyla e os despenhadeiros do Atlas, os valles da Mauritania e os areaes de Sahara e de Barca de contínuo arrojam para a Europa, através do Estreito, os seus filhos tostados ao sol fervente d'Africa. Sem pericia militar, estes barbaros são todavia temerosos nas pelejas, porque os capitães experimentados da Arabia os dirigem e movem como lhes apraz, e porque, sectarios de uma religião nova, credulos martyres do inferno, buscam os embusteiros e torpes deleites que além da morte lhes prometteu o propheta de Yatrib, arremessando-se com um valor que se creria de desesperados diante do ferro dos seus contrarios, contentando-se de acabar, com tanto que sobre seus cadaveres se hasteie victorioso o estandarte do Islam.

A esta gente bruta e indomavel, cujo esforço vem das crenças da outra vida, se ajunctam os esquadrões dos cavalleiros sarracenos, que vagueiam pelas solidões da Arabia, pelas planicies do Egypto, e pelos valles da Syria, e que montados nas suas eguas ligeiras podem rir-se do pesado frankisk dos godos, acommettendo e fugindo para acommetterem de novo, rapidos como o pensamento, volteando ao

redor dos seus inimigos, falsando-lhes as armas pelas juncturas das peças, cerceando-lhes os membros desguarnecidos quasi sem serem vistos, e apesar da sua incrivel destreza, pelejando, quando cumpre, frente a frente, descarregando tremendos golpes de espada, topando em cheio com a lança no riste como os guerreiros da Europa, e assás robustos para muitas vezes os fazerem voar da sella nestes recontros violentos: homens, emfim, que sem orgulho se podem crer os primeiros do mundo n'um campo de batalha, pelo valor, e pela sciencia da guerra. É esta cavallaria irresistivel que constitue o nervo da hoste dos mosselemanos, e em que funda todas as suas esperanças o impetuoso Tarik.

Pouco depois da chegada de Theodemiro a Hispalis, um dia ao romper do sol viu-se ao longe para a banda das serranias ao norte do Betis resplandecerem as cumeadas das montanhas, como se um grande incendio devorasse as brenhas e os carvalhaes antigos, que povoavam as quebradas das serras. Era a hoste do rei dos godos, que, saíndo de Oretum, se encaminhava por Ilipa e Italica, seguindo a margem direita do rio, para a antiga capital da Betica. D'aqui, engrossando com as tiuphadias de Theodemiro, e com os que seguiam o pendão de Oppas, o exercito de Ruderico devia marchar para acommetter os arabes, e entregar á sorte das batalhas os futuros destinos da Hespanha.

Era já tempo. A torrente dos inimigos descêra emfim do Calpe, ou Geb-al-Tarik, cujo nome de muitos seculos o capitão arabe tinha apagado, para escrever no collar servil de muralhas, que lhe lançára, o proprio nome. O estandarte do propheta de Mekka já fluctuava nos campos da Betica, e a sua passagem era assignalada com ruinas, sangue e incendios. Por onde quer que os mosselemanos tinham atravessado, ficavam assentados o silencio do sepulchro, e a assolação do anniquilamento. Tarik era o anjo exterminador mandado por Deus ás Hespanhas, e a sua espada o raio despedido do céu para fulminar o imperio dos godos.

Saíndo do seu ninho d'aguia, construido no promontorio do Estreito, os invasores internavam-se no coração da provincia. Depois de haverem transposto as montanhas que se alteam desde as ribas septemtrionaes do Belon até Lastigi, onde as serranias se enlaçam com as alturas de Nescania,

tinham-se assenhoreado sem resistencia da cidade episcopal d'Asido, e descendo d'alli para os valles que serpeam de Gades a Segoncia, haviam assentado as tendas do Islam nas margens do Chryssus. Tarik esperava lá o recontro dos godos. Desde que patíra do Calpe, todos os dias, quasi todas as horas, se viam chegar á hoste dos mosselemanos christãos vindos do lado d'Hispalis, conduzidos pelos caudilhos dos almogaures ou corredores africanos. Apenas estes homens desconhecidos eram levados ante o capitão arabe, elle enviava um dos seus cavalleiros ao logar onde tremulava o pendão de Juliano, e o conde de Septum não tardava a vir ajunctar-se com Tarik. Por vezes, á sombra de carvalho frondoso, no meio dos bosques cerrados das montanhas, ou debaixo do pavilhão alevantado á hora da sésta em campina abrazada do sol, demoravam-se os dous por largo espaço a sós com esses homens, em cujo aspecto era facil ler estampada a traição e a vileza. Depois, os desconhecidos partiam, sem que ninguem ousasse atalhar-lhes os passos; e quando Juliano voltava para a pequena ala dos soldados da provincia transfretana, via-se-lhe o rosto, não radiante do contentamento que ressumbra de um coração puro quando folga, mas como sulcado por um raio da alegria feroz do criminoso, que vê chegar o momento do crime ha muito meditado e previsto.

Havia dous dias que nenhum incognito atravessava o Chryssus para falar a sós com Juliano e Tarik. Estes passavam horas inteiras vagueando nas alturas vizinhas do acampamento pelo lado do meio-dia e do oriente. D'alli olhavam para a montanha em cujo cimo campeava a antiga povoação d'Asta, e depois de a examinarem por largo espaço, voltavam ao campo, ou corriam as atalaias, que se multiplicavam continuamente. Depois tudo recahia no silencio e na escuridão; porque as almenaras, ou fogueiras nocturnas, que eram d'uso entre os arabes, haviam inteiramente cessado desde a primeira noite em que estes assentaram as tendas perto da beira do rio.

Ia em meio a terceira noite após aquella em que os crentes do Islam tinham parado nas faldas septemtrionaes das cordilheiras de Asido. Eram profundas as trevas que se dilatavam pela face da terra, mas os raios scintillantes

das estrellas rareavam o manto negro da atmosphera. Esta luz incerta reverberava tremula e fugitiva nas pontas das lanças dos atalaias, que, apinhados na corôa dos outeirinhos, ou embrenhados entre as sebes dos vallados, observavam os picos agudos, que, ao longe para o norte, negrejavam como recortados nas profundezas do céu. O Chryssus murmurava lá em baixo, e a esteira da corrente faiscava tambem com o reverberar da luz dos astros, em quanto o vento, passando pelas ramas de algumas arvores solitarias, respondia ao seu murmurar com o gemer da folhagem movediça.

Subitamente, no meio deste silencio, alguns esculcas e vigias, lançados além do rio na margem direita, creram perceber um ruído longinquo, que menos exercitados ouvidos não saberiam distinguir de remoto e quasi imperceptivel despenhar de torrente. Então elles se debruçaram no chão, e unindo a face á terra escutaram por alguns momentos. Depois, erguendo-se a um tempo, ouviu-se entre elles uma voz sumida, que dizia: — Os romanos! — e a turba repetiu: — Os romanos!

E unindo-se n'uma fileira, encurvaram os arcos, e ficaram immoveis.

Pouco a pouco aquelle ruído, mal sentido a principio, cresceu e tornou-se mais distincto. Brevemente, facil foi de perceber o tropear de milhares de cavallos, e o bater compassado dos pés de milhares d'homens. Os esculcas arabes conservavam-se unidos e em silencio.

De repente o grito de: — Allah! — retumbou d'além do Chryssus: seguiu-se um estridor de poucas frechas; e n'um instante os atalaias do campo viram alvejar fitas d'escuma, que se estendiam através do rio para a margem esquerda. Eram os esculcas que o cruzavam a nado, tendo empregado na dianteira dos godos os seus primeiros tiros.

Uma nuvem de settas respondeu ao sibillar das dos esculcas arabes: algumas das fitas de escuma ondearam, deriváram pela corrente, e desvaneceram-se no dorso negro e scintillante das aguas. O Chryssus recolhia os primeiros despojos de um terrivel combate.

Na principal atalaia dos mosselemanos soou então uma trombeta; centares dellas responderam por todos os angulos do campo a este convocar para a morte. Os esquadrões

uniam-se com a rapidez do relampago, e abandonando o recincto das tendas, arrojam-se para a margem do rio.

Os godos, porém, tinham a vantagem de caminharem ordenados, e por isso haviam topado com a corrente antes que os seus contrarios começassem a atravessar a planicie fronteira. As frechas cahiam sobre os arabes, que se approximavam, como saraiva espessa: largas e solidas jangadas, trazidas em carros puxados pelas mulas possantes da Lusitania, baqueavam sobre a agua, e desdobrando-se com engenhosa arte, cresciam até entestar com a margem apposta. Então os melhores cavalleiros godos, curvando-se para diante, com o frankisk erguido, corriam para as pontes vergadas debaixo do pêso dos cavallos e dos homens cubertos de armaduras, e vinham bater em cheio nos corredores arabes, que no meio das trevas não podiam esquivar-se aos golpes do ferro inimigo. Já, nas bôcas d'algumas dessas estradas movediças, os cadaveres amontoados começavam a embargar os passos dos vivos; mas por outras, onde os arabes ainda mal ordenados e menos numerosos não tinham podido resistir ao impeto dos godos, golfavam torrentes de guerreiros, que, marchando unidos para uma e outra parte, acommettiam de lado os arabes, os quaes, feridos pela frente e pelas costas, vacillavam e retrocediam. Debalde a voz retumbante de Tarik sobrelevava por cima dos gritos de furor e de agonia dos mosselemanos e christãos. O numero dez vezes maior dos godos tornava impossivel a resistencia, e a passagem do exercito de Ruderico para a margem esquerda do Chryssus só Deus a poderia impedir.

Era quasi manhan quando o capitão arabe se desenganou da inutilidade de se oppôr por mais tempo á passagem dos inimigos. As tiuphadias godas achavam-se pela maior parte na campina onde se deviam resolver os destinos da Hespanha, e bem que a este tempo todo o exercito do Islam estivesse já em ordem de pelejar, a noite dava grande vantagem aos godos, cuja cavallaria, cuberta de armas defensivas mais solidas que as dos arabes, resistia facilmente aos cavalleiros do deserto, para quem a maior ligeireza e o mais déstro modo de acommetter eram baldados no meio das trevas. A um signal das trombetas os esquadrões mosselemanos começaram a recuar, e alongando-se pela frente do acampamento espe-

raram o romper do dia, emquanto o exercito godo acabava de transpôr o rio, e vibrava milhares de frechas perdidas para o lado onde os capilhares alvissimos dos arabes branquejavam á luz duvidosa do céu recamado d'estrellas.

Quando o sol, rompendo detrás dos outeiros de Segoncia, veiu com o seu clarão avermelhado innundar as veigas do Chryssus, o espectaculo que ellas offereciam era variado e sublime. De um lado as tendas dos arabes, derramadas pelas raizes dos montes e pelos cimos dos outeiros, podiam comparar-se ao acampamento das tribus do deserto, que, emprazadas á voz do propheta, se houvessem ajunctado n'um ponto unico das solidões onde vagueam. Diante desta cidade immensa e movediça os esquadrões dos mosselemanos, divididos por familias e raças, estavam firmes e cerrados em frente de seus pendões, que os alféreces, montados em ginetes possantes, sustinham erguidos na rectaguarda de cada tribu. Os raios matutinos faziam alvejar os turbantes, e scintillavam nos ferros das lanças que os cavalleiros tinham em punho; e os leves escudos orbiculares, que os compridos saios de malha pareciam tornar inuteis, embraçados já para o combate, brilhavam com as suas côres vivas e variadas á claridade serena do romper do dia.

Os esquadrões arabes eram a flôr do exercito de Tarik; mas a catadura selvagem dos africanos seus alliados, neophytos do Islamismo, produzia porventura mais temor do que o aspecto delles. Torvos e ferozes eram o gesto e os meneios destes homens sem disciplina, cujas paixões se lhes pintavam nos rostros tostados e rugosos, nos olhos banhados de fel e orlados de sangue, e de cuja bruteza e miseria davam testemunho os mangoaes que lhes serviam d'armas, armas terriveis com que abolavam os elmos mais reforçados, e a hediondez dos seus albornozes pardos, immundos e despedaçados. Tudo, emfim, nelles contrastava com as armas brilhantes, com os ricos trajos e com os vultos magestosos dos cavalleiros do oriente, que, conservando-se em silencio e immoveis, pareciam desprezar as tribus bereberes de Zeneta, de Mazmuda, de Zanhaga, de Ketama, e de Hoara, que formavam as alas, e que, brandindo as rudes armas, com gritos medonhos se appellidavam para a batalha.

Tal era o espectaculo que offerecia o exercito dos mos-

selemanos. Defronte delle, a hoste goda apresentava os massiços profundos dos seus soldados, cobrindo como grossa muralha de metal reluzente a margem esquerda do rio. Rodeado dos mais illustres guerreiros, Ruderico estava no centro das tiuphadias formadas pelos espadaúdos soldados da Lusitania septemtrional e da Gallecia, em cujas feições se divisava ainda que descendiam dos indomaveis suevos. Unidos com elles sob os pendões reaes estavam os guerreiros veteranos da Narbonense, habituados a cruzar diariamente as espadas com os orgulhosos frankos, que estanceavam pelas Gallias além das fronteiras do imperio. A ala direita, dividida em dous esquadrões capitaneados pelos dous filhos de Witiza, Sisebuto e Ebbas, continha a flôr dos cavalleiros da provincia Carthaginense. Com estes estava o corpo, que o metropolitano de Hispalis ajunctára, composto em grande parte de nobres que haviam deposto a espada desde que Ruderico subíra ao throno, e que a cingiam de novo nesta guerra de independencia. A ala esquerda, mais pequena que as outras duas, não parecia por isso menos de temer para os arabes. O duque de Corduba, Theodemiro, era o capitão dessa ala, em que estavam todos os veteranos que o tinham ajudado a repellir as primeiras tentativas dos mohametanos, e que já conheciam por experiencia o modo de pelejar delles. Estes velhos soldados deviam levar ao combate os mancebos que á voz de Theodemiro tinham corrido ás armas de todos os lados da Betica, e em cujos corações o affamado guerreiro soubera despertar o sentimento da gloria e do amor da patria. Com elle militavam, emfim, as reliquias dos soldados tingitanos, que não tinham querido associar-se á traição do conde de Septum.

Como os arabes, os godos tinham no meio de si uma nuvem de peões armados, não menos barbaros e ferozes que os filhos da Mauritania. Os montanheses do Herminio na Lusitania, aborigenes talvez daquelle paiz, os quaes a custo haviam submettido o collo ao jugo dos conquistadores estranhos, e os vasconios, habitadores selvagens das cordilheiras dos Pyrenéus, constituiam com os servos um grosso de gente, a que hoje chamariamos a infantaria do excercito. As suas armas offensivas eram a cateia teutonica, especie de dardo, a funda, a clava ferrada, e o arco e a setta. Requeimados

pelo sol ardente do estio, ou pelo vento gelado dos invernos rigorosos das serranias, incapazes de conhecerem a vantagem da ordem e da disciplina, estes homens rudes combatiam meios nús, e despresavam todas as precauções da guerra. O seu grito de acommetter era um rugido de tigre. Vencidos, nunca se lhes ouvia pedir compaixão; porque, vencedores, não havia esperar delles misericordia. Taes eram os soldados que a Hespanha oppunha á mourisma que circumdava os arabes.

Por algum tempo os dous exercitos conservaram-se em distancia um do outro, como dous antigos gladiadores observando-se mutuamente antes de começarem uma lucta, que para algum delles tinha de ser forçosamente a ultima. A consciencia da terribilidade do drama que ía representar-se penetrou por fim até nos corações dos barbaros de um e d'outro campo: as vozerias, que sussurravam ao longe, pouco a pouco foram esmorecendó, até cahirem n'um silencio tremendo, só cortado pelo respirar comprimido de tantos homens, ou pelo relinchar dos cavallos que impacientes escarvavam a terra.

X.

TRAIÇÃO.

> A transgressão dos juramentos tem crescido despeadamente, e o costume de trahir os nossos principes cada vez é mais frequente.
>
> *Concilio Toledano XVI c.* 10.

O sol ía já em alto quando o grito d'*Allah-hu-Acbar!* soou no centro dos esquadrões do Islam: era a voz sonora e retumbante de Tarik. Repetido por milhares de bocas, este grito restrugiu e echoou, como o estourar de uma trovoada distante, pelos pendores das serras, e murmurou e perdeu-se pelos desfiladeiros e valles. A cavallaria arabe, enristando as lanças, arremessou-se pela planicie, e desappareceu n'um turbilhão de pó.

«Christo, e avante!» — bradaram os godos, e os esquadrões de Ruderico precipitaram-se ao encontro dos mosselemanos. São como dous bulcões ennovelados, que, em vez de correrem pela atmosphera nas azas da procella, rolam na terra, que parece tremer e vergar debaixo do pêso daquella tempestade d'homens. O ruído abafado e distincto do mover dos dous exercitos vae-se gradualmente confundindo n'um som unico, ao passo que o chão intermedio se embebe debaixo dos pés dos cavallos. Essa distancia entre as duas muralhas de ferro estreita-se, estreita-se! É apenas uma fita tortuosa lançada entre as duas nuvens de pó. Desappareceu!

Como o estourar do rolo de mar encapellado tombando de subito sobre os alcantis d'extensas ribas, as lanças cruzadas ferem quasi a um tempo nos escudos, nos arnezes, nos capacetes. Um longo gemido, assonancia horrenda de mil gemidos, sobreleva ao som cavo que tiram as armaduras batendo na terra. Baralham-se as extensas fileiras: cruzam-nas espantados os ginetes sem donos, nitrindo de terror e de colera, com as crinas erriçadas e respirando um alento fumegante. Não se distingue naquelle oceano agitado mais que o afuzilar tremulo das espadas, o relampaguear rapido dos frankisks, o scintillar passageiro dos elmos de bronze; não se ouve senão o tinir do ferro no ferro, e um concerto diabolico de blasphemias, de pragas, d'injurias em romano e em arabe, intelligiveis para aquelles a quem são dirigidas, não pelos sons articulados, mas pelos gestos de odio e desesperação dos que as proferem. De vez em quando um brado retumba por cima do estrupido: são os capitães que buscam ordenar as batalhas. Debalde! As fileiras tem rareado: o combate converteu-se n'um duelo immenso, ou antes em milhares de duelos. Cada cavalleiro arabe travou-se com um cavalleiro godo, e os dous contendores esquecem-se de tudo quanto os rodeia: são dous inimigos, cujo odio encaneceu n'um momento, e n'um momento esse rancor é intenso quanto o fôra se por largos dias se accumulára sem poder resfolgar. Firmes, os guerreiros christãos vibram a pesada acha d'armas, que tomaram dos frankos, ou meneam a espada curta e larga dos antigos romanos; porque as lanças voaram em rachas, tanto das mãos dos godos como das dos arabes. Estes, curvados sobre os collos dos cavallos, e cubertos com os leves escudos, volteam em roda dos adversarios, e quasi ao mesmo tempo os acommettem por um e por outro lado, tão rapido é o seu perpassar. Nesta lucta da força e da destreza, ora o duro neto dos wisigodos, deslumbrado pelo incessante dos golpes, esvaído pelas muitas feridas, soffocado pelo pêso da armadura, vacilla e cáe como o pinheiro gigante, ora o ligeiro agareno vê coriscar em alto o frankisk e logo o sente, se ainda sente, embargar-lhe o ultimo grito na garganta, até onde rompeu, partindo-lhe o craneo e sulcando-lhe o rosto. Assim os centros dos dous exercitos semelham o tigre e o leão no circo, abraçados, despeda-

;ando-se, estorcendo-se ennovelados, sem que seja possivel prever o desfecho da lucta, mas tão sómente, que, ao adejar a victoria sobre um dos campos, terá descido sobre o outro o silencio e o repouso do anniquilamento.

Os soldados que seguiam a bandeira de Theodemiro tinham-se abalado para o combate apenas viram partir os esquadrões de Ruderico. A ala direita dos mohametanos era capitaneada pelo amir da cavallaria africana, Mugueiz, a quem a sua origem christan fizera dar o nome de Al-Rumi. O amir era o mais valente e experimentado dos capitães de Tarik, e por isso este fiára do renegado o mando daquella ala, na qual tambem esvoaçava o pendão de Juliano, que, se não abandonára, como Al-Rumi, a crença do Calvario, tinha comtudo amaldiçoado tambem a sancta religião da patria. Estes dous guerreiros, ferozes ambos, um por indole e habito, outro por vingança e ambição, amavam-se mutuamente, porque os fizera irmãos uma palavra escripta em suas consciencias, a maxima affronta humana, o nome de renegados.

O recontro dessa ala foi semelhante em tudo ao do grosso das duas hostes, salvo que ahi o frankisk encontrava no ar o frankisk, a injuria de godos respondia á injuria proferida por bocas de godos, e as imprecações do odio trocavam-se com maior violencia ainda. Theodemiro combatia á frente das suas tiuphadias, onde mais acceso ía ser o travar da batalha, sem todavia esquecer o officio de capitão. Era isto; era o exemplo, que tornava invenciveis os seus soldados. Guiando os cavalleiros tingitanos, Juliano tambem rompêra primeiro adiante dos arabes. Os dous antigos companheiros de combates haviam topado em cheio, e as lanças voaram-lhes das mãos em rachas. Os cavalleiros passaram um pelo outro como relampagos, para logo tornarem a voltar arrancando das espadas.

«Circumcidado!» — bradou Theodemiro, ao perpassar por Juliano na rapidez da carreira.

«Escravo!» — replicou o conde de Septum, rangendo os dentes.

A injuria vibrada pelo duque de Corduba penetrára mui fundo. Semelhante a Judas, o conde da Tingitania trahíra a patria pela cubiça, e defendendo o estandarte do propheta

de Medina, fazia triumphar o koran. Duas vezes a sua alma era a d'um circumciso.

Os dous cavalleiros godos acommetteram-se com toda a furia de rancor entranhavel: as espadas encontrando-se no ar faiscaram como o ferro abrazado na incude; mas a de Theodemiro fôra vibrada por braço mais robusto, e posto que o golpe descesse amortecido, ainda entrou profundamente no escudo que o seu adversario levava erguido sobre a cabeça. Entretanto Juliano, revolvendo ligeiro a espada, rompeu a couraça do duque de Corduba, e feriu-o levemente no lado.

«Vencedor dos vasconios, — gritou rindo diabolicamente o conde de Septum — olha por ti! Nas margens do Chryssus não ha taças de vinho, como aquellas com que te embriagavas nos paços de tu senhor. Aqui o que corre é sangue!»

Theodemiro tinha já desencravado a espada do escudo de Juliano, em que ficára embebida. Rapidamente ella descêra de novo guiada pela raiva de que abafava o guerreiro. O golpe quebrou o escudo já falsado, e bateu no elmo brilhante do conde, com tal furia, que este perdeu a luz dos olhos, e curvando-se para diante se abraçou ao collo do cavallo, quasi sem sentidos. Outra vez que o duque de Corduba vibrasse o ferro, Juliano estava perdido: o caminho da morte lá lhe ficára indicado no elmo.

«Que olhas para o chão, traidor? — disse Theodemiro com voz tremula de colera e d'escarneo, e segundando o golpe. — É a terra da patria, que vendeste aos infieis como tu!»

O ferro, porém, não pôde chegar á cimeira do capacete do conde. Outro ferro, seguro por mão robusta, se metteu de permeio. Era a espada de Mugueiz, o qual, passando, víra o perigo imminente do seu amigo, e corrêra para o salvar.

Então Theodemiro voltou-se contra o renegado, e um violento combate se travou entre ambos. Mugueiz não era menos déstro que o principe da Betica. Mais membrudo e robusto que elle, e, além disso, ainda não ferido, a vantagem era toda sua; mas o esforço de Theodemiro suppria essa inferioridade.

Entretanto Juliano recobrára o alento: a vergonha, o

despeito, a sede de vingança estorcism-lhe o coração. O nobre ginete em que cavalgava, sentindo seu senhor semi-morto, tinha corrido espantado até onde a multidão de christãos e arabes, travados em peleja sanguinolenta, lh'o consentia. O conde, cravando-lhe os acicates, com a espada erguida na mão, arremessou-o para o logar onde o duque de Çorduba pelejava com Mugueiz. Era um feito covarde; mas que importava a Juliano a deshonra? Assignalado com o ferrete indelevel de traidor, havia-se habituado a viver para um sentimento unico — a vingança. E a vingança era quem o impellia.

Neste momento, por uma das pontes já desertas, lançadas na noite antecedente sobre o Chryssus, soava um correr de cavallo á rédea solta. Alguns soldados, que andavam mais perto da margem, volveram para lá os olhos. Um cavalleiro d'estranho aspecto era o que assim corria. Vinha todo cuberto de negro: negro o elmo, a couraça, e o saio; o proprio ginete murzello. Lança não a trazia. Pendia-lhe da direita da sella uma grossa maça ferrada de muitas púas, especie de clava conhecida pela nome de borda, e da esquerda a arma predilecta dos godos, a bipenne dos frankos, o destruidor frankisk. Subiu rapido a encosta, d'onde Ruderico attendia aos successos da batalha. Parou um momento, e olhando para um e outro lado, endireitou a carreira para o logar em que fluctuavam os pendões das tiuphadias da Betica. Como um rochedo pendurado sobre as ribanceiras do mar, que, estalando, rola pelos despenhadeiros, e abrindo um abysmo se atufa nas aguas, assim o cavalleiro desconhecido, rompendo por entre os godos, precipitou-se para onde mais cerrado em redor de Theodemiro e Mugueiz fervia o pelejar.

Juliano tinha-se approximado no emtanto do esforçado duque de Corduba, que, ferido, e obrigado a combater com o déstro e feroz renegado, a custo se poderia defender dos golpes do conde, golpes que o odio e a colera dirigiam. Alguns cavalleiros da Betica voaram a soccorrer Theodemiro; mas os arabes com que andavam travados tinham-nos séguido de perto, e rodeando Mugueiz haviam tornado inutil o soccorro dos cavalleiros christãos. O apertado revolver das armas formava uma selva de ferros em volta dos dous capitães inimigos, através da qual debalde o conde de Septum

buscára muitas vezes abrir caminho para ferir Theodemiro, até que finalmente, galgando por cima de um arabe derribado, podéra vibrar um golpe. O elmo do nobre godo restrugíra, e o guerreiro vacillára. A ultima pagina da sua vida parecia estar escripta no livro dos destinos. Os dous adversarios do duque de Corduba íam tingir de negro as que ainda lhe restavam em branco.

Mas o cavalleiro desconhecido havia passado através da hoste goda, e chegára á dianteira dos arabes. Com a maça jogada ás mãos ambas abolava e rompia as armas mais bem temperadas, e as púas, entrando pelas carnes dos que se lhe punham diante, íam esmigalhar-lhes os ossos. Por onde elle atravessava nem as fileiras se uniam, nem os godos achavam adversarios. Como a charrúa, tirada com violencia em chão batido de planicie, deixa após si grossas glebas revolvidas, assim aquella arma irresistivel deixava ao passar uma larga cauda de cadaveres, e de moribundos debatendo-se em terra. Os godos espantados perguntavam uns aos outros quem seria aquelle temeroso guerreiro, mas entre elles ninguem havia que podesse dizê-lo. Se combatesse pelos mosselemanos crê-lo-hiam o demonio da assolação; mas pelejando pela cruz, dir-se-hia que era o archanjo das batalhas mandado por Deus para salvar Theodemiro, e com elle os esquadrões da Betica.

No instante em que o cavalleiro negro chegou ao logar onde já o duque de Corduba só procurava amparar-se contra Mugueiz e Juliano, este, cego de furor, descia com segundo golpe: a espada, porém, voou-lhe das mãos em pedaços batendo na maça do cavalleiro negro, que, deixando depois cahir a pesada borda ao longo da ephippia, ergueu o frankisk, e descarregando-o sobre o hombro do renegado lhe fez uma ferida profunda. A dôr arrancou um brado a Mugueiz, a cujo som o seu ginete amestrado o arrebatou para o meio dos arabes, e Juliano, vendo-se desarmado, fugiu após elle. Então o desconhecido disse a Theodemiro algumas palavras sumidas, e sem esperar resposta, internou-se outra vez no meio dos esquadrões agarenos.

Desde este momento a ala direita dos mosselemanos começou de affrouxar, porque Mugueiz mal-ferido se retrahíra para o acampamento. Alguns cheiks illustres jaziam

moribundos ou mortos ás mãos do cavalleiro negro, que parecia escolher as suas victimas entre os mais nobres guerreiros do Islam. Animados por elle, os godos, cobrando novos brios, procuravam imitá-lo, e arremessavam-se destemidos através da hoste inimiga, que debalde procurava resistir á torrente. Os signaes da victoria dos godos eram já dolorosamente certos para os mosselemanos.

Ruderico viu isto, e exultou. O sol inclinava-se para o occaso, e o centro do exercito arabe, onde se achava Tarik, estava firme; mas os clamores de triumpho, que já soavam na ala esquerda dos christãos, começavam a espalhar a incerteza entre os soldados do propheta. Foi então que o rei dos godos ordenou á sua ala direita descesse contra os bereberes, e dispersando-os acommettesse os esquadrões de Tarik, que pareciam haver lançado raizes no solo ensanguentado do campo de batalha.

Um quingentario partiu á rédea solta para levar a ordem fatal aos filhos de Witiza. Á frente dos seus soldados os dous irmãos falavam a sós com Oppas, e contemplavam o combate. Apenas ouviram o que se lhes ordenava, Sisebuto e Ebbas, voltando-se para os esquadrões que lhes obedeciam, clamaram: — Vingança! — Este brado foi repetido por Oppas e pelos nobres que o seguiam. Então, no meio daquella espessa selva de lanças repercutiu um grito que respondia ao dos capitães: — Gloria ao rei Sisebuto! Morte ao traidor Ruderico!

E os filhos de Witiza, e o hypocrita bispo d'Hispalis, com as lanças aprumadas e as espadas na bainha, lançaram-se pelo valle abaixo, e a mór parte dos esquadrões seguiram-nos. Apenas Pelagio, duque de Cantabria, ficou immovel á frente dos selvagens vasconios, e d'algumas tiuphadias da Gallecia e da Narbonense, que, alheias á traição daquelles malaventurados, recusaram segui-los.

Ruderico viu ennovelarem-se nos ares os rolos de pó, que se alevantavam sob os pés dos ginetes: Valentes mancebos — exclamou — hoje a Hespanha vae ser salva por vós! Vêde — accrescentava sorrindo, e falando com os guerreiros que o cercavam, muitos dos quaes haviam condemnado a sua arriscada confiança na generosidade dos filhos de Witiza: — vêde como elles voam contra os afri-

canos! Quando um grande risco ameaça a patria não ha odios entre os godos; todos elles são irmãos, porque todos elles são filhos desta nobre terra d'Hespanha.

E o quingentario, que voltava, gritou de longe: — Somos trahidos!

Ruderico empallideceu. A certeza da victoria tinha-se desvanecido.

XI.

DIES IRAE.

> **Por quantas desventuras a patria dos Godos tem sido abalada: quão repetidos a pungem os golpes dos fugitivos e a nefanda suberba dos transfugas, quasi ninguem ignora.**
>
> *Codigo wisigothico II — 1 — 7.*

A passagem de tão avultado numero de godos para os inimigos, e o crepusculo que descia obrigaram Ruderico a fazer cessar o combate, em quanto a noite pousava tranquilla sobre aquella campina povoada de afflicções e dôres. A aurora rompeu meiga e serena, como nos dias em que vinha trazer as alvoradas alegres ás malhadas dos pastores, que colmadas amarelejavam outr'ora pelas margens relvosas do Chryssus, em vez das tendas de guerra que então alvejavam com os primeiros resplendores da madrugada. O homem debatia-se ahi nas vascas da morte, e o sol passava involto na sua gloria sem curar das angustias daquelles, que em seu ridiculo orgulho se chamavam monarchas e conquistadores do mundo; sem lh'importar se os vermes vestidos de ferro, chamados guerreiros, se despedaçavam uns aos outros com o delirio insensato das viboras no momento dos seus amorosos ardores.

Pelas trevas um ruído sumido mas incessante de passadas d'homens e de tropear de cavallos soára horas inteiras em um e em outro campo. Era que em ambos elles surgíra uma idéa unica. O rei godo havia resolvido formar um corpo só das reliquias da sua hoste, e com elle acommetter

a principal batalha dos inimigos, para a destruir rapidamente antes que as alas podessem soccorrê-la. O mesmo pensamento tivera Tarik. Semelhante á trovoada do estio, que se amontôa durante a noite em dous polos encontrados, e ao alvorecer semeia de coriscos as solidões do céu, e povôa d'estampidos discordes os echos da terra, assim cada um dos campos se agglomerava em uma pinha gigante; convertia-se n'um homem só, para em duello de morte resolver com o seu contendor se os filhos das Hespanhas deviam acceitar a lei do koran, ou continuar a abrigar-se á sombra da divina cruz.

Tarik lançára na frente da hoste mussulmana os transfugas do inimigo. Sisebuto, Ebbas, o bispo d'Hispalis e o conde de Septum com os seus numerosos guerreiros constituiam a vanguarda. Seguia-se a cavallaria arabe: os bereberes cingiam este massiço de homens e ginetes em parte cubertos de ferro; e os indisciplinados cavalleiros da Mauritania, dispersos como almogaures, deviam vagar soltos para fazer entradas nas alas inimigas, e impedir assim que ellas podessem a tempo soccorrer o centro do exercito, que o general arabe esperava desbaratar no primeiro impeto.

Ruderico pela sua parte tinha posto na vanguarda as tiuphadias victoriosas de Theodemiro, os cavalleiros da Cantabria guiados pelo moço Pelagio, filho de Favila, que succedêra a seu pae no governo daquella provincia, e finalmente os guerreiros escolhidos da Lusitania e da Gallecia, que elle proprio capitaneava. Como Tarik, o rei godo collocára de um e de outro lado da hoste apinhada os frecheiros e fundibularios selvagens do Hermino, e os montanhezes vasconios, antiga raça de celtas, irmãos em linhagem, em valor, em crueza, em armas e em costumes. Na retaguarda estavam os soldados da provincia Carthaginense, que não tinham seguido o exemplo dos transfugas por andarem derramados em outros logares, ou talvez porque, não corrompidos, guardavam ainda no coração vestigios d'amor da patria.

Ao amanhecer cada um dos capitães inimigos viu com assombro que a mesma traça de guerra, de que pretendêra valer-se para obter a victoria, occorrêra á mente do seu adversario. Era, porém, tarde para alterar a ordem da batalha. Ao mesmo tempo as trombetas godas e os anafis arabes

deram o signal do combate, e o grito de — Christo e ávante! — confundiu-se em estampido medonho com o brado de — *Allah-hu-Acbar* — o brado de guerra dos pelejadores sarracenos.

O chão pareceu affundir-se com o encontro daquellas duas mós enormes de homens armados, e o echo dos botes das lanças nos escudos convexos, e nas armas sonoras dos cavalleiros repercutiu nas encostas fronteiras, e desvaneceu-se ao longe murmurando entre as quebradas. Desde o primeiro embate não mais fôra possivel distinguir os exercitos, travados como luctadores furiosos. Eram um vulto só, indelineavel, monstruoso, immenso, cujo topo ondeava, semelhante ao de cannaveal movido pelo vento, cujos contornos indecisos se agitavam, torciam, alargavam, diminuiam, oscillavam como tapete de nenuphars sobre marnel revolto pelo despenhar das torrentes. Nuvens de settas sibillavam nos ares: as espadas sarracenas cruzavam-se com as espadas godas: a cateia teutonica ía zumbindo abrir fundos regos nas fileiras arabes, e os membros ossudos dos peões lusitanos e cantabros estouravam debaixo das pancadas violentas dos mangoaes da peonagem mourisca. Muitos ginetes vagueavam sem donos; muitos cavalleiros combatiam a pé. Desgraçado do que, ferido, cahia em terra; porque para elle não havia misericordia: o punhal acabava o que o frankisk ou a cimitarra começára. Dir-se-hia que os regatos de sangue serpeiando por entre as duas hostes enredadas, e salpicando as frontes e corpos, eram as veias descarnadas e rotas daquelle grande vulto, coleando na derradeira agonia.

O cavalleiro negro ao cessar a batalha do dia antecedente desapparecêra do campo, sem que ninguem soubesse dizer como ou onde se escondêra. Só Theodemiro parecia não o ignorar; porque ao falarem do desconhecido e das suas quasi incriveis façanhas os tiuphados e quingentarios, que em volta delle esperavam o romper da manhan e o recomeçar da peleja, o duque de Corduba buscára sempre mudar de conversação, ou respondêra carregando-se-lhe o semblante de tristeza: — «É porventura algum desgraçado, que procura o repouso da morte; e para o homem que resolveu morrer, que feito de valor será impossivel? Se elle não quer deixar na terra nem o echo vão de um nome glorioso, respeitae-lhe

os desejos, porque profundo deve ser o abysmo da sua desventura!»

Ao som, porém, das trombetas que annunciavam o renovar do combate, o cavalleiro negro não tardára a apparecer onde mais accesa andava a briga. Via-se, comtudo, que era principalmente nas fileiras dos arabes, onde as púas agudas e cortadoras da sua temerosa borda, ou maça d'armas, faziam maiores estragos. Mas quando algum dos godos transfugas ousava esperar-lhe os golpes, ou tentava ferí-lo, ouvia-se-lhe um rugido como o de maldicção preso na garganta por colera immensa, e o seu miseravel contrario não tardava a golfar o sangue na terra da patria que trahíra, e a entregar aos demonios a alma tisnada pela infamia da perfidia. Os arabes supersticiosos quasi criam ver nelle Eblis, o rei infernal do Gehenna, armado da espada percuciente, solto por Deus para os punir das offensas commettidas contra o divino koran. Diante delle recuavam os mais esforçados mosselemanos, e só de longe os frecheiros lhe disparavam alguns tiros, que se lhe empennavam no escudo, ou roçando por estes vinham bater-lhe na armadura, debaixo da qual manava já o sangue de algumas feridas, e os membros lassos começavam a desmentir a impetuosidade do espirito.

Como na vespera, o sol inclinava-se das alturas do céu para o occaso, e ainda a batalha estava indecisa, se é que o terror que incutia o cavalleiro negro no logar onde pelejava, não fazia pender um pouco a balança do lado dos godos. De repente um grito agudo partiu do mais espesso revolver do combate; este grito gigante, indizivel, d'intima agonia, era o brado unisono de muitos homens; era o annuncio doloroso de um successo tremendo. O cavalleiro negro, que, impellido pela ebriedade do sangue, e semelhante a rochedo que se despenha pelo pendor da montanha, ia derramando a morte através dos esquadrões do Islam, volveu os olhos para o logar onde soára o bramido retumbante da multidão. Era no centro do exercito godo. As tiuphadias vergavam em semicirculos para a banda do Chryssus, como o açude minado pela torrente, a ponto de desprender-se das margens, oscilla e se curva bojando sobre a veia inferior das aguas. A muralha de ferro, que, posta entre o Islamismo e a Europa, dizia á religião do propheta d'Yatrib — não

passarás d'aqui — vacilla como a quadrella de cidade fortificada batida muitos dias por vaivem d'inimigos. Por fim aquelles vastos massiços d'homens, ligados pelas cadeia fortissima da disciplina, do pudor militar, e do esforço, derivam rotos ante os turbilhões dos arabes, ondeam, e derramam-se na campina. Pelo boqueirão enorme aberto no centro da hoste goda precipitam-se as ondas dos cavalleiros mohametanos, e após elles a turba dos bereberes com um bramido barbaro. Debalde as alas tentam ajunctar-se, travar-se uma com outra, soldar os membros despedaçados do leão iberico. Passa por lá a impetuosa corrente dos netos d'Agar, que envolve e arrasta os que pretendem vadea-la. Deus contára os dias do imperio de Leuwighild, e o sol do ultimo delles era o que descia já para o occidente!

O cavalleiro negro víra a fuga das batalhas godas, advertido pelo clamor que a precedêra. Voltando as rédeas do seu murzello, esporeou-o para aquella parte. Levava lançado ás costas o escudo, onde os tiros dos archeiros africanos ciciavam, como a saraiva no inverno batendo nos troncos despidos do roble. Pendia-lhe da esquerda do arção a borda ensanguentada; da direita o frankisk. O ginete tresfolgava na furia da carreira, açoutando os ares com as crinas ondeantes, e atirando-se ao meio da especie de voragem aberta nas fileiras christans, a qual como que tragava uns após outros os esquadrões mussulmanos. Ao chegar á confluencia daquellas encontradas torrentes de homens armados, o guerreiro parou, e olhando em roda por um momento, ouviu-se-lhe um grande brado. Era a primeira vez que a sua voz soava no meio da batalha, e a unica palavra que lhe saíu da bocca foi o nome de Theodemiro. Esse brado devia chegar longe, reboando como o trovão. Dir-se-hia que o cavalleiro estava habituado á conversação do bramido dos mares revoltos, e do rugir das ventanias pelas fragas das serras; porque naquelle grito, conjuncto inexplicavel de colera e de dôr, havia uma semelhança, uma harmonia com o gemido immenso da natureza quando lucta comsigo mesmo no passar da tempestade.

Mas aos ouvidos de Theodemiro não podia chegar a voz do desconhecido. Arrastado pelos turbilhões de fugitivos, forcejando por obrigá-los a voltar o rosto contra os arabes,

ora com palavras de amarga reprehensão, ora com o exemplo, o duque de Corduba combatia mui longe delle. Em vão o cavalleiro negro lhe repetia o nome: era inutil este chamar, e apenas servia para attrahir os golpes dos agarenos victoriosos. As achas d'armas, as cimitarras, os dardos faziam centelhar a armadura e o escudo do desconhecido, que tomado, ao que parecia, d'um pensamento doloroso, alongava os olhos por toda a parte em busca de Theodemiro. Com um gemido de desalento, o cavalleiro saíu, emfim, da especie de torpor que o tornava immovel ante o espectaculo de tanta desventura, e o seu despertar foi tremendo. Erguendo em alto a maça d'armas, e vibrando-a furiosamente em volta de si, começou a partir espadas e a abolar armaduras. Em breve ao redor delle, no meio dos mosselemanos vencedores, o terror invadia os animos, como na vespera, como nesse mesmo dia, se espalhára por toda a parte onde haviam reluzido as púas da sua ensanguentada borda, ou o ferro do seu cortador frankisk.

Apenas á força de gôlpes o cavalleiro negro abriu no meio dos mosselemanos vencedores uma larga clareira, esporeando o ginete lançou-se para o lado em que os godos desordenados se retrahiam ante as espadas do Islam. No espaço intermedio entre os fugitivos e os arabes fluctuava sem recuar o pendão do duque de Corduba. Em volta desse pendão tremolavam as signas das tiuphadias da Betica, que, cercadas por todos os lados, resistiam ainda ao embate dos sarracenos. No meio, porém, dos que abandonavam vilmente o campo do batalha nem uma unica bandeira se hasteava; mas pelo esplendido das armas o guerreiro conheceu aquelles que não ousavam resgatar com a vida a deshonra da Hespanha. Eram os soldados escolhidos de Ruderico; era a brilhante cavallaria que elle proprio capitaneava! A indignação trasbordou da alma do guerreiro:

«Rei dos godos, rei dos godos! — exclamou elle — és covarde! Embora vás esconder a tua ignominia nos muros de Toletum. Ainda neste campo de batalha restam homens valentes: ainda Theodemiro combate, não por teu throno deshonrado, mas pela terra de nossos paes. Foge tu com os que não sabem morrer pela patria; que nas margens do

Chryssus ficam os que hão-de perecer com ella! Maldicto o godo e christão que foge para ser servo!»

E o cavalleiro apertou de novo as esporas ao possante murzello.

Não tardou, porém, que o furor se lhe convertesse em tristeza, e que as lagrymas rebentando-lhe dos olhos lhe apagassem a maldicção que haviam murmurados os labios. O seu valente cavallo galgava na carreira por cima de cadaveres e de moribundos, de christãos e de infiéis, e a terra, convertida em brejo de sangue, apenas soava debaixo dos pés do ligeiro animal. Passando por meio dos esquadrões sarracenos, podia-se dizer, que o desconhecido se assemelhava ao anjo do Senhor, quando desce por entre os mundos onde habitam os demonios, solitario e temido no imperio dos filhos das trevas que o odeiam. A fama das suas façanhas tinha-o cercado d'uma auréola de terror supersticioso, e quando passava, os guerreiros do deserto apontavam para elle, e em voz sumida diziam uns aos outros — «Ei-lo que vem! ei-lo, o cavalleiro negro!»

Mas porque parou elle, soffreando subitamente o ginete? Que ha ahi nessa extensa seára ceifada de homens de guerra, que possa attrahir os olhos do mais incansavel dos segadores? No sitio em que parou estava poucas horas antes hasteada a signa real: era o centro da hoste goda; mas dos que ahi pelejavam, uns lá vão ao longe precipitar-se no abysmo da ignominia; outros, os mais felizes, adormeceram do seu ultimo somno no regaço da patria. O guerreiro fitou os olhos no chão: a fouce da morte passando por alli cerceára a derradeira esperança do imperio de Theoderik. O espectaculo que se lhe antolhava era a explicação do terror que se apossára de tantos homens valentes. Fugiam: Ruderico, porém, estava ahi! mas retalhado de golpes; mas sem vida! Já não seria debaixo de seus pés que o throno da Hespanha se desfizesse aos golpes do machado dos arabes. Um sceptro sem dono em Toletum, e mais um cadaver juncto ás margens do Chryssus era o que restava do ultimo rei dos godos! Com a sua morte fenecêra ao redor delle a esperança, e com a esperança dera em terra o esforço dos animos mais robustos. As alas ignoravam este triste acontecimento, e por isso pelejavam ainda.

Mas pouco tardou a ser geral a róta; porque pouco tardou a espalhar-se aquella nova fatal. Um dia bastára para anniquilar o imperio que durante quatro seculos fôra o mais poderoso e civilisado entre as nações germanicas estabelecidas nas diversas provincias romanas. A corrupção dos ultimos tempos concluíra a sua obra, e o edificio da monarchia gothica, ainda rico de magestade exterior, mostrára emfim, desconjunctando-se e desabando, o ferver dos vermes que interiormente o roíam. A cruz, derribada com elle, só devia tornar a hastear-se triumphante em todos os angulos da Hespanha depois do combater de oito seculos.

Uma parte do exercito godo ainda podéra salvar-se atravessando o rio; mas as pontes, lançadas na vespera, tinham por fim estalado, derivando pela corrente, debaixo do pêso dos fugitivos, e as aguas devoravam muitos que o ferro havia poupado. Theodemiro, que não perdêra o animo no meio daquella desventura, alcançára fazer passar á margem opposta as reliquias dos soldados da Betica e os restos de muitas tiuphadias de outras provincias. Nos arraiaes, os arabes, senhores do campo, saudavam a victoria com o som dos instrumentos barbaros, e com clamores de alegria que íam sussurrar ao longe pelos valles e campos, desertos dos seus moradores. Um homem só combatia ainda daquelle lado á beira do rio. Era o cavalleiro negro. Cercavam-no muitos sarracenos, mas de longe, porque os que ousavam approximar-se delle cahiam a seus pés moribundos. Ás vezes como que tentava romper por entre os inimigos, mas era tentar o impossivel. No volver dos olhos inquietos para um e outro lado parecia buscar descubrir alguma cousa naquelle vasto campo, onde só descortinava os cadaveres dos vencidos e os vultos ferozes dos vencedores. Por fim, voltando o rosto para a margem opposta, viu fluctuar sobre uma eminencia o pendão de Theodemiro. Uma expressão fugitiva de contentamento lhe assomou então ao gesto. Despedindo das mãos a borda ensanguentada, que sibilou por meio dos arabes apinhados em volta, o guerreiro arrojou-se á torrente. Á luz do sol que se punha viu-se-lhe umas poucas de vezes reluzir o elmo, alongando-se pela superficie das aguas, e desapparecendo por largos espaços. As trevas que já desciam densas, e a impetuosidade da corrente que o arrastava

não permittiram prever-se qual seria a sua sorte. Eurico era a ultima e tenuissima esperança que bruxuleava nos horisontes do imperio godo: como uma estrella cadente que se immerge nos mares, aquelle esforço brilhante se desvanecêra na escuridão que tingia as aguas do Chryssus!

XII.

O MOSTEIRO.

> Se a todos se convertessem todos os membros em linguas, ainda assim não caberia nas forças humanas o narrar as ruinas d'Hespanha, e os seus tão diversos e multiplicados males.
>
> ISIDORO DE BÉJA: *Chronicon.*

O mosteiro da Virgem Dolorosa estava situado n'uma encosta, no tôpo da extrema ramificação oriental das que a dilatada cordilheira dos Nervasios estende para o lado dos Campos-gothicos. A pouca distancia do valle, onde se viam as ruinas de Augustobriga, caminho de Legio, no meio de uma solidão profunda aquella silenciosa morada de virgens innocentes achava-se convertida em praça de guerra. Edificio sumptuoso, construido no tempo de Rekkáred, as suas grossas muralhas de marmore pareciam, na verdade, quadrellas de castello roqueiro; porque na architectura dos godos a elegancia romana era modificada pela solidez excessiva do edificar germanico ou saxonio, que os rudes wisigodos do tempo de Theoderik e de Ataulph haviam introduzido no meio-dia da Europa. Os restos dispersos das tiuphadias da Gallecia tinham-se encerrado em todas as povoações e logares fortificados ou por qualquer modo defensaveis, e os habitantes dos povoados, acolhendo-se ahi com elles, deixavam desertas as suas moradas, incertos do dia em que veriam reluzir ao longe as lanças dos agarenos, que já devastavam o norte da Lusitania, e pareciam encaminharem-se para o lado de Tude. Os muros fortissimos daquelle vasto edificio, as

suas portas tecidas de ferro e carvalho, as estreitas frestas, que apenas lhe deixavam penetrar no interior uma luz duvidosa, os tectos ameiados, e finalmente os fossos profundos que o circumdavam, tudo o tornava acommodado para uma larga defensão. Com algumas decanias de veteranos, que no meio do terror geral podéra ajunctar, o quingentario Atanagildo se havia acolhido ahi, e com elle um grande numero dos mais abastados habitantes daquelles contornos. Protegido pela vizinhança das serras das Asturias, ainda livres, Atanagildo cria que o mosteiro fortificado seria sempre inexpugnavel barreira contra a violencia e cubiça dos arabes. Entretidos em submetter e pôr a sacco as opulentas cidades do meio-dia, contentes com as veigas feracissimas da Betica, da Lusitania, e da Carthaginense e com o sol quasi africano que as aquecia, que viriam elles buscar nas brenhas intractaveis e frias da Gallecia e da Cantabria? Seria apenas algum troço dos inquietos e selvagens bereberes, que já se derramavam por estas partes; mas contra esses eram de sobra os tiros de catapulta arrojados das torres do mosteiro, e as cateias e frechas despedidas d'entre as ameias, que lhe cingiam a fronte como a corôa de um rei gigante, e que não podiam ser derribadas pelos mangoaes brutescos, unicas armas dos bronces e seminús montanhezes do Atlas.

No centro do immenso edificio erguia-se o templo monastico; peça quadrangular, construida de grossos cantos de marmore arrancado das pedreiras inexgotaveis, que se estendem desde os Nervasios até as cercanias de Legio. No exterior do templo, do meio d'um vasto pateo, que o rodeiava, viam-se negrejar na sua cincta de estreitas cellas as vestiduras severas das monjas, cuja oração contínua, quer em commum no sanctuario, quer na solidão das suas breves moradas, só era interrompida por somno curto dormido sobre a dura enxerga da penitencia. Esta parte do mosteiro era a que ellas unicamente occupavam havia alguns dias. Os seus claustros pacificos e saudosos, onde nunca soára o ruido tormentoso da vida, onde nunca as dolorosas realidades do mundo haviam penetrado, salvo nos sonhos passageiros e dourados de algum coração mais ardente, restrugiam com o bater das armas, com o amontoar das provisões, com o carpir dos que abandonavam seus lares, com a violenta e brutal

linguagem da soldadesca. No meio daquella vasta mole de marmore, em que os sons discordes reboavam, ecchoando soturnos nas arcadas e corredores profundos, o templo, aonde se acolhêra a quietação monastica, era como um oasis frondoso e abrigado por seus palmares no meio do deserto, que o sôpro infernal do simûm revolve, fazendo redemoinhar nos ares aquelle oceano de areia fervente.

Era ao anoitecer de um dia de novembro. Por entre o nevoeiro cerrado, que alevantando-se do valle vizinho trepava pela encosta, deixando apenas livres as negras agulhas dos cerros lá no viso da montanha, divisavam-se a custo as ameias e muralhas á luz baça do crepusculo, refrangido em céu pardo e humido. A brisa morna de oeste gemia nos troncos dos castanheiros nús, nas ramas esguias dos pinheiros bravos, e as passadas monotonas dos vigias ao longo dos adarves formavam um concerto accorde com o aspecto melancholico do céu e da terra.

A esta hora duvidosa entre a claridade e as trevas uma numerosa cavalcada atravessava o ribeiro no fundo do valle, e encaminhava-se para o mosteiro da Virgem Dolorosa. Dez cavalleiros, cujas barbas alvas lhes cahiam sobre o peito, saíndo por baixo das redes de ferro, que lhes serviam de gorjal, rodeavam uma dama, cujo rosto occultava o comprido véu, que pedente do retíolo lhe descia sobre o alvo amiculo, mas cujos meneios airosos e talhe esbelto revelavam nella o viço e as graças da idade juvenil. Seguiam-na alguns pagens desarmados, cujos rostos imberbes já o temor e o desalento, que se pintavam em todos os semblantes nesta epocha desastrada, haviam sulcado de rugas. Vadeado o rio, a cavalgada encaminhou-se por uma senda tortuosa, que ía dar á entrada do mosteiro, aonde, ao que parecia, desejavam chegar antes que de todo se fechasse a noite. Ao approximar-se aquella comitiva, os vigias conheceram que eram godos — provavelmente alguns desgraçados, que vinham buscar o abrigo de seus muros fortificados —, e as grossas portas não tardaram a abrir-se para recolherem mais esses pobres fugitivos.

Apenas os recem-chegados, atravessando o atrio do fundo portal, saíram á cerca interior, o que parecia mais auctorisado entre os velhos cavalleiros pediu para falar a sós com

Atanagildo. Levado o ancião á torre onde o quingentario habitava, não tardou este em descer á cerca, no meio da qual, ainda a cavallo e sem erguer o véu, a dama desconhecida esperava rodeada dos seus. Com todos os signaes de respeito, Atanagildo dirigiu-lhe algumas palavras em voz submissa, e tomando a redea do palafrem, guiou-o para uma porta contigua ao frontispicio da igreja. A um signal seu a porta abriu-se, e um vulto negro de monja appareceu no limiar della.

O quingentario, tomando pela mão a desconhecida, e apresentando-a á monja, disse-lhe:

«Veneravel Chrimhilde, acolhei entre as puras virgens que vos obedecem uma das mais nobres doncellas d'Hespanha: é por uma noite apenas, que ella vos pede abrigo: ámanhan ao romper d'alva partirá para Legio.»

«Ámanhan ou depois, que importa? — replicou a monja, cujo semblante austero descubria não tanto a decadencia dos annos, como os vestigios da penitencia: — em quanto Chrimhilde reger o mosteiro da Virgem Dolorosa, nunca a hospitalidade será refusada nelle ao que a implorar. E quando a virtude de nobre donzella tiver um fiador tal como vós, esta achará sempre em mim o carinho de mãe, e nas escolhidas do Senhor, que me alevantaram do meu nada ao tremendo ministerio de sua abbadessa, encontrará o amor e o gasalhado d'irmans para com irman querida.»

Dizendo isto a boa abbadessa tomou pela mão a desconhecida, e internando-se com ella pelas arcadas que diziam para o interior do edificio, allumiadas escaçamente pelas lampadas turvas, que d'espaço a espaço pendiam das abobadas achatadas, desappareceu aos olhos de Atanagildo.

A noite vae no seu fim: a campa do mosteiro dá o signal do terceiro nocturno. Subitamente o sanctuario illumina-se, e os vidros de mil cores jorram nas trevas exteriores a claridade dos candelabros e tochas, como de dia deixam transudar a luz do sol no ambito interior da igreja: ésto perpetuo de resplendores, que ora descem do céu para a terra, ora tentam, subindo da terra para as alturas, desfazer o manto das trevas. N'uma extensa fileira, a cuja frente vem a veneravel Chrimhilde, as monjas entram no côro, e tomando para um e outro lado param voltadas para o altar. Juncto

da abbadessa uma donzella de trajos brancos sobresáe entre as monjas vestidas de negro, não tanto pela alvura das roupas como pela formosura: e todavia são formosas muitas das virgens que á rodeiam, pela maior parte ainda no viço da vida. É a nobre dama recem-chegada, á qual nem o cansaço de trabalhosa jornada, nem o habito dos commodos do mundo poderam impedir acompanhasse na oração aquellas, que o tracto de poucas horas já lhe fazia amar como irmans. Chrimhilde prostra-se com a face no chão: as monjas e a dama vestida de branco seguem o seu exemplo. Através desses labios innocentes, que beijam o pavimento do templo, murmuram durante alguns instantes as orações submissas. Depois a abbadessa ergue-se, e pouco a pouco aquelles semblantes, que cobre uma pallidez d'ineffavel repouso e brandura, vão-se alevantando da terra, com os olhos voltados para o céu, semelhantes aos de anjos de marmore ajoelhados em roda de um tumulo, que surgissem pouco a pouco animados por vida repentina, e cheios de saudade da morada celeste enviassem aos pés do Senhor o seu primeiro suspiro. Então a psalmista começa a entoar um dos hymnos sacros do Presbytero de Carteia, que havia pouco se tinham introduzido no ritual gothico, e as demas monjas respondem em córos alternos. O hymno dizia assim:

«As azas da tua providencia, oh Senhor, despregam-se por cima da terra, e o justo desgraçado acolhe-se debaixo dellas:»

«Porque ahi moram os sanctos contentamentos; esquecem as dores da vida; vive-se á luz da esperança.»

«Confiado em ti o fraco affronta as tyrannias do forte; o humilde ri das suberbas do poderoso.»

«Quem revelou aos pequeninos e oppressos esta divina guarida? Quem nos ensinou a esperar? Quem a ser felizes pela fé no meio das agonias?»

«Foi Christo, o teu filho querido. A tua justiça condemnava á dôr o genero-humano, ainda no berço: elle nos conquistou para a felicidade no meio dos tormentos da cruz.»

«Nós tomaremos tambem esta em nossos hombros: ella é a guia da bemaventurança.»

«O seu peso é suave; porque sob ella os espinhos da existencia, que ensanguentam os membros do peregrino

sem repouso chamado homem, convertem-se em prado macio de relva e boninas.»

«Que reine para sempre a cruz!»

«Erguei-a sobre todos os pincaros das serranias, gravae-a em todas as arvores dos bosques, hasteae-a sobre as rochas maritimas, estampae-a nas muralhas das cidades, na fronte dos edificios; apertae-a ao coração.»

«E depois que o genero-humano se prostre, e adore nella a redempção, que nos trouxe o Ungido de Deus.»

«A cruz triumphará eterna!»

Neste momento aquellas vozes harmoniosas cessaram, como se de subito nos labios de todas as monjas se houvesse posto o sello da morte. A porta do templo, aberta com violento impulso, rangêra nos gonzos, e um velho ostiario viera cahir de bruços sobre as lageas do pavimento, soltando o grito doloroso, que por tantos milhares de boccas diariamente se repetia na Hespanha: — Os arabes!

As vozes confusas dos vigias, misturadas com o tinir do ferro, responderam como um uivar de feras ás palavras do ostiario: as faces pallidas das virgens empallideceram ainda mais.

A alvorada começava a repintar na terra a claridade do sol, escondido ainda no oriente. Os godos com as armas nas mãos coroavam as ameias. Do alto de uma das torres Atanagildo observava a campanha, e a fronte entenebrecia-se-lhe com um véu de tristeza.

Naquella noite muitos nobres senhores de terras tinham chegado ao mosteiro, vindos da banda de Legio. Um numeroso exercito d'arabes apparecêra subitamente na vespera juncto aos muros da cidade, que logo fôra acommettida pelos pagãos. Era o que sabiam. Fugitivos desde o apparecimento dos inimigos, ao anoitecer haviam enxergado para aquella parte um clarão grande e duradouro. Se eram as fogueiras dos arraiaes arabes, se o incendio de Legio, não o podiam resolver: só sim, que seria impossivel resistir por largo tempo cidade tão mal defendida a tamanha copia d'infiéis, que não tardariam a derramar-se para o lado do mosteiro, proseguindo nas suas devastadoras conquistas pela Gallecia e pela Tarraconense.

Era esta negra prophecia dos fugitivos, que se tinha

verificado ao romper da manhan. Atanagildo do alto da torre principal víra ao longe um vulto negro, que descia dos outeiros, onde já allumiava tudo a luz matutina. Esse vulto assemelhava-se a serpe monstruosa, que, rolando-se do monte para a planicie em collos tortuosos, se lhe reflectissem nas duras conchas os raios solares; porque naquelle corpo gigante havia um contínuo e rapido scintillar. Atanagildo percebêra o que era, e por isso a tristeza lhe obscurecia a fronte.

Como a faisca electrica, o terror se espalhára no mosteiro apenas se dissera que os arabes se approximavam. Mais de um coração de guerreiro batia apressado como o do pobre ostiario, que buscára na piedade de Deus o amparo, que mal podia esperar das muralhas do forte edificio; do pobre ostiario, que, sem o saber, fôra desmentir o hymno triumphal da cruz, diariamente derribada dos altares nos templos profanados da Hespanha.

Dentro em breve o exercito do Islam se approximára a tão curta distancia, que facilmente se distinguiam os esquadrões dos filhos do deserto, e as turmas dos berebéres. Tambem os arabes tinham observado o reluzir das armas através das ameias do mosteiro. A hoste inteira parou no valle, e alguns cavalleiros encaminharam-se pela senda tortuosa, que findava na ponte levadiça contigua ao grande portal, e erguida desde que pelos fugitivos constára que os mosselemanos se avizinhavam.

Quando o quingentario conheceu que os arabes paravam no fundo do valle, o seu coração generoso verteu sangue com a lembrança de que todo o esforço dos soldados que coroavam os adarves do mosteiro, por muito que houvera sido, não fôra bastante para salvar os desgraçados que tinham buscado abrigo á sombra daquellas muralhas. Viu o desalento pintado nos semblantes dos mais valorosos, e a ultima esperança varreu-se-lhe da alma. Todavia, esperou com rosto seguro a chegada dos cavalleiros, que subiam a encosta.

Estes approximaram-se emfim. Pelo seu aspecto e trajo via-se que na maior parte eram godos. Com as espadas nas bainhas, pareciam vir em som de paz: tambem, por isso, nem uma frecha só se disparou contra elles dos muros.

Pouco antes de chegarem ao fosso profundo que circumdava o edificio, um cavalleiro, que parecia o principal daquelle pequeno esquadrão, adiantando-se dos mais, veio topar com a entrada da ponte, e olhando para as muralhas, onde reluziam immoveis as lanças dos christãos, chamou: — «Atanagildo!»

Ao ouvir aquella voz o quingentario empallideceu: com visivel anciedade voltou-se para um centenario que estava juncto delle, e disse-lhe:

«Mandae descer a ponte, e dae passagem franca a esse cavalleiro que proferiu o meu nome: mas a elle, unicamente a elle!»

O centenario obedeceu. D'ahi a pouco as armas do guerreiro tiniam pelas escadas da torre. Apenas subiu ao terrado, encaminhou-se para Atanagildo, e estendendo-lhe a dextra, exclamou: — «Meu irmão!»

O quingentario, em cujas faces pallidas passára um relampago de vermelhidão, recuou, e com voz affogada respondeu:

«Atanagildo teve um irmão; mas esse morreu para elle: porque entre elle e Suintila está a cruz quebrada aos pés dos pagãos; está o céu e o inferno. A minha herança é a ignominia do vencimento, os ferros d'escravo e as promessas do Christo: a tua as riquezas, a victoria e a maldicção de Deus. Não tróco os nossos destinos, nem quero a amizade do precito. Arrepende-te, abandona os infiéis, e então Atanagildo te apertará ao peito, e te dará aquelle nome tão suave da nossa infancia, o sancto nome de irmão.»

«Estás louco! — replicou Suintila —... Porém não foi para disputar comtigo que vim aqui: vim para te salvar. Olha para o valle: áquella hoste numerosa, que lá vês, poucas horas poderão resistir estes muros mal guarnecidos. Abdelaziz, o invencivel filho do amir d'Africa, é quem a capitanêa: Legio cahiu hontem em nosso poder, e de parte nenhuma podes ser soccorrido. O bispo d'Hispalis e o conde de Septum, que vem comnosco, offerecem-te o mando de um dos seus esquadrões. Os arabes pedem aos godos que os seguem fidelidade ao estandarte do kalifa, não á crença do Islam: pódes guardar tua fé. Eis o que Suintila alcançou a teu favor. Estas velhas muralhas e as donzellas encerradas

nestes claustros, que Abdelaziz soube serem pela maior parte formosas, e que elle destina para enviar a Kairwan, são o vil preço da tua salvação. Suintila aconselha-te que o entregues; porque, apesar das injurias, ainda se não esqueceu de que é irmão de Atanagildo. Resolve, e responde: que devo dizer a Juliano e Oppas, a quem suppliquei para ser mandado aqui?»

«Dize-lhes — atalhou o quingentario, cujos olhos faiscavam d'indignação — que eu respeito a vida de um aráuto, ainda quando este é um miseravel renegado, como tu, ou como elles, aliás não fôra Suintila quem lhe levaria minha resposta. Dize-lhes, que as suas infames offertas são para mim tão abominaveis como elles. Dize-lhes, que antes de um sacerdote sacrilego e de um conde traidor poderem estampar o ferrête da prostituição na fronte das innocentes virgens do Senhor, terão de passar por cima das ruinas destes muros, e dos cadaveres dos seus e dos meus soldados. E tu, renegado, sae d'aqui! Possa eu nunca mais vêr-te o rosto, e esquecer-me na hora de morrer de que nessas veias gyra o sangue de nossos nobres e generosos avós.»

«Como te aprouver, meu irmão!» — replicou Suintila; e um sorriso lhe deslisou nos labios descorados por mal disfarçada colera. Proferidas estas palavras, desceu as escadas da torre.

A cavalgada, que lenta subíra a encosta, descia-a rapidamente, em quanto Atanagildo, visitando os muros, exhortava os guerreiros da cruz a pelejarem esforçadamente. Quando estes souberam quaes eram as intenções dos arabes ácerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilegio affugentou-lhes dos corações a menor sombra d'hesitação. Sobre as espadas juraram todos combater e morrer como godos. Então o quingentario, a quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo. Era necessario que as monjas soubessem qual futuro as aguardava. Resignado a acabar defendendo-as, Atanagildo nem por isso esperava salvá-las das mãos dos agarenos. Dolorosa era a nova; mas cumpria não lhes esconder o seu horrivel destino.

As mulheres e os velhos que tinham vindo buscar asylo no mosteiro enchiam já o templo, em cujas abobadas murmuravam e repercutiam os gemidos e as preces. Rompendo

pela multidão, o quingentario encaminhou-se para o côro, e chamou por Chrimhilde, que com as monjas acompanhava o povo nas suas orações fervorosas. A abbadessa approximou-se das reixas douradas que a separavam do guerreiro.

«Chrimhilde, — disse Atanagildo em voz baixa — é necessario valor! Dentro de poucas horas sobre os muros do mosteiro da Virgem Dolorosa estará hasteado o pendão dos infiéis, e eu terei deixado d'existir, porque jurei sobre a cruz desta espada ficar sepultado debaixo das ruinas delle. O exercito dos arabes é irresistivel, e a unica esperança que me resta é que o Senhor acceitará o meu sangue, derramado em seu nome, como um testemunho da minha fé.»

«Os infiéis — acudiu a abbadessa, procurando dar ás palavras que proferia um tom de firmeza, que o tremulo da voz lhe desmentia — contentar-se-hão talvez com as riquezas aqui amontoadas imprudentemente, e com a posse destes logares. Se é isto o que pretendem, saiamos, e cedamos ao culto impio de Mohammed o templo de Deus vivo, já que para o salvar seria inutil todo o sangue que se vertesse. Com as virgens esposas do Senhor buscarei os ermos das serras do norte, e como as monjas primitivas ahi acharemos a paz e o repouso, em quanto o pae celestial nos não chama á nossa verdadeira patria.»

«Prouvera a Deus, veneravel Chrimhilde — tornou o quingentario — que nos fosse licito desamparar estes muros: deixar só entregues ás profanações dos infiéis a pedra e o cimento! Mas uma atroz mensagem acaba de me ser mandada por quem, como eu, devia horrorisar-se della. Repelli-a, porque se me offereciam vida e honras a troco de perpetua infamia. Agora resta-me unicamente o morrer como godo, e como soldado da cruz.»

«E qual era essa mensagem? — perguntou a abbadessa anciosamente. — Em nome de quem vinha ella?»

«Do bispo d'Hispalis, e do conde de Septum; de um sacerdote, e de um nobre. O preço da nossa liberdade era a prostituição das vossas filhas queridas, das monjas consagradas á Virgem Dolorosa, que esses malaventurados destinam para saciar as paixões brutas daquelles a quem venderam a terra d'Hespanha. Para o obter cumpre-lhes, porém, passar por cima dos membros despedaçados dos guerreiros que po-

voam estas muralhas. Pela cruz assim o jurámos todos. Havemos de cumpri-lo.»

As palavras de Atanagildo vibraram no coração de Chrimhilde, como vibra o primeiro dobre pelo finado, que ainda jaz em seu leito da derradeira agonia, na alma do bom filho, que resa chorando ajoelhado ao pé delle. Recuou atterrada, e volvendo para o céu os olhos enxutos, porque a afflicção nelles estancára as lagrymas que despontavam, ficou por alguns momentos com as mãos erguidas, como implorando uma inspiração de cima. Pouco a pouco, porém, as suas faces tingiram-se da côr da vida, o sorriso da esperança rodeiou-lhe os labios, e as lagrymas, consolo supremo das maiores magoas, e tambem expressão eloquente dos contentamentos mais intimos, lhe rebentaram com força, e lhe orvalharam a negra estamenha do habito.

«O martyrio! o martyrio! — murmurou a abbadessa. — Oh Christo! bemdicto seja o teu nome.»

«O martyrio, sim: — interrompeu o quingentario — mas depois do sacrilegio; mas depois que as victimas da corrupção dos traidores tiverem sido arrastadas para longe da Hespanha, e depois que nos harems do oriente houverem sido polluidas pela sensualidade brutal dos conquistadores. Eu, ao menos, não verei esta ultima offensa á crença sacrosancta de nossos paes...»

«Ide: — proseguiu a abbadessa, que parecia não o haver escutado embebida em meditação profunda: — Quando os infiéis se approximarem, enviae-lhes mensageiros de paz. Que vos deixem acolher ás montanhas com essa multidão d'infelizes, que vieram buscar o abrigo destes muros. Não cureis das monjas da Virgem Dolorosa, nem receieis por ellas. Achei um meio para as salvar da sorte medonha que as ameaça. Desamparae-nos; porque o archanjo do esforço é o nosso defensor. O meu arbitrio será acceito pelas escolhidas do Christo; sê-lo-ha, porque o Senhor m'o inspirou. Nada mais é preciso dizer-vos.»

E de feito o seu olhar e gesto eram de uma inspirada: mas nesse olhar e gesto havia o que quer que era de severa aspereza misturado com alegria suave, como em céu que varre o noroeste as nuvens tenebrosas remendam o azul purissimo do firmamento, d'onde, através dellas, jorram torrentes de luz.

«Mas o juramento? — tornou tristemente o quingentario. — Devo respeitar o vosso segredo; todavia parece-me licito duvidar da efficacia dos meios que imaginaes para vos salvardes das mãos dos mosselemanos.»

«O vosso juramento é inutil — acudiu Chrimhilde — e eu vos escuso delle. A resistencia só servíra para arrastardes comvosco ao sepulchro os velhos inermes e as creancinhas innocentes. Ide, e abri pacificamente as portas aos pagãos. Se tanto é preciso, eu vo-lo ordeno. Atanagildo, um dia nos veremos no céu.»

Dictas estas palavras com toda a firmeza de uma resolução inabalavel, a abbadessa affastou-se da reixa, e encaminhou-se para o meio das freiras, que entretanto haviam estado immoveis com os olhos cravados no pavimento. O quingentario ficou por alguns momentos pensativo: depois, agitado pela lucta cruel dos affectos e pensamentos oppostos, que tumultuavam no seu coração, atravessou vagarosamente o templo, e desappareceu.

A um signal de Chrimhilde as monjas saíram do côro; a donzella vestida de branco, ao lado da veneravel abbadessa, apertava-lhe a mão entre as suas; mas os seus meneios eram firmes como os della, e mais do que os della altivos. Desde que a ultima freira passou, as préces misturadas de soluços que sussurravam na igreja, converteram-se n'um som unico de chôro perdido, como se a ultima esperança houvera desapparecido com ellas.

A campa do mosteiro bateu tres pancadas com largos intervallos: é o signal que convoca as monjas a capitulo. Para lá se encaminham. A donzella que nessa noite chegára acompanha-as tambem ahi. Entraram. As pesadas portas da casa capitular rangem nos gonzos cerrando-se, e o correr dos ferrolhos interiores rebôa ao longe pelos corredores monasticos. Ao mesmo tempo a ponte levadiça cáe sobre o fosso que rodeia as muralhas do vasto edificio; um cavalleiro se arroja sozinho ao meio dos esquadrões do Islam, que já subiram a encosta, e pede para falar com o conde de Septum em nome de Atanagildo. Dentro de poucos instantes ei-lo que volta, e os mosselemanos param a curta distancia. Então um grande numero de crianças, de velhos e de mulheres, saíndo como torrente comprimida do portal profundo

do mosteiro, atravessam por meio de duas fileiras de soldados de Juliano e de guerreiros arabes, que vieram collocar-se aos lados da ponte. Esta multidão desordenada ondeia, separa-se, apinha-se de novo para tornar a espalhar-se até que desapparece ao longe, caminho das montanhas. Após ella, cubertos de seus saios de malha, mas sem armas, os soldados de Atanagildo seguem com rosto melancholico as mesmas trilhas, por onde se vae escoando a turba, até que tambem como esta se derramam pelas selvas densas dos montes, e pelos barrancos escarpados, que, retalhando os Nervasios, dão passagem através delles para as regiões septemtrionaes da Hespanha.

Apenas o quingentario, que fôra o derradeiro a atravessar a ponte levadiça, volvendo ainda os olhos arrasados de lagrymas para aquella sancta morada, desceu a encosta, as duas fileiras de soldados arremessaram-se ao fundo portal, cujas abobadas pela primeira vez reboaram com os gritos discordes de homens desenfreados, e o edificio solitario respondeu-lhes com um silencio lugubre. Diante delles estavam patentes as immensas arcarias e escadas, os longos corredores, os pateos espaçosos. Lá, no centro, o templo solitario, com as portas abertas de par em par, amostra-lhes aos olhos ávidos as suas riquezas, ao passo que parece querer vedar ao sol, com as côres sombrias das vidraças das janellas, o espectaculo das profanações, de que na sua existencia secular vae ser theatro e testemunha pela primeira vez.

Como o tufão rugindo se abysma nas galerias tortuosas de mina extensa, assim os godos renegados e os mosselemanos, que os seguem de perto, se precipitam dentro do mosteiro. Pelas arcadas e corredores, pelas salas e aposentos ouve-se o rir e falar desentoado, o ruído de passadas rapidas, o tinir das armas, o estourar das portas. Arabes, mouros, soldados godos da Tingitania misturam-se, disputam, ameaçam-se dividindo o sacco. Os cheiks e os capitãos do conde de Septum vedam-lhes unicamente a entrada das habitações interiores, onde a riqueza do templo lhes promette á cobiça mais avultada presa. Elles sós se encaminham para essa parte e desapparecem nos claustros monasticos, onde não se ouve outro signal de vivos, senão o som de seus pés,

e a espaços o tinir das proprias armaduras, que roçam pelos pilares de marmore.

Suintila, o deshonrado irmão do virtuoso Atanagildo, era do numero dos capitães que haviam primeiramente penetrado no claustro solitario. Tinha-se adiantado mais, e descia por uma escadaria lobrega, que terminava, segundo parecia, n'uma quadra allumiada por muitas tochas. Esta circumstancia, que lhe excitava viva curiosidade, o òbrigou a apertar o passo. A meia descida parou. Crêra ouvir um cantico entoado por muitas vozes accordes, que a espaços era interrompido por gemidos dolorosos. Escutou: não se enganava! Então o terror começou a apossar-se delle, e porventura teria retrocedido, se não sentíra que alguem mais o seguia. Eram dous cheiks arabes, e um centenario do conde de Septum, que o acaso guiára para aquella parte. Interposto entre o clarão avermelhado que saía do subterraneo e os tres que se approximavam, Suintila fez-lhes signal de silencio, e continuou a descer mansamente até chegar á porta que dava da escadaria para o aposento illuminado. Então conheceu onde estava. Era um desses logares mysteriosos e sanctos, que a primitiva architectura religiosa construía debaixo dos templos — templos tambem, mas da morte; porque ahi sobre os altares repousavam as cinzas dos martyres, e aos pés delles os fiéis que obtinham para ultima jazida uma pouca de terra, onde ainda fosse affagar-lhes as cinzas o sussurro longinquo das préces e o perfume dos sacrificios. — Suintila achava-se na crypta do mosteiro da Virgem Dolorosa. O clarão que víra era o de muitos lumes, accesos em lampadarios gigantes, e reverberando nas stalactites penduradas das juncturas do marmore: era o reflexo das tochas que ardiam diante dos crucifixos, unicas imagens que se viam sobre as aras núas. Em cada um dos tumulos das monjas antigas, enfileiradas ao comprido dos muros, negrejavam apenas uma data e um nome. Era o que restava para memoria de muitas virtudes naquelles annaes de mosteiro, naquella chronologia de pedra. O sepulchro do viuva d'Hermeneghild, o desgraçado irmão de Rekkáred, elevado mais que os outros á entrada do templo subterraneo, semelhava um throno de rainha em palacio de sombras, por-

que o ambiente grosso e frio e o halito das sepulturas revelavam que ahi era o imperio da morte.

As torrentes de luz, que inundavam esta morada de terror, não permittiram a Suintila enxergar no primeiro volver de olhos os objectos que estavam ante elle. Espantado tentava descubrir no meio daquella resplandecente solidão algum vulto humano, quando os cantos e gemidos, suspensos momentaneamente, romperam de novo: primeiro as vozes harmoniosas; depois o gemido íntimo, doloroso, affogado; logo outra vez o silencio.

Os dous cheiks e o centenario tinham chegado ao pé de Suintila. Animados uns pela presença dos outros, encaminham-se para o grande tumulo, e d'alli olham para o logar d'onde haviam soado os canticos. Eis o temeroso espectaculo, que tem diante de si:

Grossos e altos cancellos de roble separam do resto do templo um extenso recincto sem sepulchros immediato ao altar principal: uma cruz agigantada se ergue no topo: por um e outro lado daquelle espaço além das grades negrejam duas fileiras de monjas: muitas estão de joelhos e debruçadas sobre o primeiro degráu do altar: em pé, entre as duas fileiras, uma dellas, cujos olhos desvariados reluzem á claridade das tochas, e cujo aspecto severo infunde uma especie de terror, tem na mão um punhal, cujo ferro sem brilho parece tincto em sangue. Juncto da monja um vulto de mulher vestida de branco sobre-sáe no meio das virgens cubertas de lucto: unido ás grades que defendem a entrada daquelle recincto, um velho, cujas melenas e longa barba lhe alvejam sobre os hombros e peito, está de joelhos com os braços estendidos através da balaustrada: agita-o uma convulsão horrivel de pavor, que lh'embarga na garganta os sons articulados, e só lhe consente murmurar um ruido confuso, semelhante ao respiro ancioso de agonisante. Um dos dous córos de freiras começa a entoar de novo os psalmos: a monja do punhal estende a mão ordenando silencio. Vae falar. Suintila a ponto de arremeçar-se para aquelle lado, pára, e escuta as suas palavras. São lentas e lugubres como as de um espectro, que se alevantasse d'alguma das campas derramadas ao longo da crypta. Dirige-as ao vulto branco, que está a seu lado:

«Ainda uma vez, nobre dama, attendei ás supplicas do velho bucellario, que tenta salvar-vos. Para vós ha esperança na terra: a nossa móra no céu. Quando os infiéis souberem que ainda existe na Hespanha quem possa quebrar com ouro o vosso captiveiro, ou vingar com ferro a vossa affronta, respeitarão a pureza de nobre virgem. A nós, que não temos ninguem no mundo, restava-nos unicamente o tremendo arbitrio que o Senhor nos inspirou. O martyrio não tardará a cingir-nos a fronte d'uma auréola de gloria: os anjos de Deus nos esperam.»

«A minha ultima resolução, veneravel Chrimhilde, é acabar juncto de vós e de nossas irmans. O meu animo sairá como o dellas illeso da ultima prova que o Christo nos pede na vida. Como ellas darei sem hesitar testemunho da cruz. O velho bucellario de meu pae mente á propria consciencia quando affirma que os infiéis respeitarão a pureza de uma donzella goda: a infamia tem sido escripta por elles na fronte das familias mais illustres da Hespanha: o cutello ou a prostituição é o que os arabes offerecem á innocencia. Eu escolho o cutello: a morte val mais que a deshonra. Porventura para a evitar me guiou o Senhor ao mosteiro da Virgem Dolorosa.»

«Seja feita a vontade do Altissimo:» — respondeu a abbadessa alevantando ao céu as mãos, entre as quaes apertava o punhal.

Depois de um momento de silencio, Chrimhilde disse, voltando-se para o lado esquerdo: «Hermentruda, approximae-vos!»

Uma das monjas saíu d'entre as outras, e veio ajoelhar aos pés da abbadessa: as suas companheiras ajoelharam tambem voltadas para o altar; e o hymno, que Suintila escutára ao descer para a crypta, murmurou de novo naquellas curvas abobadas.

Como lá no horisonte o sol tremulo e sereno se reclina ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicío de orações submissas. Apenas cessou de todo, um gemido de agonia agudo e rapido soou juncto da abbadessa. Aos olhos de Suintila figurou-se que o punhal de Chrimhilde descêra duas vezes sobre

a monja que estava a seus pés. Um brado de colera e horror, saíndo involuntariamente da bocca do godo, restrugiu pelo templo. Crêra o renegado que Hermentruda havia sido assassinada. Pareceu-lhe então claro o sentido das palavras mysteriosas que ouvíra. As monjas fugiam ao captiveiro do harem pelo ádito do sepulchro. Elle assistia a uma scena horrenda de suicidio, e o braço mais robusto de Chrimhilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades, conformes para morrer.

«Mulher ou demonio, detem-te!» — bradou Suintila correndo com os cheiks e o centenario para o recincto fechado, e procurando abrir os fortes cancellos que lh'embargavam os passos.

Embebidas no seu drama cruel, nem as monjas, nem Chrimhilde volvem sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas reluzem ao fulgor das tochas. Hermentruda não está morta! Ergueu-se. Tem a cabeça descuberta, os louros cabellos esparzidos, o collo nú. Bem como o aspecto do formoso archanjo de luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condemnação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pallidos, estão sulcados pór betas escuras, que serpeam por aquelle gesto como as viboras estiradas ao sol sobre um busto grego tombado entre as ruinas de antigo templo pagão. É que semelhantes ao nordeste frio e agudo, que passando pela bonina viçosa lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Chrimhilde correram por lá violentos e rapidos, e n'um momento anniquillaram a formosura da virgem.

As grades, fechadas interiormente, balouçam aos empuxões de Suintila; mas não cedem. «Okba, diz o godo a um dos cheiks, correi! Chamae os mais robustos zenetas, e os negros de Takrur armados dessas achas a cujo primeiro golpe nunca resistiu elmo de bronze. Prestes! chamae-os aqui. Abdèlaziz deve ter chegado. Que venha! Mulher infernal lhe vae destruindo peça a peça os despojos mais ricos, os que elle destinava para si e para o khalifa. Que venha salvá-los! Que venha! Prestes, cheik de Hoara!»

E emquanto o cheik galga a extensa escadaria, os tres tentam muitas vezes fazer estourar os grossos ferrolhos, que resistem ás suas diligencias. Arquejando, Suintila abandona

a tentativa inutil. Ameaça Chrimhilde: as injurias acompanham os ameaços: seguem-nas as supplicas, as promessas, e logo de novo as pragas e as affrontas. Baldado é tudo. Chrimhilde lançou ao renegado um olhar de compaixão, e conservou-se em silencio.

Mas os canticos cessaram de todo: as monjas saem successivamente de ambos os lados, e vem ajoelhar aos pés da abbadessa: vem despir as galas da formosura, e comprar á custa dellas a pureza da virgindade e a palma do martyrio. Cada vez mais rapido range o punhal nos collos purissimos das virgens do mosteiro. O gemido, que expira comprimido pela constancia, já se prende com o que a dôr e a fraqueza mulheril arrancam do seio das victimas ao descer do primeiro golpe; e a fileira das que se vão debruçar sobre os degráus do altar cresce d'instante a instante, ao passo que raream as outras duas.

A terrivel sacerdotisa parou. Está o seu braço cansado de tão largo sacrificio? Não! Braço e animo são robustos, porque os fortalece o espirito do Senhor. É que o momento supremo da morte se approxima. A mourisma jorra subitamente pelo portal estreito, como o rio caudal na caverna que se lhe estendia debaixo do leito, e cuja abobada fendeu tremor de terra. Os guerreiros negros das tribus de Takrur, á voz de Abdelaziz que os precede, precipitam-se contra os solidos cancellos do logar vedado: vinte machados ferem a um tempo nas grades, que gemem sob a furia dos golpes, e mal resistem ás pancadas violentas dos negros possantes, aos quaes redobra os brios a presença do amir, cuja colera resfolga em maldicções e blasphemias.

Entre as monjas e os arabes bem curta distancia medeia: e todavia, lá no mais pequeno recincto, onde soam os gemidos de dores atrozes: onde só ri uma esperança, a da morte, ha paz íntima, ha o céu: aquí, na vasta crypta, onde a ebriedade de facil triumpho, a riqueza dos despojos, o futuro de uma larga existencia de gloria e deleites sorriem na mente dos infiéis, está o furor insensato, está o inferno. O evangelho e o koran estão frente a frente no resultado das suas doutrinas. É sublime a victoria do livro do Nazareno!

Os golpes de machado redobram: os troncos affeiçoados do roble começam a estourar nas suas juncturas. A ultima

freira fôra já curvar-se juncto aos degráus do altar: a donzella vestida de branco vae ajoelhar aos pés de Chrimhilde, exclamando:

«Para mim tambem o martyrio! Salvae-me do opprobrio!»

«A tua constancia, filha, na dura prova de agonia por que tens passado, te purificou. Sê uma das monjas da Virgem Dolorosa, e vae com tuas irmans receber a corôa de martyr.»

O ferro, porém, que descia sobre o collo da donzella foi caír com a mão de Chrimhilde aos pés da cruz gigante do altar. Um revés do alfange de Abdelaziz lh'a cerceára: as solidas grades estavam despedaçadas.

A abbadessa vacillou, e ao cair só pôde murmurar: Jesus, recebe a minha alma!

Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe atalhou na garganta o derradeiro suspiro.

As freiras ergueram-se, e encaminharam-se para o logar em que jazia o cadaver destroncado da abbadessa. Ajoelharam juncto della com a face voltada para a turba dos infiéis. Os seus rostos inchados e manando sangue eram disformes e horriveis.

«Ao menos tu serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzella vestida de branco, a quem o terror desta scena rapidissima tornára immovel como uma dessas estatuas, que parecem orar sobre os sepulchros nas cathedraes da idade-média. — Filhos valentes do Sudan, conduzí-a á minha tenda. As outras, que as azas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadaveres.»

D'ahi a poucas horas a crypta estava em silencio. As monjas da Virgem Dolorosa jaziam degoladas em volta da veneravel Chrimhilde, e as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus.

XIII.

COVADONGA.

> Ao sopé daquelle monte um penhasco defendido pela natureza, e não por arte, dilatando-se vasto, resguarda uma caverna inteiramente inexpugnavel para qualquer ardil d'inimigos.
>
> MONGE DE SILOS: *Chronicon c. 3.*

A victoria do Chryssus assegurára aos arabes a conquista da Hespanha inteira, porque o desalento entrára em todos os corações, e o terror quebrára todos os brios. O duque de Cantabria, Pelagio, fôra o unico em cuja alma não morrêra inteiramente a esperança. Errante pelos cerros quasi inaccessiveis, que se elevam no extremo oriental da Gallecia, e que, passando ao norte da Carthaginense, vão entroncar-se no vulto gigante dos Pyrenéus, o mancebo não dobrára a cerviz ao fado cruel que pesava sobre seus irmãos. Poucos o haviam seguido naquella vida quasi selvagem; mas esses poucos eram homens a quem a aura da liberdade parecia a unica atmosphera em que seus pulmões robustos poderiam resfolgar; homens a cujos olhos as affrontas da cruz derribada do cimo das cathedraes seria espectaculo incrivel e insupportavel. Uma caverna servia de paço ao joven rei das montanhas, e de templo ao crucificado. Os dominios de Pelagio eram as serranias e os valles profundos, onde porventura até então nunca soára a voz humana. O urso ferocissimo, o javalí indomavel, a leve corça abasteciam a grosseira mesa desses godos, a quem a desgraça e a vida dura das solidões fizera mais féros, mais indomaveis, e mais ligeiros

do que elles. Ás vezes Pelagio e os seus soldados desciam das montanhas para largas correrias, semelhantes á tempestade nocturna, e como a tempestade passavam pelas tendas dos arabes, ou pelas aldeias despovoadas de christãos, onde os infiéis começavam a fazer assento. Alta noite ouvia-se ahi um gemer de moribundos, via-se o brilhar do incendio. Era o bulcão do deserto que rugia por lá. Ao amanhecer tudo estava tranquillo; porque, bem como a procella, Pelagio era repentino e destruidor, e só escrevia na terra com os caractéres sanguinolentos de ruinas e mortes a noticia da sua quasi invisivel passagem.

Não assim Theodemiro. Depois da batalha os restos das tiuphadias desbaratadas haviam-no proclamado successor de Ruderico. Era de ferro e espinhos a corôa que se lhe offerecia sobre a campa do imperio godo. Acceitou-a; porque em acceitá-la havia mais abnegação que orgulho. Emquanto Tarik, rendida Toletum, subjugava uma parte da Carthaginense, Musa, o amir d'Africa, desembarcando nas costas da Hespanha com um novo exercito, rendia Hispalis, e atravessando o Ana submettia ao jugo do khalifa todo o occidente da peninsula iberica. As reliquias do exercito godo, que não haviam podido resistir a Tarik, muito menos poderiam impedir a passagem do amir. Assim Theodemiro, ajunctando esses soldados dispersos, se acolhêra ás serranias d'Ilipula na extremidade oriental da Betica. Musa, porém, enviára contra elle seu filho Abdelaziz, um dos mais famosos guerreiros do Islam. Apesar da superioridade do exercito arabe, a lucta fôra longa e terrivel. Theodemiro succumbíra por fim; mas, posto que vencido, o seu valor obrigára os mosselemanos a concederem-lhe vantajosas condições de paz. Os vastos dominios que ainda possuia foram-lhe conservados, reconhecendo elle a supremacia do amir; e os godos poderam, ao menos nesse canto da Betica, achar uma parte da segurança e repouso, que faltava no resto da Hespanha, onde o alfange da conquista assignalava todas as frontes com o ferrete da servidão, e reduzia a montões de ruinas as cidades, onde o espirito do christianismo e da liberdade ousava reluctar contra o dominio do khalifa e contra a religião do koran.

Theodemiro reinou largo tempo nos districtos orientaes da Betica, mas abandonado pelos mais nobres guerreiros,

para quem a paz com os infiéis seria incomportavel deshonra. As montanhas das Asturias eram o verdadeiro e unico refugio da independencia goda. Em volta de Pelagio ajunctavam-se todos os homens esforçados, que não tinham ainda desesperado da providencia e da propria espada. Muitos delles adormeceram para sempre nas solidões daquelles agrestes escondrijos, sem que vissem verificar-se as suas esperanças; outros, porém, sandaram ainda a aurora do dia da vingança, e poderam dizer morrendo: — a Hespanha será salva!

Era passado um anno depois da batalha do Chryssus. O numero dos companheiros de Pelagio augmentava diariamente com os homens generosos que, depois da paz de Theodemiro com os arabes, o deixavam para salvarem a sua independencia nos fraguedos das Asturias e da Cantabria. Estes soccorros continuos fortaleciam a constancia do moço guerreiro, que via crescer e sussurrar a torrente dos invasores em volta das suas montanhas. Abdelaziz, o valente filho de Musa, subjugára a Lusitania e a Carthaginense, e saqueando as cidades opulentas do norte que lhe abriam as portas, mettia a ferro e fogo as que tentavam resistir-lhe. Os rolos de fumo que se alevantavam das povoações incendiadas mostravam aos cavalleiros de Pelagio que já pelos campos gothicos fluctuava triumphante o estandarte de Mohammed. Rugindo de colera ao contemplar este espectaculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas. Então sentiam escorregarem-lhes as lagrymas pelas faces tostadas, e descer-lhes com ellas aos seios d'alma a resignação e a esperança na piedade de Deus.

Debaixo d'um semblante severo, mas sereno, Pelagio sabia esconder a amargura que lhe trasbordava do coração. No viço da juventude o espirito lhe encanecêra em meio dos dolorosos successos da sua ainda tão curta vida. A todas as magoas communs se lhe accrescentavam outras particulares, porventura mais pungentes. A maior parte dos seus companheiros haviam trazido para as Asturias os paes decrepitos, os filhos e as esposas, todos aquelles por quem repartiam os affectos do seu coração. Elle, porém, não pudéra salvar uma irman, que adorava, e que Favila expirando entregára em seus braços, para que fosse o defensor e o abrigo da que ficava orphan no mundo. Ao sair de Tárraco para se ir ajunctar á hoste de Ruderico, o mancebo deixára Her-

mengarda nos paços paternos, encommendada á guarda de alguns velhos bucellarios de seu pae. Quando, depois da batalha juncto do Chryssus, se acolhêra ás montanhas, onde só podia conservar a liberdade, Pelagio avisára sua irman do logar em que existia, e lhe communicára todos os meios de penetrar n'aquella quasi inaccessivel guarida. A resposta d'Hermengarda foi digna de uma neta dos godos: dizia-lhe que brevemente seria com elle; porque preferia um covil de feras, habitado por Pelagio, ás delicias de Tárraco, sobre a qual não tardaria talvez a pesar o ferreo jugo dos mosselemanos. Com os bucellarios que lhe deixára ella ía atravessar a Hespanha encaminhando-se a Legio, onde devia chegar dentro de poucos dias.

Esta carta d'Hermengarda produzíra crueis receios no animo do mancebo. Sabía que os arabes derramados já pela Gallecia, não tardariam a involver na torrente das suas assolações a antiga cidade romana: elle, que experimentára qual éra a furia dos guerreiros do oriente, compadecia-se das vans esperanças de resistencia que os habitantes de Legio alimentavam ainda. De feito, um dia, em que enviára alguns cavalleiros pelos diversos caminhos que Hermengarda poderia seguir na sua arriscada e longa peregrinação, estes voltaram sobre a tarde com uma bem triste nova. Os arabes capitaneados por Abdelaziz haviam chegado juncto aos muros daquella forte povoação, e poucas horas lhes tinham bastado para hastearem nas suas torres o estandarte de Mohammed, e para passarem á espada os seus defensores. Deixando ahi uma das tribus bereberes, o exercito dos conquistadores guiára rapidamente para a Tarraconense; e os esculcas godos haviam escapado a custo aos almogaures arabes desapparecendo entre os desvios das serras, e espreitando dos apertados cerros o caminho que seguia a multidão dos infiéis, os quaes lhes pareceu dirigirem-se para o lado do celebre mosteiro da Virgem Dolorosa. Quanto á irman de Pelagio, nenhuns vestigios haviam encontrado da sua passagem, nenhuma esperança traziam.

Taes foram as novas que os cavalleiros enviados aos valles além de Legio deram ao moço guerreiro, que já os esperava impaciente em uma das gargantas do Vinnio. Cheio de tristeza, Pelagio voltou então para a sua morada selvatica,

para o escondrijo pelo qual havia tanto tempo trocára os paços paternos da esplendida Tárraco. Durante muitas horas, no meio do denso nevoeiro acamado sobre as encostas, pelas sendas tortuosas das montanhas, os cavalleiros que seguiam o duque de Cantabria não ousaram quebrar-lhe o doloroso silencio. Apenas, pela calada da noite negra e fria, soava lá ao longe o ruido do Salia, de cujas margens por vezes se approximavam. O sussurrar, porém, da corrente, amortecido de quando em quando pela distancia, confundia-se com o ramalhar nas sarças do lobo que fugia, e com o brando rugir dos pinhaes balouçados pela bafagem do vento. Estes sons vagos e confusos respondiam ao tropear dos ginetes, galgando as serras ou descendo lentamente e enfileirados á borda dos precipicios. O nevoeiro, mergulhando-se nestes, branqueava-lhes os seios, e revelava a sua existencia, deixando entre uns e outros como uma fita tortuosa e escura, que ía morer mui perto no breve horisonte, encurtado pela cerração e pelas trevas.

Tarde, já bem tarde, uma luz baça e duvidosa bruxuleou sem brilho adiante dos cavalleiros, que haviam rodeado as montanhas fazendo um largo semicirculo. Naquelle momento elles transpunham uma garganta medonha. Pelo contrario de outros logares que tinham atravessado, aqui as serras erguiam-se quasi a prumo de uma e d'outra parte da estreita passagem. Por meio della sentia-se o ruido de torrente caudal, que parecia vir da banda da luz que se via em distancia, e o nevoeiro cada vez mais cerrado pendurava-se em orvalho na barba espessa dos guerreiros, e nos cabellos que lhes ondeavam pelos hombros saindo de sob os elmos.

Seguindo o curso do ribeiro, a cavalgada chegou por fim a um valle mais amplo, mas tambem rodeado de serras, cuja sombra gigante seria facil perceber, apesar da cerração, a quem olhasse attentamente em roda. A luz que parecia guiar os cavalleiros, a principio duvidosa, tenue, sumindo-se a espaços, crescia rapidamente, e era já um grande clarão, que reflectia pelos penhascos, visiveis para um e outro lado, e scintillava no dorso da corrente. Um grito de esculca veio quebrar o silencio dos caminhantes, que durante tantas horas não tinham proferido uma unica syllaba.

As palavras — Covadonga e Pelagio! — repetidas pelos

cavalleiros da frente responderam á voz do esculca, que, em pé e quedo sobre um outeirinho, os deixou passar ávante. Em breve chegaram ao termo da sua viagem. O valle findava em extensa penedia cortada a pique. Á direita uma subida ingreme, talhada na pedra viva, conduzia a um arco, irregular aberto na penedia. Era a claridade do fogo acceso debaixo delle a que se derramava no valle, e que ainda ía allumiar frouxamente o passo estreito que os cavalleiros haviam atravessado. Encostados aos rochedos dispersos juncto á raiz daquella muralha altissima, estavam derramadas muitas choupanas, grosseiramente construidas de mal acepilhados troncos e cubertas de ramos e colmo. Em frente de varias dellas ainda fumegava o brazido das fogueiras nocturnas daquella especie de arraial, onde ciciava o respirar compassado dos que dormiam. Ao pé da primeira e mais extensa choupana Pelagio descavalgou; os mais seguiram o seu exemplo.

«Gutislo!» — bradou um dos cavalleiros, cujo elmo se distinguia dos demais, porque era o unico em cuja superficie negra e baça se não reverberava o clarão avermelhado dos carvões accesos, que ainda restavam de uma grande fogueira, juncto da subida ingreme que guiava á caverna.

Um homem agigantado e de fera catadura saíu da choupana murmurando sons mal articulados, e que pareciam de agastamento. Dos recem-vindos os principaes começaram a subir vagarosamente a senda fragosa, que tinham ante si, em quanto Gutislo recolhia os ginetes, que mal se podiam menear de cansados, e os simples bucellarios se derramavam pelas tendas erguidas juncto dos penhascos.

Os cavalleiros chegaram ao topo da subida. A caverna de Covadonga, o palacio do duque de Cantabria, estava patente. Da esquerda, em vasta lareira, ardia um grosso cepo de sobreiro, que conservava tepida e enxuta a atmosphera, naturalmente fria e humida: da direita, pelas quebras angulosas das rochas, viam-se deitados capacetes, saios de malha e muitas armas offensivas. Escabellos grosseiros, mesas de carvalho, e alguns leitos de pelles d'animaes silvestres amontoadas sobre a cortiça que servia de pavimento, completavam o adereço daquelle rude aposento. Todavia as armas pulidas, ordenadas em feixes, e as stalactites seculares, penduradas do tecto, reverberando o clarão da fogueira davam ao topo

da lapa um aspecto esplendido, que de algum modo assemelhava esta habitação de feras a uma sala d'armas de paços afortalezados.

É alta noite: os cavalleiros que haviam acompanhado Pelagio dormem profundamente, estirados nos pobres leitos da gruta. Quem ouvisse os nomes desses rudes soldados saberia quaes eram os restos da mais illustre nobreza goda: eram muitos daquelles que, havia poucos mezes, nos paços magnificos de Toletum passavam as noites em festas, os dias em banquetes, e que depois de existencia deleitosa esperavam ir dormir sob as arcarias das cryptas das cathedraes nos tumulos soberbos de seus avós. E todavia, a conquista reduziu-os á vida de barbaros, e fê-los retroceder aos costumes duros e ferozes dos companheiros de Theoderik e de Ataulph; aos habitos de rudeza dos primitivos wisigodos.

O moço duque de Cantabria véla, porém. Assentado em um escabello juncto do lar acceso, com a face encostada ao punho, deixa balouçar a sua alma em tempestade de dolorosos pensamentos lembrando-se de Hermengarda. Por mais de uma hora Pelagio se conservára nesta situação, quando ao voltar a cabeça viu que mais alguem velava como elle. O cavalleiro que ao chegarem chamára por Gutislo, em pé por detrás do escabello, com os braços cruzados e os olhos fitos na chamma, parecia meditar profundamente. No seu aspecto havia o que quer que fosse tenebroso e sinistro.

«Como assim! — exclamou o mancebo — ainda não buscastes o repouso? Depois de tão larga correria não imaginava achar-vos ao pé de mim, que vélo, porque a amargura não consente que o somno me cerre as palpebras. Tendes acaso uma irman querida, uma esposa que muito ameis, por quem devais tremer, e que talvez neste momento seja victima de paixões desenfreadas dos infiéis?»

«Não tenho ninguem no mundo: — respondeu o cavalleiro, cujo aspecto se carregou ainda mais ao ouvir estas ultimas palavras: — mas não póde aquelle, cujo coração é ermo desses affectos, ser tambem infeliz?»

«Infelizes são todos os moradores de Covadonga — acudiu Pelagio: — mas o que á desventura commum ajuncta receios bem fundados pela honra, ou ao menos pela vida daquelles que muito amou, é mil vezes mais desventurado.»

«Duque de Cantabria, quando tiverdes medida por onde afferir ao certo o meu e o vosso coração podereis falar assim.»

«Te-la-hia talvez, se conhecesse a historia da vossa vida: mas vós a cubrís de impenetravel mysterio.»

«Porque é o segredo mais sancto da minha alma — interrompeu com vehemencia o cavalleiro; — segredo que esta bôca nunca revelará na terra.»

«Nem eu o exijo: longe de mim tal intento. A carta que me trouxestes de Theodemiro me assegura que sois um nobre gardingo: tanto bastou para que vos recebesse entre aquelles com quem reparto a minha caverna de foragido. Nunca vos perguntei sequer porque abandonastes um homem que de suas palavras vejo vos amava como irmão.»

«Oh, quanto a isso, dir-vo-lo-hei — atalhou de novo o guerreiro, pondo a mão sobre o punho da espada. — Foi porque eu o cria um anjo de virtude e esforço, e elle era apenas um homem! Foi porque a paz que pactuou com os mosselemanos, honrosa aos olhos do vulgo, era a meus olhos infamia. Paz com o infiel? Ao christão só cabe fazê-la quando dormir ao lado delle somno perpetuo no campo de batalha; quando, ao lado um do outro, esperarem ambos que as aves do céu venham banquetear-se em seus cadaveres. Antes disso, não a comprehendo. Disse-lh'o, sem colera, sem injurias, ao abandoná-lo para sempre. Nesse momento algumas lagrymas correram destes olhos; porque a alma de Theodemiro era a ultima em que morava um affecto que respondesse aos meus; era o ultimo templo em que me sorria a esperança!»

E as lagrymas que elle dizia haver derramado nessa triste separação, corriam de novo quatro a quatro pelas faces do guerreiro.

Apenas o gardingo proferíra estas derradeiras palavras, o clarão avermelhado da lareira bateu subitamente no vulto agigantado de Gutislo, que surgíra á boca da gruta e parecia hesitar se devia ou não interromper o dialogo dos dous guerreiros.

«Velho lobo do Herminio, approxima-te — disse Pelagio em tom de gracejo, como que tentando affastar as tristes idéas que lhe opprimam o espirito. — Que buscas a taes des-

heras? Tiveste acaso em sonhos saudades das barrocas das tuas sérras nevadas, e crêste que Covadonga era o antro de teu irmão o javalí?»

«O caçador das montanhas — replicou o lusitano, na sua linguagem pinturesca de barbaro — não estaria aqui se a saudade dos logares em que nasceu lhe morasse no coração. Os homens d'além do mar lhe mataram ou captivaram mulher e filhos n'um dia em que por seu mal estes penetraram nos valles do Munda. Por isso te seguí eu, oh godo: tu derramas o sangue dos homens d'além do mar, e eu quero derrama-lo tambem.»

«A que vens pois aqui?» — replicou Pelagio, a quem as palavras do celta traziam de novo ao espirito a lembrança de que tambem elle era, talvez, orpham de irman querida.

«A dizer-te que um desconhecido chegou ao valle. Fala não sei de que nome godo como o teu; d'Hermengarda, me parece. Pede para te falar.»

«Onde está elle? — exclamou Pelagio, em cujos olhos brilhára a esperança, misturada de temor. — Que venha! oh que venha breve!»

E alevantando-se, encaminhou-se ligeiro para a entrada da gruta, donde Gutislo outra vez desapparecêra. Antes, porém, que ahi chegasse, um velho cujos trajos desordenados, rotos e cubertos de lodo, davam indicios de ter atravessado largo espaço das serranias, entrou na caverna, e arrojando-se aos pés do duque de Cantabria, rompeu em soluços sem poder proferir palavra.

N'um relance Pelagio o conhecêra.

«Aldephonso! onde está Hermengarda? Bucellario! onde está a filha do teu patrono?!»

O velho tentou responder, porém não pôde, e continuou a soluçar.

«Entendo-te: é morta! Nunca mais te verei, minha pobre irman!» — murmurou o mancebo, escondendo o rosto entre as mãos.

Ao gardingo, que durante esta scena se conservára immovel, fugiu um gemido abafado. Depois levou o punho cerrado á fronte, como se quizesse conter ahi uma idéa dolorosa, que tentava resfolgar.

Houve um largo espaço de temeroso silencio. O velho o quebrou por fim:

«Não; não é morta! Mas porventura ainda o seu fado é mais horrivel. Jaz captiva em poder dos infiéis. Não me foi dado salvá-la, e não quiz morrer sem vos dar esta nova cruel. Agora...»

Um brado de Pelagio atalhou as palavras do bucellario suffocadas pelo choro.

«As minhas armas e o meu cavallo! Que me deem o meu frankisk! Velho vilissimo, já que não soubeste deixar-te despedaçar juncto della, dize ao menos onde poderei encontrar os pagãos, que captivaram Hermengarda.»

Lavado em lagrymas, o ancião narrou-lhe em breves palavras os successos que se haviam passado no mosteiro da Virgem Dolorosa. Elle tinha feito tudo para a resolver a tentar a fuga. «Ainda na crypta fatal — concluia Aldephonso — através das grades que me embargavam os passos, por vós, pelas cinzas de vosso pae, lhe suppliquei de joelhos que me acompanhasse. Os velhos bucellarios de Favila, no meio do tumulto, a teriam talvez posto em salvo! Sorriu, porém, das minhas esperanças, e conservou-se firme no seu proposito. Mas Deus tinha ordenado que, em vez de obter o martyrio, cahisse nas mãos dos agarenos. De todos os que vinhamos em sua guarda, talvez só eu pude escapar, misturado com os soldados da Transfretana. Assim segui por algum tempo os arabes, que se encaminham para o lado de Segisamon. Ao anoitecer embrenhei-me nas montanhas. Um pastor que encontrei me serviu de guia, até que cheguei aos pés de meu senhor para lhe pedir a morte, e para lhe jurar que estou innocente.»

«De pé, cavalleiros! Aos infiéis, em nome de Christo!» — gritou o duque de Cantabria, com uma voz que retumbou nas profundezas da caverna.

Habituados ás subitas arrancadas nocturnas contra os arabes, quando vagueavam em correrias longinquas, os companheiros de Pelagio ergueram-se de salto ainda mal despertos, e por uma especie d'instincto lançaram mão das armas penduradas por cima de suas cabeças. Era solemne e tremendo o espectaculo que apresentava a gruta naquelle alçar repentino de tantos homens, no brilho das armas que relam-

pagueavam á luz da fogueira, e tiniam umas nas outras. Entretanto Pelagio ordenava a Gutislo despertasse os homens d'armas espalhados pelas choupanas do valle, e fizesse dar o signal d'encavalgar. Era necessario partir.

No meio, porém, da revolta havia alguem que se conservava quedo e que parecia tranquillo. Era o gardingo desconhecido. Encostado á parede anfractuosa da gruta, e demudado o gesto, contemplava aquella scena com o vago olhar de quem alongára o pensamento para mui longe d'alli. Emquanto todos os demais cavalleiros rodeavam Pelagio, indagando inquietos a causa daquelle subito appelidar para uma correria nocturna, elle só ficára immovel, e como indifferente ao tumulto que as vozes do duque de Cantabria tinham excitado entre os guerreiros das montanhas.

«Qual de vós outros cavalleiros — dizia Pelagio aos que o rodeavam — duvidará um momento de que, se um mensageiro chegasse e lhe dissesse: «vossa esposa, vossa filha, vossa irman cahiu em poder d'infiéis» eu hesitasse em ir ajudá-lo a arrancar essa victima querida á bruteza cruel dos pagãos? Nenhum; porque mais d'uma vez tenho arriscado a vida para curar saudades e amarguras dos desterrados como eu. Deu-me o céu uma irman; deu-me o ultimo suspiro de meu pae uma filha; deu-me a ternura por essa virgem, cuja imagem vive eterna neste coração virgem como ella, uma esposa. Quando a triste innocente vinha abrigar-se á sombra do escudo de seu irmão, os infiéis roubaram-ma. Viuvo e orphão, appello para os ultimos corações generosos da Hespanha. Por Deus que me ajudeis a salvar a minha pobre Hermengarda. Como tua filha Brunehilde ella é formosa, Gudesteu! Como tua esposa Elvira ella é boa e carinhosa, Algimiro! Como tua irman, Munio, ella é innocente e pura. Godos, por tudo quanto amaes, salvae-a, salvae a mesquinha!»

O nobre esforço do mancebo desapparecéra ante a idéa dolorosa da sorte que a providencia reservára á desventurada filha de Favila. Elle estendia as mãos unidas para os cavalleiros, como uma creança timida que implora compaixão.

«Partamos! — exclamaram ao mesmo tempo os nobres foragidos. Tua irman será salva, ou nenhum de nós voltará mais á gruta de Covadonga!»

Uma voz trémula, mas retumbante, trovejou por detrás delles:

«Não partireis d'aqui!»

Voltaram-se. Era o gardingo.

«Quem o ordena?» — bradou Pelagio, com toda a energia que esta inesperada resistencia despertára subitamente nelle.

«Um homem — replicou o desconhecido, atravessando o circulo dos guerreiros que rodeavam o duque de Cantabria, e lançando em volta olhos altivos; — um homem cujo coração é ha longo tempo morto, porque as paixões o queimaram; mas cuja intelligencia por isso mesmo é mais fria. Quantos sois vós? Quantos bucellarios dormem pelas tendas desse valle? Apenas alguns centenares de lanças poderiam, ao todo, transpôr comvosco os passos das serras. Os infiéis e os renegados que os servem quantos são? Se podeis contar as estrellas que ora recamam o céu, podereis dizer-me o numero delles. Tu, Pelagio, braço de ferro, coração de bronze, quem és tu? O guardador das ultimas esperanças da cruz e da patria. Quem te deu pois o direito de correres a morte certa? Quem te deu o direito de apagar no sangue dos ultimos godos o unico facho que allumia as trevas do futuro da escravisada Hespanha?»

«E a ti — interrompeu furioso e arrancando meia espada o violento Sancion — quem te incumbiu de nos dizeres: «não saireis d'aqui?» Quem és tu, que, vindo não sei d'onde, pretendes dominar como senhor aquelles que só obedecem a Deus?»

O desconhecido olhou para o movimento ameaçador de Sancion, e pelo rosto passou-lhe um sorriso desdenhoso. Crusou os braços, e respondeu com voz lenta e solemne:

«Por minha boca falaram milhares de godos que gemem no captiveiro, e que voltam de continuo os olhos para os cerros das Asturias, onde apenas fulgura tenue o sancto fogo da liberdade: falaram por minha boca as aras do Senhor calcadas pelos pés dos pagãos, as imagens do Christo derribadas no lodo, os muros ennegrecidos das cidades incendiadas. É isto tudo que vos diz: não saireis d'aqui! — Perguntas quem sou? Dir-t'o-hei. O ultimo homem que juncto do Chryssus viu, combatendo, a face dos arabes vencedores, em quanto os valentes fugiam; o homem que tentou morrer

com a patria, e que a mão de Deus salvou para neste momento vos dizer: «não saireis d'aqui!» Quereis saber quem eu sou? Lê, Pelagio, o que escreveu ahi Theodemiro. Dize-lhe depois qual é o meu nome!»

E tirando da escarcella uma tira de pergaminho, dobrada, abriu-a, e entregou-a a Pelagio.

O duque de Cantabria correu-a pelos olhos, e deixando-a cahir em terra murmurou: — «Meu Deus, o cavalleiro negro!»

Os godos apinhados em roda recuaram alguns passos, e houve um momento de ancioso silencio.

«Anjo ou demonio, que nos explicas um mysterio por outro mysterio — exclamou emfim Pelagio visivelmente perturbado: — christãos e arabes lembram-se ainda das tuas incriveis façanhas nas margens do Chryssus. Mil vezes eu proprio tenho dicto: dez como elle haveriam salvado o imperio de Theoderik! Devemos obedecer-te, se és um homem como dizes, porque vales mais que nós. Se és o anjo que presides ao fado da Hespanha, mais submisso ainda será o nosso obedecer. Mas que mal te fez minha desgraçada irman?...»

«Que mal me fez tua irman? — atalhou com vehemência o gardingo. — Nenhum!... E quem te disse que não quero, que não posso salva-la, eu que não sou anjo; que sou, como tu-um homem? Quaes d'entre vós — proseguiu, voltando, se para os cavalleiros que o rodeavam — sois n'este mundo sós, e não tendes quem na morte regue com lagrymas a terra que vos cubrir? Quaes de vós sois, como eu, desterrados no meio do genero humano? Que os orphãos de coração ergam a dextra para o céu, onde só ha um seio que lhes receba os gemidos de amargura, o seio immenso de Deus!»

Doze guerreiros, e entre elles o fero Sancion, alevantaram a dextra para o ar á voz imperiosa do gardingo.

«A cavallo! — gritou este, apertando o largo cinto da espada, e enfiando no braço a ferrea cadêa do frankisk. — Pelagio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora ao Christo per nós, que teremos dormido o nosso ultimo somno; e chora por tua irmã, cujo captiveiro já ninguem provavelmente quebrará senão o anjo da morte. Partamos!»

Proferindo estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna, e desappareceu nas trevas exteriores: os

doze guerreiros escolhidos seguiram-no machinalmente, porque os seus meneios e gesto os fascinára ao lembrarem-se de que este homem era o cavalleiro negro. O duque de Cantabria, subjugado tambem pela especie de mysterio solemne que cercava todas acções d'este ente extraordinario, nem ousou perguntar-lhe por que meio intentava salvar Hermengarda. Todavia uma voz intima e irresistivel lhe dizia: «resigna-te e confia.» Confiado e resignado esperou, portanto, o cumprimento das promessas do incognito gardingo.

XIV.

A NOITE DO AMIR.

Arrebatada no pallor das trevas.

Breviario Gothico — Hymno de S. Geroncio.

Era ao cahir do dia. O nordeste secco e regelado corria as campinas do espaço, onde, através da atmosphera purissima, scintillavam as estrellas. O clarão de Segisamon incendiada reflectia de longe nas brancas tendas dos arabes, acampados a bastante distancia dos muros da povoação destruida. Em volta do arraial, pelas corôas dos outeiros, accendiam-se as almenaras, a cuja luz tenue, comparada com a do incendio de Segisamon, se viam passar os atalaias nocturnos. Abdelaziz, semelhante a cometa caudato, seguia a sua orbita d'exterminio deixando após si vestigios de fogo. O exercito devia ao romper da alva internar-se nos valles da Tarraconense.

Segisamon tinha na vespera offerecido um espectaculo semelhante ao de muitas outras cidades da Hespanha levadas á escala pelos mosselemanos. Não só a cubiça e o desenfreamento da soldadesca multiplicavam ahi as scenas de rapina, de violencia, e de sangue, mas tambem a politica dos capitães arabes procurava augmentar a terribilidade desses dramas repetidos para quebrar os animos dos godos, e persuadi-los á submissão. O dia precedente a esta noite, que começava, tinha sido consagrado pelos vencedores ao repouso, depois de um duro lavor de morte e ruinas. Os jogos, os banquetes, as dissoluções de todo o genero haviam recom-

pensado brutalmente o esforço brutal dos destruidores de Segisamon.

Ás cohortes do renegado Juliano tocava nesta noite a vigia do arraial: eram godos os que guardavam o campo, onde as virgens da Hespanha tinham sido violadas; onde a cruz captiva fôra mais uma vez ludibriada; onde os velhos sacerdotes haviam soffrido contentes o martyrio no meio das affrontas. Aquelles homens perdidos, rodeando esse montão de abominações, ainda não fartos dos deleites infernaes, em que tinham tido parte com os infiéis, embriagavam-se bebendo pelos vasos sagrados, e escarneciam blasphemos a crença da sua infancia no meio de hedionda ebriedade.

O murmurio immenso do arraial foi amortecendo gradualmente com o fechar da noite. Em breve não se ouviu nas tendas do Islam mais que o respirar lento de tantos milhares d'homens adormecidos nos braços do goso. Juncto, porém, das almenaras as risadas dos soldados do conde de Septum, os cantos obscenos inspirados pela embriaguez, as disputas ardentes do jogo, em que o ouro corria de mão em mão, soavam ainda em volta do silencio do campo. Pouco e pouco este mesmo ruído foi affrouxando, ao passo que os fachos accesos nas chapadas dos outeiros esmoreciam. A escuridão e o silencio reinaram, emfim, até nas atalaias. Os soldados godos, cançados de dissoluções, haviam tambem repousado. E para que prestaria velar? O terror que inspiravam os arabes era o melhor guardador do arraial. Como ousariam os christãos, medrosos atrás dos muros dos seus castellos, saltear o campo de Abdelaziz? As vigias e almenaras eram apenas uma velha formula militar, cuja significação a serie não interrompida dos triumphos até então alcançados tornára inintelligivel.

Pela calada, porém, da alta noite, e no meio das trevas que cobrem como amplo manto aquelle turbilhão d'homens de guerra, descançando então para ao romper do sol rugir de novo impetuoso, vê-se ainda, através das telas mal unidas de uma tenda mais vasta, reverberar vivo clarão, e ouve-se o rir alegre, o altercar, o tinir argentino das taças; todos os indicios, emfim, de que a orgia se prolongou ahi até mais tarde. Ao redor da tenda dormem, lançados por terra com os alfanges nús junctos a si, alguns soldados da guarda de

Abdelaziz, composta dos guerreiros mais temidos do exercito, os negros do remoto paiz de Al-Sudan. Nos ouvidos delles restruge debalde o alto ruído que soa do interior do pavilhão. Dormem tambem profundamente, e apenas á porta da tenda um delles vela immovel encostado á acha d'armas.

A tenda era, de feito, a do esforçado filho de Muza. A mesa do banquete ainda vergava com os restos das iguarias: os brandões já gastos, e os candieiros mortiços derramavam uma claridade suave pelo aposento. Reclinado sobre um almatrah cuberto de preciosa alcatifa do oriente o amir escutava o mais moço dos cheiks que estavam juncto delle, o qual ora cantava os versos voluptuosos de Zohèir, que accendiam a imaginação do joven guerreiro, ora lhe repetia os antigos poemas licenciosos e satyricos de Ben-Hagiar, que elle applaudia com estrondosas risadas.

O conde de Septum e os mais capitães godos alliados dos agarenos conservavam-se ainda nos logares que haviam occupado durante o banquete. Para aquella extremidade da vasta mesa viam-se algumas amphoras tombadas e outras ainda cheias dos vinhos mais preciosos da Hespanha: as taças que giravam ao redor eram as que produziam o tinir que soava fóra, no meio do ruído das falas, dos gritos, e dos cantos monotonos do cheik Abdallah.

Um guerreiro, cuja barba crespa e cerrada lhe cahia como frócos de neve sobre os anneis dourados do saio de malha, estava assentado á direita de Juliano. A brancura dos seus cabellos era o unico signal que se lhe enxergava de uma larga peregrinação na terra; porque o rosado da tez, a viveza dos olhos azues, o garbo nos meneios, e a robustez dos membros agigantados mostravam n'elle mais que muito a compleição vigorosa de homem de boa idade. Era Oppas, o bispo Oppas, que se esquecêra do sacerdocio, como se havia esquecido da patria, e que, habituado á vida solta dos arraiaes, excedia já na violencia de paixões ignobeis os mais desenfreados e barbaros chefes das tribus semi-selvagens da Africa. Muitos outros tiuphados e quingentarios, assentados ao longo da mesa, davam mostras de infernal alegria despejando as taças de prata, que os libertos lhes enchiam de novo para de novo rapidamente se esgotarem.

«Vêde os nazarenos maldictos — dizia Abdelaziz em voz

baixa ao cheik Abdallah, olhando de través para os godos. — O amor da embriaguez nunca os deixará vêr a luz que mana das paginas do divino koran. Para elles o fructo da vide será sempre a ponte estreita, da qual, ao passarem na morte, se despenharão no inferno.»

«E que nos importam as suas almas tisnadas — replicou Abdallah — se elles nos ajudam a sujeitar á lei do sancto propheta o imperio de Andalús? Sem Deus e sem patria, deixae-lhes ao menos a sua bruteza.»

O bispo d'Hispalis percebeu que falavam delle e dos outros godos, porque os cheiks haviam volvido para lá os olhos. Erguendo-se então com a taça em punho, exclamou em arabico:

«Ao invencivel Abdelaziz; a um dos mais nobres vingadores de Witiza!»

«Alfaqui dos romanos — respondeu o amir — a lei do propheta não consente que eu acceite a saudação que atravessou por labios tintos no licôr amaldiçoado por elle.»

«E que montam as maldicções do teu propheta? — replicou Oppas em tom de gracejo. — Devemos nós por isso deixar de saudar o illustre filho de Muza com o abençoado e generoso vinho dos ferteis outeiros da Hespanha?...»

«Infiel!... — interrompeu o amir, em cujos olhos scintillára o despeito. Depois, reportando-se, proseguiu em tom brando, mas firme, como quem queria ser promptamente obedecido: — Nobres cavalleiros do Gharb, valentes cheiks do Negid, de Berryah, e d'Almoghreb, a noite vai alta, e ao romper da manhan é necessario partir. Que o somno vos desça sobre as palpebras nas vossas tendas de guerra!»

A estas palavras, godos e arabes, alevantando-se, foram sahindo da tenda vagarosamente e em silencio. Só o bispo d'Hispalis, apertando a mão de Juliano, murmurou: — «Oh quanto fel se mistura com o prazer da vingança! Mas cumpra-se o nosso fado.»

Ao atravessarem o arraial, os dous filhos renegados da Hespanha notaram que nos cabeços das almenaras a escuridão era tão profunda como no resto do campo. Tudo, porém, estava tranquillo. Apenas a pouca distancia lhes pareceu verem passar como sombra um cavalleiro, que se encaminhava para o lado do pavilhão de Abdelaziz. Era

provavelmente algum soldado d'Al-Sudan, que trasnoitado se retrahia para o seu alojamento juncto da tenda do amir.

Entretanto este, apenas só, começou a caminhar agitado e a passos largos de uma até outra extremidade do aposento, que ricos pannos da Syria dividiam dos que occupavam os servos. No seu gesto, turbado por affectos encontrados, passavam successivamente os vestigios destes: ora a indignação lhe pesava nos sobrolhos confrangidos; ora lhe sorria nos olhos um pensamento voluptuoso; ora a compaixão parecia suavisar-lhe esse feroz sorrir. Por fim o moço Abdelaziz, como vencido pela tempestade da sua alma, assentou-se no almatrah esplendido, e cobriu o rosto com ambas as mãos. Conservou-se assim por largo tempo, em silencio e quedo, até que a final as suas paixões triumpharam, e rebentaram com violencia.

Batendo as palmas, o amir bradou: — «Al-Fehri!»

Um dos pannos, que dividiam a tenda em varias quadras, alevantou-se de um lado, e um vulto negro e disforme, que parecia arrastar-se com difficuldade, encaminhou-se para o amir. Era como um tronco de gigante pelo espadaúdo do corpo, pela amplidão do ventre, e pela desmesurada grossura da cabeça, onde só lhe alvejavam os olhos embaciados. O monstro, apenas deu alguns passos, parou cruzando sobre o peito os braços grossos e curtos, semelhantes a dous madeiros informes.

«Eunucho — disse Abdelaziz com voz agitada — conduze aqui a ultima das minhas captivas, que especialmente confiei de ti.»

O vulto recuou, e franzindo a especie de reposteiro que lhe dera passagem, desappareceu. Passados alguns momentos, tornou. Uma figura de mulher, cujas fórmas mal se podiam entrever através d'um raro cendal que a cubria até os pés, acompanhava-o. Com passo firme ella se encaminhou para Abdelaziz, e o eunucho desappareceu de novo.

«Filha dos christãos — disse em lingua romana o amir—os dous dias que me pediste para chorares o teu captiveiro, passaram. Resolveste finalmente o seres a mais amada entre as mulheres de Abdelaziz; o seres a invejada das donzellas do oriente, e quasi a rainha das provincias de Andalús, porque acima de Abdelaziz só dous homens existem na terra,

o amir d'Almoghreb, aquelle que me gerou, e o descendente do propheta, o que rege todo o imperio dos crentes?»

«A minha resolução é morrer, quando te approuver: — replicou a captiva com serenidade; — porque essa resolução ha muito que eu a tomei. Enganei-te, pagão, quando te pedi dous dias para chorar! Escarneci de ti, porque te abomino. Esperava que um braço de guerreiro, que vale mais que o teu, viesse arrancar-me do captiveiro. Ai de ti, se elle soubesse qual tinha sido o meu fado! Folga, pagão, de que a sentença fulminada por Deus contra os filhos da Hespanha me abrangesse tambem. Nesta hora não fôra eu; fôras tu quem deveria perecer. Mas elle não pôde salvar-me: só me resta dizer-te: infiel, tu és maldicto de Deus: principe dos arabes, tu és servo dos demonios: homem, que me pedes amor, sabe que eu te detesto.»

«Dize tudo: — interrompeu o amir, apertando com força o braço da captiva, e fitando nella os olhos onde luctavam amor profundo e colera violenta: — exhala em injurias a tua dôr orgulhosa: sê até blasphema; mas não digas que detestas Abdelaziz; não digas que amas um godo, e que elle fôra capaz de te vir roubar da minha tenda. Desgraçado do nazareno que se lembrasse de amar-te depois que Abdelaziz te chamou sua. Onde se iria esconder esse malaventurado filho de uma raça vil e covarde, que podesse escapar a este braço, o qual ao estender-se arranca pelos fundamentos os vossos castellos, e reduz a pó os templos do vosso Deus e os muros das vossas cidades?»

«Aquelle que eu cria viesse em meu soccorro — tornou com voz firme a captiva — não se esconderá de ti no dia em que estiverem em volta delle todos os seus irmãos em esforço e amor da terra natal; porque nesse dia das grandes vinganças vê-lo-has face a face. Muitas vezes os teus guerreiros tem fugido diante delle; muitas vezes o incendio dos arraiaes pagãos tem ajudado o incendio das nossas cidades a allumiar as trevas da noite, e a sua mão foi a que lançou o facho sobre a tenda do agareno. Esse ao menos, se ainda se esconde, não é por temor de ti, nem dos teus cavalleiros, que, tantos por tantos e ainda em dobro, muitas vezes tem visto fugir.»

«Entendo-te, altiva filha dos godos: — replicou Abdelaziz.

— Falas do que vós outros chamaes Pelagio, e que só de noite ousa sair das suas solidões das montanhas para acommetter as tribus d'Almoghreb, que fizeram assento no conquistado Gharb, ou para assassinar os cavalleiros do deserto transviados. Apenas Sarkosta e Tarkuna vissem fluctuar sobre as suas muralhas os estandartes do Islam, eu iria arrancá-lo dos seus escondrijos para o punir. Mas tu abbreviaste os dias do foragido nazareno. Dentro de pouco o seu cadaver servirá de pasto ás aves do céu, porque amou aquella que eu escolhi.»

«Deus defenderá meu irmão» — disse titubeando a donzella, cuja firmeza começava a abandoná-la, receiando ver cumprida a ameaça do amir.

«Irman de Pelagio?! Oh, repete-o mil vezes! São as prisões do sangue que te unem ao cruel inimigo dos crentes?»

«Porque finges ignorá-lo? Os velhos cavalleiros que me acompanhavam, e que comigo foram captivos no mosteiro que profanaste, já o terão revelado.»

«Nem as promessas, nem os tormentos poderam tirar de suas bocas o teu nome e jerarchia. Mas jura-me que és a irman de Pelagio, e elle poderá esquivar, se quizeres, o seu tremendo destino.»

«Fôra inutil negar o que eu propria confessei. O meu nome é Hermengarda: o duque de Cantabria, Favila, foi meu pae; e Pelagio é o filho e successor de Favila.»

O amir ficou alguns momentos calado com o braço d'Hermengarda preso na mão robusta, que ella sentia tremula com o tumultuar dos affectos que agitavam o coração do arabe. Este por fim exclamou:

«Pelo precursor do sancto propheta; por Issa*), Hermengarda, que, se amas teu irmão, me digas: — eu serei tua. Estas palavras o farão senhor da mais rica provincia do Andalús, daquella que elle escolher para reinar como amir: os guerreiros que o seguem serão os walis das suas cidades, os kayds dos seus castellos: dos meus thesouros metade será delle. As escravas que muito hei amado, não mais verão sorrir-lhes o rosto de seu senhor. Tu serás rainha do meu coração; rainha sem rival; senhora de tudo sobre quanto

*) Jesus.

se estende o poder de Abdelaziz, do filho querido do invencivel Muza. Profere só essas palavras, e a sorte de Pelagio será invejada pelos nossos mais illustres guerreiros!...»

No gesto do agareno todos os vestigios da colera tinham desapparecido: só nelle se lia a anciedade de um amor immenso, que precisa, mais que do goso brutal, de um sentimento accorde com os proprios sentimentos.

Mas Hermengarda só víra affronta e opprobrio nas palavras do amir, e o odio a este homem, cuja natural fereza e orgulho o amor convertêra em brandura, e talvez em submissão, tornou-se ainda maior ao ouvi-lo. Recobrando toda a energia da sua alma, que por um momento vacillára, respondeu olhando para Abdelaziz com ar de desprezo:

«Nem sempre os valentes conquistadores da Hespanha podem achar traidores, que vendam por ouro e honras infames os sepulchros de seus paes e os altares do Senhor. Não! Pelagio não acceitará nunca um logar entre os filhos de Witiza e o conde de Septum: porque Deus o guarda para vingador de seus trahidos irmãos. Infiel, grande era o preço que davas por uma filha da serva raça dos godos: guarda-o para o empregares melhor; para comprares as nobres e livres donzellas do teu paiz. Tudo o que me offereces é vil; porque vem de ti, maldicto. Só uma offerta te acceito: ha muito que t'a pedi: a morte... a morte, e que seja breve. Abomino-te, destruidor da Hespanha... Não! Enganei-me! Desprezo-te, salteador do deserto.»

Com os labios brancos e o olhar desorientado o amir ouvia as palavras d'Hermengarda, e a sua fronte enrugava-se como a face do oceano ao passar do furacão. Tremendo silencio reinou por alguns momentos na tenda. Com um rir abafado e diabolico o amir o rompeu por fim:

«A morte? — Não terás a morte, juro-t'o pelo sepulchro do propheta. Porque a abelha zumbiu aos ouvidos do caçador faminto, arrojará elle para longe o mel do seu favo, e esmagará o insecto? Tu serás minha, mulher orgulhosa; porque o meu amor é como o meu oido, inexoravel e fatal. Depois, quando o incendio que me devora estiver extincto; quando o tedio morar para mim nos teus braços, irás cevar nas tendas dos bereberes a sensualidade brutal dessa soldadesca selvagem. Póde ser que teu nobre irmão

venha entretanto salvar-te!... Guarda para então as suberbas; que hoje, pobre escrava, só te resta obedecer á voz de teu senhor.»

Ao dizer isto, Abdelaziz, segurando com a dextra o braço d'Hermengarda, o apertou com tanta violencia que a desgraçada deu um grito de agonia, e cahiu de joelhos aos pés do arabe. O amir ergueu-a, e impellindo-a com força, ao mesmo tempo que despedaçava com a esquerda o raro cendal que lhe velava o rosto, a fez cahir pallida e trémula sobre o almatrah. Os labios da donzella quizeram ainda proferir algumas palavras — porventura uma supplica; mas apenas murmurou sons inarticulados, que expiraram em arquejar doloroso.

No seu furor o filho de Muza não sentíra um rugido de colera, que respondêra ao grito d'Hermengarda, nem um ai passageiro e sumido, que, segundo era intimo, parecia de homem a quem a ponta de um punhal rasgára subitamente o coração. Nas telas, porém, que dividiam o aposento do logar d'onde pouco antes saíra o eunucho, e que ficavam fronteiras á entrada principal da tenda, uma figura humana se estampou negra sobre o chão brilhante da tapeçaria. O amir, volvendo casualmente os olhos, a viu. Crescia rapida. Escutou. Passos ligeiros soavam no vasto aposento. Voltou-se. Mas apenas pôde erguer o braço: víra reluzir no ar um ferro: víra um vulto cuberto d'armas semelhantes ás dos cavalleiros d'Al-Sudan: sentiu um golpe que lhe partia o braço erguido, e batendo-lhe ainda no craneo lhe retumbava no cerebro. Deu um grito, fechou os olhos, e cahiu aos pés d'Hermengarda, manando-lhe o sangue da fronte. O monstro humano, que conduzíra alli a irman de Pelagio, assomou então no topo interior da tenda: o brado do amir o attrahíra. Vendo seu senhor derribado, e juncto delle o que o ferira, o eunucho fez uma horrivel visagem, como pretendendo falar; mas sómente soltou um rugido acompanhado de um gesto d'ameaça. Segundo o atroz costume do oriente, Al-Fehri, destinado desde a infancia ao serviço mysterioso do harem, fôra condemnado em tenros annos a nunca imitar a voz humana. Privado da lingua, as suas expressões eram acenos, ou afflictivos e inarticulados rugidos.

O cavalleiro observava-o. Fê-lo sorrir o ademan feroz

e ameaçador do eunucho. Tinha previsto todas as difficuldades daquella arriscada empreza, e contava com o seu esforço e frieza d'animo para as vencer. Ligeiro travou de uma das tochas, que ardiam juncto da mesa do banquete, e chegou-a ás ricas tapeçarias que forravam a tenda. A chamma enredou-se na tela: um rolo de fumo espesso trepou em espiraes, ennegrecendo-lhe os recamos e lavores brilhantes. Em breve as labaredas abraçadas com os feixes de lanças, com os pannos custosos, que ondeavam torcendo-se, treparam até o cimo, e curvando-se espalmadas sob o tecto, romperam em linguas ardentes aprumadas para o céu. O incendio, espalhando ao longe a sua sinistra claridade, erguia-se como um tocheiro disforme acceso no meio do arraial, e despertava assim do somno profundo os soldados d'Al-Sudan lançados em volta do pavilhão do amir.

Mas já a este tempo o cavalleiro se affastava do logar daquella scena medonha. As palavras — «liberdade e Pelagio!» proferidas por elle, tinham calado como um balsamo de vida no coração d'Hermengarda. O desconhecido, tomando-a nos braços, atravessou ligeiro para o lado do arraial onde estanceavam os godos. Outro cavalleiro lhe tinha de rédea dous ginetes. Hermengarda, a quem o perigo e a esperança haviam restituido toda a natural energia, não hesitou em acompanhar o seu audaz e mysterioso salvador. Seguindo os caminhos tortuosos e incertos, que as tendas do immenso arraial formavam, e guiando-se pela lua, que principiava a sair detrás dos outeiros, os tres fugitivos encaminharam-se para o lado do campo além do qual as montanhas lá ao longe reflectiam já o luar das cumiadas cubertas de neve.

Entretanto Al-Fehri corrêra a despertar os negros da guarda do amir, e o cavalleiro ainda ouviu os gritos destes ao contemplarem o incendio, mais prestes em acordá-los que o eunucho. Á entrada da tenda o vigia, que devêra despertá-los ao primeiro signal de Abdelaziz, havia adormecido de somno mais profundo que o delles. Um punhal enterrado na garganta até o punho lhe sellára para sempre os labios. Os gestos de desesperação d'Al-Fehri fizeram conhecer aos soldados o perigo do amir. Por entre as chammas, ferido e semimorto, a custo poderam salvá-lo. Pouco a pouco o tumulto se alongou pelo arrraial: os cheiks arabes e os ca-

pitães de Juliano corriam para o logar onde brilhava o incendio; e dentro em pouco as vozes desentoadas, o tocar das trombetas, o rufar dos tambores, o tropear dos cavallos naquella vasta planicie fariam crêr a quem olhasse para alli dos montes vizinhos, que no arraial se pelejava uma batalha nocturna.

No meio da confusão que produzíra por toda a parte este acontecimento inesperado, e cujo motivo e circumstancias inteiramente se ignoravam, ninguem reparou nos dous cavalleiros e na donzella, que, atravessando rapidamente por entre as tendas dos arabes e dos godos, se dirigiam para as atalaias do norte. Era, porém, aqui onde os maiores perigos aguardavam os tres fugitivos.

A revolta do campo chegára aos ouvidos dos vigias. Sobresaltados pelo clarão que refulgia do logar do incendio, e pelo rumor que soava dessa parte, o grito de alarma corrêra de bôca em bôca de uns para os outros outeiros, que successivamente se illuminavam. No largo gyro que tal bradar fizera, aquella cadeia de sons uniformes fôra subitamente quebrada. Lá, na almenara do norte, nenhuma voz respondêra ao vozear dos esculcas; nenhuma luz de fogueira brilhára de novo. De cada um dos postos vizinhos uma decania de corredores transfretanos desceu então aos valles, e subindo depois por uma e outra encosta vieram topar na corôa do outeiro. Á claridade da lua, cujos raios inclinados roçavam já pela terra, viram reluzir no chão troços d'armas, e estirados ao pé dellas estavam os corpos de seus donos involtos nos saios de malha. Rapido e violento devia ter sido o commettimento, numerosos os cavalleiros inimigos; porque nem um dos atalaias podéra escapar. Nem um; que todos ahi jaziam! Braço robusto tinham por certo aquelles que assim ousavam penetrar no campo de Abdelaziz: as feridas profundas assignadas nos cadaveres davam disso testemunho. Não havia que duvidar: Pelagio salteára o arraial. O incendio que reverberava ao longe, e o arruído como de um grande combate diziam que o facho da vingança fôra arrojado ao meio das tendas do Islam, e que o ferro dos defensores da Hespanha viera, nas trevas da noite, lavar com sangue o logar dos banquetes, tincto ainda de vinho, e immundo de prostituição.

Este pensamento passou fugitivo e confuso pelo espirito dos guerreiros, que olhavam como petrificados para a scena de morte que tinham ante si, e que de um lado allumiava a luz debil da lua nascente, e do outro o clarão avermelhado e ainda mais frouxo do incendio ao longe. Um correr de cavallos, que subiam ligeiros a encosta da banda do arraial, lhes divertiu a attenção. Volveram para lá os olhos. Dous vultos negros, montados em ginetes possantes, caminhavam ao lado de outro, cujos trajos alvejavam ao luar. Os corredores transfretanos adiantaram-se para elles, e ao approximarem-se descubriram, no vulto branco, trajos de mulher, e nos outros, saios, elmos e achas d'armas semelhantes aos dos guerreiros d'Al-Sudan que compunham a guarda do amir.

Um dos dous cavalleiros affastou-se da donzella, e dirigindo-se aos capitães das decanias, unidas no topo do outeiro, disse-lhes em romano, com voz que simulava profunda colera:

«Os inimigos entraram no campo, e acommetteram a propria tenda de Abdelaziz. Os soldados do conde de Septum lhes deram passaegm; porque a elles estava confiada a guarda do campo. Em qual das atalaias estão os traidores?»

«Os valentes da Transfretana nunca mereceram esse nome — replicou um dos decanos, ou capitães dos esculcas. — Foi aqui onde deram o passo aos inimigos; mas o caminho destes foi por cima dos seus cadaveres. Julgae-os.»

E as duas decanias affastaram-se para os lados. Vinte cadaveres estavam lançados por terra.

«Sobre elles não cahiu o opprobrio na sua ultima hora: — disse o guerreiro depois de contemplar um momento aquelle espectaculo. — Abdelaziz ordena que se guardem estreitamente as saídas do campo. Não tardam os cavalleiros zenetas que vem ajunctar-se nas atalaias comvosco, a fim de que nenhum infiel possa escapar, emquanto nós vamos conduzir para logar seguro, fóra do arraial revolto, a escrava querida do amir. Vinde!» — proseguiu elle voltando-se para o companheiro.

Atravessando por entre os soldados tingitanos, a donzella e os seus libertadores começaram a descer apressadamente a encosta.

Já os tres fugitivos íam a alguma distancia, quando como tomado de uma idéa subita, um dos esculcas exclamou:

«Aquelle homem é godo! — Nenhum arabe fala assim a lingua romana: muito menos os broncos guerreiros d'Al-Sudan. Por minha fé, que são inimigos!»

Os acontecimentos inesperados dessa noite, a incerteza em que se achavam os esculcas sobre o que succedia no arraial, a rapidez com que se passára esta scena, e sobre tudo a audacia e o tom imperativo com que o desconhecido falára, não haviam dado logar á reflexão e ás suspeitas. Mas as palavras do soldado foram para todos um raio de luz:

«Tens razão, bucellario: atalhou o capitão da decania. — Fazei-os parar.»

Os tres, que já íam a meia encosta, ouviram muitas vozes clamar: — Esperae!

«Somos perseguidos!» — disse em tom submisso aquelle que ficára juncto da donzella em quanto o outro falava com os vigias.

«Está salva!» — respondeu o companheiro, que parecia ter concentrado todos os seus cuidados n'um pensamento unico, a fuga d'Hermengarda.

Duas frechas lhes sibillaram então por cima das cabeças.

«Covadonga e Pelagio!» — gritou o que proferíra as ultimas palavras. Eram chegados á raiz do monte, juncto ao qual uma planicie inculta e cuberta d'urzes se estendia até ir topar com os bosques que povoavam os primeiros cabeços das serranias septemtrionaes.

A esta voz, lá na orla da floresta, ao cabo do sarçal, surgiram de repente uns reflexos metalicos, que se agitavam trémulos, semelhantes á phosphorencia de um marnel por noite sem lua. Depois, o grito de — Covadonga e Pelagio — foi repetido daquelle lado da gandra, como respondendo ao que soltára o cavalleiro.

«São os nossos valentes irmãos: disse ao companheiro o que falára com os decanos das tiuphadias transfretanas. — São nossos irmãos que nos esperam. Tu, Sancion, guiarás ao meio delles a nobre irman do duque de Cantabria. Entretanto eu reterei aqui os miseraveis renegados, que já descem do outeiro a perseguir-nos; retê-los-hei em quanto alcançaes a entrada do bosque, e vos embrenhaes na serrania, seguindo ao norte. A agrura das montanhas e a profundeza dos valles das Asturias demorarão os inimigos, quando eu

haja de perecer, e não podér embargar-lhes os passos. Ide-vos.»

«Não perecerás sem mim, cavalleiro negro: — replicou o fero Sancion. — Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente emquanto não salvassemos a irman de Pelagio. Mas apenas alcançar a orla da floresta, onde mandaste esperar os nossos dez companheiros, voltarei com todos os que me quizerem seguir. Para guiar a filha de Favila bastam dous guerreiros: o resto não bastará talvez a reter durante o tempo necessario para a fuga a turba dos infiéis que se approxima.»

E sem esperar a resposta do cavalleiro negro, Sancion adiantou-se, dizendo á donzella, que apenas podéra perceber algumas palavras truncadas da conversação dos dous:

«Partamos!»

E a galope, acompanhado d'Hermengarda, brevemente se alongou pela vereda torcida, que se distinguia por meio das moutas como beta alvacenta estampada no tapete escuro das sarças.

A attenção do cavalleiro negro, que os seguíra com os olhos, foi, porém, distrahida para o outro lado pelo tropear já pouco distante dos corredores transfretanos, que a toda a brida se acercavam delle. Era chegada a occasião de mostrar o extremo do seu esforço.

XV.

AO LUAR.

> Das brenhas através affugentando-os,
> Co' a rapida carreira á ponte impello-os.
>
> *Officio Mozarabe — Hymno de S. Torquato.*

Os soccorros dados immediatamente a Abdelaziz tinham-lhe restituido o sentimento da vida. O clarão da sua tenda, que ainda ardia a poucos passos do logar para onde o haviam transportado, foi a primeira cousa que lhe feriu a vista ao descerrar os olhos do lethargo em que estivera submerso. Esse facho desmesurado, cujo fóco vermelho lhe apparecia cuberto de vasta cupula de fumo negro, o crepitar do incendio, o rumor e alarido do arraial, e a inquietação que se lia nos gestos dos que o rodeavam, retraçaram-lhe subitamente no espirito a scena que se passára pouco antes naquelle pavilhão incendiado. Era um quadro complexo e terrivel: e o primeiro signal de vida que o amir deu foi um grito d'horror e desesperação. Alçando violentamente o corpo, ficou assentado sobre o almatrah em que estava deitado. Com o rosto livido e tincto de sangue que lhe corria da fronte, e o olhar espantado e feroz, hesitar-se-hia ao vê-lo, se esse vulto era o de um homem vivo, se o de um morto, que, affastando o sudario, se fosse a erguer da tumba para revelar algum dos temerosos mysterios que encerra a apparente quietação do sepulchro. Parecia que o aspecto do amir convertêra em estatuas todos os circumstantes: a immobilidade era completa, e o silencio profundo.

Mas uma e outra cousa duraram apenas rapido instante. Com voz rouca e affogada o arabe rugia:

«Segui-o! segui o infiel!... As suas armas são negras e semelhantes ás dos guerreiros d'Al-Sudan... A melhor cidade do Gharb e a mais bella das minhas escravas a quem m'o trouxer vivo aqui. Todos!... Ide, trazei-m'o vivo! Prestes, cheiks, walis, kayids, cavalleiros do propheta! Prestes! correi após o meu assassino!»

As palavras de Abdelaziz revelavam o delirio da sua alma: cheiks, walis, e kayids olharam tristemente uns para os outros, e não fizeram um unico movimento.

«Que! Não me obedeceis? Não obedeceis ao filho de Muza — exclamou o amir — porque a sua voz não soa no meio das trombetas e tambores; porque elle não cinge a espada, nem cavalga o seu corcel de batalha? Sem mim atterram-vos as solidões das montanhas? Cheiks do Sahará e de Barca, walis d'Andalús, kayids e almocadens do exercito dos crentes... sois covardes e desleaes. Quando corre este sangue, vós não sabeis vingá-lo!»

«Não somos desleaes nem covardes, Abdelaziz: — interrompeu o mancebo Abdallah, o unico dos chefes arabes que ousava replicar ao amir nos seus violentos accessos de furor. — Mas como queres que te obedeçamos, se não sabemos de quem te havemos de vingar? De um individuo, ou de milhares delles; dos adoradores de Deus, ou dos infiéis nazarenos; de nossos irmãos, ou de nossos inimigos, não nos importa! Terás a vingança que pedes, inteira quanto mãos d'homens a podem dar. A torrente dos teus cavalleiros espera apenas que profiras um nome, e apontes um logar para correr destruidora e irresistivel. Não deves antes d'isso condemnar-nos.»

«Quereis um nome e um logar? — interrompeu o amir. — Ainda, pois, não os adivinhastes? Pelagio e as montanhas do norte. Lá, lá!... Era elle, ou um demonio, o que me feriu... Porque?... Quando?... Oh, agora me lembra. Ia possuí-la, e roubaram-m'a! Por alto preço pagarão os nazarenos d'Al-Djuf tanta audacia. A cavallo os almogaures do deserto... Persegui-o até o encontrardes. Mas vivo... quero-o vivo em minhas mãos! Ai daquelle que o matar!»

Alguns dos cheiks íam já a sair da tenda para executar as ordens do amir. Um brado subito deste os fez parar.

«Não!... Não partireis sem mim! Quero acompanhar-vos; hei-de acompanhar-vos pelas brenhas e desvios; quero assistir á carnificina desses malaventurados, que ainda resistem aos decretos de Deus. É preciso que em breve estejam nas minhas mãos Pelagio e sua irman. Ambos!... Que me tragam ambos!»

D'ahi a pouco umas andas forradas de telas preciosas recebiam Abdelaziz, conduzido para alli sobre o mesmo almatrah ensanguentado em que os medicos judeus lhe haviam ligado as feridas. Rodeiavam as andas os cavalleiros negros de Al-Sudan. Duzentos bereberes, filhos das serranias do Atlas, estavam tambem em volta dellas: estes deviam transportá-las a gyros pelos alcantis das Asturias. As renques de tendas alvejantes, ponteagudas, formando uma como vasta cidade, que, ao subir da lua, davam ao arraial o aspecto de um cemiterio do oriente sem os cyprestes funebres e esguios; toda essa multidão de pavilhões brancos, semelhantes a um mar de pyramides, havia desapparecido, e apenas o luar batendo nos ferros das lanças dos esquadrões cerrados, e na geada que cahia sobre os turbantes dos cavalleiros, refrangia trémulo um clarão prateado.

E o sussurro que se ouvia entre tantos milhares de homens era apenas o murmurio das respirações oppressas pelo frio nocturno, e o resfolgar dos ginetes aspirando o nevoeiro humido que se alevantava da terra.

Mas lá na vanguarda, para o lado das atalaias do norte, d'onde se descortinavam os topos recortados das montanhas sobre o chão claro do céu, como fileira de gigantes petrificados durante uma dança de embriaguez, tão phantasticos eram os seus contornos, ouvia-se um ruído alto e indistincto do cruzar de muitas vozes, do tropear de muitos cavallos: viam-se lampejar as armas nos visos dos dous ultimos outeiros que por aquella parte rodeiavam o campo, e agitarem-se ondas de vultos humanos, e sumirem-se onda após onda, como se os devorasse voragem aberta de subito debaixo de seus pés: eram os cavalleiros que transpunham a eminencia. O exercito, detrás daquelles dous outeiros que formavam como um ponto unico, vinha successivamente engrossando até o logar em que estava Abdelaziz. Parecia um desmesurado triangulo de ferro, a ponto de ir bater na muralha da

serrania, que, vestida com a sua armadura de selvas, esperava o embate daquelle disforme vaivem, que já começava a oscillar ante ella.

Um scena horrenda se passava entretanto além das atalaias, no extenso sarçal que se estendia até o sopé das primeiras montanhas. Os soldados transfretanos tinham-se lançado pela encosta abaixo atrás dos fugitivos. Ao chegarem á planicie, um dos tres desconhecidos estava diante delles, esperando-os quedo no meio da estreita trilha aberta por entre as urzes. A acha d'armas goda e a cadeia, que lh'a prendia ao braço, reluziam unicamente naquelle vulto, cujo saio e cavallo negros, e cujo silencio profundo faziam lembrar um desses espectros errantes alta noite pelos logares desertos.

Os outros dous vultos galopavam a alguma distancia, encaminhando-se para a orlá do bosque, onde continuavam a reverberar reflexos de armas polidas.

«Quem és tu? — disse um dos capitães das decanias dirigindo o cavallo para o vulto negro. — Quem és tu, que ousaste enganar os atalaias do campo d'Abdelaziz, os guerreiros do conde de Septum?»

«Sou um homem que ainda não renegou nem da cruz, nem da Hespanha; um homem que não acceitou o ouro dos barbaros para ser o assassino covarde de seus irmãos.»

«Miseravel, que ajunctas ao engano a insolencia! — rugiu o decano, alçando a espada. — As derradeiras palavras de orgulho e rebeldia acabam de sair-te dos labios.»

Ultimas palavras foram, porém, as do decano: a borda gyrou sibilando no ar, e o guerreiro transfretano cahiu para o lado morto, como se o fulminára o raio.

Com um grito de horror e de colera os que o seguiam precipitaram-se para o desconhecido.

Rodeado de quasi vinte homens, o cavalleiro negro repetia apenas uma parte das gentilezas que practicára na fatal jornada do Chryssus. A cada golpe da borda respondia um gemido de moribundo; depois uma injuria ameaçadora dos que ficavam; depois um rir de desprezo do cavalleiro; e d'ahi a pouco um novo gemido d'alma que se despedia da terra. O tropel dos pelejadores rareava de instante a instante.

Mas os que expiraram não ficarão sem vingança. Os cabos das decanias antes de seguirem os fugitivos tinham enviado um bucellario, que relatasse a Juliano o que succedêra na atalaia, e como elles íam no alcance daquelles a quem irreflectidamente haviam dado passagem. O bucellario fôra encontrar o conde juncto de Abdelaziz. A sua narração, e o que se passára na tenda do amir eram dous factos que mutuamente se explicavam. Os esquadrões mais bem encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos. Na idéa de que só Pelagio podia ter ousadia bastante para vir acommetter o filho de Muza na sua propria tenda, os capitães do exercito mosselemano não duvidaram um momento de que fosse elle o desconhecido. Colhendo-o ás mãos antes de se unir aos seus montanhezes, o exterminio destes seria facil empreza. Assim os melhores almogaures deviam persegui-lo sem descanço nem treguas até o captivarem. Assás numerosos para resistirem a qualquer recontro inesperado dos godos das Asturias, o grosso do exercito segui-los-hia de perto para fazer que a victoria fosse indubitavel e completa.

Uns após outros, os esquadrões dos almogaures desciam já dos outeiros: o ruído do combate e o brilho das armas os guiavam. Pareciam rolar pela encosta, e, cegos na carreira, atufavam-se no mato, que estalava debaixo dos leves pés dos ginetes arabes. O cavalleiro viu-os, e pensou. Esperar a pé firme milhares d'homens não era esforço, era loucura. Além disso, os seus companheiros deviam ter-se já embrenhado nas selvas com a irman de Pelagio. Até ahi não fizera mais do que defender-se dos soldados transfretanos que o cercavam: mudando, porém, da defensão para o commettimento, arrojou-se contra os seus adversarios, e em poucos instantes os que não cahiram ante a acha d'armas foram constrangidos a fugir, buscando amparar-se no meio dos esquadrões que se approximavam.

Então o cavalleiro deu volta. A senda alvacenta, que se estirava por entre o mato até a floresta, começou a embeber-se-lhe debaixo dos pés do ginete, semelhando á vista um rolo de fita estendido e retesado por momentos, que, solto, busca, volvendo-se de novo, a sua curvatura anterior. A rapidez da corrida era quem o podiá salvar: a dianteira dos

almôgaures arabes hesitára vendo recuar tantos homens diante de um homem só; porém, ao retroceder do cavalleiro, lançavam-se despeadamente após elle para o alcançarem antes que chegasse ao bosque.

Mas a distancia que os separava era grande, e os arabes, lançando-se ás cegas por entre as sarças, e enredando-se nellas, retardavam-se a si proprios e augmentavam essa distancia. A sua alarida, que ía retumbar ao longe nas anfractuosidades da serra, ajudava o esporear do guerreiro com o espanto que produzia no agil e robusto ginete.

Já bem perto do extremo da selva o cavalleiro pôde distinguir uns vultos que pareciam esperá-lo. Ao seu bradar — Covadonga e Pelagio! — respondeu o mesmo brado, proferido por uma voz retumbante. Conheceu-a: era a de Sancion. O fero gardingo cumprira a sua promessa. A despedida dos christãos do campo de Abdelaziz devia ficar escripta com letras de sangue na historia dos triumphos do Islam.

Chegando á orla do bosque, as primeiras palavras que o cavalleiro negro soltou foram dirigidas a Sancion:

«Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, vós os que tinheis jurado obedecer-me em tudo? Onde está a irman de Pelagio?»

«Segue os desvios da serra: respondeu Sancion. Astrimiro e Gudesteu a acompanham: Hermengarda está salva. Só até este ponto nos ligava o juramento que démos. Foste nosso capitão: agora cessaste de o ser. Homens livres n'uma terra serva, queremos combater onde tu combates, morrer se tu morreres. Ao menos — accrescentou em tom amargo — não poderás dizer de novo, que foste o ultimo no pelejar em quanto os valentes fugiam.»

«Loucc! — exclamou o cavalleiro negro. — Juncto do Chryssus a Hespanha pedia aos seus filhos que morressem sem recuar: aqui é tambem a patria que exige dos seus ultimos defensores, que não se votem a morte inutil. Fujamos! vos digo eu: porque a fuga não póde deshonrar aquelles que mil vezes tem provado quanto desprezam a vida. Vêde... Não são apenas alguns corredores que nos perseguem: são esquadrões e esquadrões d'agarenos, que transpõem após nós a assomada.»

Mas elles não o escutavam: Sancion, seguido dos seus nove companheiros, investia com os arabes, que tinham entretando chegado.

Semelhante á segure, entrando no amago do carvalho sob os golpes do robusto lenhador, aquelle punhado de homens, a cuja frente se achava Sancion, penetrou no massiço da cavallaria arabe. O ferir das espadas nos saios e elmos reteniu n'um som estridente, e a alarida dos sarracenos foi cortada por momentaneo silencio: depois ouviram-se alguns gemidos abafados, a que succederam novos gritos de ameaça e furor, e o bater e o reluzir trémulo do ferro cruzando-se com o ferro, e o tropear confuso dos ginetes em recontro bem travado. Os arabes haviam parado diante de tanta ousadia. Mas logo que o primeiro espanto passou, os dez guerreiros christãos, acommettidos por todos os lados, começaram a recuar. O cavalleiro negro, que ficára quedo, disse-lhes então:

«Quizestes tentar o Senhor com uma façanha inutil, e o Senhor vos abandona. Salvae as vidas! Exige-o o desaggravo da cruz e a liberdade da Hespanha!»

E pondo-se ao lado de Sancion fez gyrar a sua borda destruidora no meio dos infiéis. Naquelle impeto os inimigos tambem recuaram; e o cavalleiro, aproveitando este rapido instante, proseguiu:

«Aos que se envergonham de poupar a vida, para a perder com gloria quando o dia do sacrificio chegar, darei eu o exemplo! Podeis dizer aos nossos irmãos que o primeiro em fugir foi aquelle que nunca fugiu: foi o cavalleiro negro!»

E voltando as costas aos agarenos, internou-se na espessura.

Habituados a considerar o desconhecido como um ente mysterioso e extraordinario, os guerreiros de Sancion deram volta, e o orgulhoso gardingo viu-se obrigado a imitá-los.

Ei-los vão! Endireitando a carreira para o lado do norte, dirigem-se após Hermengarda, em quanto os almogaures arabes, guiados pelo ruído dos ginetes, os cerram de perto. Os esquadrões, penetrando na selva assemelhavam-se a uma serpe disforme, que se desenrolava colleando e estirando-se por entre o arvoredo, e que de momento a momento ameaçava tragar os fugitivos, os quaes mal podiam conservar

uma pequena distancia entre si e os seus implacaveis perseguidores.

A lua passava então nas alturas do céu. O ar, posto que frio, estava manso e diaphano. Era uma formosa noite de inverno; mais formosa que as socegadas noites do estio. As arvores, na maior parte desfolhadas, deixavam o luar, por entre os ramos despidos e tortuosos, desenhar no chão figuras estranhas, que vacillavam indecisas: os robles nodosos e calvos, misturados com os rochedos pyramidaes, que se alevantavam irregulares e phantasticos nas arestas das encostas ingremes, nas lombadas penhascosas das serras, pareciam fileiras de demonios caminhando de roldão a despenharem-se nos valles, ou dançando nos visos das alturas. Os cavalleiros, correndo á rédea solta, sentiam coar-lhes nas veias involuntario terror, augmentado pelo estrupído soturno da cavallaria sarracena, que soava e ía morrer a grande distancia n'um quasi imperceptivel sussurro.

A furia da carreira crescia ao passo que os fugitivos se embrenhavam na maior espessura da floresta. Durante algum tempo elles tinham podido descortinar os pincaros das montanhas e, lá muito ao longe, os mais altos cabeços do Vinnio, que reflectiam o luar no seu manto prateado de neve.

Mas a selva já começa a rarear, e os ginetes a resfolgarem com mais violencia: d'instante a instante os cavalleiros christãos espreitando as estrellas do horisonte, que lhes servem de guias, vêem fugir aquella têa enredada, que as franças das arvores lhes affiguram como lançada sobre o chão claro do firmamento. Menos frequentes, as bastas e perennes folhagens dos medronheiros passam como globos negros, que elevando-se a pouca altura da terra, voam despedidos por um e outro lado para trás delles. É que os onze guerreiros principiam a galgar as alturas que são como a base irregular das montanhas, como o pedestal commum d'aquelles obeliscos da creação. O galope dos corceis dá um som aspero de ferro batendo em pedra, e o alvejar desta revela que as torrentes passaram por lá, e arrastaram a relva e os musgos, que a humidade fizera nascer no outono sobre o pó, accumulado nos barrocaes pelas ventanias do estio. Naquelle solo pedregoso e revolto torna-se mais difficultosa a fuga, e o impeto da carreira affrouxa visivelmente. Os arabes come-

çam a sair d'entre os arvoredos, e a approximar-se dos christãos. Em quanto estes tenteam a medo o chão malgradado que lhes rola debaixo dos pês dos cavallos, porque para elles o tropeçar, o vacillar é a morte, os seus numerosos perseguidores, attentos só a alcançá-los, galgam por cima do desgraçado almogaure, que derribado pelos proprios companheiros expira sem combate, sem gloria, e sem que a perseguição dos fugitivos deixe por isso de ser como até ahi incessante, implacavel, vertiginosa.

Depois de subirem a encosta, o cavalleiro negro e os que o seguiam viram alongar-se diante delles uma chapada plana, em cujo topô a serra se alteava de novo com os seus mil accidentes de cordilheiras cortadas, de algares profundos, de gargantas selvosas, ao lado das quaes os picos agudos se atiravam para o ar, ou pendiam sobre os abysmos e torrentes. A natureza, mais rude naquellas paragens, tinha um aspecto soturno vista assim ao perto e á luz da lua: era como um oceano tempestuoso, onde todas as gradações da morte-côr se confundiam e misturavam, desde a brancura desbotada e pallida do rochedo até a pretidão fechada dos pinheiros retinctos nas sombras da noite.

E por aquella dilatada chan os onze esforçados largam redeas aos ginetes, e ensanguentam-lhes o ventre com o esporear incessante: o ruído do proprio correr já não o sentem; confunde-se no estrepito do esquadrão d'arabes que de mais perto os segue. A vingança vae-lhes no alcance; e, se algum volve atrás olhos, aquelle turbilhão ennovellado, que rola após elles negro, rapido, tortuoso, composto de centenares de vultos, cujos olhos affogueados reluzem nas trevas, cujos dentes alvejam como os do lobo cerval, assemelha-se-lhes a uma legião de demonios, e a um rir infernal o tinir das espadas, o resfolgar dos cavallos, o murmurar dos cavalleiros, que parece já entoarem-lhes o hymno de morte.

Na extensa chapada, tanto a fuga como a perseguição eram um phrenesi, um delirio. Christãos e mosselemanos desappareciam por entre as sarças cubertas de orvalho, e o ar dividido violentamente zumbia-lhes em roda como um gemido contínuo. Christãos e mosselemanos punham o extremo da diligencia nesta ultima tentativa. Além da planicie, os alcantis e as selvas gigantes eram a esperança de uns, o

desalento d'outros. Alli os precipicios cortavam subitamente os caminhos abertos pelas feras nas balsas, e ao cabo de valle fundo os rochedos fechavam imprevistamente a saida: aqui a senda tortuosa ía morrer na torrente; lá a torrente em catadupa. Os godos, affeitos áquelles desvios alpestres, sabiam-no; os arabes adivinhavam-no ao descortinarem o espectaculo que tinham ante si, essa especie de cahos nascido das grandes convulsões do globo na sua vida de muitos seculos, que a baça claridade da noite tornava ainda mais phantastico.

Emfim os christãos atravessam a campina e começam a embrenhar-se nas solidões das mais agras montanhas. Os agarenos redobram então de energia; mas debalde. Poucos passos medeiam entre uns e outros, e os fugitivos sentem já o resfolgar dos cavallos e o respirar alto dos inimigos; mas esse espaço não se encurta. Ahi de permeio parece estar o braço da providencia, que quer salvar os defensores da cruz. Furiosos, esquecidos da vontade de Abdelaziz, que exige para pasto dos tormentos aquellas poucas vidas, os guerreiros do amir despedem de longe as lanças, que vão pela maior parte cravar-se nos troncos dos robles. Duas, porém, silvam por entre os fugitivos: ao mesmo tempo dous ginetes param, vacillam e cahem. São os de Viterico e Liuba, os mais moços dos onze guerreiros. Sem transição, sem esperança, o espectro da morte se lhes ergueu diante dos olhos fatal, incontrastavel. — O minha mãe, vem receber teu filho! — foram as unicas palavras que proferiu Viterico. Era ás recordações maternas e á saudade que esse ultimo grito de um moribundo cheio de vida se dirigia. Liuba tambem murmurou um nome; mas só elle e Deus o ouviram. Era o da sua amante, violada e morta na tomada d'Emerita. No trance final aquella alma pura não revelára aos homens o mysterio do amor, da desesperação, e do sepulchro. Orphão no mundo, separado daquella em quem empregára o affecto de um coração virgem, e que tão tristemente perdêra, Liuba, solitario sobre as ruinas da Hespanha e sobre as ruinas da propria existencia, era o primeiro em se arrojar aos perigos; e nesta noite, emfim, chegava para o desgraçado a hora appetecida do repousar eterno.

Debalde os almogaures dianteiros tentaram suster a cor-

rida para colher ás mãos os dous godos derribados. Impellidos pelos que os seguiam, e arrastados pela propria furia, galgaram por cima delles; e quando aos gritos dos almocadens, ao soffrear dos cavallos, ao baralharem-se os esquadrões em mó apinhada, e ao abrirem aos lados, poderam erguê-los do chão onde jaziam, as suas almas tinham subido ao céu, e os seus cadaveres, esmagados, sanguinolentos, desconjunctados, eram duas cousas informes, em que apenas se divisavam vestigios de vultos humanos.

Logo que Viterico e Liuba cahiram, um movimento incerto de hesitação affrouxára um pouco a fuga dos seus companheiros; mas a voz de — ávante! — proferida pelo cavalleiro negro, lhes troou nos ouvidos, e essa voz foi seguida de algumas palavras travadas de lagrymas, de que davam visivel signal o trémulo e cortado com que eram proferidas:

«As almas de dous martyres sóbem neste momente ao céu: elles orarão ao Senhor para que salve a liberdade e a vida de seus irmãos, que só querem uma e outra para combaterem pelos altares do Christo.»

Dictas estas palavras o cavalleiro negro cravou as esporas no ventre do ginete, e repetiu: — ávante! —

E os outros godos seguiram-no sem hesitar mais: a carreira tinha-se convertido n'uma especie de furia louca e desesperada.

Os almogaures, desordenados já, retidos pelas diligencias que faziam para alçar os dous cadaveres, e embaraçando-se uns aos outros, viram desapparecer os godos n'uma garganta estreita, entre rochedos e balsas, em quanto os almocadens lhes bradavam tambem — ávante! —

E os primeiros que poderam obedecer-lhes atiraram-se por aquella especie de fojo cavado pelas torrentes de muitos seculos; mas as sinuosidades da penedia encobriam-lhes os godos, e obrigados a parar frequentemente para conhecerem a que parte elles se encaminhavam, cada vez sentiam mais remoto e tenue o tropel dos ginetes.

Dir-se-hia que as palavras do cavalleiro negro haviam sido propheticas: o sangue dos dous martyres fôra, talvez, o preço da redempção dos fugitivos.

XVI.

O CASTRO ROMANO.

> A desconforme profundeza do alto precipicio ahi está patente: elle gera terror no homem que o contempla de cima.
>
> VALERIO BERGIDENSE — *Explanações.*

A hora de amanhecer approximava-se: o crepusculo matutino alumiava frouxamente as margens do rio malassombrado, que corria turvo e caudal com as correntes do inverno. Apertado entre ribas fragosas e escarpadas, sentia-se mugir ao longe com incessante ruído. A espaços, destorcendo-se em milhões de fios, despenhava-se das catadupas em fundos pegos, onde refervia, escumava, e golfando em olheirões, atirava-se massiço e atropellando-se a si mesmo pelo seu leito de rochas, até de novo tombar e despedaçar-se no proximo despenhadeiro. Era o Sallia, que de quéda em quéda rompia d'entre as montanhas, e se encaminhava para o mar cantabrico. Perto ainda das suas fontes, o estio via-o passar pobre e limpido, murmurando á sombra dos choupos e dos carvalhos, ora por meio das balsas de carrascos e silvados, que se debruçavam aqui e acolá sobre a sua corrente, ora por entre penedias calvas ou corregos estereis, onde em vão tentava estrepitando recordar-se do seu bramido do inverno. Mas, quando as aguas do céu começavam nos fins do outono a fustigar as faces pallidas dos cabeços, a ossada núa das serras, e a unir-se em torrentes pelas gargantas e valles, ou quando o sol vivo e o ar tepido d'um dia formoso derretiam as orlas da neve, que pousava eterna nos picos inaccessiveis das montanhas mais elevadas, o Sallia precipi-

tava-se como uma besta-fera raivosa, e impaciente na sua soberba, arrancava os penedos, alluía as raizes das arvores seculares, carreava as terras, e rebramia com som medonho até chegar ás planicies, onde o solo o não comprimia, e o deixava espraiar-se pelos paúes e juncaes correndo ao mar, onde, emfim, repousava, como um homem completamente ebrio, que adormece depois do bracejar e lidar da embriaguez.

Na margem direita do rio, que então passava grosso de cabedaes por um dos valles que retalham as montanhas das Asturias no seu pendor occidental, viam-se ainda no principio do oitavo seculo as ruinas de antigo castro ou arraial romano. Jaziam estas em uma especie de promontorio de rochas pendurado sobre a veia d'agua, e talhado quasi a pique por todos os lados. Na aresta da ampla lagea avultavam fragmentos de grossos pannos de vallos de pedra, e no alto de uma ladeira ingreme, que conduzia á entrada daquelle circuito, achavam-se os vestigios de uma porta do campo, provavelmente a pretoria; a decumana, ou fronteira a ella, fazia fóra do vallo um limitado terreirinho, em cujo topo, e a bastante profundidade, passava o rio negro e veloz com mugido continuo. Ainda na borda do rochedo aprumado sobre a agua se enxergavam alguns orificios profundos, que mostravam terem servido para embeber as traves de ponte lançada para a outra margem, tambem elevada e penhascosa. A situação daquellas ruinas, a fórma quasi circular dos vallos, e a sua disposição interior evidentemente indicavam um desses hibernáculos ou arraiaes de inverno, levantados pelas legiões de Roma nas suas tentativas repetidas, e quasi sempre inuteis, para subjugar os celtiberos das cordilheiras da Cantabria, e das Asturias.

A ponte romana, porém, se outr'ora ahi existíra, haviam-na consumido as injurias das estações. Em logar della os habitantes daquelles desvios tinham tombado através do Sallia um roble gigante; um desses filhos primogenitos da terra, que nos seus dias seculares fôra enredando as raizes nos seios da pedra, até irem beber no leito do rio. A arvore monstruosa, derribada por cima da corrente, caíra sobre o alcantil fronteiro, e vivia de uma vegetação moribunda, que mal podia conservar através do cepo arrancado quasi inteiramente do sólo. Calva e musgosa, apenas alguma vergontea,

que lhe rompia da enrugada epiderme na primavera para morrer no estio, dava signal de que o rei dos bosques ainda não era inteiramente um cadaver. Mas essa pouca vida bastava para que a obra rude dos barbaros montanhezes durasse por mais annos que a edificação regular e solida dos antigos metatores ou engenheiros das legiões romanas. Para aquelles, todavia, que não estivessem affeitos a perseguir a zebra pelas encostas escarpadas, a galgar os precipicios após a cabra montez, e a combater com o urso ou com o lobo cerval nas bordas dos fojos sem se lhes turbar a vista; para esses taes a ponte vegetal dos asturios seria um sitio arriscado. No meio do passo estreito, irregular e cylindrico, sentindo e vendo mugir e desapparecer debaixo dos pés a corrente inchada e turva, quasi impossivel lhes fôra o não vacillar: mas ao vacillar seguir-se-hia o despenhar-se, e ao despenhar-se a morte. Á altura da quéda e ao impeto das aguas ajuntava-se o agudo dos rochedos, entre os quaes o rio escumando se estorcia e despedaçava.

Ao partir de Covadonga e ao dirigir-se para o campo de Abdelaziz os cavalleiros christãos tinham rodeado o Vinnio, seguindo mais ao oriente; mas, habituados nas suas continuas correrias a discorrerem pelos atalhos e carrís das montanhas, de antemão previam que, no caso de levarem a cabo a temeraria empreza que commettiam, a agrura da serra sería a sua melhor defesa contra a perseguição dos arabes. Assim delinearam o caminho que deviam seguir na fuga, vindo atravessar o Sallia, já perto do seu escondrijo, naquella especie de passo fortificado, conhecido ainda entre os godos pelo nome de *Castrum Paganorum*, ou arraial dos pagãos.

Foi justamente ao tingir-se o céu da faixa avermelhada que precede o surgir do sol, que dous cavalleiros galgaram ao galope a ladeira que dava accesso para as ruinas do castro romano. No meio delles, cavalgando tambem um alazão agil e ao mesmo tempo robusto, uma dama vestida de branco parecia mal poder já suster-se na sella, segurando-se umas vezes ao arção, outras ás crinas fluctuantes do valente animal. Era Hermengarda e os seus dous guardadores, que chegavam finalmente ás margens do Sallia. Pouco devia tardar o instante em que a formosa irman de Pelagio

achasse, depois de tantos perigos e terrores, abrigo e paz nos rudes paços de seu esforçado irmão.

Mas a corrida violenta e incessante por sendas montuosas e asperas tinha exhaurido as forças da filha de Favila, como os successos por que passára desde que partira de Tarraco lhe tinham quasi anniquilado as do espirito. Ao chegar ao meio daquelles restos do acampamento romano sentia-se desfallecer de cansaço, ao passo que a febre e a sêde lhe devoravam as entranhas. Os dous cavalleiros, olhando para ella, viram-lhe com a luz da alvorada as faces tinctas de pallidez mortal. Ás vezes, durante o caminho, e sobretudo nos sitios mais altos, quando as lufadas do norte acalmavam momentaneamente, percebiam ao longe um debil ruído, soturno e continuo, que se assemelhava ao tropear de cavallos; mas havia horas que apenas sentiam o estrepito do galopar dos proprios ginetes, bem que o vento houvesse caído de todo na ante-manhan. Inquietos tambem pela sorte dos companheiros, que tinham deixado atraz de si, resolveram parar no meio daquellas ruinas. Salteados de improviso pelos arabes, facil lhes sería transpôr a ponte natural que tinham diante, e as poucas raizes que prendiam o moribundo carvalho á margem opposta cederiam bem depressa aos gumes afiados dos seus frankisks. Então o tronco pesado da velha arvore se despenharia no abysmo, e o leito profundo e escarpado do Sallia ficaria como uma barreira entre elles e os inimigos.

Descavalgando, os dous guerreiros tomaram nos braços a irman de Pelagio, e foram recliná-la sobre um monticulo cuberto de relva e musgos, que, pela sua situação no logar onde provavelmente ficava a divisão entre o pretorio e a parte inferior do campo, dava indicios de ser o assento das aras dos deuses, que os romanos usavam collocar no meio dos arraiaes. Regelada exteriormente em quanto o ardor febril lhe queimava o sangue, Hermengarda, apenas tocou em terra, só pôde pronunciar a palavra «séde», cahindo amortecida sobre a relva orvalhada. O unico signal que nella revelava a vida era o tremor convulso que violentamente a agitava.

Emquanto Astrimiro subia ao vallo de cujo topo se descortinava melhor, posto que a breve distancia, o caminho

que haviam seguido, Gudesteu trabalhava em ajunctar alguns troncos de arvores e as folhas seccas amontoadas pelos ventos do estio, e que as chuvas outonaes ainda não tinham arrastado. Brevemente o ar tepido de uma fogueira fez volver a si a donzella: o cavalleiro offreceu-lhe um pequeno frasco de sicera que desprendêra do arção, e que lhe restituiu algum vigor aos membros entorpecidos. Depois Gudesteu chamou o seu companheiro, e disse-lhe:

«Os ginetes não podem passar além. Ide, e lançae-os para o lado oriental da montanha: elles buscarão o trilho acima das fontes do Sallia, e descerão a Covadonga.»

E Astrimiro, guiando os tres ginetes pela ladeira abaixo, affagou-os um a um, e segurando-lhes as rédeas á ephippia, deu um silvo com soído particular. Os ginetes fitaram as orelhas, aspiraram ruidosamente o ar, e partiram ao galope por meio da selva para o lado que Gudesteu indicára.

Este, apenas os viu desapparecer, dirigiu-se para Hermengarda.

«É necessario, senhora, — disse elle — uma derradeira prova d'esforço: e necessario partir já. Os nossos ginetes ensinados a voltarem sós ao campo christão do deserto, quando os ardís ou os perigos da guerra nos obrigam a abandoná-los, não causariam nem estranheza nem receio ao apparecerem ahi sem seus donos, se não fossem as circumstancias extraordinarias da nossa correira. Mas quem poderá dizer ao duque de Cantabria qual sorte nos coube na temeraria empreza que commettemos? Quem senão vós mesma restituida aos seus braços lhe dará a certeza de que estaes salva das mãos dos infiéis? Para nós, habituados a descer precipicios e a salvar torrentes, aquella ponte estreita e selvatica é facil de transpôr, galgando-a rapidamente e sem volver os olhos para o abysmo. Invocae toda a energia da vossa alma, todas as vossas forças para vencer este ultimo obstaculo, e dentro de poucas horas veremos os cabeços que rodeiam a caverna de Covadonga. Em leito de ramos tomar-vos-hemos sobre nossos hombros na margem fronteira: homens livres e gardingos faremos mister de servos; porque sois uma dama, e porque sois a irman do nobre e valente Pelagio . . . Astrimiro, mostrae que o risco só existe quando existe o temor.»

Então Astrimiro, olhando fito ante si, atravessou com passos firmes e ligeiros por cima do tronco arredondado e nodoso, e n'um relancear d'olhos achou-se do outro lado.

Hermengarda comprehendêra bem a necessidade de colligir toda a robustez da sua alma naquelle momento; mas ao erguer-se conheceu que seus membros doridos e exhaustos quasi recusavam obedecer-lhe. Firmando-se, todavia, no braço de Gudesteu, encaminhou-se para o terreirinho exterior, que se abria além dos vallos sobre a torrente. Ahi, antes de chegar ao temeroso transito, ajoelhou, e alevantando as mãos e os olhos ao céu nem sequer se lhe viam mover os labios embebida em oração fervorosa e íntima. Com os seus trajos brancos, e em completa immobilidade, dir-se-hia que era um destes anjos curvados sobre os lodãos de capitel gothico, que no frontispicio de cathedral parecem ser o symbolo da morada das preces, se os primeiros raios do sol, cujo orbe mal despontava detrás das collinas, não revelassem nella a vida, scintillando-lhe nos cabellos dourados, e no véu de duas lagrymas que lhe offuscava os olhos, e começava a deslisar-se-lhe em dous fios brilhantes ao longo das faces, onde o rubor da febre rompia por entre a pallidez, como as papoulas rompem no meio da seára madura.

Depois de alguns instantes alevantou-se de novo e encaminhou-se para o roble, cujo topo monstruoso se assemelhava á cabeça calva de um gigante, que inteiriçado fincasse os pés na outra riba. Gudesteu seguia-a de perto, estendendo os braços involuntariamente como querendo sustê-la, emquanto Astrimiro, tambem por um movimento machinal, em pé sobre as raizes torcidas da arvore, e curvando-se para diante, lhe offerecia a mão robusta, como se a distancia lhe permittisse o alcançá-la.

No momento em que já punha o pé sobre o tronco, o reflexo alvacento da escuma, que fervia lá embaixo no meio do crepusculo frouxo do corrego profundo, e o estrepito da torrente, espadanando por entre os musgos e limos estampados nos pannos irregulares do despenhadeiro, fizeram abaixar os olhos a Hermengarda para o abysmo, como uma fascinação irresistivel, como um conjuro diabolico. Cravados naquelle horrendo espectaculo, fitos, espantados, ella não os podia despregar desse cahos infernal das aguas, que redemoinhando,

ou jorrando contra os rochedos, ora negrejavam precipitando-se compactas para diante, ora repellidas, despedaçadas em ondas d'escuma, repuxando cruzadas no ar, ou espalmando-se nas faces da penedia, misturavam no seu confuso soído um murmurar e rugir como de dôr, de colera, de desesperação, d'agonia, que vozes humanas não saberiam ajunctar, e que só póde ser semelhante ao concerto de blasphemias dos condemnados, que entoam o hymno atroz das eternas maldicções contra Deus.

E Hermengarda sentia uma ancia vertiginosa de se atirar áquella voragem; uma como attracção magnetica, voluptuaria, indizivel, a favor da qual luctava um sentimento mysterioso e vago, mas que nem por isso era menos ardente, ao mesmo tempo que alma e corpo a repelliam pelo instincto e pelo amor da vida. Com as mãos contrahidas, a fronte pendida, e o olhar incerto de um moribundo, a donzella parecia haver sido petrificada no momento em que déra a primeira passada para transpôr essa meta, além da qual unicamente existia a esperança.

Observando o gesto da irman de Pelagio, Gudesteu viu que um instante bastaria para anniquilar o fructo dos perigos até ahi corridos. Mais de uma vez, antes que se habituasse á sua vida de foragido, passando pelas bordas dos fojos, pelas arestas dos precipicios, elle proprio sentíra essa fascinação do terror, esse magnetismo da morte que costuma subjugar-nos e attrahir-nos quando pelas primeiras vezes nos achâmos sobranceiros a algum abysmo; sentimento de voluptuosidade dolorosa, que paralisando-nos os movimentos, porque dobra em nós o terror, nos salva talvez do suicidio, ao mesmo tempo que para elle nos convida com attractivo inexplicavel.

O cavalleiro, segurando violentamente o braço da donzella, desfez aquella especie do encanto fatal obrigando-a a recuar alguns passos. Então Hermengarda, como se acordasse de um sonho, murmurou: «Não posso!» — E soluçava, e as lagrymas rolavam-lhe abundantes pelas faces macilentas. Em tremor convulso os joelhos vergavam-lhe, e teria cahido por terra se Gudesteu não a houvera sustentado.

Astrimiro, que víra o movimento do seu companheiro, atravessou de novo a arriscada passagem. Um pensamento

horrivel passou a ambos pelo espirito: era que os arabes podiam chegar! Encararam-se mutuamente, e cada um delles notou que o outro tinha o rosto demudado. Gudesteu volvendo a cabeça lançou os olhos para a selva de que haviam saído, porque lhe parecêra ouvir um rumor abafado. Astrimiro, que crêra ouvir o mesmo, correu de novo ao vallo.

E o ruído soava de feito. Os dous cavalleiros nem respiravam. Era um tropear de cavallos á rédea solta: não havia que duvidar. Para elles em alguns instantes se resumiu então um seculo de trances mortaes.

São nove: nove os que sáem da espessura correndo desordenados, e que se precipitam para as ruinas. São godos! Os largos ferros dos frankisks lá reluzem batendo-lhes sobre as côxas no rapido galope: o lodo dos brejos ennodoa-lhes as armas escuras e pulidas. Ondeiam eriçadas as crinas dos corceis, cujos peitos mosqueia a escuma, cujos freios tinge o sangue. O mysterioso cavalleiro negro vem á frente delles. — «Ei-los! — brada Astrimiro, com uma especie de alegria phrenetica. — Estão salvos!»

«Salvos?!» — interrompeu tristemente Gudesteu; e sem se mover olhou para Astrimiro, e depois para Hermengarda que sustinha nos braços.

«Perdidos! perdidos comnosco e como nós! — replicou em tom lugubre Astrimiro, para quem a interrupção e o olhar de Gudesteu fôra um raio de luz medonha. O Sallia era a linha traçada pela feiticeira com a verbena magica, além da qual não passará jámais aquelle ante cujos pés ella a riscou. O juramento que tinham dado, e mais do que isso, a lealdade de guerreiros godos não lhes consentiam abandonarem a irman do seu capitão; não lh'o consentiria o fero cavalleiro negro, esse homem ou esse phantasma, cuja vida era um segredo, cuja vontade era de ferro, cuja voz era um terror para inimigos, e para os seus um decreto de cima.

E os nove n'um relance transpozeram o valle, galgaram a ladeira, e atiraram-se de tropel ao meio das ruinas do arraial romano. O cavalleiro negro foi o primeiro em desmontar; os outros oito imitaram-no.

«Rapido, rapido! — disse elle. — Lançae os cavallos para as brenhas, e atravessemos o Sallia! Não ha um momento que perder se queremos salvar-nos.»

E ouviu-se um silvo accorde, unico, estridente de todos os recem-vindos. Os ginetes soltos desceram de novo a ladeira respirando com violencia, e seguiram a pista dos tres que pouco antes, ao sibillar d'Astrimiro, se haviam embrenhado na floresta, seguindo ao oriente as margens do Sallia.

O cavalleiro negro, porém, ao volver-se recuou com um grito d'espanto, que não pôde conter: fôra naquelle momento que víra Gudesteu e Hermengarda quasi desfallecida, que este amparava.

«Vós aqui?! Ainda aqui?! — exclamou elle com gesto d'espanto misturado de afflicção, e perdendo a compostura solemne e altiva, que soubera até então conservar nas mais arriscadas situações, nos trances mais dolorosos. — Prestes, passae o rio. Os infiéis seguem-nos de perto, e os seus esquadrões não tardarão a transpôr aquellas collinas. O Sallia é a unica barreira que póde tolher os passos a esses corredores africanos, iguaes em robustez e ligeireza aos nossos corceis das montanhas. Irman de Pelagio! — accrescentou dirigindo-se á donzella, que parecia alheia ao que passava juncto della, volvendo d'instante a instante para a borda do despenhadeiro um olhar de terror. — Irman de Pelagio, por Deus, que cobreis animo! Dous dos mais valentes guerreiros da cruz lá os deixámos despedaçados sob os pés da cavallaria arabe: estes que vêdes breve acabarão nos gumes dos ferros inimigos, se não podéram salvarvos. Juraram-no: hão-de cumpri-lo. Não vo-lo imploro por mim: não quero; não posso querer de vós piedade nem recompensa; mas os meus rogos são pelos irmãos d'armas do duque de Cantabria, pelos que tem misturado com as delle as lagrymas do desterro, com elle tragado o pão negro do proscripto. Diante do Senhor não vos pediriam conta do seu sangue; não valêra a pena: mas quem sabe se não vo-la pedirá o Christo pela sua religião, a Hespanha pela sua liberdade?»

Hermengarda não tinha ouvido ainda ao cavalleiro negro senão os sons quasi inarticulados do seu grito de guerra: agora, porém, estas palavras, proferidas em tom energico mas com voz tremula, troaram-lhe nos ouvidos semelhante á voz de alguem que na vida conhecêra e que o sepulchro provavelmente tragára. O terror que lhe tolhia os membros redobrou com esta voz: por um movimento convulso de

desesperação encaminhou-se, todavia, com passos incertos para a ponte fatal; mas ao chegar a ella recuou: tinha abaixado de novo os olhos para a torrente, e de novo a torrente, como um sortilegio diabolico, a havia fascinado.

«Por tudo quanto haveis amado, cavalleiros da cruz: — exclamou ella desvairada: — em nome do céu, abandonae-me! O desalento e o susto me abrigarão no seio da morte da violencia dos infiéis. Não posso!... Não posso vencer esse terrivel abysmo que ha-de tragar-me!»

Os guerreiros de Pelagio, escolhendo aquella senda para a fuga, não haviam calculado com um coração feminino, mistura d'esforço e timidez, d'energia e de fraqueza, que será sempre para a philosophia um mysterio.

«Os arabes!» — Esta palavra, cem mil vezes repetida na Hespanha, como o dobrar por finado em paiz assolado da peste, soou atrás dos cavalleiros apinhados juncto aos vestigios da porta decumana. Partíra da boca de Astrimiro, que, sem deixar o vallo, tinha a vista cravada nos visos dos montes fronteiros, até cujas gargantas se dilatava a selva.

Os guerreiros abriram subitamente aos lados, ao olharem para as cumiadas da cordilheira coroadas de mosselemanos: os ferros pulidos dos frankisks, que tinham pendentes dos pulsos por uma cadeia de ferro, scintillaram levemente trémulos.

Só Hermengarda abaixou os olhos, e ajoelhou com as mãos erguidas no meio delles, murmurando: — «Não posso! Abandonae-me!»

Então o cavalleiro negro, tomando-a pela mão, correu a vista pelas duas alas: no seu gesto havia a mesma expressão imperiosa e sinistra de que se revestíra quando em Covadonga embargára a saída de Pelagio.

«Qual de vós ousa tomar nos braços a irman do duque de Cantabria, e conduzí-la por cima do abysmo para a outra margem? Qual de vós ousa jurar sobre a cruz da sua espada que sem vacilar o fará?»

Houve um momento de silencio: todos os rostos empallideceram; todos os labios calaram.

Um alarido de muitas vozes o interrompeu: eram os infiéis, que a meia encosta haviam enxergado os fugitivos, e que se atiravam para o valle.

«Não ha entre vós um que o ouse? — reperguntou o mysterioso guerreiro, fitando o olhar successivamente em todos. — Vae seguro o que o tentar. A entrada deste recincto é estreita, e os pagãos antes de chegarem ao Sallia passarão por cima do meu cadaver. Direis depois a Pelagio que sómente o cavalleiro negro lhe pede, a elle e a sua irman, algumas lagrymas em memoria de um tiuphado de Witiza, que deixou de viver... Chamava-se Eurico... Elle nos tenros annos ainda o conheceu em Tárraco... Fruela, Gudesteu, e tu Sancion, qual de vós será o mensageiro? qual de vós será o salvador d'Hermengarda?»

Todos calaram de novo; mas aqui não houve silencio: ouvia-se já o ruído dos corredores sarracenos bem perto, no fundo do valle.

E ao proferir o cavalleiro negro o nome de Eurico, a irman de Pelagio soltou um gemido, e deu em terra como se fôra morta.

«Nenhum!» — rugiu o guerreiro quasi suffocado de furor e de angustia: e alongando a vista pelo portal do recincto, viu alvejar os turbantes, e depois surgirem rostos tostados, e depois reluzirem armas. Os arabes começavam a galgar a ladeira. Astrimiro descêra de um pulo do vallo.

A contracção d'agonia que neste momento passou nas faces do cavalleiro negro, estendendo para o céu os punhos cerrados, não haveria ahi palavras humanas que a pintassem. Não disse mais nada. Tomou nos braços aquelle corpo de mulher que lhe jazia aos pés, e encaminhou-se para a estreita ponte do Sallia. Era o seu andar hirto, vagaroso, solemne como o de um phantasma: parecia que as suas passadas não tinham som; que lhe cessára o coração de bater, e os pulmões de respirar.

Viram-no atravessar lento como sombra; como sombra, lento, hirto, solemne internar-se com Hermengarda na selva da outra margem.

Era um corpo ou um cadaver que conduzia? Estava morta, ou estava salva?

Sancion e os demais godos tinham ficado immoveis d'espanto e de susto. Aquelle homem, menos habituado a transitar por meio dos precipicios das montanhas, commettêra um feito, para o qual lhes fallecêra o animo. Mal sabiam

elles quanto os alcantis do Calpe eram mais asperos, os seus despenhadeiros mais frequentes, os seus corregos mais profundos, e quantas vezes esse homem os havia galgado na escuridão d'alta noite, por entre o redemoinhar e bramir do vento e das tempestades.

Foi por um momento rapidissimo que durou a immobilidade dos godos, porque tanto bastou ao cavalleiro negro para transpôr a breve largura do Sallia, e sumir-se na floresta, que descendo das montanhas fronteiras vinha quasi tocar na borda dos alcantis pendurados sobre as aguas.

Os dez guerreiros uns após outros galgaram ligeiros por cima do roble nodoso, sem abaixarem os olhos para a especie de sorvedouro negro, revolto, ruidoso, que mugindo lá émbaixo parecia com seu estrepito violento tentar attrahí-los e devorá-los.

Sancion foi o derradeiro a passar: a meio rio sentiu após si o tumulto dos arabes, que se precipitavam dentro dos arruinados vallos romanos. Não titubeou, e seguiu ávante. Chegando á margem opposta volveu os olhos, e viu que alguns dos inimigos punham pé em terra, e cegos na sua furia se arrojavam para a ponte fatal.

«Godos, aqui!» — gritou elle; e o primeiro golpe do frankisk deu um som baço entrando nas raizes ainda vivas da velha arvore.

E manso e manso os agarenos, lançando-se ao comprido sobre o cepo que estremecêra ao golpe de Sancion, e segurando-se ás cavidades do velho tronco, e ás asperezas do seu grosseiro cortex, se approximavam semelhantes ao estellio que se arrasta, nas ruinas de Balbek, ao longo de columna tombada.

Christãos e infiéis fizeram silencio: era uma destas situações, em que a voz expira na garganta, porque o viver parece quasi paralisar-se.

E os arabes avançavam sempre, e os golpes das pesadas secures godas batiam roucos e cada vez mais violentos e repetidos nas raizes que estalavam lascando; e já os olhos esverdeados de colera, faiscantes, desvairados dos infiéis, cujas barbas negras varriam o tronco, se encontravam com o olhar torvo de Sancion, curvo, vibrando golpes sobre golpes, e cercado de alguns companheiros que o imitavam,

— aquelles a quem o consentia a apertura do sitio, em quanto os outros com os frankisks nas mãos se preparavam a repellir os inimigos, que só um a um poderiam transpôr a estreita passagem.

Subitamente estouram as ultimas fibras do lenho: a arvore monstruosa despenha-se da sua base de pedra, escapa da riba fronteira, tomba pelas pontas dos rochedos limosos, fa-las voar em rachas, e bate sobre o dorso da torrente, cujo ruído não póde devorar inteiramente o alarido dos infiéis precipitados, que deixam os fragmentos das armas, dos vestidos, e dos membros pendentes dos bicos das rochas. As aguas espadanando trepam em lençoes d'escuma pelas paredes anfractuosas do precipicio, e lambem o sangue que por instantes as tingiu. Depois o grosso madeiro fluctua, deriva pela corrente, e lá vae d'envolta com ella em demanda das solidões do mar.

Os arabes, que enchem o recincto das ruinas, recuam diante de tão horroroso espectaculo: os godos enviam-lhes uma risada feroz de insulto, e desapparecem na espessura das brenhas, que se dilatam até as raizes da montanha d'Auseba, onde deve ser o termo da sua viagem.

XVII.

A AURORA DA REDEMPÇÃO.

> Desprezamos esta multidão de pagãos, e nenhum temor ha em nós.
>
> SEBAST. DE SALAMANCA — *Chronicon.*

O espectaculo que offerecia a caverna de Covadonga, na noite immediata áquella que se terminou com os successos das margens do Sallia, era mui semelhante ao dess'outra noite em que Pelagio recebêra a nova do captiveiro d'Hermengarda; — espectaculo semelhante, mas personagens em parte diversas. Na vasta lareira proxima da entrada da gruta, e a que servia de chaminé uma larga fenda dos rochedos superiores, ardiam alguns cepos de carvalho, que, repassados de fogo durante uma longa noite de novembro, e abrasados até a medúla, davam apenas uma chamma tenue e azulada, cujo fraco esplendor se perdia na claridade brilhante de cinco ou seis fachos encostados pelas paredes irregulares da caverna. Do numeroso tropel de guerreiros, que naquella memoravel noite se tinham erguido á voz do moço duque de Cantabria travando das armas, apenas se viam agora estendidos nos grosseiros leitos, formados das pelles de animaes bravios, dez cavalleiros, que no seu profundo somno, no transfigurado do gesto, e no desalinho dos trajos faziam mais depressa lembrar o jazer de cadaveres, que o repousar de vivos. Perto do lar acceso, assentado em escabello tosco, e com a cabeça encostada ao braço firmado n'uma anfractuosidade do rochedo, via-se tambem adormecido um guerreiro, em cujo rosto os sulcos das rugas, e o cavado

das faces davam porventura mostra de mais dilatada vida do que na realidade era a sua. O somno parecia nelle unicamente o entorpecimento das forças physicas exhaustas, e não o repouso do espirito, porque de quando em quando os membros se lhe agitavam por estremeção violento, ou entreabrindo os olhos, movia os labios como tentando falar, mas sussurrava apenas alguns sons inarticulados e cahia de novo em torpor, que não tardava em ser outra vez interrompido. N'um recésso da gruta, formado pelos resaltos das rochas, e que servia como de camara ao joven capitão dos foragidos, parecia tambem jazer um vulto sobre telas mais delicadas que os despojos d'animaes silvestres, as quaes eram talvez ainda restos do anterior luxo dos paços de Tárraco; talvez vestigios da passada grandeza dos duques de Cantabria, e da antiga civilisação goda. Um panno de purpura franjado d'ouro pendia da abobada natural, preso nas stalactites seculares que della desciam semelhantes aos pendurões do tecto de um templo normando-arabe. A luz dos fachos mal allumiava aquelle recanto affastado; mas nessa meia-claridade branquejavam roupas alvas de mulher, que tambem parecia agitada por sonhos dolorosos, se é que o seu gemer de espaço a espaço, o soluçar contínuo, o agitar-se d'instante a instante não eram antes indicios dessa modorra febril, dessa hesitação entre o dormir e a vigilia semelhante ao arquejar do moribundo, que já perdeu a consciencia da vida que vae fugindo. No meio deste quadro de duvidosa quietação uma personagem velava. Era o moço Pelagio, que, atravessando a caverna a passos lentos e cautelosos de um para outro lado, ora applicava o ouvido aos movimentos irrequietos e ao respirar agitado do vulto branco, ora parava á entrada da gruta, fitando os olhos na escuridão exterior, e escutando com todos os signaes d'impaciencia de quem espera alguem, que tarda. Depois dirigia-se para o lado do vermelho brasido, e cruzando os braços punha-se a contemplar o torvo aspecto do cavalleiro do escabello com um olhar de sympathia e compaixão, misturada do que quer que era de admiração e de terror involuntario.

Estes movimentos successivos do mancebo repetiram-se umas poucas de vezes; por fim a figura membruda e selvatica do lusitano Gutislo assomou no arco irregular, que

servia de portico áquella habitação roubada pela desventura ás feras.

«Voltaram?» — perguntou em voz baixa ao barbaro do Herminio o duque de Cantabria.

«Desmontam agora, — respondeu Gutislo: — Vellido, o centenario, disse-me viesse vêr se repousavas.»

«Repousar!» — replicou Pelagio sorrindo tristemente, e olhando para o sitio onde o panno de purpura occultava o vulto branco. «Que venha; que venha já.»

Gutislo desappareceu. D'ahi a alguns momentos o centenario entrava.

Era um guerreiro, cujos cabellos brancos, cujos meneios pausados, e cujo olhar penetrante davam testemunho de prudencia e discrição. Parecia inquieto e assustado.

«Que novas nos trazes, Vellido? Qual caminho seguem os arabes?»

«O que prouvera a Deus elles nunca houvessem encontrado. Ao amanhecer os cavallos africanos beberão as aguas do Deva; os sons das trombetas agarenas ouvir-se-hão retumbar pelas encostas de Concana, e ecchoarão nos alcantís do Auseba. Vagueámos dispersos a tarde inteira e a maior parte da noite. Pelas alturas do sul e do oriente reluziam ao longe as armas dos infiéis, e depois as suas almenaras. Os pastores asturios, que já nos esperavam no valle d'Onis, onde todos os esculcas se ajunctaram á hora de terça nocturna, nos relataram então o que, sumidos por entre as brenhas, tinham podido observar de perto...»

«E quaes foram as novas dos pegureiros? — interrompeu vivamente Pelagio. — São muitos ou poucos os inimigos? A que distancia se acham?»

«Pouco depois do amanhecer devem ter descido os ultimos outeiros do Vinnio, e quando o sol brilhar em todo o seu esplendor poderão pisar o solo, até hoje livre, do valle de Covadonga. Os pastores víram os nossos cavalleiros transpôrem o Sallia: viram despenhar-se o roble, e os infiéis recuarem espantados. Mas esquadrões após esquadrões desciam das montanhas, e dentro em breve na margem do rio não se descortinavam por grande espaço senão tropeis d'arabes. Ao pôr do sol ainda as gargantas das serranias golfavam torrentes de infiéis, e as selvas retumbavam com os

golpes de machado. Antes de anoitecer, uma ponte espaçosa estava lançada sobre o Sallia n'um sitio menos profundo, e os inimigos começavam a atravessá-la. Entre os primeiros que passaram áquem, asseguram os zagaes terem visto muitos cavalleiros, que pelos elmos e couraças, pelas cateias e frankisks eram sem duvida godos.»

«São as tiuphadias da Tingitania: são os soldados réprobos do conde de Septum, que Deus conduz aos desertos das Asturias para que os abutres e o lobo cerval das suas brenhas tenham lauto banquete de cadaveres.»

Pelagio e o centenario voltaram-se, porque a voz que proferíra estas palavras soára atrás delles. Era o cavalleiro do escabello, que despertára ás primeiras palavras do capitão dos esculcas, e que, firmados os cotovelos sobre os joelhos, e com a cabeça entre os punhos, escutára todo o dialogo.

«Que?! — exclamou o mancebo — ainda ha pouco havieis cerrado as palpebras, e já despertastes, Eurico?»

«Duque de Cantabria, desde muito que o somno é sempre breve para mim: ha muito que nestas veias elle não derrama consolação nem frescor. Adôrmecido ou desperto, o meu espirito vê sempre ante si immutavel a realidade, e a realidade é medonha. Oxalá podesse esta alma dormir!»

«Bem o sei: — replicou o filho de Favila. — A imagem da patria, sancta e melancholica, se misturava sanguinolenta nos vossos sonhos do dormitar. Algumas palavras soltas que proferieis...»

«Ah! — interrompeu o cavalleiro, pondo-se em pé rapidamente com um gesto d'espanto. — Eu falava?! Eram tão extravagantes os meus sonhos!... Que palavras me ouvistes? Delirios, loucuras!... Dizei; não é assim?»

E olhava inquieto para o mancebo, como se receiasse que um segredo importante lhe houvesse fugido dos labios.

«As vossas palavras eram quasi inintelligiveis — respondeu Pelagio. — Perdida para sempre; para sempre! — Eis o que repetieis muitas vezes; e depois: — Não resta uma esperança!... Oh tão formosa e gentil!... Homem infame, que tinhas em mais o ouro que a virtude e a gloria, maldicto sejas tu! — E então os dentes vos rangiam, e entreabrindo os olhos o vosso aspecto era terrivel! Pensaveis por certo na Hespanha, na formosa terra dos godos, e a

indignação vos arrançava maldicções contra Oppas, e contra os que venderam pelo ouro dos arabes as aras de Christo e a liberdade de seus irmãos. Enganaram-vos, porém, os sonhos, cavalleiro! A esperança resta ainda, e a Hespanha não se perdeu para sempre! Vós mesmo agora o dissestes. Abundante cevo de cadaveres humanos vão ter os abutres e o lobo cerval das montanhas.»

«Tendes razão! — replicou o guerreiro, deixando-se cahir de novo sobre o escabello, e voltando á postura anterior. — Os meus labios mentiram ao coração, se disseram que para a Hespanha não havia esperança. Mas a mentir não tornarão elles, porque estes olhos só hão-de cerrar-se já agora em somno bem profundo, no qual não haja sonhar! Depois dos combates é que se dorme bem placidamente! É então que eu dormirei.»

Era sinistro e lugubre, e todavia tranquillo, o modo com que elle o dizia. Pelagio, preoccupado pelas novas que o centenario trouxera, não reparou no sorriso doloroso que enrugava as faces de Eurico, e voltando-se para Vellido, proseguiu:

«Oh! Abdelaziz busca a ultima guarida dos christãos, os ultimos aripennes de terra livre da Hespanha: persegue-nos como a besta-feras?... Pois bem! Vae, e dize aos nossos cavalleiros que antes de romper a manhan estejam a cavallo com a lança em punho promptos a marcharem para a entrada do valle. Os fundeiros e mais bucellarios de pé que se preparem para subir aos pincaros sobranceiros por ambos os lados do arraial. Dize-lhes tambem a uns e a outros que sem demora eu serei com elles.»

O centenario sahiu.

Pelagio chegou-se então aos que dormiam, e despertando-os um a um, fe-los approximar da bôca da gruta:

«Vêdes vós a estrella matutina que empallidece? — disse elle apontando para um breve espaço do firmamento, onde, atravez do portal irregular, se via fulgir o planeta Venus. — Não tarda muito que ella desappareça mergulhada na vermelhidão da aurora. Essa vermelhidão tingirá em breve o céu, como o sangue ha-de hoje tingir a terra: mas confio em Deus que tambem, como após ella ha-de surgir o sol envolto no seu fulgor glorioso, assim a cruz e o nome dos

godos se alevantarão triumphantes após o sangue vertido por esses dous objectos sanctos e queridos, que nos tem alimentado a energia da alma no meio dos trabalhos e perigos. Guerreiros! os arabes seguiram as vossas pisadas. Abdelaziz e Juliano, um insensato e um renegado, ousaram approximar-se ao antro dos leões d'Hespanha, e os leões hão-de despedaçá-los. O céu condemnou-os: diz-me intima voz que elle os condemnou, inspirando-me um estratagema, a que os infiéis não poderão resistir.»

No gesto de Pelagio, ao proferir estas palavras, estava estampada a expressão da confiança, do esforço, e do enthusiasmo; daquelle enthusiasmo, que elle sabia communicar aos que o ouviam, e que na situação quasi desesperada em que se achavam os foragidos das Asturias, fizera com que lhe cedessem voluntariamente o mando supremo os mais velhos e experimentados guerreiros.

Pelagio expôs em breves palavras os seus desenhos para obter dos arabes um triumpho completo. O caminho que seguiam devia forçosamente trazê-los ás gargantas das serras. Collocados na entrada do valle, uma parte dos cavalleiros offerecer-lhes-hiam debil resistencia, cedendo pouco a pouco, e retirando-se para o topo daquella especie de caldeira cortada nas montanhas: apenas ahi chegados, abandonando os ginetes, precipitar-se-hiam para a caverna, aonde já se teriam acolhido as mulheres, creanças, e velhos dispersos pelas tendas do campo, e em cujo estreito e escarpado portal poucos pelejadores bastavam para resistir á multidão dos inimigos. Então o grosso dos cavalleiros, em cilada nas selvas que se dilatavam para as alturas, á esquerda das gargantas do valle, acommetté-los-hiam pelas costas, emquanto os bucellarios sumidos pelas penedias, lá no alto dos barrocaes, que formavam como um muro de ambos os lados do arraial, fariam chover sobre os infiéis as armas de arremesso, sem que a estes fosse possivel o repelli-los, ignorando os caminhos que conduziam áquelles logares, na apparencia só accessiveis ás aguias e aos abutres, que alli tinham de feito a sua guardia solitaria.

«Mas a vós, cavalleiros — concluia Pelagio — que provastes extremos de esforço na correria a que devo a salvação de minha pobre irman, a vós pertence o acabar a

victoria que o Senhor nos vae dar. Ha mais de um anno que as nossas mãos se tem callejado a alluir os penhascos que coroam o tecto desta caverna; ha mais de um anno que raro dia se passa sem que o suor das nossas frontes os humedeça ao tombarmo-los lentamente para a borda do despenhadeiro, que se eleva a prumo sobre o ádito deste recincto. Ahi, acompanhados dos meus robustos cantabros, e dos selvagens do Herminio, será o vosso pelejar: ahi, quando os inimigos, apinhados ante aquelle portal, se arremessarem contra os guerreiros que o hão-de defender; quando as trombetas dos que os ferirem pelas costas soarem uma toada de morte, e os invisiveis bucellarios fizerem chover sobre os infiéis os tiros de funda, as settas e os dardos, cumpre que esses rochedos, que lá no cimo parecem embebidos na penedia, caiam rapidamente, e esmaguem os esquadrões cerrados dos inimigos da Hespanha. Pelo caminho talhado na rocha, sobre as nascentes subterraneas do Deva, ireis assentar-vos no cume do Auseba, e o anjo do exterminio pairará juncto de vós: sereis a intelligencia que guie o duro braço dos cantabros e dos lusitanos para lhes dirigir os golpes para os reter quando, rareados, confundidos, esmagados os troços da serpente maldicta que ousa collear juncto de Covadonga, nós podermos arremessar-nos ao meio delles, e fazer cahir sobre a cabeça dos pagãos os golpes dos nossos frankisks, não menos destruidores que os despenhados rochedos.»

«Como assim?! — replicou Sancion, que por vezes estivera a ponto d'interromper o mancebo. — Nós, próceres e gardingos; nós que meneâmos a facha e a espada; nós que trajâmos o ferro, combateremos como os servos e vís, de longe e sem risco? Nós, que por tantas milhas atravez das serras démos as costas aos infiéis, não poderemos, embebendo-lhes as espadas no peito, dizer-lhes emfim: — Eis-nos aqui?... — Pelagio, isso é impossivel!»

«Impossivel!» — repetiram todos os outros cavalleiros apinhados ao redor de Sancion.

«Impossivel é — interrompeu o duque de Cantabria com gesto severo — que haja guerreiros christãos que recusem obedecer-me, no momento em que se tracta, não de ambições de gloria, mas da redempção da Hespanha. Cavalleiros,

o esforço de vossos corações vos engana! Exhaustos pela correria da proxima noite, os braços vos desmentiriam o animo, e eu não consentirei jámais um sacrificio inutil, quando de outro modo podeis contribuir para salvarmos as Asturias. Gutislo! — clamou elle approximando-se da bôca da caverna — dize aos teus irmãos do Herminio que venham aqui, e ao quingentario da minha tiuphadia que vos siga com os soldados cantabros. Sancion, Gudesteu, Astrimiro, Énecon, vós todos os que me cercaes, eis alli o vosso caminho! Parti.»

E apontava para um lado da gruta, onde quem chegava ao perto via lá em cima o céu estrellado atravez de uma especie de claraboia natural, e quasi debaixo dos pés um como sorvedouro escuro, em cujas profundezas se percebia o ruido das nascentes do Deva. Na circumferencia daquelle abysmo, desde o pavimento da caverna, os foragidos, aproveitando as escabrosidades das paredes circulares, tinham formado uma escada tosca, ora cavada na pedra, ora firmada sobre troncos de arvores fixos nas fendas e cavidades da rocha, e que, lançada em espiral, sahia perto do cimo calvo do Auseba. Assim, quando o valle fosse occupado dos sarracenos, os christãos poderiam defender-se por largo tempo, obtendo por esse caminho occulto os soccorros dos montanhezes.

Entre os cavalleiros a quem Pelagio dirigíra aquellas palavras houve alguns instantes de hesitação, e um murmurio de descontentamento; mas, por fim, Sancion, pegando em um dos fachos, encaminhou-se para a escada subterranea, e os outros seguiram-no. Os quasi selvagens filhos do Munda vestidos de pelles de alimarias, e os cantabros, cujas feições e trajos tambem revelavam a sua origem celtica, não tardaram a entrar na caverna. Pelagio então lhes ordenou obedecessem aos guerreiros que os haviam precedido, e em breve o som das passadas daquelle tropel desordenado alongando-se pelo abysmo morreu em silencio total.

Eurico parecia indifferente ao que se passava ao pé delle, assentado no escabello e com os olhos cravados no cepo candente que se consumia no afumado lar. Pelagio voltou-se para elle, e disse-lhe:

«Vós, Eurico, ficareis aqui: vós que salvastes minha

irman, sereis o seu guardador. Quem melhor vigiaria por Hermengarda do que esse homem que nella tem um testemunho perenne do mais indizivel esforço, da mais pura e generosa lealdade? Desejaria vêr juncto de mim no combate o melhor guerreiro da Hespanha: ter-vo-lo-hia até pedido quando o mysterio em que vos involvieis nos fazia suspeitar a todos, que vós o cavalleiro negro ereis um ente privilegiado, e não um mortal como nós. Agora, porém, depois que no trance horroroso das margens do Sallia nos revelastes quem sois, quando, resolvido a morrer, pedieis apenas algumas lagrymas para a vossa memoria áquelles que vos sobreviviam, pedir-vos-hei eu tambem que não queiraes encontrar o primeiro impeto dos sarracenos. Se na defensão desta nossa triste morada, aonde cumpre attrahi-los, fôr necessario o auxilio do vencedor dos vasconios, do mais illustre dos tiuphados de Witiza, ou se a colera de Deus ainda não está satisfeita, e devem hoje perecer os ultimos homens livres da Hespanha, vireis vós morrer comnosco. Entretanto continuae a ser o anjo da guarda da pobre filha de Favila. Ella parece mais tranquilla, e o monge Bacchiario, em cuja sciencia tem achado allivio tantos de nossos irmãos, recommendou o repouso como o melhor remedio para a febre que a devora. Retardarei quanto podér o instante de se acolherem aqui as mulheres, as creanças e os velhos inuteis para o combate. Fazei entretanto que nestes logares reine profundo silencio.»

Silencio guardava o cavalleiro: no seu olhar incerto mas ardente descobria-se que lá naquella alma tumultuavam paixões violentas e oppostas. Não respondeu; nem Pelagio lhe déra para isso tempo. Crendo lêr no seu gesto perturbado a mesma repugnancia que tinham mostrado os outros guerreiros em não assistir ao primeiro recontro dos infiéis, o duque de Cantabria atravessou apressado a boca da gruta, e desceu a senda tortuosa que conduzia ao fundo do valle. D'ahi a pouco sentiu-se o galopar de um cavallo á rédea solta, que se confundiu por fim no sussurro longinquo do arraial que se agitava, preparando-se para o temeroso dia que pouco tardaria a nascer.

Eurico estava, emfim, só.

XVIII.

IMPOSSIVEL!

> Nada neste mundo me agita o seio, senão o teu amor.
>
> *Lenda de* S. PEDRO CONFESSOR — 9.

Apenas Pelagio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico alevantou-se. Aspirava com ancia, como se aquelle ambiente tepido, não bastasse a saciá-lo. O desgraçado resumia n'um pensamento devorador, n'uma synthese atroz, o seu longo e doloroso passado, e o seu torvo e irremediavel futuro. Como voltára áquelle logar? Como sem lhe vergarem os joelhos tinha elle descido das alturas do Vinnio com Hermengarda nos braços? Que tempo durára essa carreira deliciosa, e ao mesmo tempo infernal? Não o sabia. Imagens confusas de tudo isso eram apenas o que lhe restava, — do sol, que pouco a pouco lhe viera allumiar os passos, dos ribeiros que vadeára, das penedias agras, dos recostos dos montes, das selvas que recuavam para trás delle, dos cabeços negros que ás vezes lhe parecêra debruçarem-se no cimo dos despenhadeiros, como para o verem correr. No meio destas recordações incertas e materiaes outras passavam íntimas, ardentes, voluptuosas, negras, desesperadas. Por horas, que haviam sido para elle uma eternidade de ventura, o respirar daquelle que amava como insensato se misturava com o seu alento; por horas sentíra o ardor das faces della aquecer as suas, e o coração bater-lhe contra o seu coração. Depois avultava-lhe no espirito a imagem veneranda de Siseberto, e o altar da sé d'Hispalis, juncto do qual vestíra a pura stringe

de sacerdote, e Carteia, e o presbyterio, e as noites de agonia volvidas nos ermos do Calpe. E tudo isto se contradizia, se repellia, se condemnava, o amor pelo sacerdocio, o sacerdocio pelo amor, o futuro pelo passado; e aquella alma, dilacerada no combate destes pensamentos, quasi cedia ao pêso de tanta amargura.

Eurico deu alguns passos, e encostou-se á boca da gruta; porque os membros exhaustos lhe fraqueiavam, apesar de que nem um momento o abandonasse a força da sua alma energica. A brisa frigidissima da madrugada consolava-o como ao febricitante a aragem de um sol-posto do outono. A seus pés estavam as trevas do valle, sobre a sua cabeça as solidões profundas e serenas do céu semeado dos pontos rutilantes das estrellas, e mal desbotado ao occidente pela ultima claridade da lua minguante que desapparecia. Era a imagem da sua vida: serena e esperançosa, como o crepusculo do luar fugitivo, lhe fôra a juventude. Desde que um amor desditoso o fizera alevantar uma barreira entre si e o ruído do mundo; desde que se votára ás solemnes tristezas da soledade, e a derramar beneficios e consolações sobre a cabeça dos miseraveis e humildes; pela alta noite do seu viver muitas vezes fulgurára uma luz de alegria, como esses astros que brilham a espaços nos abysmos do firmamento: lá, ao menos, havia instantes em que se esquecia do seu destino. Mas depois que o phrenesi das batalhas o arrastára, depois que trocára as harmonias das tempestades do Calpe, e o rugido das vagas do Estreito pelo gemer de moribundos nos combates e pelo retinir dos golpes, nunca mais descêra um raio de cima a allumiar-lhe o espirito. O seu presente e o seu porvir eram, como esse valle, um precipicio sem fundo, indelineavel, tenebroso e maldicto.

E pelo céu tão placido e melancholico; pelo céu que ás vezes se punha a contemplar ás horas mortas no pobre presbyterio de Carteia, ou assentado em algum promontorio, a sua imaginação voou até os desvios do sul, e as lagrymas de saudade começaram a rolar-lhe mansamente pelas faces. O desventurado tinha saudades das tristezas do ermo, porque já não podia ter desejos dos contentamentos humanos.

Engolfado naquellas cogitações dolorosas, o guerreiro conservou-se por algum tempo immovel e com os olhos cravados

nos astros scintillantes, que pareciam sorrir-lhe e chamá-lo para o seio immenso do Senhor. As lagrymas correram-lhe então mais abundantes, e o coração parecia dilatar-se-lhe com o pensamento da morte. Insensivelmente ajoelhou, e estendeu as mãos para o firmamento: os seus labios murmuravam com cicio quasi imperceptivel. Era a oração d'alma, férvida, procellosa, que os agitava: era essa oração que todos nós sabemos no momento de suprema agonia, e que nenhumas palavras, nenhuma escriptura poderiam representar: oração que é um mysterio entre Deus e o homem, e que nem os anjos comprehendem; gemido energico de todas as miserias terrenas, cuja intensidade só a providencia, que as accumula ou dissipa, sabe pesar nas balanças da justiça e da piedade divinas.

A morte; esta idéa tremenda, indifferente, ou formosa, segundo a vida é risonha, pallida, ou negra, veio suavisar o martyrio daquella alma attribulada como em estio ardente as grossas aguas da trovoada refrigeram a terra, que estúa sob os raios aprumados do sol. Tinha-a buscado; buscado com a placidez horrivel da desesperança; como um remedio de cuja efficacia a consciencia da immortalidade o fazia duvidar. Seria não mais do que ir deitar-se em leito de dores eternas? Talvez: mas a mudança podia ser refrigerio: tanto bastava. A morte parecia, comtudo, fugir delle para que nem este ultimo desejo se lhe cumprisse. Houve um instante em que lhe occorreu o pensamento de subir ao pinaculo escarpado do Auseba, e despenhar-se no valle. Refugiu d'esta idéa, porque era covarde. Eurico, o sacerdote soldado, não devia fenecer impia e vilmente; devia depôr o pêso intoleravel da vida no campo das batalhas pelejadas em nome da cruz e da Hespanha. E no recontro deste dia, uma voz íntima lhe murmurava que o havia de obter.

Este anhelar pela morte era uma bem triste cubiça! E quando se lembrava da que essa mulher, que ahi jazia a poucos passos delle; essa mulher, em cuja adoração concentrára todos os affectos dos mais formosos dias da vida; cuja imagem sonhada nas solidões do Calpe, desenhada de continuo diante dos olhos da sua alma, gravada como um sello de saudade e de amargura em todas as suas cogitações; que essa mulher que, pouco havia, por horas de delicioso

delirio apertára contra o peito, o podéra outr'ora tornar o mais feliz dos homens; quando se lembrava de que sobre isso tudo elle deixára cahir a campa de bronze de sacerdocio, que ninguem podia erguer, o desgraçado sentia estalarem-lhe uma a uma todas as fibras do coração, e fugir-lhe do seio um grito semelhante ao que rebenta dos labios do condemnado ao supplicio do potro no primeiro movimento da mão pesada do algoz.

E como se quizesse ainda mais saciar-se de dôr, encaminhou-se para o lado onde Hermengarda repousava. Ao clarão da tocha que espargia uma luz mortiça o guerreiro contemplou-a naquelle inquieto dormir. Era bella; mais bella que nos tempos da primeira mocidade! O seu gesto angelico, desbotado pela pallidez, emmagrecido pelos pesares e terrores, ganhára em expressão, em reflexo dos intimos pensamentos o que perdêra em viço e em toques d'innocencia. Bonina desabrochada nos campos da vida, brilhára com todas as pompas do seu vecejar á luz da manhan; o ardor intenso do meio-dia a fizera pender; a viração da tarde lhe traria talvez ainda frescor e viveza; mas a sua fragancia perdia-se nas auras que passavam; nas suas côres harmoniosas revia-se apenas o céu! Aquella alma fugia pela terra solitaria n'um viver incompleto, e volveria aos abysmos da creação sem conhecer o mais profundo e energico dos affectos humanos, o amor, que une dous espiritos como dous fragmentos de um todo, os quaes a providencia separou ao lançá-los na terra, e que devem buscar-se, unir-se, completar-se, até irem depois da morte formar talvez uma só existencia de anjo no seio de Deus.

Mas quando Eurico se lembrou de que, porventura, isto era um sonho; de que podia ser que essa alma não passasse na vida tão vazia e solitaria como elle julgava, e que esse coração, que poucas horas antes pulsára tão perto do seu, batia acaso por outrem, sentiu o suor frio manar-lhe da fronte. A tocha baça e funebre que mal allumiava a irman de Pelagio pareceu-lhe retincta em sangue; e como o cedro arrancado por tufão repentino, foi-se encostar á rocha lateral, cuja superficie irregular lhe escondia Hermengarda. O vê-la despertára todo o delirio do seu primeiro amor; e aquella idéa intoleravel que tantas vezes o atormentára

nas solidões do Calpe espremia-lhe agora o coração com redobrado furor.

E assim ficou por alguns momentos mudo, anhelante, anniquilado. Quem era, onde estava, porque viera alli, não o saberia dizer: os pensamentos revolviam-se-lhe na mente, como as ondas n'um sorvedouro maritimo, tempestuosos, rapidos e indistinctos.

De repente um ai comprimido veio acordá-lo daquella especie de torpor doloroso. Estremeceu. Era a voz de Hermengarda. Approximou-se manso e manso, de modo que ella o não visse. Assentada sobre o leito, demudado o gesto, e com o susto pintado no olhar, a irman de Pelagio estendia os braços voltando o rosto para o lado, como quem tenta affastar visão medonha. Pelas suas palavras incoherentes e truncadas o guerreiro conheceu que um sonho máu a agitava, até que, inteiramente desperta, essas palavras confusas se começaram a coordenar em periodos intelligiveis. O pulsar do coração d'Eurico redobrava de violencia, ao passo que o seu respirar se ia tornando cada vez mais imperceptivel.

«Sempre elle! sempre esta visão de remorso! — murmurou Hermengarda. — Meu pae, meu pae! Perdôe-te o céu o orgulho com que repelliste o gardingo... Perdôe-te o céu o haveres-me obrigado o sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor que se alevantára neste coração. Nós ambos assassinámos o desgraçado; mas a punição cahiu inteira sobre mim! Embora. Eu não te amaldiçoarei, oh meu pae! A tua filha nunca te accusará ante o supremo juiz.»

Depois ficou por alguns instantes calada, com os olhos fitos no rochedo fronteiro, em cuja face escabrosa as sombras pareciam dançar e agitar-se á luz da tocha, que ardia a curta distancia, e que a aragem movia. Crêra perceber perto de si um gemido abafado, cortando fugitivo o grande silencio nocturno.

«Vae-te, vae-te! — proseguiu ella. — Que posso eu fazer-te, infeliz?... Bem longo e atroz tem sido o meu martyrio, porque ainda não achei no mundo alma com quem me fosse dado repartir o calis do infortunio; a quem houvesse de contar os tormentos que ha tanto tempo me varreram dos labios o sorrir. Se vivesses sería tua; tua esposa, tua es-

crava!... mas a benção nupcial não póde descer entre o tumulo e a vida. Favila!... meu pae!... diante do throno do Senhor, onde são iguaes o duque e o gardingo, jura-lhe que tua filha repelliu seu amor por obedecer-te: dize-lhe que o pranto correu destes olhos ao ouvir a nova da sua morte. Oh, dize-lhe, dize-lhe que não fui eu que o assassinei!»

E aqui deixando pender a cabeça sobre o peito pareceu voltar ao sentimento da realidade; mas aquella especie de terror febril, que lhe haviam gerado no espirito os trances, qual mais doloroso, por que successivamente passára, se tornou a apossar della. Favoreciam-no o logar, a hora, o silencio. Hermengarda alevantou de novo os olhos desvairados, e firmando-se no rochedo tentava erguer-se.

«Era Eurico! — murmurou ella. — Depois de dez annos bem conheci a sua voz! Mais triste só: triste como tantas vezes a tenho ouvido nos meus sonhos de remorsos! Bem conheci o seu gesto! Mais pallido e carregado só: pallido e carregado como tantas vezes tem surgido de sepulchro para vir mudamente accusar-me, silencioso e quedo ante mim por longas e não dormidas noites. Era elle!... um espectro cujo coração eu sentia bater, cujos braços me apertaram por cima do abysmo revolto, através da floresta, pelos recostos das serranias. Dos seus olhos cahiu sobre o meu seio uma lagryma! As lagrymas dos mortos queimam... devoram a vida; porque bem sinto a morte chamar-me...»

Tinha-se posto de joelhos, e com as mãos estendidas parecia implorar piedade.

«Morrer! tão cedo! Quando apenas tórno a vêr meu irmão?!... Pelagio! Pelagio! porque me deixaste? Vem despedir-te da tua pobre Hermengarda. Eurico a espera para o noivado do sepulchro, e eu não posso tardar.»

E desvairada, poz-se em pé chamando por Pelagio com voz suffocada. Apenas, porém, déra os primeiros passos, soltou um gemido agudo, e ficou immovel. Diante della, realidade ou phantasma, estava a origem dos seus terrores secretos. Era o gardingo, que a amára, que ella cria morto e cuja imagem vingadora vinha mais uma vez atormentá-la. O vulto cravára nella um olhar ardente, que a fascinava. Sorriso doloroso lhe pousava nos labios. Estendeu o braço segurando a mão de Hermengarda, que pretendeu recuar, e

não pôde. Como petrificada, parecia que os pés se lhe haviam enraizado no chão da caverna. Aquella mão, que segurava a sua escaldando de febre, era gelada como a de um morto. A vida do gardingo tinha-se concentrado toda no coração, que lhe despedaçavam duas idéas, horriveis porque associadas: o amor correspondido e tornado ao mesmo tempo maldicto, monstruoso, impossivel por uma palavra fatal, que lá estava escripta em caracteres de fogo, e que elle via, escutava, sentia — o sacerdocio!

«Oh, Deus t'o pague! — disse Eurico em voz baixa e lenta — que lançaste na tão longa noite da minha alma um raio fugitivo de luz, luz sancta e pura de contentamento e felicidade!... Ha dez annos que não me allumia, e ella é tão bella, ainda quando passa como o relampago!» — E depois de estar calado alguns instantes com um gesto de intimo e angustiado cogitar, proseguiu: — Não, Hermengarda, não! Os vermes ainda não receberam a parte da sua herança que eu lhes retenho. Morri; porém não para isso que na linguagem mentirosa do mundo se chama a vida. Durante annos a dei a devorar á desesperação, e a desesperação não pôde consummi-la. Pendurei-a alta noite, pela espessura das trévas, nas rochas escarpadas do mar do occidente, á beira dos precipicios, e o mar e os precipicios não quizeram tragá-la. Atirei-a á torrente impetuosa das batalhas, e o ferro embotou-se n'ella. O céu guardava-me para te ouvir palavras de amor e arrependimento; essas palavras de ineffavel doçura, que nunca esperei escutar. É que na minha fronte está gravada a maldicção de cima: é que ainda me faltava o derradeiro martyrio... Ao menos posso acabar o teu: o pensá-lo é um refrigerio, Hermengarda, eu vivo ainda! Vivi para te salvar da deshonra, e todo o meu passado esqueci-o. Só uma cousa não, porque me subverteu para sempre o futuro; porque depois de passageira alegria, me recalcou mais violentamente esperanças que ousaram um momento agitar-se no fundo desta alma, tranquilla na desesperança. Agora, se ha repouso debaixo da campa, posso ir buscar lá meu repouso. Mas dize-me; oh dize-me ainda outra vez que amas Eurico! Repete diante do que respira aquillo que proferiste diante da sombra creada pelo teu terror. Essas palavras e

o morrer!... O teu amor e a morte; eis para mim a unica ventura possivel, mas que não tem igual na terra.

E Hermengarda sentia ao contacto daquella mão fria e trémula apertando a sua, no accento dessas expressões tempestuosas como o oceano, tristes como céu procelloso, que lá, no peito do vulto que tinha ante si, havia um coração de homem vivo, onde chaga antiga e cancerosa vertia ainda sangue. A especie de pesadelo em que se debatia desapparecêra com a realidade. O repentino impulso da sua alma foi lançar-se nos braços de Eurico. Fôra elle, o objecto do seu quasi infantil e unico amor, amor condemnado ao silencio antes do primeiro suspiro, antes do primeiro volver d'olhos; era elle o cavalleiro negro, cujo nome se tornára conhecido e glorioso por todos os angulos da Hespanha; era elle, finalmente, o homem que duas vezes acabava de salvá-la. Reteve-a, todavia, o pudor, e talvez aquella mysteriosa tristeza que escurecia as idéas desordenadas vindas de tropel aos labios do guerreiro. Procurando asserenar a violencia dos affectos que a agitavam, Hermengarda respondeu com voz fraca e tremula:

«Bemdicta a mão de Senhor, que te salvou. Eurico, leal e nobres entre os mais nobres e leaes filhos dos godos! Graças á piedade do céu, que por meio de tantas desventuras e perigos nos uniu nos paços que restam ao filho do duque de Cantabria! No devanear do terror revelei-te sem querer o segredo do meu coração: a sua historia ouviste-a. Perdôa á memoria de meu pae, e se de mim depende a tua felicidade, as palavras que me saíram involuntariamente da boca te asseguram que serás feliz. O orgulho, que a ambos nos fez desgraçados, não o herdou Pelagio. Que o herdasse, mal caberia n'estas brenhas, na caverna dos fugitivos. E depois, que nome ha hoje na Hespanha mais illustre que o do cavalleiro negro, o nome de Eurico? Morreres?!... Oh, não! Salvaste Hermengarda do opprobrio: se nunca te houvera amado, ella te diria como te diz hoje: Sou tua, Eurico!»

A filha de Favila, cujo profundo e energico sentir mal poderia comprehender quem só a houvera visto no momento em que timida recuava diante do perigo mais apparente que real das margens do Sallia, proferiu estas palavras com um tom de enthusiasmo, com uma expressão affectuosa tão ín-

tima, que o guerreiro cahiu a seus pés. A ventura embargava-lhe a voz. O que lhe tumultuava no coração não tem nome na linguagem dos homens: era mais que a loucura. Com um movimento delirante apertou contra os labios a mão da donzella. Queimavam! Depois de largo silencio, elle murmurou emfim:

«Minha!... Quem ha na terra que possa roubar-m'a?... Annos de tormentos, fostes como um dia de bonança e deleite! Imagem que absorveste esta existencia inteira; anjo que me fazes surgir do meu inferno para o teu céu, tu foste que me salvaste a mim! Oh, como é bom ser feliz!... Tinha-me já esquecido!... Com o sol deve agora ser bello, serena a aragem da tarde, meigo o murmurar do ribeiro, viçosa a verdura do prado!... Tinha-me tambem esquecido! Tens rasão, Hermengarda. Quero viver: o viver é delicioso; delicioso porque será comtigo... ao pé de ti... a adorar-te sempre, sem me lembrar do que existe além de ti no universo. Vem, minha amante, minha esposa! vem jurar que me pertences, perante o altar e aos pés do sacerdote...»

A esta palavra fatal, um grito semelhante ao de homem ferido de morte, rompeu agudo e rapido do seio do cavalleiro. A mão d'Eurico abandonou a mão d'Hermengarda, e os seus olhos brilharam com fulgor infernal. Recuou affastando de si a irman de Pelagio, sobresaltada por aquelle gesto subitamente demudado, por aquelle olhar ardente e vago. Ella não comprehendia a causa de semelhante mudança... Com o braço esquerdo estendido, o guerreiro parecia querer arredá-la de si, emquanto com a mão confrangida apertava a fronte, como se buscasse esmagar um pensamento atroz, que lhe surgia lá dentro.

«Affasta-te, mulher, que o teu amor me perdeu! — murmurou emfim. — Ha entre nós um abysmo: tu o abriste; eu precipitei-me nelle. Um crime, só um crime, póde unir-nos...» Fez uma pausa, e proseguiu: —«E porque não se commetterá elle? Talvez obtivessemos perdão!... Perdão? Oh meu Deus, não o terias para o sacrilego... não! — Affasta-te, Hermengarda. Diante de ti tens um desgraçado, um desgraçado que fizeste!»

A donzella uniu as mãos lavada em lagrymas, e exclamou: «Eurico! Eurico! enlouqueceste?... Por piedade, ex-

plica-me este horroroso mysterio! Porque me repelles? que te fiz eu... eu que te amo, que sou tua, tua para sempre?!»

Mas os olhos scintillantes do cavalleiro tinham amortecido: derribado na lucta que travára com o destino, o seu combater de tantos annos terminava finalmente. Um sorriso insensato substituiu-lhe no rosto as contracções habituaes de melancholia. Affigurava-se-lhe que em roda delle balouçava a caverna, e a luz fumosa da tocha, que ardia segura no braço de ferro cravado na pedra, parecia-lhe faiscar em fitas côr de sangue. Esvaído, vacillante, assentou-se n'um fragmento da rocha, e estendendo a mão para Hermengarda, pegou de novo na della, e com um sorriso indizivel, continuou em voz submissa:

«Dez annos!... Sabes tu, Hermengarda, o que é o passar dez annos amarrado ao proprio cadaver? Sabes tu o que são mil e mil noites consummidas a espreitar em horisonte illimitado a estrella polar da esperança, e quando no fim os olhos cansados e gastos se vão cerrar na morte, vêr essa estrella reluzir um instante e depois tombar do céu nas profundezas do nada? Sabes o que é caminhar sobre urzes pelo caminho da vida, e achar no fim, em vez do marco milliario, onde o peregrino dê treguas aos pés rasgados e sanguentos, a borda de um despenhadeiro, no qual é força precipitar-se? Sabes o que isto é? É a minha triste historia! Estrella momentanea que me illuminaste, cahiste no abysmo! Arbusto que me retiveste um instante, a minha mão desfallecida abandonou-te, e eu despenhei-me! Oh, quanto o meu fado foi negro!»

Hermengarda contemplava-o com assombro e terror... Como o entenderia ella? Eurico proseguiu:

«Olha tu! Ao pôr do sol, no estio, ía eu assentar-me sobre um cerro maritimo, alongando a vista pelo oceano tranquillo, e parecia-me divisar-te desenhada na atmosphera a sorrir-me. Então as lagrymas de felicidade começavam a brotar-me dos olhos: depois lembrava-me de quem eu era, e essas lagrymas condensavam-se-me no meio das faces, e queimavam como se fossem de metal candente. A horas mortas, correndo pelos desvios, quando o vento açoutava os arbustos enfezados da montanha, cada sombra que se meneava ao luar sobre o chão pardacento, era a tua sombra

que eu via. Outras noites, em que mais tranquillo podia a sós comigo engolfar-me nos pensamentos de Deus, a tua imagem vinha interpôr-se entre mim e a lampada mortiça que me allumiava, e o hymno do Presbytero de Carteia, que devia talvez escrever-se nos livros sagrados das cathedraes da Hespanha, ficava incompleto, ou terminava por uma blasphemia; porque te via tambem sorrir, mas a outrem, mas a homem feliz com o teu amor, e eu tinha então sede... sede de sangue... Era uma lenta agonia! E sempre tu ante mim: nas solidões das brenhas, na immensidade das aguas, no silencio do presbyterio, nos raios esplendidos do sol, no reflexo pallido da lua, e até na hostia do sacrificio... sempre tu!... e sempre para mim impossivel!»

«Mas deliras!... — interrompeu Hermengarda. — Que tens tu com o Presbytero de Carteia; com esse illustre sacerdote, cujos hymnos sacros reboavam ainda ha pouco pelos templos da Hespanha, e a quem de certo o ferro impio dos arabes não respeitou? A tua gloria é outra, e mais bella; a gloria de seres o vencedor dos vencedores da cruz. A sua era sancta e pacifica. Deus chamou-o para si, e tu vives para ser meu. Ninguem existe hoje no mundo que possa embaraçá-lo. Esquece o passado; esquece-o por amor de mim!»

O cavalleiro sorriu de novo dolorosamente, e disse-lhe:

«Que tenho eu com o Presbytero de Carteria?... Hermengarda, lembras-te do seu nome?»

Os labios da donzella fizeram-se brancos ao ouvir esta pergunta: um pensamento monstruoso e incrivel lhe passára pelo espirito. Com voz affogada e quasi imperceptivel replicou:

«Era... era o teu, Eurico!... Mas que póde haver commum entre o guerreiro e o sacerdote? Que importa um nome... uma palavra?... que...»

O cavalleiro pôs-se em pé, e deixando descahir os braços, e pender o rosto sobre o peito, murmurou:

«Ha commum que o guerreiro e o presbytero são um desgraçado só!... Importa que esse desgraçado é neste momento um sacerdote sacrilego. O pastor de Carteia...»

«Oh não acabes!» — interrompeu Hermengarda com indizivel afflicção.

«Era Eurico, o gardingo!»

Proferindo estas palavras, que explicavam o mysterio da sua existencia, o cavalleiro negro viu cahir como fulminada a filha de Favila. E elle não se moveu. A sua imaginação tresvariada affigurou-lhe perto de si o vulto suave e triste do veneravel Siseberto, que estendia a mão mirrada entre ambos, como para os dividir em nome da religião que os devia salvar, e do sepulchro a quem pertenciam.

N'este momento uma grande multidão de creanças, de velhos, de mulheres penetraram na caverna com gritos e chóros de terror. No coração das Asturias, entre alcantis intractaveis, no fundo de um vasto deserto repetia-se o grito, que mil vezes tinha soado na devastada Hespanha: «Os arabes!»

Amanhecêra.

Aquelle sobresalto tão impensádo revocou o cavalleiro ao sentimento da sua situação. Ajoelhou juncto de Hermengarda, e pegando-lhe na mão já fria, beijou-lh'a. Nas raias da vida aquelle beijo, primeiro e ultimo, era purificado pelo halito da morte que se approximava: era innocente e sancto como o de dous cherubins ao dizer-lhes o Creador: «existí!»

Depois ergueu-se, vestiu a sua negra armadura, cingiu a espada, lançou mão do frankisk, e rompendo por entre o tropel que fizera silencio ao vê-lo, desappareceu através do portal da gruta, cujas rochas tingia côr de sangue a dourada vermelhedão da aurora.

XIX.

CONCLUSÃO.

> Da morte ás trevas,
> Immortal, te diriges!
>
> MERORAUDE: *Poema de Christo.*

A ventura das armas mussulmanas tinha chegado ao apogeu, e a sua declinação começava finalmente. E na verdade a ira celeste contra os godos parecia dever estar satisfeita. O solo da Hespanha era como uma ara immensa, onde as chammas das cidades incendiadas serviam de fogo sagrado para consummir aos milhares as victimas humanas. O silencio do desalento reinava por toda a parte, e os christãos viam com apparente indifferença os seus vencedores polluirem as ultimas cousas, que, até sem esperança, ainda defende uma nação conquistada — as mulheres e os templos. Theodemiro pagava bem caro o procedimento que o desejo de salvar os seus subditos o movêra a seguir. O pacto feito por elle com os arabes não tardou a ser por mil modos violado, e o illustre guerreiro teve de se arrepender, mas já debalde, por haver deposto a espada aos pés dos infiéis, em vez de pelejar até a morte pela liberdade. Fôra isto o que Pelagio preferíra; e a victoria coroou o seu confiar no esforço dos verdadeiros godos, e na piedade de Deus.

Os que tem lido a historia daquella epocha sabem que a batalha de Cangas de Onis foi o primeiro élo dessa cadeia de combates, que, prolongando-se através de quasi oito seculos, fez recuar o koran para as praias d'Africa, e restituiu ao evangelho esta boa terra d'Hespanha, terra, mais que nenhuma, de martyres. Na batalha de juncto do Auseba

foram vingados os valentes que pereceram nas margens do Chryssus; porque mais de vinte mil sarracenos viram pela ultima vez a luz do sol naquellas tristes solidões. Mas nesse dia da punição ella devia abranger assim os infiéis, como os que lhes haviam vendido a patria, e que ainda vinham disputar a seus irmãos a dura liberdade de que gosavam nas brenhas intractaveis das Asturias.

O ardil de Pelagio para resistir com vantagem aos mosselemanos, cem vezes mais numerosos que os christãos, surtíra o desejado effeito. Ainda que muito a custo, os cavalleiros enviados em cilada para a floresta á esquerda das gargantas de Covadonga poderam chegar ahi sem serem sentidos dos arabes, que se haviam approximado mais cedo do que o fizera crêr a narração do velo Vellido. Os infiéis pararam nas bordas do Deva, no sitio em que rompia do valle, e os seus almogaures tinham ousado penetrar ávante. Os cavalleiros da cilada, que a pouca distancia passavam manso e manso, ouviram distinctamente o tropear dos ginetes inimigos.

Mas quando, ao primeiro alvor da manhan, Pelagio se encaminhava com o seu pequeno esquadrão para a garganta das serras, já os arabes rompiam por ella, e começavam a espraiar-se, como ribeira, que, saindo de leito apertado, se dilata pela campina. Os christãos recuaram, e os infiéis, attribuindo ao temor esta fuga simulada, precipitaram-se após elles. Pouco a pouco o duque de Cantabria attrahiu-os para a entrada da gruta de Covadonga. Chegado alli, pondo á bôca a sua buzina, tirou um som prolongado. Immediatamente os cimos dos rochedos, que pareciam inaccessiveis, cubriram-se de fundibularios e frecheiros, e uma nuvem de tiros choveu de toda a parte sobre os africanos e sobre os renegados godos. Vacillaram; mas o desejo da vingança levou-os a apinharem-se, esquadrões após esquadrões, á entrada da caverna, onde finalmente encontravam desesperada resistencia. Então, como se despegassem do céu, grandes rochedos começaram a rolar sobre elles dos cimos do precipicio que lhes ficava sobranceiro. Mãos invisiveis os impelliam. Cada rocha traçáva no meio daquelle vulto informe, que oscillava, naquella vasta planicie de alvos turbantes e de capacetes reluzentes, uma escura mancha semelhante a

chaga horrivel. Eram dez ou vinte guerreiros, cujos membros esmagados, cujos ossos triturados, cujo sangue confundido espirravam por cima das frontes dos seus companheiros. Era medonho! — porque a esse espectaculo se ajunctava o grito de raiva e desesperação dos pelejadores, grito feroz e agudo só comparavel ao bramido de cem leoas, a quem os caçadores do Atlas houvessem, na ausencia dellas, roubado os seus cachorrinhos.

Pela volta da tarde apenas do numeroso e brilhante exercito dos arabes alguns milhares de cavalleiros fugiam desalentados diante dos foragidos das Asturias, que os perseguiam incansaveis além de Cangas de Onis.

Fôra no momento em que Pelagio penetrava, na sua fingida fuga, sob o vasto portal da gruta que o cavalleiro negro saía. O joven guerreiro viu-o e estremeceu. Eurico tinha as faces encovadas, o rosto pallido e transtornado, e havia em todo o seu gesto uma tão singular expressão de tranquillidade que fazia terror. Emquanto os christãos defendiam a entrada elle esteve quedo, como indifferente ao combate; mas logo que os arabes, acomettidos já pelas costas, principiaram a recuar, e que Pelagio pôde combater na planicie, o cavalleiro, abrindo caminho com o frankisk, desappareceu no meio dos inimigos. Desde esse momento debalde o duque de Cantabria o buscou: nem elle, nem ninguem mais o viu.

Era quasi ao pôr do sol. Seguindo a corrente do Deva, a pouco mais de duas milhas das encostas do Auseba, dilatava-se nessa epocha denso bosque de carvalhos, no meio do qual se abria vasta clareira, onde sobre dous rochedos aprumados assentava um terceiro. Era provavelmente uma ara celtica. Em frente de tosca ponte de pedras brutas lançada sobre o rio, uma senda estreita e tortuosa atravessava a selva, e passando pela clareira continuava por meio dos outeiros vizinhos dirigindo-se nas suas mil voltas para as bandas da Gallécia. Quatro cavalleiros, a pé, e em fio caminhavam por aquelle apertado carreiro. Pelos trajos e armas conhecia-se que eram tres christãos e um sarraceno. Chegados á clareira, este parou de repente, e voltando-se com aspecto carregado para um dos tres, disse-lhe:

«Nazareno, offereceste-nos a salvação se te seguissemos:

fiámo-nos em ti, porque não precisavas de trahir-nos. Estavamos nas mãos dos soldados de Pelagio, e foi a um aceno teu que elles cessaram de perseguir-nos. Porém o silencio tenaz que tens guardado gera em mim graves suspeitas. Quem és tu? Cumpre que sejas sincero como nós. Sabe que tens diante de ti Mugueiz, o amir da cavallaria arabe, Juliano, o conde de Septum e Oppas, o bispo d'Hispalis.»

«Sabia-o: — respondeu o cavalleiro — por isso vos trouxe aqui. Queres saber quem sou? Um soldado e um sacerdote do Christo!»

«Aqui!?... atalhou o amir, levando a mão ao punho da espada, e lançando os olhos em roda. Para que fim?»

«A ti, que não eras nosso irmão pelo berço; que tens combatido lealmente comnosco, inimigos da tua fé; a ti, que nos opprimes, porque nos venceste com esforço e á luz do dia, foi para te ensinar um caminho que te conduza em salvo ás tendas de teus soldados. É por alli!... A estes que venderam a terra da patria; que cuspiram no altar do seu Deus, sem ousarem francamente renegá-lo; que ganharam nas trevas a victoria maldicta da sua perfidia, é para lhes ensinar o caminho do inferno... Ide, miseraveis, segui-o!»

E quasi a um tempo dous pesados golpes de frankisk assignalaram profundamente os elmos de Oppas e Juliano. No mesmo momento mais tres ferros reluziram.

Um contra tres! — Era um combate calado e temeroso. O cavalleiro da cruz parecia desprezar Mugueiz: os seus golpes refiniam só nas armaduras dos dous godos. Primeiro o velho Oppas, depois Juliano cahiram.

Então, recuando, o guerreiro christão exclamou:

«Meu Deus! Meu Deus! — Possa o sangue do martyr remir o crime do Presbytero!»

E largando o frankisk, levou as mãos ao capacete de bronze, e arrojou-o para longe de si.

Mugueiz, cego de colera, vibrára a espada: o craneo do seu adversario rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do sarraceno.

Como tomba o abeto solitario da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro mysterioso do Chryssus cahia para não mais se erguer!...

Nessa noite, quando Pelagio voltou á caverna, Hermen-

garda deitada sobre o seu leito parecia dormir. Cansado do combate, e vendo-a tranquilla, o mancebo adormeceu tambem perto della sobre o duro pavimento da gruta. Ao romper da manhan, acordou ao som de cantico suavissimo. Era sua irman que cantava um dos hymnos sagrados que muitas vezes elle ouvíra entoar na cathedral de Tárraco. Dizia-se que seu auctor fôra um Presbytero da diocese de Hispalis, chamado Eurico.

Quando Hermengarda acabou de cantar ficou um momento pensando. Depois repentinamente soltou uma destas risadas, que fazem eriçar os cabellos, tão tristes, soturnas e dolorosas são ellas: tão completamente exprimem irremediavel alienação d'espirito.

A desgraçada tinha de feito enlouquecido!

NOTAS.

(Fim da prefação.)

«Chronica-poema, lenda, ou o que quer que seja.»

Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro; nem isso me afflige demasiado. Sem ambicionar para elle a qualificação de poema em prosa — que não o é por certo — tambem vejo, como todos hão-de ver, que não é um romance historico, ao menos conforme o creou o modelo e desesperação de todos os romancistas, o immortal Scott. Pretendendo fixar a acção que imaginei n'uma epocha de transição — a da morte do imperio gothico, e do nascimento das sociedades modernas da Peninsula, tive de luctar com a difficuldade de descrever successos e de retratar homens, que, se por um lado pertenciam a eras, que nas recordações da Hespanha tenho por analogas aos tempos heroicos da Grecia, precediam immediatamente por outro a epocha a que, em rigor, podemos chamar historica, ao menos em relação ao romance. Desde a primeira até a ultima pagina do meu pobre livro caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacillantes, outros, que não eu, o dirão.

Conhecemos talvez a sociedade wisigothica melhor que a d'Oviedo, e Leão, que a do nosso Portugal no primeiro periodo da sua existencia como individuo politico. Sabemos melhor quaes foram as instituições dos godos, as suas leis, os seus usos, a sua civilisação intellectual e material, do que sabemos o que era isso tudo em seculos mais proximos de nós. O esplendor dos paços, as formulas dos tribunaes, os ritos dos templos, a administração, a milicia, a propriedade, as relações civis são menos nebulosas e incertas para nós nas eras gothicas que durante o longo periodo da restauração christian. E comtudo o reproduzir a vida dessa sociedade, que nos legou tantos monumentos, com as fórmas do verdadeiro romance historico temo-lo por impossivel, ao passo que o representar a existencia dos homens do undecimo ou dos seguintes seculos será para o que os tiver estudado, não digo facil, mas sem duvida possivel.

Qual é a causa d'isto?

É que nós conhecemos a vida publica dos wisigodos e não a sua vida intima, emquanto os seculos da Hespanha restaurada revelam-nos a segunda com mais individuação e verdade que a primeira. Dos godos restam-nos codigos, historia, litteratura, monumentos escriptos de todo o genero, mas os codigos e a litteratura são reflexos mais ou menos pallidos das leis e erudição do imperio romano, e a historia desconhece o povo. O gothicismo hespanhol ao primeiro aspecto parece mover-se. Palpamo-lo: é uma estatua de marmore, fria, immovel, hirta. As portas das habitações dos cidadãos cerram-nas os sete sellos do Apocalypse: são a campa da familia: a familia goda é para nós como se nunca existíra.

Não cabe n'uma nota o fázer sentir esse não sei que de magestade *esculptural* que conserva sempre a raça wisigothica, por mais que tentemos galvanisá-la, nem o contrapor-lhe as gerações nascidas durante a reacção contra o islamismo, que surgem, e agitam-se e vivem quando lhes applicâmos a corrente electrica e mysteriosa, que partindo da imaginação vae despertar os tempos que foram do seu calado sepulchro.

Desta differença, que é mais facil sentir que definir, nasce a necessidade de estabelecer uma distincção nas fórmas litterarias applicadas ás diversas epochas da antiga Hespanha, o romano-germanica, e a moderna.

O periodo wisigothico deve ser para nós como os tempos homericos da Peninsula. Nos cantos do Presbytero tentei achar o pensamento e a côr, que convem a semelhante assumpto, e em que cumpre predominem o estylo e fórmas da Biblia e do Semunda-Edda — as tradições christans, e as tradições gothicas, que partindo do oriente e do norte vieram encontrar-se e completar-se, em relação á poesia da vida humana, no extremo occidente da Europa.

O romance historico, como o concebeu Walter Scott, só e possivel áquem do oitavo — talvez só áquem do decimo seculo; porque só áquem dessa data, a vida da familia, o homem sinceramente homem, e não ensaiado e trajado para apparecer na praça publica, se nos vae pouco a pouco revelando. As fórmas e o estylo que convem aos tempos wisigothicos seriam desde então absurdos, e parece-me, até, que ridiculos.

A Hespanha romano-germanica transformou-se na Hespanha rigorosamente moderna no terrivel cadinho da conquista arabe. A obra litteraria (novella ou poema — verso ou prosa — que importa?) relativa a essa transição, deve combinar as duas formulas — indicar as duas extremidades a que se prende; fazer sentir que o descendente de Theoderik ou de Leuwighild será o ascendente do Cid ou do Lidador; que o heroe se vae transformar em cavalleiro; que o servo, entidade duvidosa entre homem e cousa, começa a converter-se em altivo e irrequieto burguez.

E a fórma e o estylo devem approximar-se mais ou menos d'um ou d'outro extremo, conforme a epocha em que lançâmos a nossa concepção está mais vizinha ou mais remota da que vae deixando d'existir, ou da que vem surgindo. A difficultosa mistura dessas côres na palheta do artista nenhuma doutrina, nenhum preceito lh'a diz: ensinar-lh'a-ha o instincto.

Tive eu esse instincto? — É mais provavel o não que o sim. — Se a arte fôra facil para todos os que tentam possuí-la, não nos faltariam artistas!

Pag. 3.

«Leuwighild expulsára da Hespanha os derradeiros soldados dos imperadores..... e expirára em Toletum.»

Hesitei muito tempo se empregaria os nomes proprios, quer de pessoas quer de logares, como as successivas alterações da linguagem na Hespanha os foram transformando, a ponto de muitos delles se acharem hoje totalmente divêrsos do que eram na sua origem. Destas mudanças, aquellas que apenas consistiam no augmento ou diminuição de uma letra, ou na diversidade das desinencias, podiam talvez serem admittidas sem dar um aspecto anachronico ao livro. Outros nomes, porém, havia, sobre tudo nas designações corographicas, tão completamente alterados, que me repugnava o substituir o moderno ao antigo. Assim Toletum, Emérita seriam sem difficuldade representados por Toledo e Mérida; mas como substituir, sem anachronismo na expressão, Sevilha a Hispalis, Leão a Legio, Guadalete a Chryssus, e finalmente Burgos a Augustobriga, quando, como neste caso, até a situação da moderna cidade não é exactamente a da antiga povoação? Preferi, portanto, conservar os nomes primitivos, os quaes não influindo de modo algum na ordem e clareza da narrativa, podem facilmente encontrar-se em qualquer diccionario ou tractado de geographia antiga.

Aos nomes individuaes dos primeiros wisigodos procurei conservar, quando alludi a elles, os vestigios da origem gothica: aos dos personagens do meu livro conservei as fórmas alatinadas que se encontram nos monumentos contemporaneos, porque, segundo todas as probabilidades, já nesta epocha o elemento romano de todo havia triumphado na lingua.

Pag. 7.

«Gardingo na côrte de Witiza, tiuphado ou millenario do exercito wisigothico.»

Uma das cousas mais disputadas na historia das instituições gothicas é a natureza dessa classe de individuos, que tantas vezes figuram nos monumentos daquelles epochas, chamados gardingos (*gardigg* em lingua gothica). Masdeu e com elle Romey, que o traduz quasi sempre ácerca da historia dos wisigodos, posto que não o cite senão neste logar, são de parecer que o gardingato não era um titulo de nobreza, mas do cargo de substituto do duque (governador de provincia) como o *vicarius* o era do conde (governador de cidade). Aschbach deriva a palavra de *Garde*, que significa *solar com terras adjacentes*, e parece querer confirmar assim a opinião de Vossio, que pretendia fossem os administradores ou almoxarifes dos palacios reaes, opinião que seria mui difficil de sustentar á vista de varios monumentos hispano-gothicos. Segui o parecer de Grimm e Lembke, que suppõem formarem os

gardiggos uma classe de *curiales* (cortezãos) ou nobres. Neste caso não serviria a etymologia *gards* para indicar no gardingato uma nobreza estribada sobre certa extensão e importancia de propriedade territorial, formando a terceira classe de nobreza depois dos *duces* e *comites?* Rosseeuw-Saint-Hilaire pensa-o assim, e faz o gardingo synonimo de *Procer*. Procer, todavia, não indicava em especial o gardingo, mas era denominação generica da nobreza.

Quanto ao cargo de tiuphado ou tiufado, deve saber-se que o exercito godo se dividia em corpos de mil homens, e estes em companhias e esquadras de cem e de dez. Abaixo do tiuphado (*thiud* ou *theod* povo e *fath* conduzir, ou segundo outra derivação, *taihunda* mil e *fath*) que tambem se chamava millenario (da etymologia latina *mille*) estava o quingentario, segundo uns capitão de quinhentos homens, especie de major dos regimentos modernos, e segundo outros substituto do tiuphado, ou semelhantes aos nossos tenentes-coroneis. A companhia de cem homens (*centuria*) era regida por um *centenario*, e a de dez (*decania*) por um *decano*.

Pag. 10.

«Com a fluctuante stringe.»

O vestido civil dos wisigodos era uma especie de tunica chamada *Stringe* ou *Strigio*, já d'antes conhecida pelos romanos. O clero usava deste trajo como os seculares, com a differença de ser branco ou d'outra côr modesta, porque o havia até côr de purpura, o uso da qual era severamente prohibido aos sacerdotes. Veja-se Masdeu, Hist. Crit. d'Esp. T. 11, p. 63 e 197, e Ducange e Carpentier ás palavras *Stringes, Strigio*.

Pag. 12.

«O ostiario buscava.»

A igreja goda empregava oito ministros na celebração do culto: 1.° o Ostiario, que abria e fechava o templo, cuidava da conservação dos objectos do culto, e vigiava que não assistissem ao sacrificio herejes ou excommungados: 2.° o Acolito, que illuminava os altares, e tinha na mão um candelabro emquanto se lia o evangelho: 3.° o Exorcista, a quem incumbia o expulsar o demonio dos possessos: 4.° o Psalmista, que levantava no côro as antiphonas, psalmos e hymnos: 5.° o Leitor, que lia em alta voz as prophecias do Antigo Testamento e as Epistolas, e as explicava ao povo: 6.° o Subdiacono, que recebia as oblações dos fiéis e dispunha as vestiduras e vasos sagrados para a missa: 7.° o Diacono, que ajudava a esta, e dava a communhão: 8.° o Presbytero, que sacrificava, prégava, e dava a benção ao povo.

Pag. 12.

«De Draconcio, de Merobaude, e de Orencio.»

Poetas celebres hispano-godos do seculo V. — De Draconcio resta-nos o *Carmen de Deo* e uma epistola dirigida a Gunth-rik rei dos vandalos. De Merobaude subsiste um fragmento do *Poema de Christo*. D'Orencio, tão elogiado pelo poeta Fortunato e por Sidonio Apollinario, apenas resta uma pequena poesia na *Bibliotheca Veterum Patrum*.

Pag. 17.

«Não eram assim os godos de oeste.»

A raça dos godos, asiatica na origem, germanica na lingua, e que, antes de occupar uma parte do territorio romano, habitava o norte do Ponto Euxino (Mar-negro), dividia-se em duas grandes familias, cujas denominações provieram da sua situação relativa. Os que estanciavam ao oriente chamavam-se *Ost-Goths* (godos de leste) e depois corruptamente ostro-godos; os que demoravam ao occidente eram os *west-goths* (godos de oeste) ou wisigodos, que, depois de ora servirem o imperio como alliados, ora assolarem-no como inimigos, vieram fazer assento no sul das Gallias e na Peninsula, estabelecendo a final em Toledo o centro do seu imperio.

Pag. 17.

«Combatia nos campos catalaunicos.»

A celebre batalha, dada por Theoderik rei dos wisigodos e pelo general romano Aecio, seu alliado, ao feroz Attila nos *campi catalaunici* (planicies de Chalons-sur-Marne) é o mais celebre entre os terriveis combates que custou á Europa no V seculo a dissolução do grande cadaver romano. Podem-se ver em Jornandes, e no Panegyrico de Avito por Sidonio Apollinario as particularidades deste successo.

Pag. 26.

«Rodearemos a Ilha Verde.»

Algeziras. Este nome foi posto pelos arabes ao logar onde Tarik veio aportar saindo de Ceuta para a conquista d'Hespanha. O ilheu, hoje chamado *das Pombas*, fica a um tiro d'espingarda daquella povoação, á qual passou o nome que os arabes tinham dado á ilhota vendo-a verdejar ao longe: — *Djezirat-al-Hadra* (ilha-verde). Ignorando-lhe o nome antigo, suppuz que

essa denominação de origem arabica era anterior, e que já os godos lh'a attribuiam. O anachronismo é, a meu ver, assás desculpavel.

Pag. 28.

«O amiculo alvissimo.»

O *amiculo*, que entre os romanos era proprio das mulheres de baixa esphera, tornou-se em Hespanha trajo commum das mais honestas e nobres: era uma especie de manto, com que cubriam as vestiduras inferiores. Os cabellos encerravam-nos n'uma como coifa, denominada *retiolo*. Veja-se Masdeu, Hist. Crit. T. 11, p. 6.

Pag. 34.

«Para o lâdo dos campos gothicos.»

Os wisigodos tinham dado em especial o nome de *Campi gothici* ás planicies de Leão e da Extremadura Hespanhola. D'ahi, contrahida a menor territorio, veio a denominação da terra de *Campos*.

Pag. 40.

«Wali de Sebta.»

«*Wali:* Prefeito, caudilho principal, governador de provincia, general d'exercito;» *Conde, Declar. de alg. nom. arabes.* Juliano era, segundo parece, o governador da provincia gothica d'alem do Estreito chamada *Transfretana;* cabia-lhe por isso entre os arabes o titulo de Wali. Sebta é a corrupção arabica do nome de Septum, corrupção d'onde os nossos antigos formaram *Cepta* e depois *Ceuta*.

Pag. 42.

«Os golpes do frankisk godo.»

O *frankisk* ou *frankiska* era uma especie de machadinha de dous gumes, usada pelos frankos, de quem os godos a tomaram. Consulte-se Masdeu. Hist. Crit. T. 11, p. 52 — e Ducange verb. *Francisca*. A *Cateia*, de que adiante se ha-de falar, era uma lança curta ou dardo, a origem talvez da *azcuma* dos tempos posteriores.

Pag. 48.

«A antiga Romula.»

Sevilha no tempo dos romanos tinha dous nomes — *Romula* e *Hispalis*. Este ultimo veio a prevalecer emfim. Veja-se *Flores, Esp. Sagr.* T. 9, p. 87.

Pag. 49.

«O propheta de Yatrib.»

Mohammed era natural de Medina. Esta cidade chamava-se Yatrib. Foi elle quem lhe poz o nome de Medinah-al-Nabi — *Cidade do Propheta.*

Pag. 50.

«Calpe, ou Geb-al-Tarik.»

Os arabes tendo desembarcado nas costas d'Hespanha, e vendo que a montanha do Calpe era um logar grandemente defensavel, fortificaram-se ahi, porventura em quanto esperavam o resto do exercito que passava d'Africa. A montanha recebeu então o nome de *Geb-al-Tarik* (monte de Tarik) e tambem o de *Geb-al-Fetah* (monte da Entrada). Da palavra Geb-al-Tarik se formou depois a de Gibraltar.

Pag. 51.

«Os crentes do Islam.»

Islam em arabe, o Islamismo, ou religião do koran. Significa propriamente esta palavra *resignação; resignação em Deus.*

Pag. 52.

«Alguns esculcas.»

Esculcas eram nos tempos barbaros chamadas as rondas ou sentinellas nocturnas dos arraiaes. Esta palavra encontra-se nos escriptores do VI seculo e dos seguintes, como em S. Gregorio Magno: *sculcas quos mittitis sollicite requirant:* Epist. 12 — 23. — A fórma pura do vocabulo, *Exculcatores,* apparece já em Vegecio: depois por abbreviatura *Exculcae* e *Sculcae. Sculcas* são contrapostos aos *atalaias* nas leis das Partidas, P. 2, tit. 26, onde estes significam *guardas de dia.*

Pag. 52.

«Os romanos! — e a turba repetiu: — Os romanos!»

Os arabes designavam os christãos, ou antes em geral qualquer europeu, pelo nome de *al-rumi*, o romano, que fosse grego, franko, ou hespanhol. Aquelles mesmos que abraçavam o islamismo conservavam este appellido.

Tal era o amir ou general da cavallaria, Mugueiz, um dos mais famosos companheiros de Tarik. Quando em especial os prentendiám designar, não pela differença de raça, mas pela de crença, denominavam-nos *Nassrani* (nazarenos).

Pag. 57.

«O grito de *Allah-hu-Acbar!*»

Deus só é grande! era para os arabes a voz de acometter, como depois foi para os christãos o grito de *Sanctiago!*

Pag. 62.

«Ao longo da ephippia.»

A ephippia era uma especie de sella de lan que os godos haviam imitado da cavallaria romana.

Pag. 67.

«Debaixo das pancadas violentas dos mangoaes.»

«As armas delles (dos berebéres e arabes africanos) quasi se limitam a páus compridos a que se prendem pequenos tóros atados pelo meio, que no combate descarregam sobre os inimigos com ambas as mãos:» Alkhathib. *Pleni-Lunii Splendor*, em Casiri, T. 2, p. 258.

Pag. 86.

«Os cheiks.»

Como a palavra latina *senior* (o mais velho) veio a significar, no latim barbaro e no romance ou linguas vulgares das nações modernas, o *principal*, o *senhor*, assim a palavra arabe *Cheik*, *Chek*, *Xeque*, isto é, o *ancião*, tomou entre os sarracenos a significação de senhor ou chefe de uma tribu.

Pag. 89.

«Ás supplicas do velho bucellario.»

No imperio godo os bucellarios vinham a ser o mesmo que os clientes dos romanos, homens livres addictos ás familias poderosas, por quem eram patrocinados e talvez sustentados, se, como pretende Masdeu, e o seu, nesta

parte, quasi traductor Romey, o nome *buccellarius* lhes provinha de *buccella*, (migalha de pão). O Codigo Wisigothico (Liv. 5. tit. 3.°) estabelece os deveres e relações destes homens com seus amos e patronos. A obrigação mais importante do bucellario parece ter consistido no serviço militar: *Si ei . . . arma dederit.* É por isso que se me affigura mais provavel a etymologia, que a semelhante denominação attribue com preferencia o erudito Canciani (Barbar. Leg. Ant. Vol. 4, p. 117) derivando-a da palavra scandinava *buklar* (o escudo) transformada no idioma germanico em *buckel*, e nas linguas modernas em *buckler, bouclier, broquel.* Neste caso o bucellario corresponderia ao *armigero* ou *escudeiro* do seculo 12 e 13, que significando na sua origem o que trazia as armas ou o escudo do seu senhor ou amo, veio a tomar-se por um homem d'armas de certa distincção, a quem todavia faltava o grau de cavalleiro.

Pag. 92.

«E as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus.»

O facto narrado neste capitulo é historico. O logar da scena, e a epocha, é que são inventados. Foram as monjas de Nossa Senhora do Valle, juncto d'Écija, que em tempos posteriores practicaram este feito heroico para se esquivarem á sensualidade brutal dos arabes. Parece que o procedimento das freiras d'Écija foi imitado em muitas outras partes. Consulte-se *Berganza, Antiguidades de España,* T. 1, pag. 139; e *Morales, Cron. Gener.* T. 3, pag. 105.

Pag. 110.

«O imperio de Andalús.»

Segundo Lembke, cuja opinião assenta no testemunho de Ibn-Said e de Ahmed-Al-makkari, os arabes conheciam a Hespanha, antes da conquista, pelo nome de *Andalôs* ou *Andalús*, nome que depois applicaram em especial ao territorio entre o Wadi-Al-kebir e o Wadi-Ana (Guadalquivir e Guadiana), isto é, á moderna Andaluzia. O nome de Algharb (o occidente) que igualmente deram á Peninsula para a distinguir da Mauritania (Almoghreb) veio tambem a contrahir-se á nossa provincia do Algarve.

Pag. 110.

«Alfaqui dos romanos.»

Alfaquih. É titulo que os africanos dão aos seus sacerdotes e sabios de lei: Moura, Vestig. da Lingua Arab. p. 38.

Pag. 122.

«Os nazarenos d'Al-Djuf.»

As grandes divisões da Hespanha, segundo a geographia arabe, eram quatro: — *Al-Gharb* o occidente; *Al-Sharkiah* o oriente; *Al-Kiblah* o meio-dia; *Al-Djuf* o norte. Era esta, por isso, a designação dos territorios christãos das Asturias e Cantabria.

Pag. 149.

«Os ultimos aripennes de terra livre.»

O *aripennis*, *arapennis*, *agripennis*, ou *arpentum*, d'onde veio a palavra franceza *arpent*, era uma medida d'extensão igual a metade do *jugerum*, d'onde tomámos a palavra *geira*. O aripenne media-se em quadro e tinha de cada lado 12 *pérticas*, medida que equivalia a dous palmos. Masdeu affirma que o aripenne era medida especial da Betica, o que é inexacto; porque ella se acha mencionada em muitos documentos, não só de outras provincias d'Hespanha, mas tambem de diversos paizes, como se póde ver em Ducange á palavra *Arapennis*.

Pag. 169.

«Primeiro o velho Oppas, depois Juliano cahiram.»

Nas mil tradições diversas, quer antigas, quer inventadas em tempos mais modernos, sobre o modo como se constituiu a monarchia das Asturias procurei cingir-me, ao menos no desenho geral, ao que passa por mais rigorosamente historico. Todavia cumpre advertir que Pelagio viveu, segundo todas as probabilidades, em tempos um pouco posteriores á conquista arabe, e que a morte de Oppas e Juliano na batalha de Cangas de Onis, successo narrado por alguns escriptores, tem sobrados caractéres de fabulosa. A minha intenção, porém, foi, como já notei, pintar os homens da epocha de transição, digamos assim, dos tempos heroicos da historia moderna para o periodo da cavallaria, brilhante ainda, mas já de dimensões ordinarias. O meu heroe do Chryssus é como o ultimo semideus que combate na terra; os foragidos de Covadonga são como os primeiros cavalleiros da longa, patriotica e tenaz cruzada da Peninsula contra os sarracenos. Deste modo, sendo hoje difficultoso separar, em relação áquellas eras, o historico do fabuloso, aproveitei d'um e d'outro o que me pareceu mais appropriado ao meu fim.

O MONGE DE CISTÉR

OU

A EPOCHA DE D. JOÃO I.

De varios livros, pergaminhos, e papeis ajuntei algumas cousas antigas, que estavam já postas de parte, conjecturando, que ordenadas, e vestidas de novas cores podiam tornar á praça, e não parecer mal, como arvores de outono com seu renovo.

G. Estaço, *Var. Ant. Prol.*

Como debaixo dos pés de cada geração que passa na terra dormem as cinzas de muitas gerações que a precederam, assim debaixo dos fundamentos de cada cidade grande e populosa das velhas nações da Europa jazem alastrados os ossos da cidade que precedeu a que existe. Como de paes a filhos as diversas gerações se continuam e entretecem sem divisão, semelhantes á tunica inconsutil do Christo, assim a cidade antiga se transmuda imperceptivelmente na nova cidade; e como o octogenario na vizinhança do tumulo não vê á roda de si, nem pae, nem irmãos, nem amigos da infancia, mas filhos, mas netos, mas existencias todas virentes, todas cheias de vida, e sente com amargura que o seu seculo já repousa em paz, e espera por elle que tarda, assim o ultimo edificio da cidade que passou, quando pendido ameaça desabar, olhando á roda de si não vê nenhum daquelles que, ahi perto, campeavam senhoris e formosos no tempo em que elle tambem o era. Então, quando a noite de inverno ruge tempestuosa, e a chuva susurra nas arvores, e estrepita nas torrentes, ouve-se um ruído subito, semelhante ao bater no chão de homem de guerra que morre. É o edificio que sólta o seu ultimo arranco, e vae ajuntar mais uma ossada a milhares dellas, que jazem sob os pés da povoação recente. A obra do homem é como o homem; com

a differença, porém, de que o periodo da renovação do genero-humano conta-se por annos, o da cidade por seculos: mas os annos e os seculos confundem-se e igualam-se diante da vida perpetua do Universo, vigoroso e bello, hoje, ámanhan, daqui, talvez, a milhares de eras, como no dia da creação.

Entre todas as cidades herdeiras do nome das suas antepassadas é a nossa Lisboa uma daquellas cujo tronco é mais antigo, e cujas renovações tem sido mais frequentes. Além das mudanças que nella devia produzir a successão dos tempos, os terremotos, os incendios e as guerras visitaram-na tantas vezes, que apenas lhe restam raros e quasi apagados vestigios dessas existencias de larga vida, desses edificios monumentaes, que nas outras cidades da Europa contam o passado ao presente. Se quereis saber as convulsões violentas, as agonias de trances mortaes em que se tem debatido a filha dos Phenicios, embrenhae-vos no vetustissimo bairro da Alfama; affrontae-vos com os seus becos tortuosos, sombrios, lodacentos; extraviae-vos no seu labyrintho de terreirinhos, escadas, pateos, arcos, passagens, indelineaveis e enredados como meada, a que se perdeu o fio. O aspecto daquelle grande vulto de casas, que parecem atiradas para ahi cegamente em lucta de gigantes, far-vos-ha crer que lá, nas visceras dessa especie de povoação estranha, embebida no amago de Lisboa, ha uma vida antiga, um monumento de cada epocha, de cada era, de cada decada. Enganar-vos-heis, todavia. Apenas sobre um portal lereis alguma inscripção mutilada em caractéres monachaes, e em portuguez do seculo XIV; apenas vereis uma lapida partida, onde a custo descortinareis algumas letras inclusas e disformes dos seculos XII e XIII, e difficultoso será que as bellas fórmas dos caractéres assentados dos latinos venham lembrar-vos que o solo que pizaes é de um municipio romano. Se, ao cabo de muita lida, a boa-ventura vos deparar um arco ponteagúdo do puro gothico, uma verga florída do renascimento, uma volta de ferradura arabe, acha-la-heis mettida e aproveitada, ou desaproveitada, em edificio de hontem, ou vê-la-heis prestes a desabar em pardieiro velho. Tudo o que haveis de encontrar são folhas rasgadas de um livro precioso e unico. Depois, ajudando-vos a imaginação de artista e o

faro de antiquario, muito fareis, se, como os commentadores da litteratura classica, ajunctardes com essas palavras soltas um capitulo do livro perdido. Comprazer-vos-heis então na vossa obra; mas cuidando que reconstruis um pedaço de historia da arte ou dos homens, não fareis, porventura, senão compor um fragmento de novella.

Mas seja historia ou novella o fructo dos trabalhos daquelle que conversa o passado, que se apresse! Com a rapidez da cholera ou da peste corre por todos os angulos de Portugal, e encasa-se em todos os povoados uma cousa hedionda e torpe, que, inimiga do passado e do futuro, se chama illustração; que tendo por logica o escarneo e por syllogismo o camartello, se chama philosophia. Deus a mandou ao mundo como mandou Attila ou a Inquisição, como um verbo de morte. Seu mister é apagar todos os sanctos affectos da alma, e incarnar no coração, em logar delles, um cancro para o qual nossos avós não tinham nome, e que estranhos designaram pela palavra *egoismo*. Que se apresse aquelle que quizer guardar alguns fragmentos do passado para as saudades do futuro; porque a illustração do vapor e do atheismo social ahi vae livelando o que foi pelo que é, a gloria pela infamia, a fraternidade do amor da patria pela fraternidade dos bandos civis, as memorias da historia gigante do velho Portugal pelo areal plano e pallido da nossa historia presente, a obra artistica pelos algarismos do orçamento, o templo do Christo pela espelunca do rebatedor. Que se apresse; porque esses rastos de antepassados que o tempo e os incendios, e os terremotos nos deixaram, não no-los deixará o descrer brutal deste seculo, que a historia distinguirá pelo epitheto de bota-abaixo, e cujo legado monumental para os seculos que virão após elle será um cemiterio immenso; mas cemiterio sobre o qual não se elevará sequer a humilde distincção de uma cruz.

É por isso, é porque vejo o marco assentado no fim do caminho por onde esta geração se escoa, que muitas vezes passo horas largas diante de um portal de capellinha carcomida como velha enrugada; diante de uma hombreira partida, onde apenas se divisam cansados e gastos lavores da arte da idade média. Se eu fosse rico, iria comprar o capellinha, iria comprar o pardieiro onde houvesse a hombreira gothica:

os homens do progresso vender-me-hiam isso tudo, porque havia d'enganá-los; porque havia de prometter-lhes que converteria aquella em lupanar; este em casa de cambio. Depois, eu, que já não tenho pae para affagar nos tedios e dores da decrepidez, tomaria a meu cargo essas pobres ruinas, ampará-las-hia como um filho, livrá-las-hia dos olhos dos que hoje tudo podem e tudo ousam, e como os christãos primitivos só a seus irmãos revelavam a existencia do altar das catacumbas, assim neste quinto imperio de mentecaptos dissertadores e mechediços, só aos poetas, aos que ainda crêem na arte e em Deus revelaria a existencia do meu thesouro escondido.

Mas eu que não sou abastado, que posso fazer? Ajunctar uma assignatura desconhecida ao protesto lavrado pelos homens de entendimento e virtude contra a barbaria do seculo, para que os meus restos esquecidos não sejam inquietados pelas maldicções dos vindouros.

Foi uma dessas meditações artisticas que gerou o pensamento deste livro, o transmittir aos vindouros alguns fragmentos do passado. Um dia em que atravessava da Lisboa arabe para a Lisboa romana, da Alfama para o Castello, não sei como passei pelo sitio onde existiu o convento dos Bons Homens de Villar, ou Conegos do Evangelista, e parei a examiná-lo. O meu exame foi demorado a consciencioso, como se costuma dizer nos dous logares onde raro entra a consciencia — nas camaras legislativas e na imprensa politica. Todas as indagações que fiz para descubrir algum vestigio do edificio primitivo, cuja origem o leitor verá no primeiro capitulo desta historia, foram, porém, baldadas: os *Loios* (assim lhes chamava o povo) tinham transformado o antigo collegio do bispo D. Domingos Jardo em sumptuoso convento, de cuja grandeza se pode formar cabal idéa lançando os olhos para a estampa de Lisboa publicada na *Viagem a Portugal* de Philippe II, escripta pelo chronista Lavanha. Veio depois o terremoto e converteu tudo em ruinas. Nestas se aninhou, passado meio seculo, a Guarda Real de Policia, e, por morte desta, a sua successora e herdeira a Guarda Municipal.

Triste por ter perdido assim inutilmente o tempo e o trabalho, ía a seguir meu caminho, quando me lembrei de

um velho manuscripto que lêra, e que falava miudamente de certo successo que Fernão Lopes transmittiu á posteridade na chronica de D. João I. Este successo terrivel, cujo desfecho apenas narra o chronista, e que vinha explicado n'aquella escriptura inedita com todas as suas causas e circumstancias, está ligado com a historia desse colegio do bispo de Lisboa. Passou-me então pela mente fazer uma desfeita aos loios e ao terremoto, e dar de novo vida áquillo que hoje é só um nome. Procurei colligir as minhas recordações, e quando voltei a casa tinha pouco mais ou menos delineado e disposto os materiaes que constituem o amago e substancia da narração seguinte.

É o que resta a quem é pobre. — Não póde tirar os monumentos das garras dos politicos; mas tem liberdade plena de reconstruir e povoar aquelles que já não existem.

Dos politicos e de nós se condoa o Senhor; porque tanto nós como elles disso havemos mister.

I.

O COLLEGIO DE S. PAULO.

> Ora vede que door seria para o triste do pay.
>
> Dr. João de Barros —
> *Espelho de Casados.*

«Vamos, Fr. Vasco, em que scismas? Ha mais de meia hora que levas os olhos pregados na corrente do rio. Ergue-os para o céu. Olha como é formoso! Imagem do empyreo, onde mora aquelle que só te póde dar, que só te ha dado consolação e esperança. Vamos, filho; é necessario que por uma vez acabem essas tristezas, que denotam estar ainda muito enraizada na tua alma uma paixão mundana.»

«Oh meu segundo pae, oh meu mestre, oh vós, que mil vezes me tendes salvado de mim mesmo, perdoae-me. Má idéa era a que me passava agora pela cabeça. Affigurava-se-me neste momento que D. Leonor estava juncto de mim: via-a, aqui mesmo ao meu lado; via-lhe o sorrir suave; ouvia-lhe o respirar sereno; sentia o brando cheiro dos perfumes dos seus cabellos dourados. Ai! e sabeis qual era minha idéa? Era apertá-la ainda entre estes braços de que fugiu como uma van sombra, e então... atirar-me com ella a esse rio, que vae rapido como o envelhecer desta alma, fundo como a amargura do meu coração! Depois, — proseguiu elle com voz atada — depois... que viesse o inferno.»

«Jesus, Vasco! Estás doudo? Blasphemas? Assassinares uma fraca mulher, assassinares-te a ti proprio, e renegares da vida eterna?»

«Uma fraca mulher, dizeis vós, reverendo nonno? Uma fraca mulher?!... Fraqueza de vibora, que vos toma atraiçoadamente quando dormis, e vos morde, e vos envenena sem remedio a essencia da vida. Essa fraca mulher teve força para me calcar aos pés este pobre coração, que era bom, que nascêra para amar quantos o rodeavam! Homem de Deus, não sabeis o que é ver cerrar diante de nós o mundo no primeiro quartel da vida, quando a imaginação povôa esse mundo de gosos, de gloria, de felicidade! Vós não sabeis que mysterio infernal se passa cá dentro, quando a uma risada de mulher, que suppúnhamos um anjo, e que era um demonio, a vemos tomar nas mãos o nosso futuro e esmigalhá-lo em terra! Assassinar uma fraca mulher?! E ella não me assassinou a mim! Que sou eu debaixo desta estamenha? Um morto, que fala, e anda, e geme, e comtudo não vive; porque o viver nada disso é...Padre, padre, Deus me livre de mim mesmo!... Mas vós choraes? Oh não, não!... O pobre Vasco está louco. Dissestes bem... Esquecei-vos de seus desvarios. Prometto á Virgem jejuar tres dias a pão e agua, cuberto de cilicios, logo que cheguemos ao nosso mosteiro, para que Deus me perdôe as blasphemias que tenho dicto. Vós tambem me perdoareis. Não é assim, bom Fr. Lourenço?»

«Sim, sim, meu irmão, perdôo-te o escandalo que me déste. Tambem eu cubrirei a minha cabeça de vaso; cingirei os meus rins de cilicio, e ajudar-te-hei a implorar a misericordia do Senhor, para que te allumie, e affaste do teu espirito as tentações de Satanaz.»

«Oh, como sois bom, meu nonno!» — disse entre soluços o outro interlocutor, lançando-se a seus pés, e beijando-lhe a fimbria do grosseiro habito.

Depois ergueu-se, e assentou-se-lhe ao lado, apertando-lhe uma das mãos entre as suas, e derramando sobre ellas lagrymas como punhos, que cahiam a espaços, quentes qual lume, porque do intimo vinham ellas.

Mas quem eram estes dous homens? — Onde estavam? — D'onde vinham? — Para onde íam? — Em que tempo era isto? — Natural é que o leitor faça taes perguntas, ás quaes temos obrigação de responder.

Os dous personagens, entre os quaes se travára o dialogo

com que começámos esta mui veridica historia, eram dous monges de Cistér, ou de S. Bernardo. O mais moço, de cuja boca saíam as expressões de desesperação que acima ficam transcriptas, era mancebo de vinte e cinco annos, bem proporcionado e robusto, tez morena, e cabello negro, basto e crespo, feições talvez não formosas, mas, sem dúvida, attractivas. Os seus olhos eram portuguezes; isto é, reflexo perenne dos intimos pensamentos; tempestuosos com as procellas do coração, serenos com a calma delle. No rosto do mancebo estava escripto o nome da sua terra natal: era um filho das Hespanhas! a côr, o gesto, o olhar, tudo dizia que ahi dentro havia o espirito de um godo, e ao mesmo tempo que nessas veias corria o sangue de um arabe.

O outro monge era homem de idade robusta. Tinha os cabellos espessos e grisalhos; testa espaçosa, nariz aquilino, os olhos fundos, vivos, e pequenos. Jejuns e meditações lhe haviam emmarelecido e encovado as faces. O todo do seu aspecto era severo e triste, mas quem lh'o observasse attento lá enxergaria, por baixo dessa superficial tristeza, a alegria que gera uma boa consciencia. Quando o velho erguia os olhos ao céu crer-se-hia que, atravez da abobada azul, divisava a patria do repouso, que elle ía conquistando com vigilias e soffrimento sob o peso da cruz. Tumulto ou quietação, angustias ou gosos da vida eram para elle o mesmo que para o peregrino o fumosinho da aldeia do valle, onde apenas dormiu uma noite, visto da cumiada da serra que l'ho vae esconder para sempre: eram uma lembrança, uma saudade duvidosa de juventude; porque o mundo ía lá muito longe delle, meneando-se orgulhoso e senhoril em suas miserias ou grandezas. Das paixões, que este ou alimenta ou gera, só uma restava a Fr. Lourenço; era a paixão que ensina o evangelho: o amor do genero humano.

Fr. Lourenço, chamado o *Bacharel*, por ter estudado *degredos* ou canones na universidade de Lisboa, entrára na ordem de Cistér já homem feito, e ahi fôra recebido com os braços abertos, não só pela reputação de *sabedor* e *letrador* de que gosava, mas tambem por ser pessoa de virtude, e bondoso. O abbade de Alcobaça, D. João d' Ornellas, tinha-o nomeado procurador daquelle célebre mosteiro, que já gosava de certa supremacia sobre os outros da mesma

ordem, apesar de, na sua origem, todos serem independentes uns dos outros. Os negocios fradescos obrigavam, portanto, Fr. Lourenço a viver na côrte; e como então residissem cistercienses no collegio ou *estudaria* de S. Paulo e Sancto Eloi (depois convento dos bons homens de Villar), que fôra fundado pelo bispo D. Domingos Jardo em tempo de D. Diniz, e por isso fossem obrigados a ter ahi lentes ou *ledores* de diversas materias, Fr. Lourenço, quando se via desappressado de negocios, ora ensinava alli as doutrinas das decretaes, sciencia tão séria, tão util, tão profunda, e tão cultivada nesses tempos como a politica, o magnetismo animal ou a homœopathia nestes nossos, ora lia aos escholares, que muitos lá andavam, a sancta theologia, no que tambem o bom do bernardo era poço sem fundo.

Chamámos bom a Fr. Lourenço, e com razão assim o qualificámos. Apesar das emburilhadas e demandas em que frequentes vezes o mettia o despotico, violento, cubiçoso, e ao mesmo tempo perdulario D. João d'Ornellas; apesar dos trabalhos escholasticos, que não pouco lhe quebravam a cabeça, Fr. Lourenço Bacharel ainda sabia achar tempo para gastar em obras de caridade. Onde havia um desgraçado que soccorrer ou consolar, lá estava o nosso cisterciense: rico de sua casa, e abastado de *sollayros*, ou ordenados, que recebia como *ledor* da estudaria (e não eram máus os que deixára D. Domingos Jardo *para sustentaçom dos proves escolasticos)* todos os seus haveres gastava com os necessitados, e nenhum se affastava delle com as mãos vasias — «*juxta illud*, — dizia Fr. Lourenço, — que lemos na escriptura, *demerge ta orelha ó prove, sem nem uma acidia, e da-lhe sa divida.*» — O povo tinha-o em conta de sancto; a côrte respeitava-o, e até, quando o seu cargo de procurador o obrigava a fulminar perante os juizes os adversarios da sua ordem, sabia-o fazer com tal modestia, que o tom das suas palavras ainda lhe dava maior realce á eloquencia, do que a fôrça da sua dialectica vigorosa. Emfim era, como todos diziam entã, delle, na linguagem garrafal daquelle tempo, *barom triguosamente endereçante sa carreira per mui vertuosas vertudes a perduravil einxalçamento em vida eternal.*

No momento em que esta historia começa dava elle uma prova mais do seu ardente amor do proximo. Nesse dia

pela manhan recebêra um recado, em que se lhe pedia fosse ouvir de confissão uma pobre mulher quasi moribunda, que vivia na aldeia de Restello, uma legoa de Lisboa para a banda do mar, a beira do Téjo. Como era dia de S. Philippe e S. Thiago, e não havia eschola, Fr. Lourenço não hesitou um momento: disse missa, chamou o escholar seu predilecto, Fr. Vasco, partiu com elle do collegio, veio pela Rua-nova abaixo, e passada a fonte de D. Sancho II, saíu pela porta da Oura, chegou á praia, afretou uma barca, e ei-lo correndo ao longo da margem, caminho do aldeia de Restello.

Fôra dentro dessa barca, que se travára o mysterioso dialogo, que acima fica transcripto, sem mudar uma palavra, pospor ou antepor uma virgula.

Agora cumpre voltar um pouco atraz para sabermos quem era o companheiro do mestre de theologia.

Haveria seis mezes, depois que Fr. Lourenço residia na estudaria de S. Paulo, quando certo dia um cavalleiro moço e gentil-homem chegou sósinho á porta da crasta, e perguntou por Fr. Lourenço. Levado, por ordem do reverendo, á sua estreita cella, demorou-se a sós com elle por horas largas: o que ahi se passou ninguem soube; mas notou o porteiro que, quando o mancebo saíu, o velho veiu acompanhá-lo, e que tanto o desconhecido como Fr. Lourenço tinham as faces banhadas em lagrymas. Abraçaram-se á despedida, e apenas o frade disse ao cavalleiro quando partia: — «Filho, constancia em teu sancto proposito!» — Depois ninguem mais tornou a ver o mancebo; mas todos pensaram que era algum desgraçado peccador, que, não podendo soffrer o peso de suas culpas, viera depositar no seio do virtuoso monge a confissão de passados erros, e aquietar remordimentos da consciencia pedindo perdão ao céu.

Passou mais um anno: certo dia, pela volta da tarde, o converso Fr. Julião, que desempenhava havia bem um quarto de seculo as funcções de porteiro da estudaria, veiu correndo á cella do mestre de theologia, e disse da parte de fóra:

«*Benedicite, pater doctor.*»

«Entrae, Fr. Julião.»

O converso, ou *barbato*, como então chamavam aos leigos, ergueu a aldrava; e com as mãos cruzadas sobre o peito, esperou que o padre mestre o mandasse falar.

«Que me quereis, irmão?»

«Uma carta do *Domno* de Alcobaça.» — Dizendo estas palavras, o converso punha nas mãos do monge um papel fechado, e sellado com o sello do abbade de Alcobaça, a quem por seu cargo competia, segundo a regra de S. Bento, seguida pelos cistercienses, o titulo de *dominus*, ou no romance daquelle tempo *domno*.

«Quem traz esta carta?»

«Um monge do habito do nosso padre S. Bernardo. E voto a Christo, que me parece o mesmo mancebo que vos aqui procurou ha um anno...»

«Basta! Não jureis em vão o sancto nome de Deus. Ide, e guiae para esta cella o recem-chegado.»

Quando este entrou no aposento de Fr. Lourenço, logo elle viu que o converso se não enganára. O bom do monge correu a abraçá-lo:

«Parabens, parabens! — exclamou Fr. Lourenço cheio de jubilo. — Este sancto habito que trazeis, senhor cavalleiro ... não digo bem... irmão Fr. Vasco, me diz que Deus vos fez triumphar dos tres grandes inimigos da humanal geração, mundo, diabo, e carne. Soccorrestes-vos ao Senhor no dia da vossa afflicção, e o Senhor vos abriu o porto bonançoso onde podeis rir-vos das procellas da vida. Sois monge de Cistér, e agora...»

«Sou monge de Cistér!» — repetiu o moço frade, escondendo a cabeça no seio de Fr. Lourenço, que breve sentiu as suas lagrymas ardentes e abundantes trâspassarem-lhe a grosseira estamenha do escapulario e da tunica, e humedecerem-lhe o peito. O accento com que o mancebo proferiu aquellas palavras fazia que ellas significassem exactamente o contrario do que soavam. De monge havia nelle, é verdade, o habito e a cogúla; mas o coração?! No coração de Fr. Vasco estavam ainda todas as paixões do seculo, tumultuosas, fervidas, corrosivas, como quando, em vez de trajar essa tela grosseira, cubria os membros robustos com o arnez de cavalleiro. Se ahi havia alguma differença, era que essas paixões violentissimas, comprimidas por um anno de noviciado, por um anno de abjecção, de silencio, de contradicções, de sugeição, emfim, a todos os actos exteriores de humildade, de doçura, e de resignação, se tinham tornado mais

asperas, e azedado mais aquella alma lacerada por dores fundas e talvez eternas. Fr. Lourenço, a quem elle buscára havia um anno, em dia no qual a desesperação passára a meta do soffrimento, lhe aconselhára o claustro, como remedio unico ao mal que o roía. O pobre frade, pouco entendido nas tempestades do mundo, cria que havia outro ádito cerrado ao tumultuar das paixões, que não fosse a lousa da sepultura; cria que esse ádito milagroso era a portaria de um convento! Se quereis saber se elle errava ou acertava, perguntae-o a qualquer desses que ahi viveram, se ainda algum ha a quem a fome deixe contar historias dos tempos que já lá vão.

«Mas, filho, — dizia Fr. Lourenço, levantando brandamente a cabeça de Fr. Vasco, e encostando-a outra vez sobre o hombro, de modo que o halito ardente do mancebo quasi que le crestava a face — cria eu que a misericordia divina e a virtude do nosso sancto habito vos houvessem arredado do espirito essas negras imaginações. Mas, emfim, com o tempo; com o tempo! Fiae-vos de mim: de mim em quem achareis um irmão: mais que um irmão, um amigo!»

«Oh sim! foi por isso: foi para vos ouvir, para dar alguns instantes de frescor a este espirito requeimado, que, apenas fiz meus votos, pedi ao domno de Alcobaça me mandasse para Lisboa estudar. Estudar!...Que posso eu aprender? ou que me importa? E falar com o homem indulgente que eu quero: é pedir-vos palavras de consolação e de esperança; que me apagueis esta chamma que me consome a alma; que me deis triaga contra a peçonha que me lavra no coração. Homem de Deus, o mundo chama-vos sancto! Paz e esquecimento! paz e esquecimento!...»

Mais se confirmou Fr. Lourenço, por este desalinhado discurso, que a virtude mirifica do sancto habito nada aproveitára em Fr. Vasco; mas, por um movimento de orgulho involuntario, lembrou-se de que com desesperados como este a força da sua eloquencia tinha supprido a pouca efficacia da graça divina. Fez então assentar o moço, e obrigou-o a tomar alguma refeição em quanto descançava: depois, pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe:

«Vamos, irmão Vasco, contae-me outra vez a vossa historia. Choraremos ambos! As lagrymas da piedade consolam,

quando é um amigo que as derrama. Se bem me lembra, dissestes-me ha um anno...»

O frade pensou avisadamente que, falando repetidas vezes a Fr. Vasco nos dolorosos successos da sua vida, lhe chegaria a embotar na memoria o sentimento delles. E, em verdade, assim é feito o coração humano. Nunca vereis viuva que fale muitas vezes no marido defuncto, e muito chore a sua falta, que não case cedo. É porque a dor, como a materia bruta, gasta-se com o uso. São mysterios metaphysico-physiologico-moraes desta especie de animal chamado homem, a que eu e tu, leitor, temos a honra de pertencer.

«Disse-vos, — proseguiu o mancebo, tomando a mão immediatamente; — disse-vos que, filho de um cavalleiro nobre e honrado, segui as armas mui moço. Ha tres annos, não longe da morada de meu velho pae, em Aljubarrota, pelejava eu na ala dos namorados, por livrá-lo a elle e a terra da patria do estranho dominio: pelejava na ala de Mem Rodrigues, porque amava a nobre donzella Leonor; e vós sabeis que Mem Rodrigues só dava entrada naquella ala aos que tinham uma dama dos seus pensamentos. Vencemos essa memoravel peleja. Segui, depois, o pendão do Condestavel. Passados alguns mezes de recontros e pelejas, voltei á terra onde nasci. Pulava-me o coração ao ver ao longe o campanario da nossa abbadia. Ía ainda ver o meu pobre pae, rezar um *pater* juncto á lousa da minha mãe, abraçar Beatriz minha irman, tão linda! tão meiga! e que eu amava quasi como Leonor. Oh! e tambem ía vê-la a ella, que por certo nem um só dia deixára de se lembrar de mim; ia contar-lhe, não os feitos d'armas, mas as saudades do seu cavalleiro! Ribeiros, fazia-os galgar de um pulo ao meu ginete; veigas, fazia-lh'as desapparecer debaixo dos pés; outeiros, obrigava-o a transpô-los como se fossem plainos. O ultimo tinha-o descido, quando o sol, involto na sua vermelhidão de tarde, entestava com a terra lá no horisonte. Sente-se, mas não se diz o que eu então sentia. Cheguei. Á entrada da povoação era a abbadia: a igreja estava fechada, e o sacristão á porta com as chaves na mão. Já não era o do meu tempo: fez-me isso tristeza. Perguntei sem saber porque: — «O abbade véla, ou jaz?» — «Em

trintario cerrado hi dentro é com outros clerigos.» — «Por quem é o trintario?» — prosegui eu inquieto. — «Por um bom fidalgo da vizinhança que morreu, segundo dizem, de pena, porque uma filha que tinha, e muito amava, fugiu com um cavalleiro, a quem passando por aqui elle dera gasalhado por algum tempo. Nunca mais comeu nem bebeu, e como era velho finou-se.» — «Fazendo assim, fôra moço e se finára:» — disse eu sorrindo descuidado, em quanto procurava na memoria quem seria o fidalgo. Nenhum que eu soubesse nos arredores tinha filha donzella, senão meu pae e o de Leonor; mas que fosse algum delle, claro estava que era impossivel. Ia a apertar ainda uma vez os acicates ao ginete, para chegar antes da noite á ponte levadiça dos meus paços acastellados, mas por demais perguntei ao sacristão o nome do morto que jazia em trintario... Era o de meu pae!... Uma faisca de lume me centelhou diante dos olhos: de um pulo eu estava pegado com a porta da igreja: as escamas das minhas manoplas bateram nella como um vai-vem, e, com um som que se prolongou pelas naves, vi-a aberta, e lá no meio uma tumba cercada de brandões accesos, e ao redor padres que resavam latim. Logo me achei ao pé delles: abri a tumba: era meu velho pae...era elle ... com os olhos fechados, não me viu... com os labios cerrados, não me sorriu... com as mãos cruzadas sobre o peito, não me abençoou!... Arrojei-me sobre elle: beijei-o: era como uma pedra gelada! Um dos que ahi estavam disse não sei o que, chegou-se a mim, e quiz arrancar-me dalli. Estendi com furia o braço: a minha manopla tornou a encontrar o que quer que foi. Ouvi um grito rouco, e como um corpo de homem que cahia desamparado sobre as lageas do pavimento. Não percebi mais nada; porque n'esse momento perdi os sentidos.»

Aqui Fr. Vasco fez uma larga pausa, correndo a mão pela testa, como quem affastava uma idéa dolorosa. Tinha os labios brancos, e nos olhos bailavam-lhe duas lagrymas. Pelas faces de Fr. Lourenço já outras duas tinham escorregado.

II.

TUDO DESVENTURA.

> **Tristesa, dor e cuydado,**
> **leixae-me: — que mais quereis?**
> **porventura nam sabeys,**
> **que sou já desesperado?**
>
> CANCION. DE RESENDE. —
> *Trov. de L. Henriques.*

«Quando tornei a mim — proseguiu o moço cisterciense — estava em cima da cama, em um aposento dos meus paços. A primeira cousa que me lembrou foi chamar por meu pae e por minha irman. Depois recordei-me de que já nem pae nem irman tinha: calei-me. Ao lado do meu leito estava um padre: era o velho abbade, que me baptisára e me ensinára a ler. Elle percebeu que tornára a mim: poz-se em pé: eu estendi para elle as mãos: deu-me uma das suas; apertei-a entre as minhas, e levei-a á boca, e beijei-a: era descarnada e enrugada como devia ser a de meu pobre pae. Nem elle me dizia nada; nem eu a elle. Eu por mim, não tinha nada que dizer; porque o que me estava na alma não era cousa que com palavras se dissesse, nem a que com palavras se respondesse. Depois de largo tempo, ouviram os meus ouvidos a minha boca perguntar: — «Que horas são?» — «Quarto de prima:» — respondeu o abbade. Com effeito, o sol começava a tingir-me a cama de todas as côres das vidraças de uma fresta que me ficava fronteira. E eu olhava para a fresta com os olhos fitos; parecia tranquillo; porém cá dentro ía um tumulto medonho. A imagem de meu pae defuncto, de minha irman deshonrada queimava-me o cerebro. Vingança! Esta palavra sentia-a soar, palpava-a, via-a escripta, affigurava-se-me convertida em

effeito. Um cavalleiro estava por terra, o seu peito arquejava debaixo da minha joelheira de ferro, e um punhal me reluzia na mão erguido sobre a garganta do roubador de minha irman. Era um prazer horroroso!... Desde então para cá sempre cri que podia haver um momento de deleite no meio dos tractos do inferno.

Até ahi nem o nome, nem a imagem de Leonor me tinha passado pelo espirito. Foi depois disso que este nome e esta imagem me appareceram como um pensamento do céu. Rebentaram-me então dos olhos as lagrymas: as minhas mãos apertaram com ancia as mãos do abbade, e o pulso bateu-me com vigor febril. Senti que estava em um leito, em um aposento, ante a luz de Deus, entre os homens na vida.

Disse algumas palavras ao abbade. Este sancto homem me contou então que eu passára a noite inteira em espantoso delirio, e que elle se encarregára de me vigiar desde a meia noite. Ponderou-me que era necessario tomar algum alimento: recusei: instou. Pedí-lhe então que me chamasse Brites. Primeiro que tudo queria falar com ella.

Brites era um velha dona, que fôra minha ama, e que ficára depois servindo de cuvilheira de minha mãe. Quando esta falleceu era eu mui moço, e Beatriz uma criança. Meu pae encarregou-a do governo domestico, e nós habituámo-nos a tê-la em conta de segunda mãe: tambem ella nos amava como filhos. Apesar de perturbado, notei com dissabor não a ver ao pé de mim.

«Mas Brites.....» disse o abbade titubeando: e calou-se.

«Mas Brites — repliquei — devia estar juncto ao pobre Vasco, que, segundo dizia, tanto amava. Tambem ella foge de mim?»

«Não, senhor. Eu fui que não consenti que ella aqui estivesse. De que podia servir-vos a pobre dona, senão de accrescentar-vos agastamentos no coração?»

«Bem pelo contrario! — atalhei eu. — É a unica pessoa que está aqui da minha....» ía a dizer familia.... lembrei-me ainda outra vez de que não a tinha. «Emfim — prosegui em tom de quem quer ser obedecido — que Brites venha cá.»

O abbade cravou em mim os olhos: parecia irresoluto e afflicto: um gesto de impaciencia que me viu no rosto o resolveu. Saíu vagarosamente.

Dahi a pouco pareceu-me ouvir no aposento immediato a voz de Brites, que cantava:

Boa festa, sancta festa,
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.

Arripiaram-se-me os cabellos. Um *psio!* prolongado cortou a cantiga.

Brites entrou: o abbade trazia-a agarrada pelo braço. Custou-me conhecer-lhe as feições: estava inteiramente demudada: tinha os olhos esgazeados, as faces pallidas e encovadas, e por cima de tudo isto um como véu de riso convulso. O abbade olhava para elle com aspecto severo.

«Meu criado, — gritou Brites apenas me viu, — manda-e embora este máu homem. Tem cara de castelhano. Hoje que é o dia do vosso casamento todos devem ter cara de riso. O senhor Vasqueanes, — continuou a desgraçada, chegando-se ao pé do leito, e falando em voz baixa, como quem me dizia um segredo, — está lá fóra deitado em uma cama preta. E sabeis o mais gracioso? Muitos padres estão ao redor da cama a falar-lhe em latim; mas bem faz elle que finge dormir, e não lhes responde nada. Creio que espera por vós para ir á igreja.....»

O abbade interrompeu-a: — «Está varrida, — disse, voltando-se para mim. — Depois que a senhora D. Beatriz fugiu de casa, começou a enlouquecer. Com a morte de vosso pae perdeu de todo o siso. Quizestes que ella viesse: pensei que se conteria diante de vós; mas vejo que os meus receios eram fundados. Ide-vos embora, Brites!»

«Não! — acudi eu, que sem pestanejar olhava para aquelle doloroso espectaculo. — Não! Vem cá, Brites: abraça-me: fala-me de meu pae... de meu pae só... e dize o que quizeres.» — Não sei o que em mim se passava. A dor começava a causar-me uma especie de prazer.

Brites deitou-me os braços ao redor do pescoço, e deu-me um beijo na testa. — «Vamos, meu criado, — disse depois; — olhae que é tarde, e D. Leonor estará esperando. Vós já não sois Vasco da Silva, sois Lopo Mendes. Já não sois mancebo florido; mas homem grave e mui rico. Não é

assim? É: oh que é! Parvos! Suppunham que D. Leonor era donzella que casasse com outro; os pobresinhos não sabem que mudastes de pessoa! Vamos, erguei-vos d'ahi.» — Acabando de dizer isto deu uma gargalhada.

Eu tinha coado cada uma das suas palavras pelo coração. Ergui-me de um pulo: em pé no meio do aposento, o meu aspecto devia ser infernal. — «Velha maldicta, — gritei furioso, — que infamias estás ahi dizendo? Que casamento de Leonor? Que Lopo? Fala ou te faço calar para sempre.»

Procurava o meu punhal na cincta; mas já não estava armado.

«Não o sabieis?! Oh que não o sabieis!... Meu Deus! Meu Deus!» — Isto dizia o abbade, que em um relance se me havia arrojado aos pés, e soluçando me abraçava pelos joelhos.

Brites arredára-se, cruzára os braços, e olhando para mim com ar de compaixão, repetia muitas vezes: — «Coitadinho! enlouqueceu!»

Talvez falava verdade.

Todavia, apesar da especie de phrenesi, em que me lançaram as palavras de Brites, a postura e os soluços do veneravel sacerdote chegaram-me ao vivo. Procurei vencer a minha desesperação: ergui-o, e disse-lhe com apparente tranquillidade:

«Não! não o sabia. Contae-me tudo.»

O velho sacerdote alevantou os olhos para os meus, e viu nelles cousa que o fez hesitar.

«Contae-me tudo» — repeti eu.

Da primeira vez o som da minha voz era o da voz de um homem: da segunda, a meus proprios ouvidos pareceu que assim devia ser a de um demonio.

Ao abbade pareceu, por certo, o mesmo. Não hesitou mais. Eis-aqui o que elle me disse. Ficou-me bem estampado na memoria.

«Mezes havia já que Mem Viégas deixára de frequentar a casa do vosso pae. Aquella inteira amisade, que por tantos annos os uníra, começou a esfriar grandemente. Todos os dias, segundo o antigo costume, vinha eu passar o serão com o senhor Vasqueannes, que com Deus é; todos os dias parafusavamos ambos sobre o motivo d'esta novidade, e não

podiamos atinar com elle. Salvo se era a necessidade de fazer companhia a um cavalleiro de Lisboa, homem já de idade grave, mas de aprazivel presença, que viera ser seu hospede. Este motivo, porém, não bastava para desculpar o pae de D. Leonor. O casamento de sua filha comvosco, ajustado entre elle e vosso pae, devia ainda tornar mais robusta a amizade inalteravel de tantos annos. Quando ao anoitecer, assentados ao redor do leito do senhor Vasqueannes, que, por sua avançada idade, se recolhia ao pôr do sol, eu, vossa... digo a senhora D. Beatriz, e o infame D. Vivaldo conversavamos ácerca deste successo, buscavamos a causa de tal mudança; mas depois de muito scismar e adivinhar, concluiamos sempre que era impossivel achar o motivo de semelhante proceder.

Um domingo pela manhan, tinha eu acabado de dizer missa, e estava na sacristia desrevestindo-me, quando o sacristão veiu avisar-me de que um pagem de Mem Viégas estava ahi, e me buscava. Mandei-o entrar. Disse-me que seu senhor precisava de falar-me, e que trazia uma hacanea para eu cavalgar até o paço. Respondi-lhe que estava prestes. Partimos. Chegando á ponte levadiça notei que pagens e escudeiros estavam vestidos ricamente das cores de Lopo Mendes, o hospede de Mem Viégas. Fez-me isso estranheza; porque era signal de noivado. Entrei. O fidalgo veiu receber-me á sala d'armas, fez-me assentar, e disse-me:

«Mandei-vos chamar, reverendo abbade, para que lanceis a benção nupcial na capella destes paços a dous noivos que lá estão. Hoje passareis o dia comnosco.»

«Poderei já saber, meu illustre senhor, quem são os noivos?»

«Porque não?! — tornou Mem Viégas, sorrindo. — O noivo sabereis já quem é pelas cores de que os meus estão vestidos: a noiva, ninguem aqui o póde ser de tão nobre, rico, e esforçado cavalleiro, senão a minha Leonor.»

Estremeci. Havia poucos dias que tinha falado com o senhor Vasqueannes do vosso casamento com D. Leonor. Levantei-me, e, em tom severo, disse ao velho cavalleiro:

«Quereis porventura gracejar comigo, senhor Mem Viégas? Vossa filha deve casar com Vasco da Silva, logo que elle volte da hoste de Nunalvares. A palavra de vossa mercê...»

«Deve?! — interrompeu Mem Viégas, dando uma risada. — Creio que sou nobre e livre, e que minha filha é minha filha. A palavra de Mem Viégas, dizeis vós? Se a minha palavra estivesse dada, não a quebrára eu, nem que fôra ao proprio Satanaz. Mas não a dei a ninguem. Verdade é que Vasqueannes me falou nisso, e que não achei estranha a proposta: mas Leonor prefere Lopo Mendes; mudou de amores: tambem eu na mocidade mudei mais de uma vez. Além disso, o meu futuro genro é mais rico, e mais nobre, e o que eu prefiro a tudo, é a felicidade de Leonor.»

«Embora, senhor cavalleiro, embora! — tornei eu. — Dae-me licença para duvidar de que vossa filha troque de bom grado pelo segundo o seu primeiro noivo. Sei que se amavam muito; porque vi nascer e crescer o seu amor. Não; não é possivel semelhante mudança.»

«Vê-lo-heis já: — interrompeu Mem Viégas. — Ella está na capella: examinae bem o seu gesto e as suas palavras, e julgareis por vossos proprios olhos se ahi ha outro constrangimento, que não seja o de pudor de donzella, que vae trocar a sua corôa virginal pelo grave titulo de dona.»

«Se assim é, — repliquei, — não posso exercitar meu ministerio nestes paços. Em vez de abençoar, eu amaldiçoaria: amaldiçoá-la-hia a ella; porque assassina sem piedade um valente mancebo, o meu desgraçado pupillo, o filho do honrado e bom cavalleiro Vasqueannes.»

Dizendo estas palavras, encaminhei-me para a porta da sala. Não queria demorar-me alli mais.

«Alto lá, dom abbade; — gritou Mem Viégas, afferrando-me por um braço. — Lembrae-vos de que estaes ante um nobre cavalleiro da Estremadura! Ouvi, sem irritar-me, reprehensões, em que ultrapassastes a liberdade que vos dá o vosso ministerio; mas á fé, que não vos ouvirei mais nenhuma. Não quereis abençoar minha filha? Paciencia! O meu capellão o fará. Tambem era honra que vós, filho e neto de mesteiraes e villãos, não merecieis. Todavia não saíreis d'aqui para irdes contar o que vistes e ouvistes a Vasqueannes; porque não quero que esse velho tonto faça alguma loucura. Amanhan pela manhan partiremos para a côrte, e vós podereis relatar ao vosso amigo o que se passou. Servireis ao menos de testemunha: — proseguiu com um sorriso

de escarneo. — Não é assim? Pagens, o nosso abbade padece de gota: talvez lhe custe caminhar até a capella. Se elle não podér ir só, ajudae-o!»

Ergueu-se, fez-me uma cortezia, e partiu. Conheci que se empregaria a força se resistisse. Dirigi-me portanto á capella. Dir-vos-hei o que ahi se passou? Adivinhae-lo. Mem Viégas dissera a verdade. Leonor entregava de bom grado alma e corpo a Lopo Mendes! Elle era mais rico e mais illustre que vós!»

Neste ponto da sua narrativa o abbade parou. Eu olhava para elle immovel. O velho sacerdote proseguiu:

«Andei todo o dia livremente pelos paços; mas notei que os bésteiros e homens d'armas de Mem Viégas me vigiavam os passos. Ao cahir das trevas guiaram-me para o aposento, onde devia passar a noite: era o alto de uma das torres que olham para o poente. Deixaram-me só, e senti dahi a pouco correr os grossos ferrolhos da porta que dava para as quadras do palacio. Rezei: deitei-me; mas não pude dormir. Vinha a manhan rompendo, quando percebi ruído de cavallos no pateo interior do paço. Passado um breve instante abriram a porta da minha prisão. Entrou um pagem, e disse-me que podia saír quando bem me approuvesse.

Desci á sala d'armas: estava deserta. Saí então: atravessei a ponte levadiça, onde não vi mais que dous bésteiros, alguns servos mouros, e o mordomo que passeava pela borda da carcova. Ao longe, pela estrada, enxerguei uma formosa cavalgada de cavalleiros e damas em ginetes e palafrens. Entendi o que era. Sem dizer palavra, sem olhar para trás, endireitei para a abbadia.

Joanne, o antigo sacristão, que ainda a esse tempo era vivo, correu a mim de subito apenas me avistou. Tinha ido bater á porta da residencia, e vendo que eu não abria, estava inquieto; porém quando me conheceu ao longe ficou espantado. Contei-lhe tudo: não me queria acreditar. Incumbi-lhe varias cousas relativas á igreja, e parti immediatamente para os paços do senhor vosso pae, que em gloria está.

Achei as portas abertas. Peões e bésteiros de cavallo corriam para um e outro lado. Tudo mostrava que ahi havia

já noticia do que succedêra. — «E eu que compunha medidas palavras para minorar a impressão dolorosa que tão extraordinario acontecimento deve produzir em Vasqueannes! — » Eis o que eu dizia falando comigo mesmo.

Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados. Sem falar com pessoa alguma cheguei á camara de vosso pae. Parece-me que o estou vendo! Assentado em um escabello, com as faces entre os punhos, os olhos fitos no ladrilho do aposento, e o respirar alto e rapido. Aquella grande alma vergava debaixo do peso da afflicção. Cheguei-me a elle sem que me sentisse: bati-lhe de manso no hombro: olhou para mim, e sorriu-se. Este sorriso traspassou-me o coração. Depois o seu gesto recobrou as rugas de uma dor funda. Elle não me dizia nada. Fui eu o primeiro que falei.

«Senhor Vasqueannes, o homem põe, e Deus dispõe. Seja feita a sua vontade.»

«E a sua vontade será que se commettam crimes infames, e que um pobre velho seja deshonrado, quando tem já os pés mettidos dentro do ataúde?»

«A sua vontade é que o bom pague com amarguras do mundo as culpas de que ninguem é exempto; e que o máu folgue e ria cá emcima; porque a sua conta tem de ser saldada no inferno.»

«Oh! mas a deshonra!...»

A deshonra é para quem commette feitos vis. O que delles padece esse não é deshonrado.»

«Isso dizeis vós outros, — atalhou com vehemencia vosso pae, — os que não herdastes um nome antigo, que se ficou de vós como deposito, para o traspassardes sem nodoa aos vossos herdeiros. Vós não tendes herdeiros! Meu Vasco; meu Vasco! onde estás, cavalleiro, filho e neto de cavalleiros, onde estás tu?! Olha que o meu montante enferrujado já não póde saír da bainha: olha que as pernas tropegas de um velho já não podem apertar as ilhargas de um ginete! Vem! Olha que cuspiram no brasão de teus avós. Lava esta nodoa com sangue.»

Quando o abbade repetiu estas palavras de meu pae, a sua voz se me converteu na delle; e eu rugi por entre

os dentes cerrados: — «Meu pae, serás satisfeito!» — Um mar de sangue parecia correr diante de mim.

«Sempre eu pensára, — proseguiu o abbade — que a traição de Mem Viégas faria vivo abalo no animo de vosso pae; mas tanto, custava-me a crê-lo. O meu ministerio era consolá-lo, e para a consolação recorri á fonte de todas ellas: lembrei-lhe o justo, o filho de Deus cuberto de affrontas, perdoando na cruz aos seus perseguidores: lembrei-lhe que mais de uma vez, por obra e por palavra, o Crucificado ensinára o perdão das injurias.

«Mas elle era Deus! Mas elle não tinha uma filha que muito amasse; que fosse como uma flor de innocencia, um anjo de amor, e que se convertesse... n'uma barregan refece e torpe. Um Judas houve entre os seus, como o que entrou n'esta casa; mas esse onde está? No inferno. E este? Folga e ri de mim velho. Ah que este velho tem um filho! Vingança, Vasco! Vingança!»

Eu olhava para vosso pae: não sabia se elle delirava, se n'estas palavras havia algum mysterio inintelligivel para mim. Um pagem que entrou n'esse instante, me fez ver que vosso pae não delirava.

O pagem estava no meio da casa, como um criminoso: os olhos pregados no chão, e os braços pendentes.

«Então?» — disse o senhor Vasqueannes com voz de mortal angustia. — «Todos os bésteiros e homens de armas, — respondeu o pagem, — acabam de chegar. Correram quatro leguas por differentes caminhos. Não encontraram a senhora D. Beatriz, nem D. Vivaldo.»

«Vasco!» — foi o ultimo grito de vosso pae: e cahiu desfallecido.

Então percebi tudo; confesso que tambem n'esse instante me passou pelo espirito um pensamento impio!

Poucas horas antes de eu saír da prisão, em que me retivera Mem Viégas, D. Beatriz tinha fugido com o miseravel D. Vivaldo. Este homem, indigno do nome de cavalleiro, passando por aqui, falsa ou verdadeiramente enfermo, pedíra e recebêra gasalhado de vosso pae. Dentro de poucos dias percebi que os olhos de D. Beatriz se encontravam frequentes vezes com os delle. Julguei que, devendo partir brevemente, se alguma affeição ía nascendo entre os dous se des-

faria com o apartamento. Entretanto D. Vivaldo, com seus modos cortezãos e de primor, captivava cada dia mais o animo de vosso pae. Á noite lia-nos o Amadis do nobre Lobeira, que o senhor Vasqueannes muito gostava de ouvir, e de que tinha um traslado dado pelo proprio auctor. Quasi que vosso pae não podia estar uma hora sem D. Vivaldo. Encostado ao seu braço passeava tardes inteiras com elle, ora na mata de carvalhos, ora no horto contiguo. D. Beatriz acompanhava-o, e este amor, que me parecia em começo, já estava convertido em incendio violento. Minto: esse homem não era senão um seductor infame! Se tivesse pedido D. Beatriz a vosso pae, elle lh'a houvera dado por mulher. Certo que o amava muito! Pobre que fosse, ou de menos puro sangue. Era uma cegueira do honrado fidalgo; e aquelle miseravel devia ser o seu assassino!

Desde este dia vosso pae não disse mais palavra, nem quiz mais comer. Ás vezes viam-se-lhe borbulhar nos olhos as lagrymas; mas enxugavam-se-lhe logo. Durou assim alguns dias. Uma febre violenta o sustentava. Este fatal alimento faltou-lhe por fim, e espirou. O nome unico por que chamou, pouco antes de morrer, foi o de seu filho.»

Aqui o abbade calou-se. Estava em pé diante de mim, e eu olhava para elle fito: Brites, que tinha escutado tudo, immovel como eu, me tirou daquelle torpor, saíndo do aposento e cantando:

Boa festa, sancta festa,
Em que se canta latim:
De festa vestida, ás bôdas,
Ás bôdas cantando vim.

Já, porém, este medonho contraste de uma voz de alegria no meio do ambiente de ferro que me cercava, não me fazia abalo. A dor passára o termo até onde lhe é dado ir esmagando o coração humano: o meu era ermo, nú, petrificado. Mas ahi estava gravada pela voz de meu pae uma palavra que não se podia apagar — *Vingança!*

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreiado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na sala d'armas! Um pagem para me acompanhar.»

«Senhor Deus, Jesu-Christo!» — exclamou o abbade, com um gesto de terror, que, não sei porque, nelle tinham causado estas palavras.

«Que me deem algum alimento. No pateo um ginete enfreiado e sellado. A minha armadura e a minha espada bem limpas na sala d'armas. Um pagem para me acompanhar!»

Os meus pensamentos eram immutaveis como de bronze: as minhas palavras como um dobre por finado, innegaveis, indestructiveis.

Creio que comi: senti renovarem-se-me as forças. Creio que vesti a armadura: ouvi o tinir do fraldão de malha sobre os coxotes, e o jogar destes e das grevas debaixo das joelheiras. Creio que cingi a espada: o coração percebeu que o instrumento da vingança estava encostado ao peito. Creio que cavalguei o meu ginete: conheci que escarvava a terra diante da planicie, que se alargava em frente dos paços, já meus, como em dia de peleja no campo da lide.

Tambem um pagem, cavalgando uma hacanea, estava ao pé de mim: trazia-me a lança, e ás costas o meu escudo mettido em uma funda. Como se outras armas houvesse ahi mais que a espada ou o punhal para quem quer vingar-se; outro escudo mais que uma vontade, um pensamento perspicaz, tranquillo, unico, incapaz de errar o alvo, semelhante a uma tenção damnada de Belzebuth!

«Sabes onde são os paços do cavalleiro que esteve aqui?» — perguntei eu ao pagem.

«Qual, senhor?»

«D. Vivaldo, cão maldicto!»

«Não, senhor. Mas ouvi que seguia a côrte.»

«Para Lisboa!»

Partimos. Caminhavamos emquanto os cavallos se podiam meneiar, e ficavamos onde nos colhia a noite. Approximámo-nos certo dia de uma povoação: era domingo: o sino tocava á missa: o povo apinhava-se á porta da igreja. Cheguei ahi, e passei. Não me importou o dever de christão, e não senti remorsos. Percebi então como um pensamento

póde fazer um reprobo. As mãos estavam ainda puras: a alma já era negra.

Entrei em Lisboa. Ao transpor a porta da Cruz, experimentei o mesmo goso que sentíra ao descer o outeiro, que jaz á entrada da minha terra natal: lá, pae, irman, amante; aqui todas as minhas victimas! Prazer de homem ahi: prazer de demonio cá. Mas que importava? A intensidade era a mesma.

A minha boa espada tinha de ir bater sobre uma cabeça criminosa, como uma maldicção paterna lançada do leito da morte; como os pelouros desses trons ruidosos com que os castelhanos rareavam nossas alas em Aljubarrota, sem haver arnez que lhes resistisse, elmo que, ao perpassar delles, não voasse em rachas com o craneo de seu dono. Qual devia ser a primeira? Hesitei. Lembrei-me da palavra que me legára meu pae: procurei o seductor de Beatriz. Debalde. Ninguem conhecia D. Vivaldo. Entre os cavalleiros d'el-rei nenhum havia tal nome. A febre da desesperação começava a consumir-me. Insupportavel era para mim e para os outros a minha melancholia.

Certa manhan corria eu ao acaso ruas e terreiros de Lisboa, sem saber aonde ir, ou a quem perguntar por esse nome vão, por essa sombra fugitiva, que o meu sonho de vingança parecia trazer-me perto dos olhos, e que a realidade me punha cada dia mais fóra do alcance. Saíndo da pousada, no extremo do bairro dos escholares, passei pelos paços dos Infantes, e cheguei ao terreiro da Sé. Ainda ahi estava o engenho, com que os populares tinham, em tempo de D. Fernando, despedaçado um traidor. Negro, meio podre, cuberto de limos tinha-o esquecido o povo! O monumento sancto, o monumento da vingança não importava a ninguem! Apertei contra o coração o punho da espada. Ella não havia de esquecer-me nunca: só me tardava o dia, em que podesse pendurá-la no logar mais alto da sala d'honra dos meus paços, entre as armas ferrugentas de Vasqueannes, e depois ir ajunctar mais um cadaver no carneiro de meus avós.

Com os braços cruzados e os olhos fitos no engenho arruinado, deixava-me ir ao som dos meus desvarios, quando vozes confuzas vieram despertar-me. Olhei: o povo estava

apinhado juncto á torre da Sé, que deita para a banda do aguião. Encaminhei-me para lá, sem saber porque: arrastava-me uma especie de instincto.

Quando me approximei logo vi o que era. Um truão mouro divertia o povo cantando arremedilhos, fazendo momos e visagens, e saltando como alienado ao som de um adufe. D'ahi a poucos instantes um estrupído de cavallos soou do lado dos paços d'el-rei: o povo affastou-se, e dous cavalleiros, acompanhados de seus pagens, chegaram perto da torre, juncto da qual o bom do truão trabalhava por divertir a gentalha. Um delles era homem d'idade madura, mas d'aspecto aprazivel; o outro mancebo e gentil-homem. Embebido em seus momos o jovial folião continuou a saltar, tocando o adufe, com pantomimas lubricas, e cantigas obscenas; mas os dous cavalleiros, vendo que o auctor do drama popular era um mouro, bradaram a uma voz: — «Arreda-te, cão» — e picando os acicates, senhores e pagens saltaram por cima do pobre mouro, que rolou pelo chão, dando agudos gemidos.

O truão alevantou-se: olhou de roda espantado por alguns momentos, e depois cravando os olhos no céu, com um aspecto em que se misturavam signaes de colera e de angustia, exclamou:

«A maldicção do propheta caia sobre vós, infiéis!»

Ouvindo isto, o povo, em vez de se compadecer delle, começou a dizer-lhe injurias, e a atirar-lhe pedradas e lixo, dando grandes risadas.

«Perro, porque não fugiste?» — gritavam uns.

«Arriba, e dança no monturo!» — bradavam-lhe outros.

Um anno antes teria rido, como os mais, da desventura daquelle mesquinho; mas tudo em mim estava mudado. Acreditareis, virtuoso Fr. Lourenço, que eu, cavalleiro de Christo, tive dó de um mouro, e amaldiçoei os dous nobres?

«Vis sandeus, — disse em voz baixa — deixam passar os poderosos que opprimem, e escarnecem do aggravado, porque é um pobre mouro!» — Porventura esta reflexão nascia de que eu tambem era oppresso. Tambem cavalleiros me haviam calcado como ao pobre maninello.

A minha reflexão foi ouvida por um velho, que estava ao pé de mim. Mediu-me com a vista, e sorrindo-se, disse-me:

«Á fé, senhor, que tenho setenta annos, e é a primeira vez que ouço um cavalleiro doer-se de um villão. Dos melhores são esses que vedes, e apesar de tudo ahi tendes o que fizeram ao triste jogral.»

«Conhecei-los?» — perguntei eu.

«E quem não conhece, tornou o velho, o mui nobre e esforçado Lopo Mendes, e Fernando Affonso, o camareiro d'el-rei?»

O nome de Lopo Mendes vibrou nos meus ouvidos, como um trovão, que houvesse estourado subitamente. Fiquei calado por algum tempo: uma tempestade de paixões tumultuosas e encontradas me dilaceravam o coração. D. Vivaldo offendêra a honra, Lopo Mendes o amor. As minhas diligencias para encontrar D. Vivaldo tinham, porém, sido baldadas, e eu, que só vivia para sangue, coava dias após dias inuteis no mundo. O seductor de Beatriz tinha o primeiro logar: era a victima de meu pae e a minha; mas o marido de Leonor passára diante de mim senhoril, orgulhoso, feliz no seu amor detestavel; interpunha-se entre o tigre e a prea. Deus tinha contado os seus dias. Devia morrer mais cedo do que eu proprio imaginára.

Estes pensamentos vieram-me como um relampago; mas a resolução que geraram foi immutavel. Voltei-me para o velho, e perguntei-lhe com apparente tranquillidade:

«E onde pousa ora Lopo Mendes?»

«Nas casas de Alvaro Pires, juncto ao muro que desce da Trindade para Valverde, perto da torre de Alvaro Paes.»

Felizmente tinham-me ensinado a escrever. Parti. Nesse dia, ao pôr do sol, Lopo Mendes recebia um papel, fechado com uma cincta preta, em que havia estas palavras:

«Um cavalleiro que te aborrece com as véras da alma, te requesta e repta para um duello a todo o trance. Ámanhan no Campo-da-lide, a hora de prima, com cota e braçaes, estoque e misericordia. Na primeira deveza, além do pinhal da esquerda, o acharás. Vil e refece, mais que sua infame mulher, é Lopo Mendes, se ahi não estiver a hora de prima. Não leva firma: daqui a poucas horas me has-de conhecer.»

O pagem, que levára esta carta, recebeu-a outra vez aberta, e aberta m'a entregou. Trazia no alto escripto:

«Quem quer que sejas, villão, põe ahi teu nome, para que te faça açoutar como a um mouro perro e fugidiço: — Lopo Mendes.»

Ri-me.»

III.

A CAÇADA.

> Hora devees de saber que aquel boom alaão de Bravor, comprido dardimento e de boomdades, segundo saa naturesa, era assi acostumado, que . . . . . nem porco nem husso, nem outra animalia com que se encontrasse, nom avia de travar em ella, a menos de lho mandarem fazer.
>
> FERNÃO LOPES — *Chr. de D. Fern., Cap.* 99.

«Vinte dias e outras tantas noites, — proseguiu Fr. Vasco, — com uma cota de malha vestida por baixo do pellote e da capa, e com o meu punhal na cincta, vagueei horas inteiras em redor da pousada de Lopo Mendes. Muitas vezes o vi saír e descer para a banda de Valverde, ao longo da muralha do norte. Seguia-o de longe, até o ver sumir-se nas ruas tortuosas e escuras do coração da cidade. Eu subia então outra vez a encosta, e vinha curtir tardanças da hora de sangue nas cercanias das casas de Alvaro Pires. Finalmente essa hora suspirada bateu.

Era pela manhan cedo de um dia de fevereiro. O tempo ía sereno, posto que frio. Aquella noite, bem como as outras, mal passára pelo somno, e ainda este povoado de sonhos horrendos. Apenas rompeu a alva, montei a cavallo, e, seguido do meu pagem, voltei á occupação quotidiana. Atravessei a cidade, saí pela porta de Sancta Catharina, e corri com o muro ao longo da barbacan. Quando cheguei defronte do postigo de Alvaro Paes vi cousa que me fez parar.

Montado em um corredor ruço-pombo, e vestido de monte, Lopo Mendes saía para o arrabalde. Acompanhava-o um pagem, e o falcoeiro, com um galgo e um alão atrellados, e um nebrí em punho. Cortejou-me ao perpassar. Com um movimento convulso apertei o conto do meu punhal, e tambem o saudei. Partiu. Segui-o de longe: por montes e ladeiras, por logares selvosos e chãos calvos, nunca o perdi de vista. Elle perseguia as aves e alimarias innocentes: eu perseguia-o a elle. Qual de nós seria mais feliz? Nem eu o sabia, nem elle.

Por bicadas de montes e por barrocaes, por entre os silvados e olivedos entremeiados de vinhas que se penduram pelas encostas até as margens do Alcantara, nunca me alonguei delle. Tinha deixado o meu cavallo ao pagem; tambem elle deixára o corredor ao seu. Só com o falcoeiro, mettia-se por brenhas, e saía ás clareiras. Eu, como o seu anjo mau, ía muitas vezes bem perto delle, cosido com os comoros e sebes, ou sumido pelos algares das torrentes, ou pelos corregos das quebradas. Chegou a uma ponte de madeira, e atravessou o rio para a banda do occidente. A serra fronteira, calva aqui e acolá, é pela maior parte enredada de urzes e tojos, por entre os quaes apenas se encontram estreitas trilhas de pastores. É talvez este o unico sitio dos arredores, a que se possa chamar um ermo. Deixei-o embrenhar, e transpuz o rio após elle. Por alguns momentos julguei que o tinha perdido, mas divisei-o por fim sobre um penedo a meia serra. Acerquei-me o mais perto que era possivel. Escutei: batia-me o coração com força. Ouvi-o gritar: *Bravor, ao fojo!* Era ao galgo que falava. Vi partir este destrellado, por entre penedias: uma lebre corria adiante; o cão ía alcançá-la. De repente um e outro desappareceram, como se a terra os houvera engolido.

Lembrei-me então de me haverem contado que por toda esta serra se encontram caminhos subterraneos, cuja origem se ignora. Uns os suppõem obra da natureza, outros dos homens. Tinham-me dicto que os caçadores, usados a frequentar estes sitios, conheciam as entradas e saídas desses corredores tortuosos e escuros e que muitas vezes se aproveitavam disto para lançarem os lebreus por um cabo, e

dividirem-se para lhes tomar as saídas. Começára a desanimar; mas esta lembrança me avigorou a esperança.

Não me enganei. Ouvi Lopo Mendes falar com o falcoeiro, e vi partir este, levando o nebrí em punho, e o alão atrellado. O cavalleiro seguiu a pista do galgo, e, como elle, desappareceu entre o fraguedo.

Ajoelhei. Dava graças ao céu, que devia rejeitar a minha gratidão blasphema.

Erguendo-me, parecia-me que o coração se me dilatava. Tinha as mãos, o rosto, os joelhos feridos e ensanguentados; mas já não era preciso arrastar-me por mais tempo, como a vibora, por vallados, balsas e çarças. O tigre arrojava-se acima da prea com a fronte erguida, com o bramido do contentamento, e diante da luz do sol.

Este havia começado a sua declinação diaria, quando cheguei áquellas concavidades, cujo ádito, escondido entre a penedia, só divisei ao dar de rosto com elle. Era virado ao occidente, e a claridade da tarde, já bastante amortecida, batendo nas paredes irregulares da primeira gruta, penetrava indecisa até meia área da caverna immediata, por um arco de pedras, armelladas e brutescas como o resto do covão. No meio daquelle arco um vulto de homem, curvado para diante, e firmando as mãos sobre os joelhos, parecia tentar o ver alguma cousa atravez das sombras que tinha diante de si. Escusado é dizer-ves cujo era esse vulto.

Com os braços cruzados contemplei-o immovel da entrada do subterraneo: estava tão embebido em esperar o seu lebreu, que não deu tino de mim.

Entrei: o chão era barrento e humido. Ajudado por esta circumstancia, caminhei com passos lentos e subtis, por tal modo que estava juncto de Lopo Mendes, e elle não me sentia.

Afferrei-o por um hombro sem dizer palavra: elle apenas pôde voltar meio corpo, dando um estremeção.

«Que me quereis? Quem sois?» — perguntou perturbado.

«Um villão que vem dizer-te o seu nome, para o mandares açoutar como um mouro fugidiço.»

«Entendo, senhor cavalleiro! Mas escolhestes mau logar e hora para renovar requesta. Em tanto aqui a acceito, se me disserdes vosso nome...»

«O meu nome? — gritei eu. — O meu nome é Vaso da Silva! Conhéce-lo? Requesta já t'a fiz: não a acceitaste. Querias o meu nome para atirar-me a cabeça aos pés do algoz? Tu és vil, Lopo Mendes; vil como tua mulher, que se prostituiu a ti, atraiçoandome, porque tinhas mais dous avos, mais dous punhados de dobras. Repto!... É tarde para falar nisso.»

Dizendo estas palavras levei a mão á cincta, e arranquei meio punhal.

«Mas é um assassinio!...»

«Adivinhaste!»

Lopo Mendes pretendou desembaraçar-se. Pobre cortezão! Os ossos do hombro rangeram-lhe debaixo da minha mão ensanguentada pelas urzes e silvados: vergou, e cahiu de joelhos. — «Por vosso pae, por vossa irman, Vasco da Silva, que não me assassineis!»

«Meu pae, — tornei-lhe eu com uma tranquillidade que devia ser horrivel, — foi morto por um homem tão vil como tu: irman já não a tenho; converteu-se n'uma barregan tão infame como tua mulher.»

«Por Deus, que não queiraes lançar a minha alma no inferno! Não me mateis sem confissão!»

Não lhe respondi: sentia na boca um gosto de sangue: côr de sangue me parecia a frouxa luz que me allumiava. Erguei o punhal, e cravei-lh'o duas vezes no peito: cahiu. Ajoelhei ao pé delle, curvando-me, e gritando-lhe ao ouvido:

«No inferno nos encontraremos!»

Quando saí da caverna o sol ía-se pondo; quando passei o Alcantara, tocava o sino da oração. Chegando ao logar onde deixára o pagem com o ginete, cavalguei sem dizer palavra: atravessei os campos e as ruas da cidade já desertas, e tanto que entrei na pousada, sem tomar nenhum alimento, sem saber o que fazia, encerrei-me na minha camara.

Que noite, padre! que noite!.... Estes cabellos não estavam brancos no outro dia; mas a alma tinha-me envelhecido vinte annos. Acordado, com os olhos abertos, via Lopo Mendes, ensanguentado, entre chammas, em pé diante de mim; os seus olhos eram dous carvões accesos, que se lhe revolviam á flor do rosto. Cerrava os meus; via-o atravez das palpebras, immovel, silencioso! O suor corria-me da

fronte em bagas. A oração fôra o meu unico refugio naquella affrontosa agonia; mas não havia uma só palavra de oração de que o espirito se recordasse, ou que os labios podessem repetir. O resar é para os innocentes: eu tinha escripto o meu nome com sangue no livro maldicto dos grandes criminosos.

No outro dia, com a luz, com o tumulto da vida, os meus terrores asserenaram. Recobrei o sentimento da vingança; mas já não era tão inteiro e violento, porque com elle se misturavam remorsos. O pagem que comigo trouxera, mandei-o voltar para o meu castello, tomando por pretexto algumas ordens, que tinha de communicar ao mordomo do solar. A morte de Lopo Mendes devia divulgar-se, e eu temia que as desconfianças estouvadas do pagem me atraiçoassem. Não receiava o castigo; mas considerava-me como ligado á missão de sangue, que meu pae me incumbíra na hora da morte. Desempenhada esta, nada me importava morrer, o pouco mais que o logar da agonia fosse uma cama de frouxel e telas alvas, ou o cepo, duro e cuberto de lucto, do cadafalso.

Era pelo fim da tarde quando saí da pousada. Encaminhei-me para o sitio da morada de Lopo Mendes: queria saber o que se passára, e a ninguem podia encarregar disso sem alevantar suspeitas. Quando ahi cheguei, já o crepusculo da noite mal deixava enxergar os objectos. Pelas frestas das casas contiguas ás de Alvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas, mas nessa habitação tudo estava fechado e escuro como um sepulchro. Pelo profundo portal do edificio entravam e saíam vultos negros, e silenciosos. Cheguei mais perto, e então percebi distinctamente os chóros e prantos das carpideiras, misturados com os psalmos religiosos, e com as orações pelos finados. Transpirando atravez das vidraças e portas cerradas, estes sons frouxos e discordes vinham bater-me nos ouvidos, e em vez de me causarem prazer, como eu imaginára nos meus sonhos de vingança, esmagavam-me o coração, e faziam-me eriçar os cabellos.

Era evidente que o cadaver de Lopo Mendes tinha sido encontrado; mas importava-me saber como, e se havia algumas suspeitas ácerca do matador. Dirigi-me a um da-

quelles vultos que incessantemente entravam e saíam, e perguntei-lhe o motivo dos prantos que ouvia.

Soube então que o falcoeiro voltára em busca de seu senhor, e que encontrando-o assassinando, corrêra á cidade como louco, a dar conta daquelle successo; que a justiça, guiada por elle, fizera conduzir o cadaver para ser sepultado, o que nessa noite se verificava; que a principio algumas suspeitas tinham recahido sobre o falcoeiro; mas que estas se haviam desvanecido, attendendo a que era um antigo e leal servo, e a que, se tivesse sido o assassino, não seria elle que por si proprio se viesse offerecer ao castigo; que, todavia, tinha sido posto a ferros até se averiguar quem havia commettido aquelle homicidio, o que ainda era um mysterio.

Ainda bem não tinha acabado de ouvir esta narração, quando a luz viva de muitas tochas allumiou subitamente as escadarias e o pateo da casa, e os prantos e hymnos reboaram distinctamente pelas abobadas. Era o saimento que descia. Encostei-me para o angulo do edificio, e d'alli contemplei a minha obra infernal.

Os frades de S. Francisco vinham adiante com os capuzes mettidos na cabeça e tochas accesas nas mãos, resando em voz baixa e soturna: seguia-se a tumba, levada em collos de homens, e cuberta de pannos negros. O suor corria-me em fio da fronte; os dentes batiam-me uns contra os outros. Porque estava eu alli? Não o sabia. Oh, veneravel Fr. Lourenço, era o meu crime que me tinha de sua mão: era elle que não me deixava tirar os olhos daquella horrivel tumba! Vergava-me o coração debaixo do peso dos remorsos, e todavia, lembrava-me de que ainda me faltavam mais victimas!»

Neste ponto da sua narrativa o monge calou-se por alguns momentos, como quem buscava atar o fio partido das idéas, e trabalhava por cobrar novas forças para proseguir. O mestre de theologia tinha os olhos fitos nelle sem pestanejar, e nas suas feições transparecia o horror em que lhe afogava o animo tão medonha e abominavel historia.

«A tumba havia passado os umbraes da casa, — continuou o moço frade — e ainda eu a seguia com os olhos, quando, após tantos vultos negros, um alvejar de roupas atraz do ataúde, me distrahiu. Era ella: era Leonor! Pendia-lhe da cabeça um longo capuz de vaso, fluctuando sobre

a tunica de almafega alvacenta, que lhe arrastava até o chão. Chorava e soluçava pelo morto! E eu alli; trahido, esquecido, miseravel, criminoso por ella! Era ainda formosa: mais, porventura, que no tempo dos nossos amores! Não sei o que me reteve, que não me arrojasse a seus pés, e lh'os beijasse, e lhe pedisse perdão, e depois a apunhalasse. O meu arquejar devia soar bem longe: mas não disse nada. Padeci e soffri.

Donas, donzellas e cavalleiros, tambem vestidos de burel branco, e com as cabeças cubertas de vaso, rodeavam Leonor. Após elles mais nada, senão algum povo, que começava a ajunctar-se. O portal ficou deserto, e apenas se ouvia, lá em cima nos aposentos, o choro das pranteadeiras, que provavelmente não tinham ousado acompanhar o morto com suas lagrymas venaes.

Metti-me entre o povo, e segui o saímento. Aquelle complexo de frades e cavalleiros e donas e donzellas e hymnos e resar baixo e soluçar e carpir, entre cujo mover incerto e lento, entre cujo ruído soturno e temeroso, eu via a menor acção de Leonor, ouvia o menor accento da sua magoa acerba e afogada em choro, era como um redemoinho que me arrastava e embebia em si irresistivelmente. Vago e monstruoso, como aquelle longo vulto de muitos vultos, como aquelle vozear de muitas vozes, era o que se passava em mim: se afflicção ou prazer; remorsos do crime, ou contentamentos da vingança; sede de mais sangue, ou desejo de perdão; odio immenso, ou amor desperto de novo com dobrada ancia, é o que não saberei dizer-vos. Porventura era isso tudo, que a um tempo me assaltava e despedaçava o coração.

Chegando á igreja de S. Francisco o saímento atravessou o portal do meio, e seguiu ao longo da nave central. No cruzeiro estava um estrado cuberto de negro: depositaram em cima o ataúde; abriram-no, e os psalmos da morte, momentaneamente interrompidos, reboaram de novo por aquellas fundas arcadas.

Havia-me encostado a uma das columnas das naves, para alli ir bebendo gole a gole o meu calix de amargura. Quando abriram o ataúde, lancei para lá os olhos, sem saber o que fazia. Vi a face livida do morto: tinha os dentes

cerrados, as feições contrahidas, e de cada canto da bôca pendia-lhe um fio de sangue negro e gelado, como devia estar o que eu lhe deixára nas veias. Voltei os olhos n'um relance, mas continuei a vê-lo... então... depois... agora mesmo... talvez para sempre... talvez na hora tremenda da derradeira agonia!»

O moço frade não disse, murmurou, ou antes rugiu estas ultimas palavras: affastou-se com impeto de Fr. Lourenço, apertou a testa com as mãos ambas, e exclamou: — «Ai, quem me tira isto daqui!»

Este brado, semelhante ao grito de homem que matam a ferro, despedaçava o coração.

Um grande crucifixo estava encostado á parede na cella de Fr. Lourenço. O velho monge atirou-se de joelhos, abraçando os pés da cruz, e derramando rios de lagrymas.

«Pelas tuas divinas chagas, por teu sangue vertido sobre a cruz, Redemptor do mundo, perdoa a este misero, como perdoaste aos algozes que te crucificaram!»

Estas palavras ainda as ouviu Fr. Vasco. Depois a oração de Fr. Lourenço soava apenas como um murmurio de aragem da tarde por campina de hervas rasteiras. Era a oração que os ouvidos dos homens não ouvem; aquella que Deus entende. E á proporção que o resar do velho se affervorava, as mãos confrangidas de Fr. Vasco lhe íam descendo da fronte, e esta se lhe asserenava. Ficou immovel olhando para o ancião, cujas longas melenas brancas varriam o ladrilho do aposento. Tambem dos olhos lhe rebentaram algumas lagrymas.

Fr. Lourenço ergueu-se por fim. Reluzia-lhe no rosto uma alegria celeste. Fr. Vasco arrojou-se outra vez no seio do homem justo. Que consolação ha ahi semelhante á de alma crivada de remorsos, quando se encosta a outra cujos pensamentos moram aos pés do throno do Senhor? Comparada com ella a do nú e faminto recebido no regaço do abastado, pode-se chamar desconsolo.

«Leonor, Beatriz, meu pae, D. Vivaldo, a vingança — proseguia Fr. Vasco — tudo me desappareceu da alma com aquella vista medonha. Saí como louco da igreja. Precisava de ar, porque me faltava a respiração: precisava das trevas da noite; porque a luz que ahi havia era luz de mor-

tos. Vagueei horas inteiras pelas ruas da cidade, áquella hora ermas e tenebrosas, até que, meio desfallecido, me recolhi á pousada.

Era meia-noite. Esta, e as que se lhe seguiram foram semelhantes á antecedente, povoadas de visões e de terrores. Lembrei-me umas poucas de vezes de atirar a minha alma ao inferno, apunhalando-me; mas avaliava já os seus tormentos, e não ousei tanto. Crede-me, Fr. Lourenço, um homem que se mata a si proprio ou é um louco, ou tem coração tão damnado que desconhece os remorsos. Só quem passasse pelo que eu passei entenderia plenamente a significação destas palavras — *condemnação eterna.*

Foi depois de quinze dias de insupportavel padecer, que um raio de esperança allumiou as trevas desta alma. Lembrei-me de buscar-vos. Todos vos diziam bom, e que tinheis a virtude de asserenar as tempestades do espirito...»

«Fr. Vasco, — interrompeu o velho monge com aspecto severo, — esses milagres fá-los Deus, e não o vaso de barro que é seu instrumento, e que, depois de servir, elle parte no dia em que se tornou inutil.»

«Procurei-vos. O meu intento era contar-vos tudo; mas desfalleci no proposito. Ouvistes só metade da minha negra historia: agora ahi tendes nú este coração. Por Deus, que não amaldiçoeis o pobre Vasco: por Deus, que não o amaldiçoeis, quando elle vos disser que este sancto habito, amortecendo os seus terrores, fez ressumbrar de novo o amor, a sede da vingança, a memoria do legado paterno, todos os sentimentos que o fizeram criminoso. Oh, reverendo nonno, eu perdoaria tudo, menos uma affronta ao nome de meus avós; eu esquecer-me-hia de tudo, menos de um amor puro e ardente, como era o meu, despresado, escarnecido por mulher leviana e refalsada; eu cerraria os ouvidos a todas as suggestões, mas não posso cerrá-los á voz de meu pae, que lá debaixo da terra me brada: Vingança!»

«Vasco, Vasco! Desgraçado! Aquelle fez mais do que isso: amou e abençoou os que lhe cuspiram nas faces, e lhe tiraram a vida nos tormentos da cruz.»

E apontava para a crucifixo.

«Não posso» — murmurou o moço frade.

Fr. Lourenço ajoelhou de novo, e curvou a fronte para

o chão. D'esta vez, não aos pés da imagem do Salvador, mas aos pés de Fr. Vasco, ora beijando-lh'os, ora abraçando-o pelos joelhos.

«Meu irmão, filho de S. Bernardo, não queiras perder a tua alma. Este pobre velho t'o pede chorando! Perdoa! perdoa! Se os que te offenderam viessem agora ajoelhar-te aos pés e implorar piedade, negar-lh'a-hias tu? Não! E se o fizesses ... — aqui Fr. Lourenço ergueu-se rapidamente, e em pé, com o braço mirrado e pallido estendido para Fr. Vasco, e saído um pouco fóra da manga do habito, tomou a postura e o aspecto de um propheta que fala em nome de Deus; — se o fizesses, o Senhor lhes perdoára por ti, e reprobo fôras tu, não elles. Talvez a estas horas desejem dizer-te *peccavi!* Talvez chorem com lagrymas de sangue! E tu? Blasphemas. Se não se arrependerem, crês que a justiça divina dorme? Vasco, tambem tu és réu, como elles. Perdoa, se queres perdão. O juiz de nós todos é o que mora nos céus.»

O monge não respondeu nada.

Tambem nós não protrahiremos por mais tempo esta scena de lucta moral, em que o virtuoso velho trabalhava por salvar um desgraçado, que nascêra bom e honesto, e que a sociedade fizera culpado. Mentirosa, corrupta e má, a vida social, cheia de erros, preoccupações e vicios, damnada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes, educa as gerações e os individuos, legando-lhes largo cabedal de perdição; e quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tendo bebido uma seiva venenosa produzem seus fructos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hypocrita, horrorisa-se, abomina a sua obra, e ajunctando-se á roda do cadafalso dos suppliciados, que elle proprio lá conduziu, saúda uma cousa, a que poz por nome justiça, e que não é mais que uma desculpa embusteira da ignorancia e da perversidade, não do individuo criminoso, mas desse vulto hediondo e informe, chamado sociedade, para o qual não ha, nem leis, nem punição, nem algozes. Semelhante ao nosso, semelhante aos que hão-de vir era o seculo XIV; e Fr. Vasco, lançado na carreira do crime pelo pundonor de cavalleiro e de nobre, pela exaggeração de fortes paixões, era uma victima das idéas do seu tempo, como tantos o são das do nosso.

Desde o dia em que se passou o dialogo que deixâmos escripto, Fr. Lourenço foi como o anjo da guarda do pobre Vasco. Uma sympathia inexplicavel para com elle, o unia a este mancebo, a quem o velho ganhára amor de pae. Era que entre estas duas almas havia uma harmonia: ambas ellas eram nobres e generosas. Como duas arvores gemeas nascidas n'um valle, roto por algum fojo profundo, que misturam as raizes em abraço fraterno, e das quaes uma, posta na aresta do abysmo, tem o tronco e os ramos de um verde malassómbrado pendentes sobre a voragem, que ameaça tragá-la, em quanto a outra, aprumada e alegre, braceja vergonteas para o ar e para o sol, assim destas duas almas, ambas na essencia formosas, uma se balouçava triste ás bordas do inferno, emquanto a outra fugia nas azas dos sanctos pensamentos para o seio de Deus.

E como das duas arvores, a que está mais firme obsta a que a outra se despenhe, assim Fr. Lourenço tinha da sua mão o malaventurado mancebo.

As paixões deste eram daquellas que só fulminando soam. Sem vicios, sem ancia de gosar, porque o goso não era para a sua alma queimada pelo padecer; affavel, bom e humilde com todos os que o tractavam, porque o odio, guardava-o como um thesouro contra quem o tinha offendido; compadecido dos oppressos e desventurados, porque tambem elle o era, Fr. Vasco passava no collegio de S. Paulo e S. Eloi por um futuro successor de Fr. Lourenço em sanctidade e boas obras. Tendo-se entregado com fervor ao estudo, como um meio de affugentar pensamentos crueis, criam que o amor da sciencia o obrigava a passar as noites sobre os livros, emquanto elle o fazia só porque a vigilia sobre o livro mais semsabor é um folguedo comparado com a vigilia no leito do repouso, que tantas vezes se converte em Gethsemani de agonia.

Assim, Fr. Vasco, indigitado como futuro sancto e futuro sabio, estava bem longe de ser uma ou outra cousa. Fr. Lourenço era quem o conhecia; quem passava horas e horas pedindo a Deus salvasse aquella alma. Todavia, se houvesse alguem que perguntasse ao porteiro Fr. Julião, ou a qualquer outro leigo do collegio de S. Paulo e S. Eloi,

qual era o caracter de Fr. Vasco, ouvíra uma linda novella, em que não haveria uma só palavra de verdade.

E no fim o donato, empertigando-se, concluiria com aquellas palavras, que nós e tu, leitor, temos ouvido a tantos donatos, que ainda ha no mundo:

«Conheço-o por dentro e por fóra!»

Parvos!

Mas a nossa barca, ou antes a barca afretada por Fr. Lourenço, abicou a Restello. Saltemos em terra com os dous cistercienses.

IV.

A FESTA DA MAIA.

> As gentes juntas em desvairados bandos de jogos e danças por todàlas praças com muitos trebelhos.
>
> FERN. LOPES, *Chron. de D. João I.*

Na epocha em que se passaram os factos contidos nesta historia, que não cede em verdade á mais campanuda e edificativa do Flos Sanctorum de Ribadeneira ou de Fr. Diogo do Rosario; nessa epocha, dizemos, quem, subindo pelo Téjo acima, contemplasse a margem direita do rio, teria que ver um painel bem differente do que ella actualmente apresenta aos olhos do navegante, que, affeito ás solidões do céu e do oceano, se engolfa na magnificente bahia da velha Lisboa. Esses milhares de edificios, que, semelhantes a uma longa cauda alvacenta, a cida estira até Pedronços, acompanhando as sinuosidades da margem, ainda não existiam. Esse alto, onde hoje campea o monstruoso fragmento de uma absurda e monstruosa concepção, o palacio egypcio-grego-romano-jesuitico da Ajuda, era uma brenha intractavel. Belem não existia, e pelas altas barreiras do Alcantara, sobre o qual já então havia uma ponte, pouco mais ou menos como a de hoje, fazendo o devido desconto da estatua do sancto martyr advogado das pontes, que ainda então não era nem sancto nem martyr, nem nascido; pelas altas barreiras do Alcantara, entre os barrocaes, verdejavam as vinhas, que desciam em amphitheatro até o fundo do valle, por onde elle se vae deslisando preguiçoso e pobre, condições que, diga-se aqui de passagem, dão ao bom do rio um profundo caracter de nacionalidade.

Estas vinhas, misturadas com algumas hortas e olivaes, espalhando-se pelas alturas de Buenos-Ayres, e estendendo-se para o lado de Sanctos, que já se chamava assim, corriam até o outeiro conhecido hoje com o nome de Bairro-alto. Era pela assomada deste monte que a cidade findava da banda do occidente. El-rei D. Fernando I. lhe dissera — «não passarás daqui» — e cingíra-a com uma cincta de muros, torres e barbacans, que por esta parte corria desde o largo de S. Roque, quasi n'uma linha recta, pelo largo do Loureto e Thesouro-velho até o Ferregial. Foi no anno de 1373, que, vindo el-rei do Alemtéjo, «começou de cuidar «(diz Fernão Lopes) no mal e dapno, que o poboo da çi-«dade avia reçebido por duas vezes dos castellãos e como «espiçiallmente ouverom gram perda os moradores de fóra «da cerca em gramdes e fremosas casas, e mujtas alfayas, e «outras riquezas que levar nom poderom comsigo, quando «el-rei de Castella veo sobre ella; e esto porque mujtas das «mais rricas gentes moravom todos fora em huum gramde «e spaçoso arravallde que avia arredor da çidade, des a «porta do ferro ataa porta de Santa Catellina, e des a torre «d'Alfama ataa porta da crus; e veendo elrei como esta soo «çidade era a melhor e mais poderosa de sua terra, e que «em ella principalmente estava a perda e defenssom de seu «reino, des hi como fora dapnificada dos enimyguos por fogo, «e outros malles que avia rrecebidos, de que el tinha gramde «semtido; determinou em saa voomtade de a çercar toda «arredor, de booa e defemssavell çerca; de guisa que ne-«nhum rei lhe podesse empeecer, salvo com gramde multi-«dom de gente, e fortes artefiçios de guerra.» Este pensamento posto em execução e levado a cabo em dous annos, salvou dahi a pouco Portugal das garras de Castella. Mas quando os tributos da Africa, e as riquezas do Oriente cahiram como orvalho sobre a cidade dos muitos seculos, ella, desmentindo as palavras de D. Fernando, e semelhante a um velho carvalho, começou a brotar renovos pelas fendas do seu cortex de pedra. Dir-se-hia que as armadas portuguezas, carregadas com os despojos do mundo, e malsofridas de tanto peso, íam lançando ao longo da praia, desde a cidade até Restello, montes de ouro e especiarias, que as mãos dos senhores dos mares convertiam logo em templos e em pala-

cios. Foi nos fins do seculo XV, e principalmente por todo o XVI, que essa cidade maravilhadora de olhos estrangeiros começou a despontar pelo alto de Santa Catharina, e a descer risonha para os outeirinhos e valles do occidente. Até ahi, escondida para além dos seus muros, abrigada aos pés do seu castello mourisco, que era apenas o que se via ao longe, como que envergonhada da sua pequenhez, confrangia-se, e apoquentava-se a si propria na cincta de muralhas de que a cercára D. Fernando, cioso da sua formosura. Era então como a filha donzella e innocentinha do honrado e guerreiro Portugal, bom soldado da idade media, a quem riquezas de conquistas e embriaguez de glorias fizeram dissoluto, e a dissolução fez antes da velhice caduco. Lisboa, a sua filha, graciosa, pudica, pura na antiga pobreza, cresceu na abundancia e no luxo, partiu o cincto que lhe dera o ultimo rei da primeira raça, e trepando o monte occidental, que a encobria, sorriu-se, e chamou, como mulher perdida, os estrangeiros que passavam. Elles, mais corrompidos que ella, saciaram-na de vicios e de abominações. Hoje ahi está assentada ao pé do seu velho pae. Elle, veterano tonto, affasta os farrapos que o cobrem, e mostra as cicatrizes de mil batalhas, e levando a mão á fronte calva, procura os louros de novecentas victorias; mas as cicatrizes estão cubertas de vermes, e os louros desfolhados por mãos de nações, de que hà dous ou tres seculos havia já tal qual noticia no mundo. Ella, vestida com andrajos de brocado, ainda formosa, mas descorada e abjecta, quer sorrir-se lascivamente aos estranhos; porém os estranhos que passam, se honestos, seguem avante, meneiando a cabeça; se corruptos, passam uma noite no seu regaço, e ao partir no outro dia cospem-lhe nas faces, dando uma gargalhada.

Cidade, donzella e pura do seculo quatorze, porque rasgaste o teu véu de innocencia? Porque partiste o cincto que te dera o rei que tanto te amou? Porque te approximaste á foz do Téjo, convocaste os estrangeiros, e converteste a tua morada em um lupanar? Foi porque teu pae perdeu na idade grave as virtudes da idade viril. Foi porque elle te entregou a ti só as riquezas que conquistára por todos e para todos os seus filhos, e tu o fartaste de deleites e dissoluções, e embriagado se te deitou aos pés como um escravo.

É por isso, que os que vem buscar os ultimos fios de ouro do roto brocado que te cobre, ou arroxear-te as faces sem pudor com os ultimos beijos de uma sensualidade hedionda e bruta, calcam o velho que dorme a teus pés o somno da embriaguez. É por isso que tu ouves ao longe, na terra e nos mares, um som vago de risadas de insulto, um apupar de gentalha em linguas barbaras. Riem-se de ti, desgraçada! riem-se do Portugal que fez muitas vezes enfiar de terror os avós dos que ora fazem de ti baldão. Este rir, este apupar é a voz do teu opprobrio. Quando has-de tu ser quem foste, oh terra de D. João primeiro?

«D. João primeiro?! Ora essa! — exclamará algum dos nossos leitores. — Deixae-nos com D. João primeiro! Pobre bruto, que não sabia nem conhecia nada: nem os phalansterios nem os charutos da Havana, nem a mnemotechnica nem a pyrotechnica; nem o systema eleitoral, nem as pilulas de familia; nem os coupons, nem as vellas de stearina; nem as inscripções, bonds e carapetões, nem os dentes postiços. Que temos nós, homens do progresso, da illustração, da espivitada e desenganada philosophia, com esses casmurros ignorantes, que morreram ha quatrocentos annos?»

Tens razão, leitor. Fecha o livro, que não é para ti.

O peditorio para Fr. Lourenço ir visitar a pobre mulher que se morria, fôra feito na vespera á tarde ao porteiro de S. Paulo, Fr. Julião, que conhecendo o caracter de Fr. Lourenço, e receiando que nessa mesma tarde quizesse acudir á desventurada, o que o podia obrigar a elle a deitar-se a deshoras, calára o negocio comsigo. Um mouro que viera fazer com instancia aquella supplica, farto de esperar resposta, atreveu-se a perguntar ao reverendo leigo se dera o recado, ao que Fr. Julião acudiu, com um aspecto entre risonho e de sobrecenho, perguntando se elle queria acompanhar sua reverencia.

«Assim é preciso para ensinar a pousada» — respondeu o mouro.

«Ora pois, — replicou o leigo com ar de protecção: — o reverendissimo diz que não póde ir hoje, mas ámanhan não faltaremos. És de Restello?»

«Padre, sim — tornou o mouro. — E esperarei ámanhan

na praia pelo vosso sacerdote para o guiar aonde jaz a mesquinha.»

«Isso mesmo. Dize a quem te mandou que confie na nossa caridade. E tu vae-te com Allah... (que é o diabo: — accrescentou Fr. Julião em voz baixa, e benzendo-se — assim Deus me perdoe...) Adeus, amigo; que já tocou uma vez á segunda mesa do refeitorio.»

E a porta, rodando lenta nos quicios, bateu suave e devotamente na cara do mensageiro.

Então o mouro puxou para a cabeça o capello de albornoz, e partiu.

No outro dia, quando Fr. Lourenço saía da cella, correu a elle Fr. Julião, e disse-lhe que um mouro viera ahi pedir a sua reverencia para ir ver uma pobre mulher que se morria, e que a elle se queria *meenfestar*, accrescentando que o mensageiro partíra logo, dizendo que esperaria na praia de Restello para ensinar ao reverendissimo a pousada da penitente.

«Um mouro — pensou Fr. Lourenço, — mensageiro de uma christan, que pede confissão?!... Aqui ha mysterio.»

E chamou Fr. Vasco para o acompanhar.

A aldeia de Restello, situada a uma legua de Lisboa, dentro do districto chamado, desde as epochas mais remotas da monarchia, o reguengo d'Algés, o qual comprehendia todas as aldeolas e campos ao occidente e noroeste da cidade, por duas leguas ou mais de distancia, era no XIV seculo habitada, em grande parte, por mouros forros, que nos arredores grangeiavam algumas hortas e pomares, de que ajudavam a abastecer a cidade, ou por pescadores, que d'ahi saíam em seus bateis a pescar no Téjo. Grande parte destes pescadores era tambem mouros, ou livres ou escravos. Restello, como quasi todas as aldeias das cercanias de Lisboa, parecia quasi uma terra mussulmana ainda no fim do seculo XIV. Ainda então avultava, entre a raça goda e christan, a raça africana-arabe. Até esta epocha, ou antes até quasi o fim do seculo seguinte, as Hespanhas offereciam um phenomeno unico, talvez, na historia: o de tres povos, sectarios de tres religiões inimigas, vivendo junctos, e cada qual adorando Deus a seu modo, sem que por isso viessem ás mãos, apesar de todas essas crenças serem persuasões profundas, e

por consequencia exclusivas. As tres religiões eram o christianismo, o islamismo, e o judaismo: o primeiro dominante, o segundo tolerado, e o terceiro consentido. Nobres, cavalleiros, e o grosso dos burguezes pertenciam ao primeiro, os homens de trabalho, em boa parte, ao segundo, os mercadores, em grande numero, ao terceiro. E acima do Evangelho, e da Toura, e do Alcorão, havia um livro que fazia o que nunca souberam fazer os commentadores de cada um delles; um livro que os conciliava. Este livro era a lei. A lei protegia os diversos cultos nacionaes, sem que todavia fosse incredula, como as leis da tolerancia moderna. Nenhuma admiração deve, talvez, causar esta protecção relativamente ao judaismo; porque a favor desta crença falavam as riquezas dos seus sectarios; mas o que em verdade espanta é a tolerancia, quasi diriamos o favor, que achava no animo dos legisladores o mohametismo. A maioria dos mouros era escrava e pobre, e além disso, elles tinham sido, havia apenas dous seculos, inimigos armados, adversarios duros, e senhores das terras, que ora cultivavam servos: ainda um reino mourisco subsistia em Hespanha — Granada — Granada mãe de valentes soldados, e donde podia partir o raio, que derribasse mais de uma cruz levantada sobre mesquita convertida em cathedral; e todavia estes homens achavam amparo nas leis dos seus vencedores. Por algumas destas leis, feitas na primeira metade do seculo XV, chegaram a ficar sujeitos a graves penas aquelles que ousavam offender esses desgraçados na unica herança que lhes restava, a religião de seus paes.

Todavia não se creia que os legisladores ou o povo eram tibios na fé. Como religionario, o christão detestava, ou antes despresava o mouro e o judeu; como cidadão vivia e tractava com elle. Nas leis relativas a estas duas raças reprobas, não ha uma só palavra que revele hesitação ou indifferença religiosa; mas vê-se que á sua promulgação presidiu a sabedoria. O fanatismo cego, bruto e feroz veiu-nos com as primeiras luzes de uma falsa civilisação, nos fins do seculo XV, e progrediu com ella por todo o XVI. D'antes a raça christan tinha a consciencia de uma grande superioridade religiosa, e fazia-a valer na legislação; mas não con-

fundia a crueldade e a intolerancia com as distincções, que nascem da differença entre o superior e o inferior.

Desta tolerancia politico-religiosa era prova o que succedia em Restello quando Fr. Lourenço e Fr. Vasco ahi chegaram. Dissemos que a viagem dos dous frades fôra no dia em que a igreja celebra os nomes dos apostolos Philippe e Thiago. Até os nossos dias durou o antigo costume, que nos herdaram os pagãos, de festejar nesse dia a vinda da primavera; mas, nos seculos mais proximos ao paganismo, esta especie de culto idolatra estava tão enraizado no animo do povo, que foi para elle caso de grande escandalo quando a camara de Lisboa, querendo pagar a Deus em moeda de boas obras a victoria de Aljubarrota, prohibiu as festas das maias e janeiras «esguardando (diz o assento ou lei municipal) alguns graves peccados que se em esta cidade de mui longos tempos acá faziam, e estremadamente peccados de Dollatria e costumes dapnados dos gentios,» e por isso ordenaram os alvazís e os vereadores que da hi em diante nenhuma pessoa nem usasse nem obrasse de feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem descantações, nem d'obra de veadeira, nem obrasse de carantulas, nem de geitos, nem de sonhos, nem d'encantamentos, nem lançasse roda, nem sortes, nem obrasse de adivinhamentos,» — prohibindo igualmente o «medir cincta, e lançar agua pela joeira,» e rematando por substituir as janeiras e maias com procissões mui devotas, que realmente não deviam divertir tanto o povo como os seus antigos e costumados folguedos.

Todavia nas communas dos mouros, ou mourarias, e nas povoações por elles principalmente habitadas, a lei da camara não podia por certo ter vigor; porque não estavam sujeitas ás usanças christans, nem havia ahi procissões que remissem as maias, para quem não cria em procissões. Nada nos dizem os velhos documentos a este respeito; mas pelo texto desta authentica historia verá o leitor realisadas as nossas bem fundadas conjecturas.

Seriam dez horas da manhan, quando os dous frades abicaram á praia de Restello. Parecia toda a aldeia endemoninhada, tanta e tão confusa e desentoada era a bulha, matinada e ingrezia, que ahi soava. Era o caso que a mourisma da povoação festejava naquelle dia a maia, tanto mais

desaffogadamente, quanto os christãos, cohibidos pela recente postura da camara de Lisboa, não ousavam vir involver-se no tumulto, contentando-se com observar, dous aqui, tres acolá, ás bocas das viellas e becos, aquelle immenso folguedo, chorando lá no fundo de suas almas as bebedeiras que perdiam, e as bofetadas e pontapés, com que, como de ordinario acontecia nestas festas populares, se desforravam da maior abastança em que mouros e judeus viviam, por serem, regularmente falando, mais sobrios, laboriosos e economicos, que elles, bons discipulos do Evangelho.

«Olha, Martha, — dizia para uma rapariga uma velha muito barriguda, que estava assentada á porta da sua casinha, e cujos braços arqueados sobre o ventre apenas podiam cruzar-se pelas pontas dos dedos — vês aquelle perro de Muça como saíu hoje alfanado com sua aljuba nova e sua aljubeta verde, porque a negregada cadella da filha vae fazer de maia...? Pois a sandia! Não queres rir? Gastou dez alnas de ypre azul em uma almexia nova. Olha, sempre te digo, que pae e filha nunca os vi mais nescios.»

«Ai, tia Domingas, nescio é quem é. Se eu fosse como aquella descarada, que anda mettida com o Ruy Casco da almuinha, tambem teria quem me désse, nanja dez alnas de ypre, mais vinte de brocado. Nem me faltariam chapins broslados....»

«Ai, filha, — acudiu a velha com um tregeito beato — Deus se amerceie de nós! Essas são outras mil e quinhentas! O excommungado a andar de mancebia com aquella perra! Não: lá isso não! o maldicto não acaba bem. O que elles mereciam era serem queimados. No meu tempo...»

«No teu tempo, grandecissima alcaiota, não tinham os segraes mancebas mouras, mas as mancebas haviam filhos de clerigos. Já te não lembras, minha vassoura de monturo, do conego Fernão Matella? Ai, mana! Foram dous, ou foram tres? A-la-fé que não o sei eu; mas sabe-se no hospital dos meninos engeitados. Já cá me tinha soado que me andavas roendo nas costas. Que te importa a minha vida, pedaço de bruxa? An.. an... an... anda, que é para teu ensino.»

Este «an... an... an... anda» queria dizer que a velha estava agarrada pelas orelhas, e que lhe volteava a cabeça, entre duas mãos robustas e calosas, de um para outro lado,

como a bussola de um navio entre as paredes da bitacola, em dia de temporal desfeito. Infelizmente a tia Domingas, antes de começar o seu caritativo dialogo com Martha, não vira Ruy Casco, que estava encostado ao sol, do outro lado da esquina, renegando talvez de não ser mouro para ir foliar na festa.

Martha, apenas víra descer as mãos de Ruy Casco sobre as orelhas da tia Domingas, como o endiabrado Phebo dos Homeridas,

..... semelhantes
A tenebrosa noite.....

fugíra a bom fugir, em virtude da seguinte formula algebrica:

$$A = B$$
$$C = A$$
$$\therefore C = B$$

E substituindo:

Maledicencia da tia Domingas igual a um puxão de orelhas por mão de Ruy Casco:

Maledicencia de Martha igual a maledicencia da tia Domingas:

Logo: maladicencia de Martha igual a puxão de orelhas por mãos de Ruy Casco.

A prompta fuga era o resultado de rigorosa deducção mathematica.

A velha sentia taes baques na cabeça, e via tantos milhares de estrellas, apesar de ser alto dia e de fazer um bello sol de primavera, que mal pôde piar estas palavras, quando os gadanhos do bruto hortelão lhe abandonaram as orelhas:

«Excommungado! Rufião excommungado!»

E mettendo-se para dentro da sua barraquinha, correu o ferrolho, e depois de passar a mão pela cara, a ver se tinha sangue, não o achando, tomou folego, e desatou a berrar:

«Aqui del-rei! aqui del-rei! que me mataram.»

Por mal de peccados, todos andavam mirando a festa da maia, e ninguem ouvia a velha, salvo Ruy Casco, que tornára para o soalheiro, e de quando em quando lhe atirava de lá uma apostrophe que tinha a virtude de conservar

sempre no mesmo alamiré agudo o berreiro da tia Domingas.

«Anda, barregan de conego!»

«Aqui del-rei!»

«Cal-te, basculho de clerigo!»

«Aqui del-rei!»

«Fóra, bareja de carne podre!»

«Aqui del-rei!»

«Passa, serpente da Arca de Noé!»

Esta era a mais atroz.

«Aqui del-rei! aqui del-rei! que me mataram.»

Emquanto esta scena se passava por um cabo da aldeia, saía pelo outro o préstito da maia. A filha de Muça, que fazia o principal papel, vinha cavalgando uma formosa hacanea, levada de redea por dous rapazes coroados de boninas, e rodeada de mancebos e donzellas, do mesmo modo enramados de flores, e cantando certas cantigas ao som de adufes e pandeiros, com uma toada mui de folgar. Atraz seguia-se toda a mourisma de Restello, travada em jogos d'espadas, nos quaes os pacificos descendentes dos guerreiros almoravides e almohades se divertiam em fazer a caricatura de seus illustres avós, ou enredados em choréas vívidas e variadas, que só elles sabiam tecer, e que por isso eram designadas pelo nome caracteristico *danças mouriscas*. Digno do pincel de Hogarth era o quadro, que, bem como sobre uma tela pallida, se desenhava pelo extenso areal que corria entre a povoação e o Tejo. Cada qual tinha tirado á praça os mais ricos trajos que possuia. As differentes fotas, ou toucas mouriscas, formavam como um xadrez de todas as cores, incertas, cambiantes com o agitar e tripudiar da multidão. Os mais ricos vinham vestidos com suas aljubas, vestido talar de mangas largas, sobre o qual traziam a aljubeta, especie de colete comprido. Viam-se outros com seus balandráus, vestuario que até hoje conserva o mesmo nome, e que as irmandades modernas herdaram delles, com a unica differença de que os mouriscos tinham uma especie de escapulario (e essa denominação se lhe dava) cosido pelas costas abaixo, emquanto os que vestiam albornoz usavam o escapulario cosido a este por diante. Os pobrissimos, e deste numero eram os mouros escravos, cubriam-se com

tristes argáus, dos quaes se póde fazer uma idéa exacta imaginando duas mantas de lan parda, unidas por uma das extremidades, tendo apenas na costura o vão necessario para passar a cabeça. Nesta variedade immensa, que representava o préstito da maia, não faltaria ao debuxador a condição absoluta da arte, o pensamento que devia dar unidade ao quadro: era este o sentimento da alegria que ressumbrava em todos os rostos, desde o do grave alcaide, ou juiz da communa, até o do mais mesquinho, esfarrapado e sujo dos verdadeiros crentes.

E a filha de Muça? A filha de Muça ía como uma sultana no meio dos seus eunuchos e escravas. Não trocaria ella em tal momento a sua gloria pela sorte da esposa querida do propheta. Sorria-lhe nos olhos negros e voluptuosos o deleite; e quem nesse dia visse a pobre moura que vendêra a sua innocencia ao rude quinteiro christão, tomá-la-hia pela virgem do deserto, que, rodeada de amadores, hesita na escolha daquelle a quem ha de dar o seu coração, ainda livre como a carreira da gazella nas solidões profundas dos areaes da Arabia.

Mas a filha de Muça era apenas uma planta de oasis açoutada pelo sopro do Simùn. Em um dia sereno erguia a fronte, como quando pura vecejava no principio do existir. Mas a seiva da vida estava contaminada: o bafo impudíco do homem é tambem como o Simùn. Flor de innocencia por onde elle passou não erguerá a fronte mais que um dia. Depois vem logo o pender e o murchar. Ha ahi então alguem, cujos olhos ella contente? Não. Só o vento do deserto virá ainda uma e outra vez affagá-la com abraço infernal, até que lhe disperse a ultima folhinha, como o algoz espalha ao longe o ultimo punhado das cinzas de um justiçado.

A flor que ainda erguia a fronte era Zilla, a maia de Restello; mas Ruy Casco era o Simùn do deserto.

Quando na extensa volta que dava o prestito a mula em que Zilla cavalgava passou perto do soalheiro do hortelão, elle soltou um suspiro macisso de amor. Pareceu-lhe Zilla formosa como no primeiro dia em que a miseria lh'a vendêra. Pensou então.... Em que? Em que era um longo dia de maio. E suspirou de novo. A filha de Muça viu-o,

abaixou os olhos, e não sorriu mais. A rainha da festa trocaria já a sua sorte pela da ultima escrava do propheta.

Pobre Zilla!

E ao redor della os cantos e os adufes e os gritos e as risadas atroavam os ares. Homens, mulheres, crianças saltavam, corriam, volteavam. Aqui alguns mancebos mais destros fingiam acometter-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos: era o jogo de espadas. Acolá as raparigas dançavam em roda uma dança barbara ao som de pandeiros: era a *mourisca*. Os jograes cantavam ao desafio canções improvisadas e satyricas em portuguez semi-arabico, e as crianças derramavam flores adiante de Zilla, ou sobre as cabeças dos maios pequeninos, que eram como os genios que circumdavam a deusa da festa da primavera.

O folguedo, porém, era incompleto. Faltava ahi a alma, o tudo de semelhantes festas. O trução Alle, a quem os mouros chamavam por escarneo Cide Alle, as judeus Rabbi-Alle, e os christãos *Mossem* ou *Micer* Alle, não viera com seus guizos e palheta, com suas visagens e arremedilhos, fazer estourar de riso os alegres festeiros da maia. A sua mesquinha morada, choupana colmada, que se encontrava a pouca distancia da aldeia, á beira de uma horta ou almuinha, já não era, havia perto de um mez, frequentada, como d'antes, pelos foliões dos arredores, que estavam certos de encontrar ahi um jovial consocio. Alle tinha-se tornado um modelo de gravidade e compostura. Quando não trabalhava no seu campinho, ou não ía á cidade vender os productos delle, passava horas inteiras assentado na soleira da porta, cantando em voz baixa uma cantiga monotona, bem diversa das que usava cantar. Via-se que um pensamento grande e moral occupava o animo do trução. Notou-se, porém, na aldeia, que quando Alle vinha ao povoado buscar o seu provimento semanal de legumes, o fazia maior que d'antes, e o que escandalisava sobre tudo os mouros velhos e devotos era o cuidado com que sempre levava uma porção do melhor vinho que achava nas tabernas dos judeus, contra o expresso preceito do livro divino mandado do céu a Mohammed. Começavam a alevantar-se algumas suspeitas de que Alle se havia tornado christão; mas ninguem ousava affirmá-lo com certeza; porque, habitando elle n'um sitio ermo, não havia

quem o podesse observar. Correu tambem fama de que neste negocio andavam encubertos alguns tardos amores, e a maior porção de alimentos de que usava abastecer-se confirmava a suspeita. Mas para que o esconderia Alle? As uniões menos puras eram naquelle tempo uma especie de *panem nostrum quotidianum* para christãos, para mouros, e para judeus, e quando o não fossem, bastava ser Alle um truão professo, e de mais sectario do Alcorão, o qual não veda esse tracto illicito, para não lhe ser estranhado um crime, que para elle o não era, e que até para os christãos, pela muita frequencia, se tornára em acção indifferente, declarada como tal nas leis geraes do reino.

Todas estas reflexões e muitas outras faziam os ociosos e beatas de Restello, que, semelhantes aos ociosos e beatas de todos os tempos e logares, custumavam occupar-se da vida alheia, por não terem outra cousa em que consumir a propria. Perdiam, porém, o tempo e o trabalho. Se Alle conhecia que alguem lhe fazia perguntas capciosas, com a intenção de lhe pescar o seu segredo, escapulia-se sempre com algum daquelles dictos grosseiros e mordazes, que o uso de muitos annos (elle teria cincoenta) lhe fazia achar a ponto para embatucar importunos, e aos quaes difficilmente se resistia; porque então, como hoje, ninguem tinha as costellas tão unidas, que por entre uma ou outra não achasse facil caminho a ponta azerada de uma chufa de bobo arremessada a tempo.

Assim todas as conjecturas saíam baldadas. O facto era que Alle estava outro homem: por isso não apparecêra na festa.

O que elle fazia entretanto vamos nós espreitar no seguinte capitulo.

V.

O TRUÃO.

> Tal foliam, se attentaes,
> Digo isto assi de mim,
> Que em os dias festivaes
> Cuidou não havia mais
> Senam foliar sem fim;
> E ficou-lhe o atabaque,
> Os sestros e o pandeiro. . .
>
> A. R. Chiado — *Letreir. Glosados.*

No dia em que se passaram os successos que vamos narrando, havia mais de duas horas que Alle passeava á beira da agua no desembarcadouro de Restello, sem que outros foliões seus antigos amigos e camaradas, que correram a elle apenas o viram apparecer, podessem movê-lo a tirar-se dalli, e a vir engolfar-se naquella mó de danças, cantares e folias, que redemoinhava bastante longe delle pela extensão do areal. Esperava por Fr. Lourenço. Alle era o mouro que falára com Fr. Julião, e a quem este promettêra, por sua conta protecção, e por conta alheia caridade.

Apenas o truão viu desembarcar os dous frades correu para Fr. Lourenço:

«Obrigado, obrigado, padre christão que não despressastes a petição do pobre mouro.»

«Christo chamou os judeus e os gentios. Deus não despreza ninguem. Mas nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem estas cousas. Prouvera ao Senhor que as entendesseis! Vamos: foste acaso tu que me buscaste hontem á tarde?»

«Padre sim!»

«Disseste que uma christan se queria confessar: onde é que ella está?

«Vinde vós comigo. Oh como ficará contente!»

E Alle caminhou adiante dos dous monges, todo risonho, e dizendo como quem falava comsigo só:

«Bom Jesus e bom padre! Bom Jesus e bom padre!»

O caminho que os tres seguiam era ao longo da margem. A um tiro de bésta abria-se um valle entre dous montes, cujos cimos se prolongavam para o norte. Chegando áquelle sitio, Alle voltou á direita, e tomou por uma trilha que acompanhava o sopé de uma das encostas. Os dous frades calados iam algum tanto affastados. Ouvia-se unicamente o som das passadas dos caminhantes, e a espaços um murmurio confuso do ruído que se fazia em Restello, e que era trazido pelo sopro morno de leste. Depois de largo silencio Fr. Vasco disse em voz baixa para o mestre de theologia:

«Tenho estado a lembrar-me de que já vi este mouro; mas não atino em que logar, ou em que tempo.»

«Grande maravilha, — atalhou rindo Fr. Lourenço. — Milhares de mouros tereis vós visto na vossa vida, irmão Fr. Vasco; e o que vos succede com este succeder-vos-ha com infindos outros.»

«É verdade; mas não sei que tristeza me infunde o vê-lo. Diria que este homem entrou de algum modo nas desventuras que padeci, e nas mal sopitadas agonias do meu coração.»

«É o sitio, só e triste, que vos traz ao pensamento essas melancholias do passado.»

«O coração ás vezes adivinha, reverendo mestre. Quem sabe se neste negocio anda alguma traição encuberta? Chamarem-vos de tão longe para exercer o mister de confessor de uma mulher moribunda... um mouro por mensageiro e guia!.. um sitio ermo por vivenda!... Temo alguma cilada: não por mim, que pouco importa ao mundo a minha vida; mas por vós, bemfeitor dos miseraveis. Enganam-se todavia! — proseguiu Fr. Vasco em voz mais alta. — Trazeis o vosso cutello?»

«Calae-vos, irmão, calae-vos! Que cutello?! A minha defensão é Deus. Tenho inimigos; bem o sei; mas tenho-os

por defender a justiça e a nossa ordem. Um ferro nas mãos de um sacerdote! Nunca o vereis nas minhas. O braço da Providencia ampara os que nella confiam, e esse braço é mais forte que o do esforçado e guerreiro. O abuso que introduziu o demonio entre os clerigos e monges de tractarem armas, para que tem servido? Para rixas e mortes entre homens que se chamam sanctos e irmãos. Perguntastes-me se eu trazia um ferro: pergunto-vos tambem eu agora: trazeis vosso cutello, monge de Cistér?»

«Como todos costumam, reverendo nonno...» — respondeu Fr. Vasco, pondo os olhos no chão...

«Dae-m'o.»

Fr. Vasco affastou o escapulario, tirou da cincta um punhal, e com visivel repugnancia, entregou-o ao seu companheiro.

O mestre de theologia pegou nelle, arremessou-o com força, e o ferro buído foi cravar-se n'uma grande nogueira, onde ficou por algum tempo vibrando. O mancebo olhava para a arvore com o aspecto tristonho de quem se despede de um amigo antigo. Entretanto Fr. Lourenço Bacharel dizia em voz baixa, erguendo o braço esquerdo até a altura da fronte, e movendo-o rapidamente para fóra, como quem sacode um mosquito, ou um pensamento importuno:

« *Vade retro, Satana! Deus fortitudo mea!*»

Esta conversação e o seu desfecho tinham retardado os dous frades. O mouro, não os sentindo atraz de si, parára, e voltando-se presenciára aquella scena, sem que por causa da distancia podesse perceber o que fosse. Ficou espantado; mas não disse palavra, e proseguiu seu caminho.

Parou finalmente. De um e de outro lado da senda alargava-se o valle, formando uma caldeira entre os dous montes parallelos. Da banda esquerda, obra de uma oitava parte da pequena planicie estava cercada de um vallado, por cujo espigão se enredavam bastos silvados: um portello grosseiro dava entrada para uma especie de pateo, á direita do qual ficava uma humilde casinha, e da parte opposta um cannavial basto, mais ainda curto, que separava o pateo da almuinha, e do vergel. Ao longo do cannavial corria um regato que ía formar uma presa, ou tanque natural, cujas bordas relvosas eram como um tapete de verdura. A porta da

casinha estava fechada, e uma grosseira tela de estopa servia de vidraça á janella que dava luz para o interior. Reinava sobre isto tudo um silencio profundo, que só foi interrompido pelo ranger do portéllo, quando o mouro o fez rodar sobre o prumo que lhe servia de quício, e pelo clach, clach das rans que estavam assentadas gravemente na margem do pego, acabando uma harmonia natural segundo a theoria de Bernardin de Saint-Pierre, e que saltavam dentro da agua assustadas pelo subito ruído do chiador portello, que tambem ía tirando outra natural harmonia com o melodioso clach, clach das timidas fugitivas.

Em quanto o mouro corria o ferrolho da porta, os dous frades chegaram ao pé delle, e Alle, curvando-se respeitosamente, fez-lhes signal que entrassem.

Era a morada do pobre jogral, como a de todos os mouros da sua condição, terrea, humida, mal-san. Sobre a lareira ardiam alguns toros de lenha, cujo calor não era sufficiente para embeber as exhalações aquosas, que manavam das paredes verde-negras, e do pavimento frio e immundo. A um canto via-se uma bilha de agua, e em uma prateleira alguns vasos de barro vermelho; ao pé, em um prego, estava pendurado um adufe roto e coberto de pó, e defronte uma arca velha, sobre a qual os dous frades se assentaram, em quanto o mouro abria a porta que dava para uma camara interior.

Esta era allumiada frouxamente atravez da grosseira empanada da janella lateral. Fr. Vasco lançou os olhos para lá; mas a luz que entrava livremente pela porta, e enchia o aposento em que estavam, mal lhe deixou divisar ahi dentro uma enxerga, e um vulto deitado em cima della, com o rosto virado para a parede.

«Menina! pobresinha! Aqui está o bom padre do teu Jesus.»

Isto dizia o mouro em voz baixa, curvando-se e estendendo o pescoço, como que receioso de despertar quem quer que era.

«Dorme!» — proseguiu elle, voltando para fóra pé ante pé, semelhante á mãe que deixa ainda ondulando o berço do filhinho, o qual adormeceu a custo de muito embalar...

Fr. Vasco fez um gesto de impaciencia.

«Esperaremos: — disse Fr. Lourenço. — Mais ainda assim, explica-me tu, agareno, como esta mulher christan vive aqui só comtigo. Não sabes que te é isso defeso?»

«Padre, padre, — tornou o mouro, como assustado pelo tom em que Fr. Lourenço fizera a pergunta. — Eu topei essa desgraçadinha, por uma noite fria e chuvosa, deitada no meio do caminho que vae de Restello para Lisboa: ergui-a, e perguntei-lhe quem era: não me podia responder: tremia, e estava gelada. A minha lei, padre christão, obriga-me a soccorrer o desventurado: obedeci á lei. Como pude, debaixo da chuva, por caminhos intransitaveis quasi, conduzi-a aqui, e aqui, ao clarão daquella lareira, vi pelos seus trajos que era uma rapariga christan. Pensei então que corria grande risco em a conservar em casa: mas tambem pensei no que resa o livro do propheta, e disse comigo: — «Que importa no mundo a vida de um pobre truão, quando ha que escolher entre essa vida, e o obedecer a Allah?» — O calor da fogueira que accendêra reanimou pouco a pouco a pobre mulher. Apenas pôde falar, pareceu-me ouvir-lhe: — «Oh desgraçada, desgraçada!» — E, pondo as mãos, dizia-me toda a tremer: — «Não lhe digaes nada, nada... deixae-me morrer!» — Cortava o coração. A sua voz era tão suave e meiga! As lagrimas, que eu mal sustinha, embaciavam-me a vista, e mais bem as alimpava com a manga da aljuba.

«Pedi-lhe que comesse, pouco que fosse. Estava queda e de olhos baixos. Quando os alevantou e me viu, poz-se a tremer. Tinha razão. Se eu era um mouro! Que havia de fazer para aquietá-la? Nem eu sabia. Apontei-lhe para aquella alcova, para o ferrolho que interiormente fechava a porta, e para a minha pobre enxerga. — «O Deus grande e o propheta, disse-lhe eu, mandam que a choupana do mouro seja asylo sagrado da que ahi se abrigou. Estás aqui segura.» — Titubeava ainda: queria talvez sair. Mas a noite ía cada vez mais fria: os trovões e os raios eram uns atraz de outros: a chuva era aos cantaros. Para onde havia de ir? Disse-m'o depois: não tinha outro abrigo. Por fim decidiu-se: aferrolhou-se na alcova, e eu encostei-me ao pé do lar, onde ainda reluzia o brazido da fogueira.

«Esta va contente comigo, bom padre; estava contente

comigo! Resei a quinta çalá, a nossa oração da noite, com mais fervor que nunca. Allah e o propheta deviam ouvir-me no céu. Nós outros os mouros, — proseguiu Alle com um sorriso amargo, — tambem temos consciencia; tambem sabemos o preço das boas obras. Agora, padre christão, a donzella de vossa lei vos dirá o que o mouro tem feito para a salvar. Ella dirá se elle merece ser açoutado ou morto, porque recolheu na sua morada uma das que adoram Jesus. Muitas noites ouvia-a soluçar sobre essa enxerga, onde jaz: muitos dias quando voltava aqui, depois de ter ganhado para mim e para ella um bocado de pão negro, achava-a debulhada em lagrymas; mas nem ella me dizia seus pezares, nem eu lh'os perguntava. Affligia-me vê-la chorar e padecer tanto, e conhecia que lhe minguavam as forças de dia para dia. Mas que podia fazer um mouro, sem riqueza, e sem se atrever a dizer nada a ninguem ácerca da triste christan? Scismei muito tempo nisso. Por fim veiu-me uma boa idéa. Tinha ouvido falar de vós, padre: sabia que ereis bom, e que os christãos vos veneravam: um escravo do vosso mosteiro m'o dissera muitas vezes. Ante-hontem essa mesquinha parecia mais socegada. Disse-lhe qual era o meu intento: foi a primeira vez que lhe vi luzir no rosto um signal de alegria. Não tinha ousado pedir-me tanto, receiando o risco do que ella dizia ter sido o seu salvador. Fui procurar-vos, e o resto já o sabeis. Agora protegei-a a ella, e tende dó do pobre Alle, que não tem outra culpa senão a de ter obedecido á lei do propheta.»

«Á de Christo! á de Christo! — exclamou vivamente Fr. Lourenço, erguendo-se, e abraçando o mouro, que estava em pé diante delle como um criminoso. — Filho, tu não serás condemnado no dia em que vier o juiz. Amaste Deus e o teu proximo. Foste mais christão que a maior parte dos que se gloriam de tal nome. Caridade, e só caridade é a crença de Jesus. Elle te allumiará; porque déste testemunho delle, não por palavras, mas por obra. Em quanto christãos deixavam perecer á mingua uma desgraçada, tu a salvavas. Sabe, porém, que neste momento elles renegavam da cruz, e tu te abraçavas com ella!»

Nem por isso Alle entendeu lá muito bem o que queria dizer o bom do religioso; mas entendeu perfeitamente que

o abraçá-lo Fr. Lourenço era signal de que o seu proceder merecêra a approvação de um tão affamado ulema christão. Sorriu-se, e involuntariamente pegou na mão do monge, e beijou-a. Parece-me que eu faria o mesmo a um caciz de Mafamede, se esse caciz pensasse e fosse como o mestre de theologia.

Neste momento ouviu-se um suspiro que partia da alcova.

«Vasco, — proseguiu Fr. Lourenço, voltando-se para o seu companheiro e para Alle, — ide-vos ao horto. É necessario que eu ouça a confissão desta mulher.» — Depois encaminhou-se para a porta da alcova, e disse: — «Irmã! eu sou aquelle que vem em nome do Senhor.»

O vulto não respondeu nada, e ergueu-se. O soluçar da mesquinha era o de um chôro perdido. Atirou-se de joelhos aos pés do monge, e, depois de afastar os cabellos que lhe cubriam o rosto, só pôde dizer:

«Misericordia, meu Deus!»

Os dous tinham obedecido. Fr. Lourenço estava a sós com a desconhecida.

VI.

O PUNHAL.

> Viestes a religiom pera serdes temptados mas nom vencidos nem sobrepujados: . . . e posto que a vida nos anoje ou agrave com estes trabalhos e paixoens, saibamos que nom ha de ser coroado, senom quem trabalhar e pelejar fortemente.
>
> Fr. J. Alvares, *Cart. II.*

«E essa mulher é capaz?»

«Sim padre. A tia Domingas é uma boa velha christan de Restello. Entreguei-lhe a bolsa de dobras e meias dobras que me déstes, e ella me jurou que nada faltaria á pobre donzella. Podeis ficar descançado.»

«Bem! Agora a Restello, e afreta uma barca. Irás comigo para Lisboa.»

Esta conversação passava-se entre Fr. Lourenço e o mouro Alle, no meio da senda ou azinhaga, que, partindo da aldeia, ía dar á morada do chocarreiro, o qual parecia ter trocado a sua vida truanesca em duradouros habitos de sisudeza e compostura. Depois de duas compridas horas, que o bom do bernardo passára junto da miseravel enxerga da desconhecida, saíra a encontrar-se com o seu companheiro e com Alle, que por elle esperavam, Fr. Vasco passeando de um para outro lado, e o mouro assentado ao sol ardente do meio dia. Fr. Lourenço trazia o olhar esgazeado, os labios descórados, e nas faces todos os signaes de um susto e inquietação, que debalde tentava encobrir. Entregou então uma bolça ao mouro, ordenando-lhe procurasse, com toda a

brevidade e diligencia, alguma boa mulher que viesse residir na almuinha, para tractar da desconhecida, que elle Fr. Lourenço tomava debaixo da sua protecção. Alle partiu immediatamente, e dalli a pouco voltou acompanhado da tia Domingas (pessoa conhecida já do leitor), cujos escrupulos tinham sido completamente removidos com a vista da bolça recheada de excellentes dobras e meias dobras del-rei D. Pedro, moeda que era a melhor ou talvez a unica boa daquelle tempo, e que nunca, de memoria de homens, mercador judeu, mouro, veneziano, genovez, flamengo, ou biscainho recusára acceitar em troco de suas mercadorias.

Depois de haver dado em segredo varias instrucções á velha, que respondia a cada palavra do frade com uma mesura, e com as formulas sabidas de — Vá vossa reverencia descançado; deixe vossa reverencia isso ao meu cuidado; percebo, percebo, reverendissimo — Fr. Lourenço partíra, seguido de Fr. Vasco e de Alle, caminho da aldeia. Conhecia-se pelo andar do bom do monge, ora demasiado lento, ora excessivamente apressado, que a sua alma ía embrenhada em graves cuidados. Ao passar pelo sitio onde tivera com Fr. Vasco a conversação que lemos no capitulo antecedente, parára de repente, e olhára para a nogueira frondosa, na qual ficára cravado o punhal do moço monge. Ainda lá estava. Fr. Lourenço erguêra os olhos e as mãos ao ceu, e parando, havia-se assentado n'uma grande pedra que ficava á borda da azinhaga. Depois de scismar por bom espaço, fizera subitamente ao mouro a pergunta por onde este capitulo começa, e dera-lhe ao mesmo tempo a ordem para ir adiante afretar a barca, que os devia conduzir todos tres a Lisboa.

Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava tambem alguma cousa extraordinaria. Parecia que a inquietação de Fr. Lourenço se havia communicado ao seu companheiro, o qual, desde que saíra de casa do truão até aquelle momento, não proferíra uma só palavra, mas no gesto dava visiveis signaes de que o seu coração não estava sereno. Ou fosse que o aspecto carregado do mestre de theologia, e o lançar-lhe a espaços os olhos de relance, como quem buscava descortinar-lhe alguma cousa no fundo da alma atravez dos seus

gestos e meneios, ou fosse que o estado daquella nova penitente de Fr. Lourenço tivesse despertado na memoria do mancebo passadas amarguras, o certo é, que ambos os dous monges, tão amigos, tão promptos sempre em communicar um ao outro os seus menores e mais intimos pensamentos, caminhavam junctos, mas em silencio, como dous cumplices de um crime affastando-se do logar onde o perpetraram, ou como dous homens, que se insultaram sem precauções oratorias, e que, dirigindo-se para o logar de um duello estupido, não esquecem durante o caminho um unico item das regras de boa cortezania, o que lhes não tolhe que d'ahi a pouco se assassinem honradamente e na melhor harmonia do mundo.

O mouro partíra, e Fr. Lourenço, com os cotovellos fincados nos joelhos e a cabeça entre as mãos, havia tornado a embrenhar-se nas suas reflexões. Fr. Vasco, em pé diante delle, torcia e destorcia um vime que arrancára no vallado fronteiro. Este torcer e destorcer significava que o seu espirito estava mui longe dalli.

O mestre de theologia alçou a cabeça, olhou para elle fito um pedaço, e por fim, com voz solemne e triste, disse-lhe, batendo com as pontas dos dedos na extremidade da pedra em que estava assentado:

«Fr. Vasco, descança aqui um pouco.»

O mancebo deu um estremeção, como se de salto o houvessem despertado de somno profundo. Não respondeu nada, e assentou-se ao pé do seu companheiro. Este olhou fito outra vez para elle, e, depois de um momento de silencio, disse:

«Filho de S. Bernardo, haveria neste mundo algum sacrificio que não fizesses para esquecer as desventuras da tua vida, suffocar os remorsos do teu coração, domar o teu amor insensato, e poder alevantar-te sobre as azas da esperança até o seio amoroso da piedade de Deus?»

Fr. Vasco apertou o peito com a mão direita, e ergueu os olhos para o céu: depois correndo-os pela grosseira estamenha de que estava vestido, respondeu com um leve sorriso:

«Nenhum!»

Fr. Lourenço comprehendeu qual era o abysmo de amargura que havia neste olhar e nesta palavra.

«Entendo, mancebo, — proseguiu o velho monge. — Qual sacrificio haverá ahi que não faça, por obter paz e perdão, aquelle que no viço da mocidade saíu da estrada suave da gloria e do goso, para tomar pelo caminho agro e coberto de urzes da penitencia? Que haverá ahi impossivel, ou sequer difficultoso, para quem trocou o arnez dos combates pela estamenha monastica, as esporas douradas de cavalleiro pelas pobres sandalias dos que peregrinam após a cruz? Tu o disseste, monge de Cistér: nenhum! E todavia o que eu quero pedir-te é facil. Se o fizeres o Senhor se amerceará de ti: o teu amor criminoso extinguir-se-ha: os teus sonhos de remorsos desvanecer-se-hão: a sombra ensanguentada de Lopo Mendes, que povoa de terrores as tuas noites não dormidas, resolver-se-ha como aquelle fumosinho que se alevanta de Restello, e que o vento espalha e resolve no ar. E sabes o que é, meu desgraçado irmão? É o que ha poucos mezes, a teus pés e de joelhos, este pobre velho, que te ama como a um filho, te pediu em nome de Deus: perdão! perdão!»

«Para quem, padre?! Para quem?!» — atalhou Fr. Vasco pondo-se rapidamente em pé.

«Para tua irman, coberta de miseria, saciada de agonias, moribunda sobre a enxerga rota, que lhe cedeu para morrer a caridade de um truão.»

«Beatriz?! Beatriz alli?! — bradou o moço cisterciense, rangendo os dentes, e estendendo os punhos cerrados para o valle onde alvejava a casinha do maninélo. — Ella alli, e o meu punhal aqui! Vasqueannes, teu filho ainda vive!... Não jazerás deshonrado para sempre no tumulo onde dormes.»

Proferindo estas palavras, Fr. Vasco estendeu a mão para a grande arvore, arrancou o punhal, e deu a primeira passada para voltar atraz. Os olhos faiscavam-lhe, como os do lobo cerval no meio das trevas.

Mas Fr. Lourenço estava já em pé diante delle. Não para o reter luctando braço a braço se erguêra o monge. Que podia prestar a opposição violenta de um homem de idade grave, e enfraquecido por vigilias de estudo e de penitencia, contra um mancebo robusto e cego de furor? Era para empregar contra aquelle furioso a resistencia passiva e a força moral, que lhe dava a consciencia de que cumpria

o seu dever, que Fr. Lourenço, com os braços cruzados sobre o peito, vendo arrancar o punhal da arvore, se pusera como uma estatua diante do seu companheiro.

«Em nome de Deus ou do demonio, deixae-me passar, padre!» — rugiu como um tigre Fr. Vasco.

«E embargo-vos eu que passeis? — respondeu com mansidão evangelica e em voz baixa o bom do religioso. — Que ides vós fazer? Assassinar vossa irman; livrá-la do peso da vida alguns minutos antes daquelle em que Deus talvez a houvesse de chamar para si. Que ides vós ser? Um fratricida. Pois bem. Ajunctae o crime menor ao maior: sêde tambem homicida. Para vos despenhardes no inferno, não receeis de saltar por cima do cadaver do monge, que vos consolou nos dias dos remorsos e das agonias; que vos ama como pae; que amastes como filho. Ouvi-me bem, Fr. Vasco!... O caminho por onde esse punhal póde chegar ao seio da desgraçada Beatriz passa atravez deste coração. Segui-o. Aqui ninguem nos vê, senão Deus; e que vos importa Deus? Tambem elle vos verá no momento em que vossa irman se vos debater aos pés, revolvendo-se em sangue, e pedindo-vos ainda no meio das vossas injurias e pragas, o perdão e o beijo e o abraço fraterno: elle vos verá lá reprobo e maldicto: elle ouvirá o ultimo grito da infeliz. Eu ao menos morrerei calado... Aqui me tendes!.. Passae!»

Dizendo isto, Fr. Lourenço curvou a cabeça como o martyr resignado sob a segure do algoz. As suas ultimas palavras foram proferidas em tom soturno, mas firme e solemne. O moço cisterciense sentiu correr-lhe o suor frio da fronte; porque conheceu que a resolução do mestre de theologia era inabalavel como um decreto da Providencia. Os cabellos eriçaram-se-lhe de horror. Deixou cahir o punhal, e escondendo o rosto entre as mãos, exlamou:

«Oh desgraçado de mim!»

«Acertaste, Vasco, acertaste! — acudiu Fr. Lourenço, lançando-lhe um braço á roda do pescoço, e encostando a cabeça do mancebo sobre o hombro. — Malaventurado és tu, não pelos infortunios da tua vida, mas porque ainda não percebeste o qué é ser christão; porque não entendeste que a lei de Jesus foi resumida na ultima expressão do Verbo sobre o Calvario — «perdoa-lhes, pae» — O derradeiro arranco

do Justo foi um grito de amor e perdão a favor de crueis inimigos. E tu queres vingar-te! Vingar-te de teu proprio sangue, de tua irman, porque, innocente, foi enganada; porque, fraca, foi vencida; porque, amante, cahiu nos braços de um homem vilmente hypocrita. Queres puni-la, porque cedeu a uma paixão, que só Deus condemna quando se converte em crime. Mas quem te punirá a ti de cederes a outra paixão absurda, vil, amaldiçoada no brotar, no crescer, no vigorar, no satisfazer-se? Sabes quem te ha-de punir? O teu passado com os mal sopitados remorsos, que reverdecerão; o teu presente com os que provarás de novo; o teu futuro, que será para sempre maldicto, até que desças ao inferno...»

«Por piedade, não digaes mais nada!» — exclamou o mancebo, afastando-se de Lourenço com gesto de agonia intima, e erguendo as mãos.

As palavras deste vibravam atravez de sua alma como centelhas de fogo.

«De joelhos, monge de Cistér! De joelhos, criminoso!» — bradou o velho com aspecto severo.

Fr. Vasco ajoelhou aos pés delle.

«Jura diante desse astro do dia, que é uma pobre imagem da gloria do Senhor; debaixo desse firmamento, sumido sob os degráus do seu throno, que perdoas a Beatriz o erro que por si mesmo a puniu!»

Fr. Vasco jurou que perdoava a sua irman.

«Agora, filho de S. Bernardo, ergue-te, e abraça o pobre frade, que, se te affligiu, foi porque te amava muito!»

Isto era dicto com tanta brandura e uncção, que o moço cisterciense atirou-se a chorar aos braços de Fr. Lourenço.

«Partamos para Lisboa, — proseguiu o mestre de theologia. — Não convem que neste momento vejas Beatriz. Ella está com os pés na sepultura. O ver-te e o abraçar-te sería matá-la: melhor supportaria, talvez, a tua maldicção que os teus affagos. Pelo caminho te contarei a sua triste historia, e verás então, que ella é mais infeliz que culpada, e mais digna de compaixão que tu.»

Dizendo isto Fr. Lourenço travou do braço do seu companheiro, e seguiu com elle ao longo da estreita senda, que por entre os dous montes ía dar a Restello.

O imperio de Fr. Lourenço no animo violento do moço monge era na verdade espantoso. Parecia que Deus tinha posto no mundo o mestre de theologia como um anjo da guarda para salvar de si mesmo o mancebo. Mas ai de nós, que se um anjo bom vigia á nossa direita, um demonio está sempre da esquerda, convoando-nos para socios do inferno!... Muitas vezes os dous espiritos, o da luz e o das trevas, vestem formas humanas: são dous inimigos mortaes que se guerream, e que ambos se chamam nossos amigos. O campo da sua peleja é o coração do homem, de que por fim toma possa um delles, o vencedor. O preço da victoria é a nossa alma; e os hymnos que celebram essa victoria reboam sempre fóra dos ambitos do mundo, ou nas alturas do céu, ou no imperio das trevas. Fr. Vasco teve o seu anjo bom; terá tambem o seu anjo máu. Qual d'elles ganhará a victoria? Esse, por ora, é o segredo de cima, que só a serie dos acontecimentos, que vamos referindo, nos ha-de revelar.

VII.

O ABBADE DE ALCOBAÇA.

> A soberba he cousa propria dos demonios e das molheres, a luxuria das animalias, e a avaresa dos mercadores, e destes todos se faz hua cousa assignalada e espãtosa que he ho maao clerigo.
>
> FR. BERN. D'ALCOB. — *Vita Christi*, P. I, c. 7.

Se o leitor quizer patir de Restello comnosco, adiante dos dous cistercienses, e acompanhar-nos até a portaria do collegio de S. Paulo, aonde precisâmos de chegar antes delles, dar-lhe-hemos conhecimento com um personagem, de quem já falámos, mas que ainda não apresentámos em scena. Esse personagem, que tão grande parte teve nos successos contidos nesta veridicia historia, e que não menos importante papel politico representou nas guerras e revoltas por que passou Portugal nos fins do seculo XIV, é o celebre abbade de Alcobaça D. João d'Ornellas ou Dornellas, um dos caractéres mais notaveis d'aquella epocha.

Fôra Fr. João d'Ornellas, quando simples monge de Alcobaça, esmoler d'el-rei D. Fernando, e, protegido por este monarcha, subíra á dignidade abbacial por morte de D. Martinho seu predecessor. Pouco depois falleceu D. Fernando, deixando o reino pobre e dividido em facções: uns seguiam o bando d'el-rei de Castella D. João I, como representante de sua mulher D. Beatriz filha de D. Fernando, que, antes de morrer, a declarára herdeira da corôa, e regente do reino a rainha D. Leonor: outros entendiam que

a um dos infantes filhos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, que então andavam em Castella, competia a herança do reino: outros, emfim, inclinavam-se ao Mestre de Aviz, irmão bastardo do rei fallecido, e principe geralmente amado por suas muitas bondades e cavallarias. A morte do conde Andeiro, perpetrada pelo Mestre dentro dos paços dos Infantes, onde D. Leonor habitava, foi o signal de uma revolta popular, que de Lisboa se derramou por todo o reino com espantosa rapidez. Os nobres e senhores com seus clientes encostaram-se, pela maior parte, á parcialidade de Castella, alguns á do Mestre de Aviz, raros á dos filhos de D. Ignez, bando que, de certo modo, era uma pequena excrescencia no que seguia a voz de D. Beatriz. Grande numero de fidalgos, conservando-se neutros no meio d'esta célebre lucta, ou passando de um para outro lado, segundo as probabilidades do triumpho, ou segundo seus odios e amizades particulares, ajudaram a protrahir uma guerra, que deixou Portugal devastado, e empobrecidos para muito tempo os reinos de Leão e Castella.

Do numero dos irresolutos foi a principio o abbade de Alcobaça, que, senhor de quinze villas e de dous castellos, e fronteiro de quatro portos de mar, sería sem duvida alliciado por ambos os partidos contendores para se unir a elles. De um documento, mandado exarar em abril de 1385 pelo arcebispo de Braga D. Lourenço, se vê que o reverendo abbade favorecêra el-rei de Castella, prestando-lhe abundantes vitualhas para o seu exercito, quando viera sobre Lisboa. É certo, porém, que quando se deu a batalha de Aljubarrota, elle mandou seu irmão Martim d'Ornellas, com um bom troço de gente, em soccorro do Mestre de Aviz, pelo qual se havia formalmente declarado nas côrtes de Coimbra, celebradas pouco antes, e em que o Mestre fôra proclamado rei. Desde então este poderoso vassallo da corôa, que antevíra o triumpho provavel da causa da nacionalidade e da independencia portuguesa, ganhou na côrte de D. João I notavel importancia e valia, maior porventura da que tivera como simples abbade de Alcobaça, se muitos fidalgos principaes não houvessem seguido a bandeira do rei castelhano. Ou fosse que o Mestre de Aviz quizesse cumprir as promessas feitas para tornar D. João d'Ornellas seu parcial,

ou fosse, como se diz, que o movesse um sentimento de gratidão, é facto que concedeu a esse homem, a um tempo frade, alcaide-mór e fronteiro, privilegios extraordinarios. Servido por pagens e escudeiros nobres, D. João d'Ornellas convertêra a veneranda e tranquilla mansão dos monges de Alcobaça em alcaçar de rico-homem. Acompanhavam-no em suas viagens cavalleiros e homens d'armas, cujos fóros e regalias corriam parelhas com os d'aquelles que serviam e acompanhavam o proprio D. João I. A grandeza e luxo do sacerdote-cavalleiro era objecto de geral admiração e inveja, a ponto de haver, até, quem dissesse que tal maneira de vida desdizia o que quer que fosse dos preceitos do evangelho, e não se casava exactamente com a regra monastica de S. Bento, patriarcha não só dos monges *negros* ou benedictinos, mas tambem dos *brancos* ou cistercienses.

Elevado a tal gráu de poderio, e dotado de caracter violento, ambicioso, altivo para com os grandes, oppressor para com os pequenos, D. João d'Ornellas chegára a obter a triste distincção de ser temido e odiado em geral por pequenos e grandes, principalmente pelos vassallos do mosteiro, que vexava sem piedade. Quando el-rei, nas continuas jornadas que o obrigava a fazer pelo reino a guerra com Castella, ía casualmente pousar a Alcobaça, quem visse o apparato com que era hospedado diria que o monarcha recebia gasalhado de um principe seu igual; tão bem soubera D. João d'Ornellas transportar para o ermo as delicias da côrte. As despesas desarrasoadas que o fastoso monge fazia, assim n'estes casos especiaes, como no seu tracto e viver ordinario, recahiam, todavia, não só sobre os rendimentos da ordem, que por sua morte ficaram grandemente dilapidados, mas tambem, e principalmente, sobre os miseraveis povoadores dos coutos, que viam desbaratar o fructo do seu trabalho nas mãos perdularias do muito reverendo abbade, com quem, por assim dizer, viviam em continua guerra.

Era pelo fim da tarde do bello dia primeiro de maio em que Fr. Lourenço embarcára para Restello. O sol reflectia os seus raios derradeiros nos largos pannos da muralha occidental de Lisboa, e no collegio de S. Paulo tangia a campa a completas, quando chegou á portaria uma numerosa cavalgada, que, subindo das portas da Cruz, passára em frente

dos paços dos Infantes, e viera parar ahi. Um frade bernardo alto, grosso e rubicundo, montado em uma possante mula branca, caminhava á frente de cavalgada, conversando e rindo com dous cavalleiros mancebos, que o acompanhavam de um e outro lado, e que sofreavam por tal arte as mulas em que vinham, que os tres animaes quadrupedes, debaixo dos tres bipedes, formavam uma especie de trempe ou triangulo, cujo vertice era a nedia cavalgadura de sua reverendissima. Seguiam-se mais de trinta homens d'armas, entre lanceiros e bésteiros de cavallo, o que bem provava a importancia do personagem que os capitaneava, e ao mesmo tempo o estado revoltoso do paiz, que obrigava um monge a viajar com tal copia de soldados, e alem disso a vestir armas, como era facil de notar, vendo debaixo da tunica arregaçada de sua reverencia os coxotes, grevas, e çapatos de ferro, que bem davam a entender não faltariam tambem, debaixo da cugulla e do escapulario, boas solhas d'arnez liso, ou cóta de malha á prova de lança e d'espada.

Era o frade, como o leitor já terá percebido, o mui nobre D. João d'Ornellas, abbade de Sancta Maria, esmolermór d'el-rei, do seu conselho, donatario da coroa, fronteiromór, e senhor das terras e villas dos coutos do mosteiro com alçada no civel e no crime. O motivo da sua vinda a Lisboa fôra o ajunctamento de côrtes, que el-rei queria celebrar, e para as quaes começavam a apresentar-se na capital, onde se devia fazer o auto, os fidalgos e prelados do reino, entre os quaes tinha um dos primeiros logares o muito reverendo abbade. E ainda que o collegio de S. Paulo não offerecia todas as commodidades necessarias para tão illustre e respeitavel magnate, todavia elle preferíra fazer residencia em uma casa habitada por membros da sua ordem a outra qualquer pousada grandiosa, querendo, talvez, mostrar com isso que antepunha a todas as magnificencias profanas a vida monastica, aspera em si, é verdade, mas q elle sabia converter em existencia de suavidades e deleites, sem lhe tirar o perfume da sanctidade do claustro.

Apenas descavalgou, D. João d'Ornellas deu varias ordens aos dous cavalleiros, que partiram com a gente d'armas, e seguido de todos os frades e barbatos, que tinham vindo esperá-lo á portaria, subiu com aspecto risonho e ademanes

cortezãos para a cella do reitor do collegio, que, de relance e atrapalhado, ía incumbindo ao leigo encarregado da cozinha uma ceia mais lauta que de costume, e a mesmo tempo respondia ás perguntas, que sobre o governo e estado da casa lhe fazia D. João d'Ornellas.

Apenas tinha cessado o tumulto causado pela chegada do nobre hospede, quando Fr. Lourenço, Fr. Vasco e o mouro cruzaram o limiar da portaria.

VIII.

O POSPASTO.

> Ca bem sabereis, senhor, que vós sois posto no mundo, por autoridade de apostolo, para louvor dos bons e vingança dos máos.
>
> INF. D. PEDRO, *Carta a el-rei seu irmão.*

Á roda de um bufete, onde se viam em pratos de metal, não rico, mas pulido e brilhante, alguns restos de iguarias, estavam assentados tres frades. Uma lampada, pendente do tecto profundo da casa por uma delgada cadeia de ferro, dava um clarão bastante forte sobre o bufete, e banhava em luz as faces dos tres monges, cujas feições discordavam completamente. Um tinha o aspecto alegre, com todos os signaes de vigorosa saude, e os cabellos espessos, posto que já grisalhos: outro, cujo rosto era macilento e magro, tinha a fronte calva, os olhos encovados, porém serenos e ao mesmo tempo penetrantes, e viam-se-lhe na testa rugas que ahi havia sulcado não tanto a idade como o habito de fundo meditar: o terceiro era um destes homens, em cujo craneo Gall perderia todo o seu tempo e trabalho; em cujas feições Lavater gastaria debalde toda a sua perspicacia: craneo sem prominencias; feições sem significado: homem que hoje seria optimo para juiz de paz ou vereador; que teria talvez lido alguns livros, mas que de certo não faria nenhum; e que, apesar de lançado na vida activa, não sería capaz nem de um crime, nem de uma verdadeira virtude; emfim, um destes caractéres safados, como as moedas demasiado antigas, aos

quaes quadra ás mil maravilhas um titulo, que o mundo costuma dar a quem se accommoda com todas as suas opiniões, quer absurdas, quer judiciosas; o titulo de *excellente pessoa*.

O frade calvo e macilento tinha começado a falar, e os outros dous escutavam-no em silencio.

«Já vejo, reverendo abbade, que vos lembraes ainda do noviciado de Fr. Vasco, cuja historia acabaes de ouvir: agora resta-me contar-vos a de sua desgraçada irman, para poderdes fazer-me certa mercê com que se dará por bem pago o pobre Fr. Lourenço, a quem, segundo affirmaes, a ordem de Cistér deve bons e longos serviços.»

«Falae, reverendo doutor: — respondeu D. João d'Ornellas, que escutava o mestre de theologia, em quanto o outro frade, o reitor de S. Paulo, cabeceava e sentia cerrarem-se-lhe os olhos quasi invencivelmente: — Mas, primeiro que tudo, dizei-me como soubestes a historia da irman de Fr. Vasco, a quem, se me não engano, déstes o nome de Beatriz?»

«Uma e outra cousa vos direi em breves palavras, — acudiu Fr. Lourenço. — Chamado hoje para ouvir de confissão uma pobre mulher de Restello, fui encontrar essa malaventurada donzella, que o seu roubador deixára entregue ao proprio destino logo que d'ella se aborrecêra. Sósinha, abandonada por aquelle malvado, sem conhecer ninguem na côrte, teria morrido ao desamparo, se não fosse a caridade de um pobre mouro, trução de officio, que lhe deu gasalhado e alimentou largo tempo. Acompanhava-me Fr. Vasco; mas não a viu. Só depois de partirmos lhe disse que a pessoa que eu acabava de confessar era sua irman; era Beatriz. Custou-me a retê-lo, impedindo que voltasse atraz e a assassinasse. Mas salvei-a e salvei-o a elle. Agora pedir-vos-hei a mercê que espero me concedaes.»

«E qual é ella?» interrompeu D. João d'Ornellas.

«Que faleis a el-rei neste caso atroz, e que imploreis a sua justiça a favor de um monge da nossa ordem, e de sua mesquinha irman.»

«Atroz... sim atroz... — tornou o abbade, hesitando, e fazendo uma pausa a cada palavra que proferia — atrocissimo!... Mas, em verdade, reverendo Fr. Lourenço, que quereis que el-rei faça? Taes crimes em tempos trabalhosos

como estes, convem disfarçá-los; porque el-rei ha mister de bons cavalleiros...»

«Perdoae-me, dom abbade! — atalhou Fr. Lourenço, a cujas faces subíra o rubor da indignação. — O que mais convem a um rei em todos os tempos é ser justo. Quem tira uma filha da casa paterna sem consentimento do que a gerou; quem, para enganar uma donzella innocente, troca por nome supposto o verdadeiro nome, e que, satisfeitas as suas paixões brutaes, entrega a malaventurada á deshonra e á miseria, é um infame. Que a acceite por esposa, ou cáia sobre elle a pena da lei: seja infamado para sempre, e perca seus bens. Não faltarão a Portugal cavalleiros honestos para o salvar das mãos dos inimigos. A benção de Deus valerá bem a el-rei a espada e a lança de um homem traiçoeiro, embaídor e vil.»

«Que? Pois D. Vivaldo não se chama assim?» — replicou machinalmente o abbade, a quem as reflexões moraes de Fr. Lourenço começavam a seccar soffrivelmente.

«Não! Tomou esse nome em quanto residiu nos paços de Vasqueannes. O verdadeiro revelou-o a Beatriz quando a arremessou no abysmo da perdição, asseverando-lhe que o escondêra porque entre a sua familia e a della subsistiam odios antigos, que só o tempo podia destruir. Com este pretexto a persuadiu á fuga; com este pretexto a obrigou a viver occulta em Lisboa. Foi tambem por esse meio que pôde rir-se impunemente da vingança de Vasco, que o teria apunhalado, se o imaginario D. Vivaldo não fosse uma sombra van, que elle não podia encontrar. Sabeis quem é o miseravel hypocrita? É um escudeiro cortezão o gentilhomem: um nobre fidalgo, valído de D. João I; é Fernando Affonso, o irmão mais moço de João Affonso de Santarem.»

Ouvindo aquelle nome D. João d'Ornellas recuou o tamborete em que estava assentado, e ía soltar uma exclamação; mas conteve-se. Abaixou a cabeça, e começou a esfregar as mãos e a estorcer os dedos com grande rapidez, mechendo os beiços como quem falava comsigo mesmo, sem proferir palavra.

Houve um largo espaço de profundo silencio.

«Se vós, padre abbade — disse por fim Fr. Lourenço com visivel anciedade — não quereis tomar sobre vossos

hombros o peso deste negocio, permitti que eu, monge sem valia e desconhecido, o faça; que vá pedir justiça a D. João I. El-rei é generoso e justo: não a negará ao pobre frade, quando elle invocar, além das leis do céu, as da terra, que seu avô promulgou, e que seu virtuoso pae soube fazer respeitar por tal arte, que mereceu dos máus o nome de cru, dos bons o de justiceiro.»

«Não! reverendo Fr. Lourenço! — acudiu D. João d'Ornellas. — Falei de leve. Agradeço-vos essa linguagem, severa mas justa, que me revoca ao sentimento do proprio dever. Estou, pela minha situação, no caso de contribuir para a boa execução das leis. Fernando Affonso é nobre, mimoso d'el-rei e protegido pelo insolente prelado de Braga; mas, á fé, que um abbade de Alcobaça mostrará que não val menos que um primaz das Hespanhas. Obrigarei el-rei a fazer justiça contra esse miseravel que abusou do gasalhado recebido; que lançou uma nodoa indelevel sobre o nome de uma familia honrada; que se cubriu a si proprio de infamia. Fernando Affonso, Fernando Affonso, a espada da lei está erguida sobre a tua cabeça!... O braço que ha de descarregar o golpe é o de D. João d'Ornellas. Saberás se elle é duro! Juro que o saberás!»

Dizendo isto, o abbade desandou uma punhada sobre o bufete, com tal violencia que o reitor meio adormecido deu um pulo, e levou as mãos á cabeça. Fr. Lourenço tomou as palavras e o murro do abbade por um movimento sublime de sancto zelo de justiça.

Sancto homem era o bom Fr. Lourenço!

«Reverendo reitor — proseguiu D. João d'Ornellas erguendo-se — preciso de recolher-me á cella que me está destinada. Avisae tambem o irmão Fr. Vasco de que, ainda esta noite, lhe quero falar: dispenso para isso qualquer disposição em contrario, que me possaes apontar da nossa sancta regra.»

«Padre abbade — disse Fr. Lourenço, interrompendo o reitor que ía responder; — a sancta regra ordena que um monge de idade grave pouse sempre juncto com um dos mancebos. Fr. Vasco é o meu companheiro desde que veio para S. Paulo. Avisá-lo-hei de que deve comparecer ante vós, e por Jesu Christo vos rogo tranquilliseis aquella alma,

onde entraram de novo todos os sentimentos de odio e vingança, desde que soube quem era o roubador de sua irman, e as artes infames de que se valêra para a fazer desgraçada.»

«Oh, por esse lado — tornou o abbade — podeis ficar descançado, virtuoso Fr. Lourenço. Eu restituirei a paz ao coração do mancebo. Ás minhas consolações e conselhos não resistirá elle. Fiae-vos em mim!»

«Mal o conheceis, senhor!» — respondeu tristemente o mestre de theologia.

«Conheço os homens e o mundo. É quanto basta!» replicou o abbade.

Dicto isto, D. João d'Ornellas encaminhou-se para a porta do aposento, lançando os olhos de travez para Fr. Lourenço, e sorrindo com um sorriso, em que havia o que quer que era diabolico.

Dalli a pouco os passos dos tres monges soavam ao longo do dormitorio contiguo.

IX.

O CONCILIABULO.

E ja nom posso chorar,
Cá ja chorand' ensandeçi.

CANC. DO COLLEGIO DOS NOBRES.

Havia poucos minutos que D. João d'Ornellas se recolhêra ao aposento que lhe destinára o reitor. Quem o visse passear de um para outro lado da estreita cella a passos largos, ora bracejando, ora rindo-se, ora carregando colerico o rosto, suspeitaria facilmente que o agitavam pensamentos encontrados e violentos; mas a suspeita se converteria em certeza, se podesse ouvir o soliloquio em que o mui poderoso abbade desafogava a violencia das suas paixões, as quaes fôra obrigado a esconder diante de Fr. Lourenço, cujas virtudes e respeitavel caracter tinham constrangido o prelado a dar essas mostras de moderação.

O monge alcaide-mór escutára com sobrada indulgencia a historia do rapto de Beatriz, porque estava habituado a não considerar qualquer individuo dos que compõem a metade feminina do genero humano, senão como um pomo delicioso, que a natureza poz diante do homem para elle saborear, e proseguir no caminho da vida, sem de tal mais se lembrar. Mas, quando soube o nome do que o colhêra, e reflectiu em que, para este, se podia converter n'um lento veneno d'infamia e perdição, a sua alma rugiu de prazer; porque havia n'essa idéa uma esperança lisongeira de vingança satisfeita. Era meditando nisto que o reverendo ab-

bade parecia tão agitado, e fôra por esse motivo que mandára chamar Fr. Vasco, com o intuito de ajunctar o seu odio ao do mancebo, e deste contacto fazer surgir um plano seguro de fulminar o commum inimigo, como do ferir do aço na pederneira se faz rebentar a chispa, que, batendo nas folhas seccas, vae incendiar a floresta.

Este odio figadal de D. João d'Ornellas contra Fernando Affonso procedia de acontecimentos que antecederam á epocha d'esta historia, acontecimentos que se acham referidos pelos nossos chronistas civis e ecclesiasticos. Foram elles as famosas dissensões entre o abbade de Alcobaça e o arcebispo de Braga D. Lourenço. O que os historiadores, todavia, não relatam é que Fernando Affonso tivesse parte nessas dissensões, nem que entre elle e o arcebispo houvesse relações algumas. Nada sobre isso dizemos que não seja extrahido do rarissimo manuscripto de que vamos tirando a substancia desta narrativa. De tudo, porém, daremos uma breve idéa, quanto baste para o leitor perceber as causas occultas que faziam tomar a D. João d'Ornellas tão vivo interesse na punição de um crime, de cujo genero porventura mais de um lhe roía na consciencia; pois que, segundo elle affirma em seu testamento, muitas vezes *a carne o perduzia a usar de peccado, consentindo em tentações do diabo.*

Os antigos abbades de Alcobaça costumavam ser eleitos pelos seus monges, e confirmados pelo mosteiro de Claraval em França: na eleição de D. João d'Ornellas occorrêra, porém, uma circumstancia extraordinaria: o papa reservára para si o provimento da abbadia, e foi elle quem confirmou a eleição. Em consequencia d'isto D. Lourenço, então colleitor apostolico em Portugal, entendeu que devia exigir do novo abbade a annata ou renda do primeiro anno do seu governo: mas, desgraçadamente, tambem D. João d'Ornellas entendeu que não devia pagá-la. No mez de fevereiro de 1385 o arcebispo foi buscar o refractario, e chegou a Alcobaça com grande copia de homens d'armas. Entretanto o abbade tinha-se acolhido ao castello, e fechára as portas do mosteiro. Ainda então não existia n'aquelles sitios, afora o castello e o convento, senão a primeira igreja, que os monges primitivos haviam edificado em tempo de D. Affonso Henriques. Ahi se recolheu D. Lourenço, e passou uma das

mais aziagas noites da sua vida, cheio de fome e de frio, sem que podesse obter do cercado o menor provimento ou conforto. Depois de porfiada lucta, em que nenhum dos contendores chegou a recorrer ás armas materiaes, mas em que se não pouparam citações, appellações, excommunhões, protestos e mutuas injurias, o arcebispo se retirou desbaratado para o Porto, onde continuou a demanda, que finalmente foi decidida em Roma a favor de D. João d'Ornellas em 1390.

Considere o pio leitor a zanga, despeito, odio, ravia, furia e rancor que ficaria subsistindo entre os dous religiosos varões desde aquella memoravel epocha. Que o abbade muitas vezes acoimasse o arcebispo de injusto, violento, e até de ladrão é mais que provavel; que o arcebispo lhe retribuiu com dar-lhe o nome de desobediente, traidor, perjuro, e scismatico, é historico e certo. Além disso este rancor, em vez de diminuir, devia crescer lavrando occultamente; pois que, ligados ambos ao mesmo bando politico, ambos cortezãos de D. João I, eram obrigados a mostrar, se não mutua amizade, ao menos mutuo respeito. E se fosse verdadeira a celebre carta do *rexoxó*, escripta pelo arcebispo ao abbade, deveriamos confessar que, não obstante a virtude que a historia attribue a D. Lourenço, era impossivel que D. João d'Ornellas lhe levasse a melhoria em dissimulação.

O odio reciproco dos dous ministros do Altissimo estendeu-se, como era de esperar, aos clientes de ambos. Um dos de D. Lourenço foi o primeiro que se atreveu a guerrear abertamente o capitão do bando contrario.

Eis o caso:

Os habitantes de Turquel e de Evora, povoações que ficavam dentro dos coutos de Alcobaça, cansados de soffrer as vexações de D. João d'Ornellas, tomaram a heroica resolução de recorrer a el-rei, para que, como pae de seus vassallos, atalhasse a destruição que, semelhante á raposa em festa nocturna de capoeira bem povoada, nelles fazia sua despotica e dissoluta reverendissima, o mui honrado padre abbade. Com este intuito redigiram uns capitulos, cuja substancia poremos aqui para edificação do leitor.

Queixavam-se os povos do couto de que o abbade, quando elles lhe não obedeciam cegamente, mandava prender os

juizes, officiaes de justiça e quaesquer outras pessoas, e os fazia descer por cordas aos subterraneos dos castellos d'Alcobaça, onde *não viam sol nem lua*, até que ahi cegavam; — de que não lhes permittia, nem colher os fructos das proprias arvores, nem tirar a casca dos carvalhos para curtimentos, mister em que principalmente se occupavam naquellas povoações, nem cortar madeira nos matos e florestas para edificarem suas moradas, ou repararem as cubas de suas adegas; — de que, em havendo nobres hospedes no mosteiro, o abbade mandava rapinhar as vaccas, porcos, gallinhas e carneiros dos miseraveis, e com isso banqueteava el-rei e os senhores, pagando tarde, mal, ou nunca os objectos assim furtados; — de que tirava os *mesteiraes* (officiaes mechanicos) a quem os tinha assoldadados; — de que ordenava aos homens livres lhe carreassem as madeiras cortadas nos pinhaes da Pederneira e na matta de Maiorga, como se os moradores do couto fossem servos da gleba; — de que, na conjunctura da batalha de Aljubarrota, tendo-se recolhido ao castello de Alcobaça e aos mattos circumvizinhos as mulheres e filhos dos que pelejavam pela patria, e havendo estes levado ás suas familias despojos que valiam cem mil libras, o abbade lhes tomára tudo, mandando prender aquelles que para si reservavam alguma cousa; — de que, para obrigar os povos a pagarem um imposto que por propria auctoridade lançára, fôra certo dia de madrugada pelas casas dos refractarios, e pondo fóra dellas as mulheres e crianças nuas, fechára as portas, e não deixára entrar ninguem, sem lhe pagarem quanto elle queria; — de que, ao mesmo tempo em que lhes tomava, para a guerra contra Castella, cavalgaduras, dinheiro, e mantimentos, os obrigava a trabalharem gratuitamente nos reparos dos seus castellos, e até em serviços peculiares do mosteiro, promettendo, como grande beneficio, descontar-lhes estes serviços nos impostos e fintas que segundo seu alvedrio lhes lançava; — de que, finalmente, substituindo os juizes de eleição popular por outros da sua escolha, todas as queixas dos povos eram resolvidas a bel-prazer delle abbade, e não conforme os dictames da boa justiça.

Estes capitulos, escriptos com eloquente aranzel em um extenso rôlo de pergaminho, foram apresentados a el-rei por

mão de Fernando Affonso, que, ligado por amizade e parentesco com o arcebispo D. Lourenço, e por isso, como dissemos, inimigo capital de D. João d'Ornellas, se prestou de bom grado a ser procurador dos queixosos, e a aproveitar a entrada e privança que tinha com el-rei, para com mostras de generoso descubrir o máu procedimento do abbade, e diminuir a sua influencia. Todavia, o terrivel prelado era demasiado poderoso, e o seu poder pesava demasiado na balança das questões politicas, internas e externas, que agitavam o reino, para não ser refreado e punido em obsequio da justiça. Posto que na epocha de D. João I o povo fosse ainda uma cousa grande e forte, porque a vida municipal, garantia unica possivel de verdadeira liberdade, não era ainda convertida em comedia pela monarchia absoluta, para esta a legar, transformada em farça de titeres, ás hexarchias ministeriaes, que acceitâmos benevolamente como governos representativos; posto que, dizemos, o grito popular de angustia ou de colera soasse ainda tremendo nos ouvidos dos poderosos, a voz dos pequenos municipios de Turquel e de Evora era mui debil, para só per si sobrelevar ao tumulto da guerra d'independencia, e fazer pospor as considerações a que, para levar esta a bom termo, era necessario attender. Assim as queixas esqueceram-se, o clamor dos vassallos de Alcobaça soou debalde aos pés do throno, e os habitantes de Turquel e d'Evora tiveram de contentar-se com aquelle desafogo inutil.

Não perdeu, todavia, Fernando Affonso o seu trabalho. D. João d'Ornellas soubera de tudo, e jurára vingar-se. O cavalleiro devêra tê-lo percebido; porque a primeira vez que o reverendo abbade viera á côrte, o tractára com desusada affabilidade e carinho.

Era por isso que, ora exultando de prazer, ora recordando-se colerico da offensa que recebêra, o abbade de Alcobaça, agitado por pensamentos diversos, esperava ancioso a chegada de Fr. Vasco.

«*Benedicite, Domine!*» — disse uma voz tremula, que soou á porta da cella.

«Entrae, irmão:» — respondeu o abbade.

A porta rangeu nos gonzos. Fr. Vasco, em pé, com os

braços cruzados, e a cabeça baixa, estava diante de D. João d'Ornellas.

«Assentae-vos!» — disse este, apontando para um tamborete dos que se viam enfileirados ao longo das paredes.

«Senhor!...» — replicou Fr. Vasco duvidoso.

«Assentae-vos!»

O mancebo obedeceu. D. João d'Ornellas arredou outro tamborete, e assentou-se defronte delle.

«Agora escutae-me, e respondei sinceramente ás minhas perguntas.»

Fez uma pausa, fitou no mancebo o seu olhar de milhafre, e proséguiu:

«Ha um homem nobre, rico e poderoso, que derramou sobre vosso nome a infamia, que assassinou vosso pae, que converteu vossa irman em uma barregan miseravel, e depois a abandonou. Houve um tempo em que vós, na flor da mocidade, fidalgo, valente, e cavalleiro, vos poderieis ter desaffrontado chamando-o ao juizo de Deus na estacada do combate. Hoje sois um pobre monge, que trocou a armadura e as esporas douradas pela cugúla e sandalias, a espada e a lança pelo bordão de peregrino, o orgulho da fidalguia pela submissão monastica, o valor de soldado pelos pensamentos e terrores da morte. Nada, pois, vos resta, senão resignar-vos na infamia, na abnegação da vingança, no esquecimento do passado. Pela sancta obediencia que deveis, dize-me a verdade, a verdade nua: estaes resolvido a assim o cumprir?»

«Reverendo e mui veneravel abbade, — respondeu Fr. Vasco, cujas palavras, ora rapidas, ora lentas, bem mostravam a tempestade da sua alma — ha oito horas que eu tenho provado quantas dores de espirito é possivel padecer na vida: duas dessas horas passei-as sósinho a clamar ao Senhor que minorasse a minha angustia; mas o Senhor não me ouviu. Então, desesperado, invoquei o demonio; e rolei-me furioso pelo pavimento da minhà cella, que humedeci com o suor da fronte, não com lagrymas, porque estes olhos já não podem chorar. Daria nesse momento a vida, — mais que a vida, a salvação, — por vingar-me, e vingar a minha pobre Beatriz, que, filha e irman de cavalleiros, creu que nenhum neste mundo podia ser desleal: por vingar minha irman innocente, e que tanto tempo julguei culpada, daria

o corpo ao patibulo, a Satanaz a alma! Padre abbade, quebrae, se é possivel, os meus votos, lançae-me, como um homem perdido, fóra desta sancta morada, e dae-me uma acha d'armas, um montante, um punhal!.. Eu irei arrancar Fernando Affonso, se preciso fôr, do paço, dos degráus do throno, da camara do proprio D. João I. Um ferro!.... e arrastá-lo-hei a Restello, aos pés de Beatriz, e far-lhe-hei pedir perdão com lagrymas de sangue, e ella lhe perdoará talvez, e esse perdão será inutil!... Mas isto é um sonho, veneravel abbade! — proseguiu o moço cisterciense com voz afogada. — Que posso eu fazer! Appellar para a justiça d'el-rei, com a esperança da qual o bom Fr. Lourenço pensou que me confortava! Quizestes que eu vos dissesse quaes eram as minhas intenções: fiz mais; contei-vos a infernal historia do meu coração... Agora, — accrescentou com um sorriso doloroso, — esperarei resignado pela justiça d'el-rei.»

«E se eu vós ordenar que, no caso de D. João I não castigar o criminoso, perdoeis a este todo o mal que vos causou?»

«Padre abbade, — replicou o mancebo com o accento da desesperação, — não vos obedecerei.»

»Mas vós sabeis que no mosteiro de Alcobaça ha um carcere, e nos fundamentos do seu castello masmorras onde não entra o sol.»

«E que importa ao coração em trevas que os olhos vejam o dia? Que importa ao espirito captivo na estreita regra do claustro que o corpo esteja comprimido entre as paredes de um calabouço? Não, padre abbade, não!... A minha alma não se manchará com o pensamento insensato do perdão. O meu odio é o ultimo thesouro que me resta de tudo o que deixei no mundo: está muito dentro para vós haverdes de roubar-m'o. Não creio que o minorasse ver cumprida essa pena que a lei impõe aos seductores; pena mesquinha, porque não foi feita por homem, que, como eu, tivesse recebido uma grande e imperdoavel affronta. Mas as vossas palavras me provam que não devo ter nem essa miseravel esperança! Guardarei pois o meu rancor inteiro, e se quizerdes, ámanhan mesmo parto para o carcere de Alcobaça. Aqui ou lá, pouco me importa onde é que tem de

escoar-se o resto de meus dias. Fr. Lourenço cá fica para acudir com as suas esmolas á minha pobre Beatriz.«

D. João d'Ornellas olhava para Fr. Vasco com um sorriso que mal lhe despontava nos labios, e quando o frade acabou de falar, estendeu para elle a mão:

«Á fé, que encontrei finalmente um homem debaixo da estamenha monastica!»

O mancebo pensou por um momento que o mui reverendo abbade escarnecia delle; mas breve se desenganou.

«Um homem, sim!— proseguiu D. João d'Ornellas; — porque só merece este nome quem não sabe vergar debaixo do peso das affrontas. Mancebo, eu quiz experimentar-te: quiz conhecer se eras como qualquer desses monges vilissimos que julgam dever, ao cruzar o umbral de uma portaria, renegar da honra, e acceitar oppressões e injurias como se fossem beneficios e mercês. Tu não és como elles; a tua alma é grande e altiva como a de D. João d'Ornellas, cujo odio é indestructivel e fatal. A differença entre ti e elle consiste em que o monge nada póde, e o abbade póde muito; póde tudo. Mas tu poderás tambem; porque eu te erguerei da terra. Alegra-te, Fr. Vasco! O teu inimigo primeiramente o foi meu. Como tu lhe votaste odio immenso, inflexivel, perpetuo, assim lh'o votei eu. Vingar-nos-hemos ambos, e o abbade de Alcobaça, o senhor de quatorze villas, o alcaide de dous castellos, o cavalleiro cuja pendão se ergue na guerra sobre as cabeças de centenares de homens d'armas, vae consagrar á tua vingança, que é sua, quanto val e quanto póde. Irmão, amigo, ser-te-ha D. João d'Ornellas. Façamos uma liança d'odio: cavalleiro, aparta esta mão de cavalleiro. Juro ser-te fiel como a acha d'armas ao braço robusto do pelejador: jura-me tambem tu que serás meu na vida e na morte, que para ti não haverá nem hesitação, nem remorsos!»

Com um movimento convulso Fr. Vasco apertou a mão do abbade, e com voz rouca e lenta respondeu:

«Alma e corpo, padre abbade, dou-vos tudo nesta vida: que na outra... a minha alma pertence aos demonios!»

«Outra vida! outra vida! — interrompeu o monge alcaide-mór com um sorriso. — Quem sabe lá nada da outra vida? Viste já tu o demonio? Não. Nem eu. É impossivel

que Deus queira que o homem, o rei da creação, em cujo seio gravou o sentimento da propria nobreza, o valor que contrasta os perigos, e o engenho que domina a terra, seja um ente vil e covarde. Os theologos dir-vos-hão: Deus fez o homem á sua imagem e semelhança: depois lembrar-vos-hão como elle vinga as injurias que lhe fazemos, e concluirão, por fim, recommendando-vos o perdão das que vós recebeis! Boa dialectica será essa, mas não para D. João d'Ornellas. Mais forte que o amor, que a ambição, que tudo, é a sede de justa vingança: neste sentimento, que não em outro qualquer, reconheço eu a origem divina do homem. O que soffre e se abraça com a cruz será, talvez, um ente sublime; mas o proprio S. Paulo chamou a isto loucura.»

O frade mentia e blasphemava; mas as suas blasphemias calavam no coração de Fr. Vasco como um balsamo suave; porque o ultimo trago d'infamia que bebêra o fizera chegar á méta da desesperação; e o desgraçado, vendo tardar a justiça divina, renegára inteiramente de Deus!

D. João d'Ornellas contou então ao moço cisterciense a historia das suas dissensões com o arcebispo de Braga; mencionou as antigas relações que existiam entre o primaz e Fernando Affonso, e como este, incitado, talvez, occultamente por D. Lourenço, ousara apresentar a el-rei, acompanhando esse acto com suggestões malevolas, os capitulos dados contra elle pelos seus subditos rebeldes de Turquel e d'Evora; e concluiu declarando a sua firme tenção de tirar amplo desaggravo da damnada ousadia do moço escudeiro, e de tomar a seu cargo a defensão de uma causa tão justa, qual era a de Fr. Vasco; de um homem, que, como elle, vestia o habito de S. Bernardo.

Depois disto, D. João e o moço frade approximaram-se mais um do outro, e falaram muito tempo em voz baixa, como se receiassem que as paredes da acanhada cella podessem vir a revelar alguma dos seus intentos. Com as faces encendidas, e os olhos banhados em alegria feroz, os dous monges, conversando assim junctos á luz avermelhada das tochas com que se allumiava esta scena, formavam um quadro semelhante áquellas visões phantasticas, repugnantes e dolorosas, que passam em nossa alma, quando por noite

de febre nos aperta o coração longo e afflictivo pesadello. O mysterio d'odio implacavel que ahi se passou, ficará patente aos olhos do leitor, se tiver paciencia bastante para seguir comnosco a serie dos successos derramados nos seguintes capitulos.

Fim do Tomo I.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.
A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.
Please return promptly.

STALL-STUDY
CHARGE

NOV 10 '61 H

DEC 6 '61 H

CANCELLED

JUN 16 '75 H

MAR 27 '76

Port 6050.7
O monasticon :
Widener Library
003089153
3 2044 080 823 354